



Garimpo em Minas Gerais, 1956, de Cândido Portinari. Óleo sobre tela, 1,48x1,95m.
Reprodução fotográfica de Sandra Bethlem.

PORTINARI
'56

.....

SEGUNDA VIAGEM A SÃO PAULO E
QUADRO HISTÓRICO DA PROVÍNCIA
DE SÃO PAULO



Mesa Diretora
Biênio 2001/2002

Senador Ramez Tebet
Presidente

Senador Edison Lobão
1º Vice-Presidente

Senador Antonio Carlos Valadares
2º Vice-Presidente

Senador Carlos Wilson
1º Secretário

Senador Antero Paes de Barros
2º Secretário

Senador Ronaldo Cunha Lima
3º Secretário

Senador Mozaíl do Cavalcanti
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Alberto Silva

Senadora Maria do Carmo Alves

Senadora Marluce Pinto

Senador Nilo Teixeira Campos

Conselho Editorial

Senador Lúcio Alcântara
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros

SEGUNDA VIAGEM A
SÃO PAULO E QUADRO
HISTÓRICO DA PROVÍNCIA
DE SÃO PAULO

Auguste de Saint-Hilaire

Tradução e introdução de
Afonso de E. Taunay



Brasília – 2002

O BRASIL VISTO POR ESTRANGEIROS

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sem prejuízo, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexões sobre os destinos do país.

COLEÇÃO O BRASIL VISTO POR ESTRANGEIROS

O Rio de Janeiro como é (1824-1826), de C. Schlichtorst
Sua Majestade o Presidente do Brasil, de Ernest Hamloch
Viagem ao Brasil, de Luís Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz
Reminiscências de Viagem e Permanência no Brasil, de Daniel P. Kidder
Viagem do Rio de Janeiro ao Morro Velho, de Richard Burton
Brasil: Amazonas-Xingu, do Príncipe Adalberto da Prússia
Dez Anos no Brasil, de Carl Seidler
Viagem na América Meridional, de Ch.-M. de La Condamine
Brasil: Terra e Gente (1871), de Oscar Canssatt
Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817, de Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied
Segunda viagem a São Paulo e Quadro Histórico da Província de São Paulo, de Auguste de Saint-Hilaire
Viagem ao Rio Grande do Sul, de Auguste de Saint-Hilaire
Viagem ao Norte do Brasil, de Ivo D'Évreux

Projeto Gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2002

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes/nº – CEP. 70168-970 – Brasília – DF

CEDIT@cegraf.senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/web/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho.htm)

.....

Saint-Hilaire, Auguste de, 1779-1853.

Segunda viagem a São Paulo e quadro histórico da Província de São Paulo / Auguste de Saint-Hilaire; tradução e introdução de Afonso de E. Taunay. -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

238 p. : il.-- (Coleção O Brasil visto por estrangeiros)

1. São Paulo (estado), descrição. 2. São Paulo (estado), história.
3. Viagem, São Paulo (estado). I. Título. II. Série.

CDD 918.161

.....

.....

Sumário

INTRODUÇÃO

pág. 9

CAPÍTULO I

pág. 11

CAPÍTULO II

pág. 37

CAPÍTULO III

pág. 59

CAPÍTULO IV

pág. 73

CAPÍTULO V

pág. 89

CAPÍTULO VI

pág. 103

DESPESAS DA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A SÃO PAULO, PASSANDO POR MINAS

pág. 131

QUADRO HISTÓRICO DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO

pág. 139

ÍNDICE ONOMÁSTICO

pág. 237

.....

Introdução

A pesar das duas edições destes preciosos originais, continua geralmente muito pouco conhecida a narrativa desta parte das grandes jornadas do ilustre botânico francês, a quem o Brasil tanto deve, efetuadas em nosso país. Veio a lume, aliás, em publicação póstuma divulgada trinta e quatro anos após o passamento do autor pelo Sr. R. de Dreuzy.

Nada podemos dizer sobre as relações deste editor com o sábio ilustre, a quem se devem as tão célebres narrativas de viagens realizadas em nossa terra de 1816 a 1822 e livros absolutamente notáveis pela valia científica e a probidade dos informes, como não há quem o ignore.

Falecendo em 1853 deixou Saint-Hilaire volumoso manuscrito inédito; a Viagem ao Rio Grande do Sul, livro muito mais raro que as suas demais obras. Negocia-se hoje por preços incomparavelmente mais altos do que os das outras Viagens.

Coisa que geralmente chama a atenção dos leitores é a fidelidade com que o grande botânico soube gravar as palavras portuguesas, prova de quanto chegou a conhecer bem a nossa língua.

A Viagem ao Rio Grande do Sul e a Segunda Viagem a São Paulo, porém, trazem os nomes próprios e os topônimos extraordinariamente estropiados.

Isto nos faz crer que o autor tivesse má letra e seu revisor, o Sr. de Dreuzy, ou alguém por ele, nada entendesse de português.

Assim não é crível que Saint-Hilaire haja escrito caxuro por cachorro, corgo fondo, Pinhamongaba, Jacurahy, Nossa Senhora da Apparanda! (Aparecida), e uma infinidade de outras coisas, como ainda, São João de Manque em lugar de São João Marcos, etc., etc.

O senhor de Dreuzy dedicou a publicação ao Conde d'Eu pelo fato de ser este príncipe o esposo da herdeira do trono brasileiro, declara-o no prefácio.

Do Rio Grande do Sul regressou Saint-Hilaire, por mar, ao Rio de Janeiro, em fins de agosto de 1821.

Notou então que as suas coleções se achavam em grande parte estragadas pelas traças; sobretudo o herbário. Os trabalhos de taxidermia fizeram-lhe muito mal à saúde e o clima carioca o deprimiu muito, afirma-o.

Assim, para fazer novas coleções, e recolher o material deixado em São Paulo, ao seguir para Santa Catarina e Rio Grande do Sul, entendeu partir para a capital paulista, saindo do Rio, a 29 de janeiro de 1822, com os dois criados, seus velhos companheiros, Firmiano e Laruotte, dois índios montados e um tropeiro.

Na primeira viagem a São Paulo, viera de Goiás depois de atravessar o Triângulo Mineiro. Na segunda resolveu ir do Rio de Janeiro a Minas, passando pelo registro do Rio Preto, Barbacena, São João d'El-Rei, Aiuruoca, Baependi e Pouso Alto, para depois, descendo a Mantiqueira, chegar a Cachoeira e Guaratinguetá. Daí tomaria o rumo de Taubaté, Jacareí, Mogi das Cruzes e, afinal, São Paulo.

Na viagem de volta foi-lhe este o itinerário: Mogi das Cruzes, Nossa Senhora da Escada, Jacareí, Taubaté. Desta última localidade rumou em direção à capital brasileira, por Aparecida, Guaratinguetá, Areias, Bananal, São João Marcos, Itaguaí e Santa Cruz.

É muito interessante a série destes depoimentos sempre tão inteligentes e sobretudo sinceros...

Trazem valioso contingente de informes sobre a mais importante região brasileira a que se estende entre as duas maiores cidades do país.

Estamos certos de que o nosso público amante dos assuntos nacionais apreciará realmente este relato probo e elevado, saído da pena do grande viajante a cuja memória devem os brasileiros muitos motivos de verdadeira gratidão.

AFONSO DE E. TAUNAY

.....

Capítulo I

O RIO DE JANEIRO – CUIDADOS DISPENSADOS ÀS COLEÇÕES
– PREPARATIVOS DE PARTIDA – ARREDORES DO RIO DE
JANEIRO – FREGUESIA DE INHAÚMA – SANTO ANTÔNIO DA
JACUTINGA – RAIZ DA SERRA – SENHOR DE ENGENHO –
ENGENHOS – CAFÉ – CAMINHO NOVO DO COMÉRCIO –
FALTA DE PERSEVERANÇA NAS EMPRESAS BRASILEIRAS –
VARGEM – O PARAÍBA – REGISTRO DA ESTRADA DO
COMÉRCIO – ENGENHOCA – ALDEIA DAS COBRAS – O
DESEMBARGADOR LOUREIRO – MÁ DISTRIBUIÇÃO DAS
TERRAS CONCEDIDAS – O RIO PRETO – LIMITES DA
CAPITANIA DO RIO DE JANEIRO – REGISTRO DO RIO PRETO –
A SERRA NEGRA – SÃO GABRIEL – POLIDEZ DO POVO –
FAZENDA DE S. JOÃO – OS PEQUENOS GUARANIS DIOGO E
PEDRO – UM CIRURGIÃO – O RIO DE PEIXE – RANCHO DE
MANUEL VIEIRA – OS CAMPOS DA RANCHARIA – BRUMADO –
RANCHO DE ANTÔNIO PEREIRA – FAZENDA DO TANQUE.

DIÁRIO DA VIAGEM¹ DO RIO DE JANEIRO A VILA RICA E DE VILA RICA A SÃO PAULO

F

reguesia de Inhaúma, a 2 léguas do Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1822
– De volta do Rio Grande do Sul comecei a examinar as coleções que
no Rio de Janeiro deixara e as que comigo trouxera, acondicionando-as de

1 Au guste de Saint-Hilaire, chegado ao Rio Grande do Sul, ali se demorou algum tempo; embarcou novamente, desembarcando no Rio de Janeiro depois de feliz travessia de 10 dias (carta do Rio de Janeiro a 4 de setembro de 1821). Foi em seguida buscar em S. Paulo as coleções ali deixadas por motivo de força maior em dezembro de 1819.

Foi esta a sua última viagem no Continente americano. De volta ao Rio de Janeiro não tardou em embarcar para a França, regressando ao país natal em princípios de agosto de 1822.

modo que pudessem partir para a França apenas voltasse eu da viagem agora encetada.

Encontrei, no melhor estado possível, os passarinhos e insetos; mas duas malas de plantas se achavam inteiramente destruídas pelas larvas das traças.

Eram as que recolhera nas *Minas Novas*, nas margens do rio de S. Francisco, entre o rio de Janeiro e o rio Doce, nas montanhas de Tapanhoacanga e arredores de Ubá. O clima do rio de Janeiro a que não estava habituado, o cheiro de cânfora, enxofre, e essência de terebintina, continuamente respirado, e devo confessá-lo, o desgosto experimentado vendo as perdas do meu herbário, todas estas causas me alteraram sensivelmente a saúde, tirando-me quase inteiramente o alento.

O fastidioso trabalho a que me entregara com isto sofria, prolongando-me os aborrecimentos. Vários meses passaram, durante os quais nada mais fiz senão enrolar passarinhos no algodão, lavar insetos com éter, salpicar plantas com cânfora e procurar restos de flores numa poeira mais fina que a do rapé.

A extrema lerdeza dos operários do Rio de Janeiro contribuiu também para que perdesse muito tempo. Enfim, só ao cabo de 3 dias consegui descobrir o tropeiro que hoje me acompanha.

Conservei no Rio de Janeiro a casa que alugara à chegada, e o bom Sr. Ovide² aceitou nela morar em minha ausência. Aí deixei quinze caixas cheias de plantas e perfeitamente acondicionadas, e vinte e quatro outras cheias de pássaros, mamíferos e insetos, das quais 20 arrumadas de modo a poderem ser embarcadas quando eu quiser.

Parti a 29 de janeiro de 1822 acompanhado de meu novo arreeiro, de Laruotte, e dois guaranis montados. Firmiano vai a pé.

Como partimos muito tarde, não pudemos fazer senão 2 léguas. O caminho que segui foi o mesmo que com os Srs. de Langsdorff, Antônio Ildefonso Gomes e o pobre Prégente, trilharia quando cheio de entusiasmo, hoje extinto e esperanças de que percebi a inabilidade, encetei minhas longas e penosas viagens.

2 Provavelmente Francisco Ovide, engenheiro-mecânico emigrado para o Brasil com a Missão Artística de 1816 (A. de E. T.)

Depois de sair da cidade passamos em frente a S. Cristóvão. O caminho é belo, bastante uniforme, embora aberto em terreno arenoso. À direita passa-se a pouca distância da baía de que às vezes se tem perspectivas; à esquerda divisa-se um vale, acidentado por colinas e cheio de chácaras, terrenos lavrados e pastos. Ao longe, alçam-se os cumes da serra da Tijuca cujas encostas estão cobertas de mata virgem.

Nada no mundo, talvez, haja tão belo quanto os arredores do Rio de Janeiro. Durante o verão, é o céu, ali, de um azul escuro que no inverno se suaviza para o desmaiado dos nossos mais belos dias de outono. Aqui, a vegetação nunca repousa, e em todos os meses do ano bosques e campos estão ornados de flores.

Florestas virgens, tão antigas quanto o mundo, ostentam sua majestade às portas da capital brasileira a contrastarem com trabalho humano.

As casas de campo, que se avistam em redor da cidade, não têm magnificência alguma; pouco obedecem às regras da arte, mas a originalidade da sua construção contribui para tornar a paisagem mais pitoresca.

Quem poderá pintar as belezas ostentadas pela baía do Rio de Janeiro, esta baía que, segundo o almirante Jacob, tem a capacidade de todos os portos europeus juntos? Quem poderá descrever aquelas ilhas de formas tão diversas que de seu seio surgem, essa multidão de enseadas a desenhar-lhes os contornos, as montanhas tão pitorescas que as emolduram, a vegetação tão variada que lhes embeleza as praias?!

Agora gozava eu tanto mais deliciosamente o aspecto do campo, quanto de tal me vira privado durante o tempo de permanência no Rio de Janeiro. Os caminhos que se avizinham desta capital apresentam-se atualmente tão movimentados quanto os que vão ter aos maiores centros da Europa.

Até aqui não deixei de encontrar pedestres e cavaleiros.

Negros a puxarem as mulas descarregadas que pela manhã haviam conduzido, transportando provisões; pontas de gado e varas de porcos tangidas por mineiros avançavam lentamente, para a cidade, levantando turbilhões de poeira.

A cada momento passávamos à frente de alguma venda apinhada de escravos de envolta com homens livres. Milicianos fardados

de zuarte, calça branca e capacete à cabeça, iam render os camaradas no posto que lhes fora designado enquanto outros voltavam licenciados por motivos de saúde.

Fiz uma parada numa venda muito limpa e regularmente sortida, como em geral, as dos arredores da cidade. O telhado terminava em alpendre sustentado por barrotes entre os quais se construira uma parede de arrimo; gênero de construção bastante comum nos arredores do Rio de Janeiro. Foi aí que o dono da casa, pessoa muito cortês, permitiu-me passar a noite. Depende esta venda da paróquia de Inhaúma e fica apenas a alguns tiros de fuzil da igreja. É um edifício isolado e construído numa esplanada mais elevada, de onde se descortina agradável vista.

Ao lado da igreja avista-se uma dessas casinholas chamadas *Casas do Imperador*. Servem para as festas de Pentecostes. Esta, segundo o hábito, é quadrada, baixa, constando de dois quartos. O do fundo fechado e muito pequeno, o outro aberto na frente e dos lados.

Neste local recebe o “imperador” o cortejo e ali se vendem, em leilão, os objetos ofertados pelos devotos ao Espírito Santo.

O nome de Inhaúma não é provavelmente senão a corruptela da palavra *Inhuma*, nome este que no Brasil se dá a uma ave cujo nome científico agora me escapa. Como muitos lugares têm o nome de Inhuma ou Inhumas, parece-me certo que esta ave, hoje tão rara, era antigamente comum.

Exterminaram-na os caçadores para obterem a espécie de chifre que traz à cabeça e a que se atribuem numerosas virtudes.

Em Inhaúma, como em muitos outros lugares do Rio de Janeiro, não há uma aldeia, propriamente dita. Compõe-se a paróquia unicamente de casas esparsas pelo campo. Em Minas Gerais, pelo contrário, não existe paróquia sem aldeia e o motivo é fácil de se apontar.

Perto do Rio de Janeiro as terras se subdividiram mais do que em qualquer outro ponto do Brasil e quando em dado distrito há número suficiente de habitantes, forma-se uma paróquia.

Como as vendas estão dispersas à margem dos caminhos, cada proprietário tem sempre alguma igreja ao alcance. Não havia pois razão para que um grupo de casas se edificasse em torno da capela mais do que em outro lugar. Não se dá o mesmo em Minas. Ali, as habitações muito distam umas das outras, e a igreja, onde quer que colocassem,

ficaria sempre muito afastada da maioria dos paroquianos. Além da moradia habitual cada proprietário rural quis ter perto do templo uma casa onde a família pudesse descansar da longa caminhada a que era obrigada para assistir ao serviço divino, receber os amigos ou tratar de negócios no único dia em que se ajuntam os moradores. Os mercadores, taberneiros, operários, procuraram acercar-se do lugar onde se reuniam os sitiantes e assim nasceu a maioria das aldeias.

Paróquia de Santo Antônio de Jacutinga, a 4 léguas do Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1822 – A estrada é um pouco menos uniforme, mas atravessa inúmeros brejos, principalmente na paróquia de Santo Antônio.

À medida que o viajante se afasta de Inhaúma, escasseiam as casas, tornam-se as vendas mais raras, há menos terrenos cultivados, são os bosques mais freqüentes, nota-se enfim a aproximação da serra e o aspecto da região torna-se menos risonho.

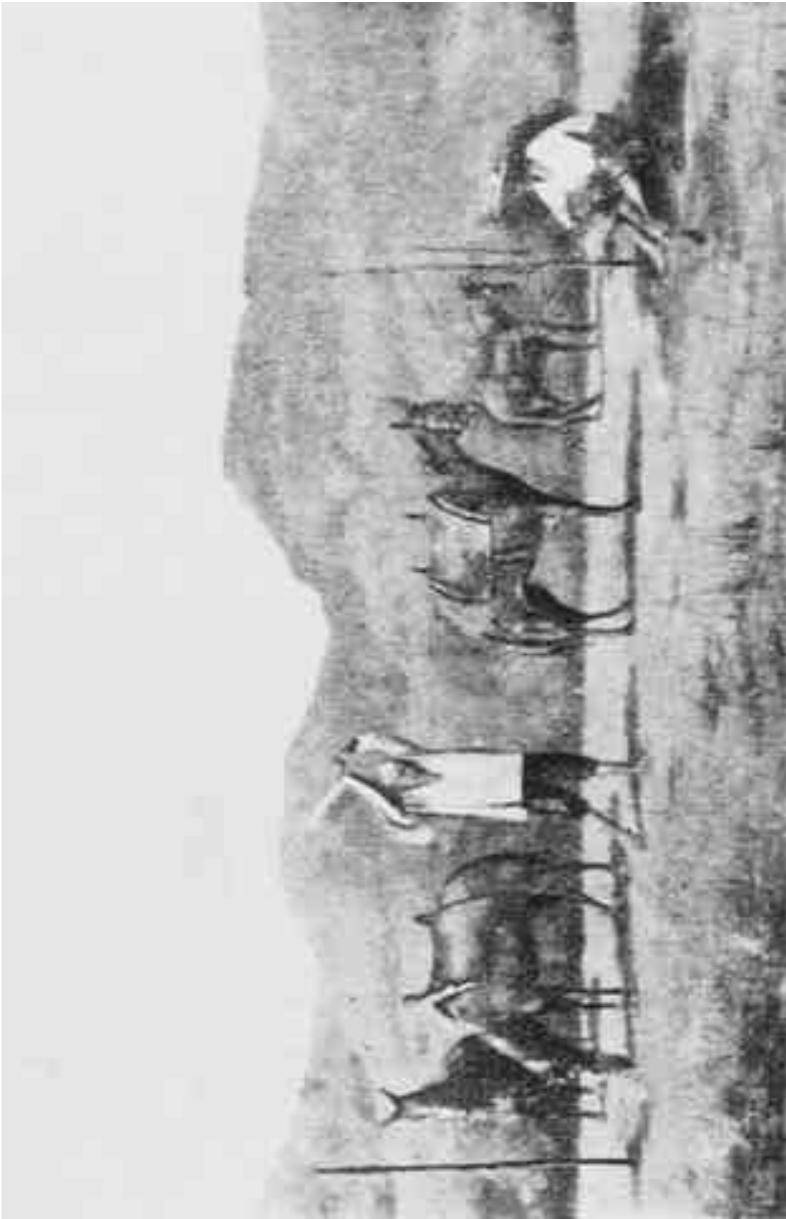
Até Inhaúma ao caminho margeiam sebes artificiais formadas pela encantadora mimosácea hoje tão espalhada nos arredores do Rio de Janeiro.

Depois de Inhaúma são as cercas constituídas por plantas indígenas das espécies mais vulgares e escapas à destruição das florestas virgens principalmente as diversas qualidades de *bignônias*, *bauínias* e *córdias* de cheiro fétido, e pitangueiras, mirtáceas, que caracterizam os terrenos planos, arenosos, e próximos do mar além da cucurbitácea chamada *Herva de S.* [sic].

Mais ou menos a meio caminho, duas mulas afundaram no mato enquanto arranjávamos as cargas das outras. Firmiano e José saíram-lhes ao encalço e este último as encontrou ao cabo de meia hora. Como Firmiano não voltasse mais continuamos a viagem. Temi que se tivesse extraviado e esta idéia me atormentou.

Torna-se o jovem índio dia a dia mais sombrio, tudo faz de má vontade; passou a ser enfim, sob todos os pontos de vista, o arremedador de José Mariano. Entretanto, e é isto o que me aflige, tornei-me indispensável a ele; abandoná-lo seria condená-lo a uma miséria certa. E não devo esquecer que fui quem o tirou de suas florestas; que até agora não está doutrinado e ainda não batizado. A todos quantos encontrei assinalei-o minuciosamente pedindo-lhes que lhe indicassem o caminho.

Minhas esperanças se realizaram e aqui nos reapareceu antes da noite.



Pouso de Jaquari - (Ercules Florence)

Parei num engenho que faz parte da paróquia de Santo Antônio de Jacutinga e ali me instalei com a permissão do dono, sob uma espécie de telheiro onde se guardavam plantas e carros e onde nos afundamos até o tornozelo, na poeira e no esterco. À noite, o dono da casa fez-me oferecer até e convidou-me para dormir em casa. Agradei, pois acabava de cear, e minha cama já estava armada na varanda.

Fazenda de Benfica ou Pé da Serra, 31 de janeiro, 3 léguas. – O arreeiro que de Ubá me enviou Miguel, e de quem me sirvo nesta viagem, parece-me muito boa pessoa, e creio que de gênio afável e dócil. Entende bem regularmente do ofício; mas é inexperiente e sobremodo lerdo.

Enquanto carregava as mulas, serviço em que gastou tempo infinito fui conversar com o dono da casa. Com naturalidade lhe falei de João Rodrigues.³ Este nome que tantas vezes me tem servido de talismã ainda agora produziu o costumeiro efeito. Manifestou-me imediatamente muita deferência e deu-me, como almoço, café com leite e pão com manteiga. O mesmo quanto ao meu pessoal. A posse de engenho de açúcar confere entre os lavradores do Rio de Janeiro como que uma espécie de nobreza. De um “Senhor de Engenho” só se fala com consideração e adquirir tal preeminência é a ambição geral.

Um senhor de engenho tem carnes cujo anafado significam boa alimentação e pouco trabalho.

Em casa usa roupa de brim, tamancos, calça mal amarrada e não põe gravata; enfim, indica-lhe a *toilette* que é amigo do comodismo.

Mas, se monta a cavalo e sai, é preciso que o vestuário lhe corresponda à importância e então enverga o jaleco, as calças, as botas luzidias, usa esporas de prata, cavalga sela muito bem tratada.

Um pajem negro fardado com uma espécie de libré, é-lhe de rigor. Empertiga-se, ergue a cabeça e fala com a voz forte e o tom imperioso que indicam o homem acostumado a mandar em muitos escravos.

A duas léguas do Rio de Janeiro cessam as chácaras e começam os engenhos. Deles já existe número bastante elevado na paróquia de Santo Antônio de Jacutinga onde se acham muitos terrenos baixos e úmidos como convém à cultura da cana. Dá ela aqui três cortes, depois

3 Refere-se Sa int-Hilaire a João Rodrigues Pereira de Almeida, mais tarde de (em 1828) Barão de Ubá, homem de grande prestígio e fortuna a quem deve a sua nomeação de favor e serviços (A. de E. T.).

dos quais é necessário deixar a terra descansar quatro anos seguidos, a menos que não seja esterçada como fazem os cultivadores que têm pouco terreno.

O trato que percorri para alcançar Aguaçu [*sic*] é menos habitado do que o que atravessei ontem. Coberto de mata; torna-se cada vez mais montanhoso. Aguaçu, sede de uma paróquia; não é vila propriamente dita, mas conta algumas mercearias e armazéns, bem sortidos, bonitas vendas, algumas ferrarias que a constante passagem de mineiros torna mais necessárias do que quaisquer outras oficinas.

O rio Aguaçu, que desce da serra, é navegável desde essa paróquia até a baía do Rio de Janeiro. Oferece aos fazendeiros da vizinhança caminho cômodo para transporte de sua produção à cidade. De Aguaçu à Raiz da Serra, apenas há meia légua.

Já escrevi, em outro lugar, a posição encantadora desta fazenda. Está, como já o disse, encostada a uma colina. Em frente à casa estende-se belo gramado, salpicado de alguns grupos de goiabeiras. Ao longe corre, num leito de pedras o riacho Itu, cujo murmúrio se ouve sem que se veja o ribeiro pois fica escondido pelos arbustos que o margeiam.

Mais adiante desenvolvem-se as montanhas, em semicírculo, e oferecem nas encostas majestoso anfiteatro de mata virgem.

As árvores que crescem às margens do riacho Itu, em frente à casa de José Gonçalo, são principalmente ingás, borragíneas, cujas flores brancas, na copa, lembram as da campainha, mirtácea notável pelo tamanho das folhas, o cálice opercular e o gosto das flores que lembra o do cravo. Enfim, é impossível deixar de lembrar, entre as pedras, que coalham o leito do rio, um arbustozinho copado, cuja folhagem ostenta luzidio verde, e cujos galhos esparramados estendem-se sobre as águas e terminam numa espécie de umbela de longas corolas, e de vermelho tão belo quanto o da romanzeira.

Embora José Gonçalo veja diariamente novas caras e tenha oitenta anos reconheceu-me; muito conversamos sobre João Rodrigues.

Café, 1º de fevereiro, 4 léguas – Disse, no diário de minha viagem a Goiás, que a estrada que passava por Ubá para depois atingir o Rio Preto ia ser trancada e que a junta de comércio do Rio de Janeiro abria

outra, partindo das proximidades da casa de José Gonçalo, para entroncar no caminho antigo, perto da paróquia da Aldeia.

Esta estrada chama-se *Caminho do Comércio* ou mais vulgarmente *Caminho Novo* ou *Estrada Nova*. Comecei a percorrê-la hoje. A parte da serra que tal via atravessa tomou-lhe o nome e chama-se da Estrada. Já tive a ocasião de observar que a cordilheira muda a cada passo de nome; isto é verdade e sobretudo nos arredores do Rio de Janeiro.

Ao lado da *Serra da Estrada Nova* fica a *Serra do Azevedo*, mais adiante a *Serra da Viúva*, mais longe ainda a da *Estrela*, etc.

Para se alcançar o ponto mais elevado da *Serra da Estrada Nova* não se leva menos de duas horas quando se sobe com as mulas carregadas. O caminho foi aberto, em zigue-zague, com bastante arte; construíram-se pequenas pontes para a passagem dos regatos e, nos lugares onde os desabamentos são de temer, foram as terras escoradas.

O caminho é muito mais curto que os outros, para os habitantes da comarca de S. João e por conseguinte de incontestável utilidade.

Trabalhou-se ali, durante muito tempo; gastaram-se somas consideráveis: mas desde que se franqueou a passagem, não só não se concluíram as partes apenas esboçadas, como não foram conservados os trechos já construídos. As águas já ali cavaram profundas covas e trarão a inutilização desta estrada se mais um ano decorrer sem conserva.

É mais ou menos assim tudo o que se empreende neste país. Os brasileiros aprendem com facilidade; sabem arquitetar planos, mas entregam-se, demais, ao devaneio não medindo obstáculos nem calculando os empreendimentos de acordo com os seus recursos.

Os defeitos da sua administração acumulam os obstáculos fictícios aos reais. O espírito de inveja e intriga mais veemente do que em qualquer outro lugar, interpõe-se a tudo quanto se faz, tudo perturba, favorece o tratante, e desencoraja o homem honesto. Começa-se qualquer empreendimento útil, para logo ser interrompido e abandonado. Às vezes um serviço ordenado pelo governo e que se poderia acabar em pouco tempo, e com despesas mínimas, jamais termina, embora nele se trabalhe sempre. Esta obra como que quase se torna o apanágio de um homem de posição. De que viveria ele se lhe tomassem tal patrimônio?

Seja como for é difícil encontrar-se caminho mais pitoresco do que o que hoje percorri.

Alcançada certa altura descortina-se toda a região cortada nos dias precedentes. Vê-se a planície salpicada de colinas, na maioria cobertas de vegetação e aumentando em elevação à medida que se aproximam da grande cadeia perto da qual parecem anões aos pés de um gigante.

O caminho desenha-se, entre as montanhas, descrevendo sinuosidades que se distinguem pelas cores menos escuras; no horizonte longínquo avista-se o fundo da baía rodeada de montanhas vaporosas. Logo o cenário ainda avulta; não é mais uma parte da baía que se percebe; ela se descortina inteira, com as ilhas a surgirem de seu seio e o Pão de Açúcar ereto, como uma sentinela, à sua majestosa entrada.

A mata virgem, que se atravessa apresenta todos os característicos vegetais, os mais variados e grandiosos. As casinholas, construídas de distância em distância, para os homens que trabalham na estrada, dão variedade à paisagem e lembram certas vistas das montanhas da Suíça. Reparei, entre muitas, uma destas choupanas construída sobre o declive de alta montanha, no meio de árvores copadas e ao lado de uma cascata que se despenha saltando sobre pedras esparsas. Passa o caminho por sob a cachoeira.

Abaixo fica um vale profundo e ao longe avista-se parte da baía. Nada pode, ao mesmo tempo, apresentar-se tão romântico e grandioso quanto esta paisagem.

Depois de vencida a caminhada da serra começa-se a descer, mas desce-se e sobe-se ainda várias vezes. A pouca distância da casa onde parei anda-se, a meia encosta, sobre profundo vale, ouvindo-se surdos mugidos que indicam a presença de uma queda d'água.

De repente, a uma volta que forma o caminho, depara-se ao viajante uma ponte de madeira construída de modo pitoresco e sustida por dois muros de alvenaria. Sob a ponte vêem-se rochedos entre os quais passa um regato, que, em seguida, precipita-se no vale formando espuma branca, logo escondendo-se entre cerradas árvores.

Era deste mesmo riacho que ouvíamos o ruído alguns momentos antes e é ele o formador do rio Santana, que segundo me contaram, deságua no mar.

A menos de meio quarto de légua do *Rancho dos Cafés*, vê-se, no fundo de um vale, algumas plantações de milho e uma casa de morada. A única que se encontra desde a fazenda Benfica até aqui. O *Rancho dos Cafés* estava ocupado por tropeiros; fui pedir pousada à casa de um major, situada numa pequena esplanada e rodeada de montanhas. Fora ele chamado à cidade depois das histórias do dia 12;⁴ mas o homem que o substitui permitindo-me, de muito boa vontade, que me estabelecesse numa casinhola onde me acharia muito apertado se minhas longas viagens não me tivessem acostumado a me contentar com tudo.

Vargem, 3 léguas, 2 de fevereiro – O terreno continua montanhoso e coberto de florestas virgens. O caminho foi aberto a meia encosta sobre as montanhas. Suas bordas desguarnecidas de mata apenas oferecem a vegetação das capoeiras. Antes de se chegar aqui, anda-se a cavaleiro de um vale que se alarga pouco formando uma espécie de pequena planície que se chama *Vargem*.

Em geral os brasileiros dão este nome a todas as planícies úmidas que se encontram entre montanhas, nos lugares de mata virgem. São vales muito largos ou o ponto de encontro de muitos vales. O nome *Vargem* não é português mas vem evidentemente de *vargia*⁵ que tem a mesma significação. Existem em *Vargem*, vendas, algumas casas e dois ou três ranchos.

Não parei em nenhum pois estavam ocupados e vim, a um quarto de légua, pedir hospitalidade num engenho que revela alguma opulência.

O proprietário indicou-me a princípio pequeno alpendre, situado atrás da sua máquina, mas como o teto estivesse em muito mau estado e não me podia resguardar da chuva pedi permissão para me estabelecer no engenho. Estava o fazendeiro no terraço da casa com um padre e fiquei humildemente na escada. O padre reconheceu-me por ter-me visto em Ubá. Eu estava, além de tudo, muito corretamente vestido e apresentava-me com bastante polidez para merecer alguma atenção.

4 Re fe re-se Saint-Hilaire aos aconte ci mentos poste ri o res ao *Fico*, à re a ção na ci o nal que for çou Jorge de Avi lez a vol tar com a sua tro pa a Por tu gal (A. de E. T.).

5 Várzea.

Entretanto, nem mesmo convidou-me a subir até à varanda, parecendo fazer-me grande favor com a permissão de dormir no moinho. Entre as pessoas abastadas, sobretudo, encontra-se na capitania do Rio de Janeiro pouca hospitalidade. Na Europa, onde aliás nenhuma há para os desconhecidos, nenhum homem abastado mandaria dormir, na sua granja, um estranho cujo nome ignorasse, mas acerca de quem soubesse que, como amigo fora recebido numa das melhores casas da vizinhança. Sobretudo se, além do mais, se apresentasse decentemente vestido, mostrando, pelas maneiras e delicadezas do trato, ser homem de boa estirpe.

Registro do Caminho do Comércio, 3 de fevereiro, 3 léguas – Nada de notável na estrada. O terreno continua montanhoso e coberto de mata virgem. As grandes árvores foram cortadas à beira do caminho e a vegetação das capoeiras as substituiu.

Ao cabo de algumas horas cheguei às margens do Paraíba, que aqui tem, mais ou menos, a mesma largura do que no lugar em que o atravessamos, perto de Ubá. Corre o rio, majestosamente, num vale circundado de altas montanhas cobertas de mata virgem.

Sobre as encostas fizeram-se algumas plantações de milho, de cada lado do rio fica um rancho, e, à sua margem, vê-se uma casinhola, moradia do empregado encarregado de receber a portagem. A paisagem é animada por canoas que vão e vêm de uma margem para outra, pelas pontas de bois e varas de porcos que atravessam o rio a nado, o movimento dos homens obrigando aos animais a entrarem no rio e o atravessar, pelas tropas de mulas que se carregam e descarregam.

Como esta estrada é a mais curta para toda a comarca de S. João, por aqui passa grande parte dos bois e porcos que o distrito fornece ao Rio de Janeiro. Os homens que os conduzem tornam-se facilmente reconhecíveis pelos modos e vestimenta. Existem entre eles tanto brancos quanto mulatos.

Como se acostumam cedo a longas caminhadas e ao regime o mais frugal, são em geral magros e bastante altos. Dão em geral passadas enormes; o rosto lhes é estreito e comprido; de todos os mineiros são talvez os de fisionomia menos expressiva. Andam com os pés e pernas nus e grande bastão à mão; usam chapéu de aba estreita, copa muito alta

e arredondada; vestem calção e camisa de algodão cujas fraldas passam sobre o calção, colete de pano de lã grosseira e geralmente azul claro.

Ao chegar à margem direita do rio, atravessei-o só, na primeira canoa que se apresentou; fui procurar o empregado do registro que encontrara outrora em Ubá, e perguntei-lhe se seria mais conveniente fazer a minha pequena caravana atravessar o Paraíba ou adiar tal intento para o dia seguinte cedo. Aconselhou-me que naquela mesma noite a fizesse passar; ceamos juntos e conversamos muito sobre o interior do Brasil que ele percorrera durante vários anos.

Engenhoca, 4 de fevereiro, 3 léguas – Terreno sempre montanhoso e coberto de florestas. Os vales aí são muito estreitos e profundos e geralmente por eles corre algum riacho; a encosta das montanhas é em geral muito mais íngreme.

Isto se pode dizer de todos os terrenos de mata virgem. Paramos num engenho pouco importante, cujo proprietário, estabelecendo-me num telheirozinho colocado perto de suas caldeiras, pediu-me delicadamente perdão por não me poder hospedar de modo mais confortável e conveniente.

Enquanto analisava as plantas que recolhera hoje, meu telheiro encheu-se de almocreves que, seguindo o hábito dos mineiros, me examinavam com muita atenção e enchiam-me de perguntas. Esta curiosidade, proveniente talvez do desejo de instruir-se, não se encontra na capitania do Rio de Janeiro, onde o calor e a umidade do clima tornam os homens moles e desanimados, nem no Rio Grande do Sul, onde os habitantes só apreciam os exercícios físicos.

Aldeia das Cobras, 5 de fevereiro, 4 léguas – Continuam as montanhas e florestas. Um pouco antes da chegada à Aldeia avista-se do pico de elevada montanha imensa extensão de terreno, notando-se de todos os lados montanhas cobertas de mato. A estrada do Comércio vai dar imediatamente acima da Aldeia, no antigo trecho que passava por Ubá, e que em 1819 percorri. Desde esta época as terras nos arredores da Aldeia estão um pouco mais povoadas; atualmente nelas contarão umas sessenta casas; tratam ali de construir pequena igreja de pedra e sob o nome de Vila de Valença fizeram do lugarejo a sede de um distrito, que se estende entre o Paraíba e o Rio Preto. Assim mesmo o nome de cidade

pouco convém a este lugarejo; é devido a sua posição um dos lugares mais tristes da capitania do Rio de Janeiro.

Para satisfazer a vaidades, o último governo multiplicou as vilas e criou cidades. Seria mais proveitoso encorajar os casamentos, auxiliar estrangeiros, e repartir as terras com maior equidade.

Ao sair de Engenhoca, subíramos uma montanha muito alta; foi-nos preciso descê-la antes de chegar à Aldeia das Cobras. O caminho é detestável ao sair de Valença.

A venda da Aldeia das Cobras é propriedade de dois franceses que, há muito tempo, habitam neste distrito; muito me elogiaram sua fertilidade.

Estes homens haviam feito, pelas próprias mãos, considerável plantação de café, nas terras do desembargador Loureiro, homem desmoralizado por causa dos costumes e a falta de probidade. Achando que não cumpria as cláusulas, a que se obrigara para com eles, e temendo alguma trapaça, venderam as plantações por duzentos mil-réis, antes que produzissem. E asseguram que neste ano o comprador ou o próprio Loureiro, que ficou em seu lugar, lucrarão dois mil cruzados.

Nada se equipara à injustiça e à inépcia graças às quais foi até agora feita a distribuição das terras. É evidente que, sobretudo onde não existe nobreza, é do interesse do Estado que haja nas fortunas a menor desigualdade possível. No Brasil, nada haveria mais fácil do que enriquecer certa quantidade de famílias.

Era preciso que se distribuísse, gratuitamente, e por pequenos lotes, esta imensa extensão de terras vizinhas à capital, e que ainda estava por se conceder quando chegou o Rei. Que se fez, pelo contrário? Retalhou-se o solo pelo sistema das sesmarias, concessões que só se podiam obter depois de muitas formalidades e a propósito das quais era necessário pagar o título expedido.

O rico, conhecedor do andamento dos negócios, este tinha protetores e podia fazer bons favores; pedia-as para cada membro de sua família e assim alcançava imensa extensão de terras. Alguns indivíduos faziam dos pedidos de sesmarias verdadeira especulação. Começavam um arroteamento no terreno concedido, plantavam um pouco, construíam uma casinhola, vendiam em seguida a sesmaria, e obtinham outra. O Rei

dava terras sem conta nem medida, aos homens a quem imaginava dever serviços. Paulo Fernandes viu-se cheio de dons desta natureza: Manuel Jacinto, empregado do Tesouro, possui, perto daqui, doze léguas de terra concedidas pelo Rei.

Os pobres que não podem ter títulos, estabelecem-se nos terrenos que sabem não ter dono. Plantam, constroem pequenas casas, criam galinhas, e quando menos esperam, aparece-lhes um homem rico, com o título que recebeu na véspera, expulsa-os e aproveita o fruto de seu trabalho.

O único recurso que ao pobre cabe, é pedir, ao que possui léguas de terra, a permissão de arrotear um pedaço de chão. Raramente lhe é recusada tal licença, mas como pode ser cassada de um momento para outro, por capricho ou interesse, os que cultivam terreno alheio e chamam-se agregados, só plantam grãos cuja colheita pode ser feita em poucos meses, tais como o milho e feijão; não fazem plantações que só dêem ao cabo de longo tempo como o café.

Registro do Rio Preto, 6 de fevereiro, 3 léguas – Já descrevi a encantadora situação do rancho da Aldeia das Cobras, assim não voltarei a falar em tal. Para chegar a Rio Preto, atravessa-se sempre terreno montanhoso e coberto da mata virgem, e quando sobre algum cume elevado pode-se avistar grande extensão de terras, só se notam florestas e montanhas.

Serve o Rio Preto de fronteira às capitânicas do Rio de Janeiro e Minas.

À extremidade de uma ponte fica uma cidadezinha encostada à montanha, composta de uma única rua muito larga e paralela ao rio. Tem tal cidade o mesmo nome que o rio; depende do distrito de Ibitipoca e só conta uma igreja não colada, servida por um capelão.

As casas de Rio Preto, excetuando-se uma ou duas, são térreas; pequenas, mas possuem um jardinzinho plantado de bananeiras, cuja pitoresca folhagem contribui para o embelezamento da paisagem.

Logo depois da ponte, fica à direita o rancho dos viajantes em que funciona o registro onde se pesam as mercadorias, que entram na capitania de Minas. É ali também que se examinam as malas dos viajantes a ver se não levam cartas o que poderia lesar o correio em sua receita.

Depois de entrar no rancho, apresentei aos soldados a portaria que tenho do Príncipe: a que o Sr. José Teixeira, vice-presidente da Junta

das Minas, me deu antes da minha partida do Rio, onde viera ter como membro de uma deputação.

Depois de lidos estes papéis obrigaram-me os soldados a apresentá-los ao comandante do destacamento sendo que um deles acompanhou-me até lá. Encontrei no comandante um homem extremamente polido, e de fisionomia agradável. Não só não falou na revista de minhas malas, como também exigiu que fossem descarregadas em sua casa, e fez-me co-partícipe de ótima ceia. Já várias vezes tive ocasião de elogiar o regimento das Minas. O comandante de Rio Preto confirmou-me ainda a boa opinião que deste corpo fazia; este homem, que não passa de simples furriel, exprime-se bem, raciocina com justeza, e mostra pelas maneiras que foi bem educado.

São Gabriel, 7 de fevereiro, 3 léguas – O comandante de Rio Preto, não se contentando em fazer-me o melhor acolhimento, quis ainda dar-me uma carta de recomendação a seu irmão, morador em Barbacena.

Sempre florestas virgens e montanhas. Muito antes de se chegar a São Gabriel avista-se a Serra Negra, tornando-se mais austero o aspecto da região. O rancho de São Gabriel fica situado numa depressão, quase à raiz da serra Negra, e a algumas centenas de passos de um riozinho.

De todos os lados está-se rodeado de sombrias florestas e altas montanhas, entre as quais a serra Negra é a mais elevada. Pedi ao moço que toma conta da venda, da qual depende o rancho, me permitisse ficar na casinhola que habitara na outra viagem.

Deu-me tal licença, mas ficarei muito mal acomodado, pois está ela atravancada de bancos e jiraus. Não devo, além disto, esquecer de observar que a casa se acha coberta com estipes de palmeiras. O tronco dessas árvores é mais ou menos duro na periferia, mas tem no centro uma medula muito tenra. Corta-se pelo meio, tira-se-lhe o miolo e assim se formam como que calhas que se colocam no teto tal qual se procede com as telhas ocas; isto é, se uma apresenta o lado côncavo, a vizinha apresentará o convexo. Em Valença existem muitas casas assim cobertas.

São Gabriel, 8 de fevereiro – Pela manhã por volta das nove horas, e em companhia de Firmiano subi à serra Negra. A raiz dessa montanha já oferece mata virgem de grande frescor e cuja vegetação é muito variada. A cerca de um quarto de légua de S. Gabriel, construiu-se, quase que às

margens de pequeno rio, um rancho e venda, que não existiam por ocasião de minha primeira viagem. Ao alcançar-se certa altura, muda o terreno de aspecto. Depois de ter sido argiloso, não oferece senão rochedos ou areia quartzosa branca e grosseiramente pisada. Varia a vegetação ao mesmo tempo que o solo.

Às matas virgens sucedem-se carrascais muito cerrados e copados, que se compõem de uma quantidade de árvores de diferentes espécies e principalmente arbustos tais como uma erícia, grande número de mirtáceas e cássias, várias lauríneas e uma melastomácea, de grandes flores roxas. As plantas desses carrascais, não são tão duras e secas quanto as dos tabuleiros cobertos e mostram-se muito menos aquosas que as das matas virgens.

Facilmente se compreende que não é a diferença de nível, e sim a do solo que influi na vegetação. Com efeito, existe exatamente na raiz da serra, espaço bastante considerável, constituído por um quartzo pisado, semelhante ao que acima descrevi. Ali se encontra a maioria das plantas do cume da montanha. Demorei-me muito para poder analisar as numerosas plantas recolhidas. Assim precisarei passar aqui o dia de amanhã.

São Gabriel, 9 de fevereiro – Passei todo o dia analisando e descrevendo as plantas trazidas da Serra e não saí um só instante de meu quartinho. Embora seja o estudo das plantas o escopo de minha viagem, verdadeiro dever e a mais agradável ocupação, acabei por ficar com a cabeça cansada de tantas análises, e infelizmente não pude acabar todas as que tinha que fazer. Apesar da rapidez com que trabalhei, vi que serei obrigado a ainda aqui ficar amanhã.

Refletindo no tempo exigido pela viagem que empreendi, deixei-me aos poucos resvalar para a mais sombria melancolia. Tenho o mais vivo desejo de dar a minha mãe o consolo de me abraçar ainda; temo que chegando à França no inverno não possa suportar o rigor do frio, e vejo-me quase na impossibilidade de embarcar em junho. Tudo isto me perturba e quase me arrasta e abreviar a viagem.

São Gabriel, 10 de fevereiro – Passei ainda o dia todo analisando, entretanto, como trabalhei menos que ontem estou menos cansado. As tropas incessantemente passavam pelo rancho; em França traria isto gritos, injúrias, disputas. Aqui, tudo se passa em paz; todos trabalham sem o menor barulho; o mais sujo tocador de porcos fala com doçura e

polidez. Trocam-se entre desconhecidos pequenos obséquios necessários, e todos vivem na melhor harmonia.

Nos encontros das estradas, ninguém jamais deixa de saudar um viajante, quando vai tomar lugar num rancho, cumprimentam-se os primeiros ocupantes, e logo se trava a conversa.

Quase todos os que por aqui passaram ontem vieram ver-me trabalhar; nenhum deixou de perguntar qual o fim de meu trabalho, testemunhando o desejo de ver minha lente. São estes homens às vezes importunos mas sempre polidos.

Fazenda de S. João, 11 de fevereiro, 3 léguas – Deixei esta manhã São Gabriel e passei a serra Negra. Apenas se atravessa o rio S. Gabriel cai-se em terreno quartzoso branco, grosseiramente pisado, e misturado com ligeira porção de terra vegetal. Este terreno, semelhante ao que se encontra nas partes mais elevadas da montanha, oferece também vegetação. Ali abundam as melastomáceas, as ericíneas, etc. a que já me ferri no meu diário de 8 de fevereiro e só crescem igualmente arbustos.

Desde que a proporção de terra vegetal aumenta, as árvores reaparecem e o caminho torna-se encantador; não se nota a menor desigualdade e parece ter sido ensaibrado pela mão do homem. E enrosca-se como uma rua de jardim inglês entre enormes árvores de uma quantidade de espécies diferentes. Seus galhos entrelaçados formam uma abóbada impenetrável aos raios do sol. A vizinhança do rio faz aumentar a frescura deste passeio sem céu, e o ar ali é perfumado pela melastomácea, cujas flores brancas, dispostas em ramalhetes delicados, contrastam com o verde escuro das plantas vizinhas.

Mais adiante o solo torna-se mais argiloso, os bosques não são mais tão variados, e não crescem tantos arbustos, o caminho alarga-se e não é mais tão bonito; entretanto tem ainda encanto entre o rio e as árvores e continua-se a gozar de deliciosa frescura.

A um quarto de légua de S. Gabriel, encontra-se uma venda e um rancho que não existiam ainda, quando subi a serra há 3 anos. Construíram-no depois de melhorarem um pouco o caminho da montanha; agora é mais freqüentado.

Só depois de se passar a venda e um regato que corre perto começa-se a subir; desce-se entretanto algumas vezes ainda, para subir em seguida continuamente.

Cerca de quarto de légua depois da venda, o terreno se mostra composto de areia grossa e terra acinzentada: os bosques continuam ainda, mas tornam-se muito mais pobres. Lá é que se começa a descortinar a região, em lugar algum pude abranger tão vasta extensão; mas, para onde quer que se volte o observador, avistam-se apenas florestas e montanhas, sendo que as mais elevadas apresentam, a certa altura, uma zona de cor menos escura formada pelos carrascais que crescem acima da mata virgem.

Em suma compõe-se o solo de areia pura e a vegetação muda inteiramente. Nada mais apresenta senão arbustos, cerrados uns de encontro aos outros, dos quais a maior parte tem numerosos galhos dispostos em corimbo. São principalmente cássias, ericíneas, grande número de mirtáceas, alguns laurhiáneas, malpighiáceas, compasitas, uma malestomácea, etc. no meio das quais cresce, por intervalos, uma espécie de bambu.

De tempos a tempos, o caminho torna-se extremamente agreste; nos trechos de mata apenas deixa freqüentemente estreita vereda, atravancada de raízes. Pelo meio dos carrascais, passa sobre rochas escorregadiças onde as mulas costumam equilibrarem-se. Em certo lugar não terá mais que pé e meio de largo. De um lado é margeado por rochedos, do outro domina precipícios.

Um pouco abaixo do cume da montanha o solo torna-se úmido e compõe-se de uma mistura de areia quase branca e pardacento húmus. Ali cresce em abundância uma melastomácea, que alcança 3 pés de alto oferecendo corimbo cerrado, ramos semeados de bonitas flores purpúrinhas.

Por ali subíamos ainda quando passou uma ponta de gado muito numerosa, e dividida, segundo o costume, em diversos lotes. Estava eu então numa das partes mais largas do caminho e precisei esperar que passasse todo o rebanho, para evitar o embaraço de encontrá-lo em algum caminho escarpado e difícil.

A vista torna-se mais extensa ainda. Acaba-se por divisar as montanhas do Rio de Janeiro que se perdem num horizonte vaporoso. Ao se descer da montanha encontram-se bem menos carrascais; entretanto

é só embaixo que a vegetação retoma o vigor ordinário das matas virgens.

Era tempo de chegar, pois o calor estivera muito forte durante todo o dia, eu caminhara quase sempre a pé, carregando minha bolsa que acabara por se tornar pesada.

A fazenda onde parei fica situada, exatamente, na raiz da serra, e como as tropas que passam pela montanha ali fazem parada forçadamente, há grande movimento de mulas, tropeiros e viajantes. Não existe casa alguma na montanha.

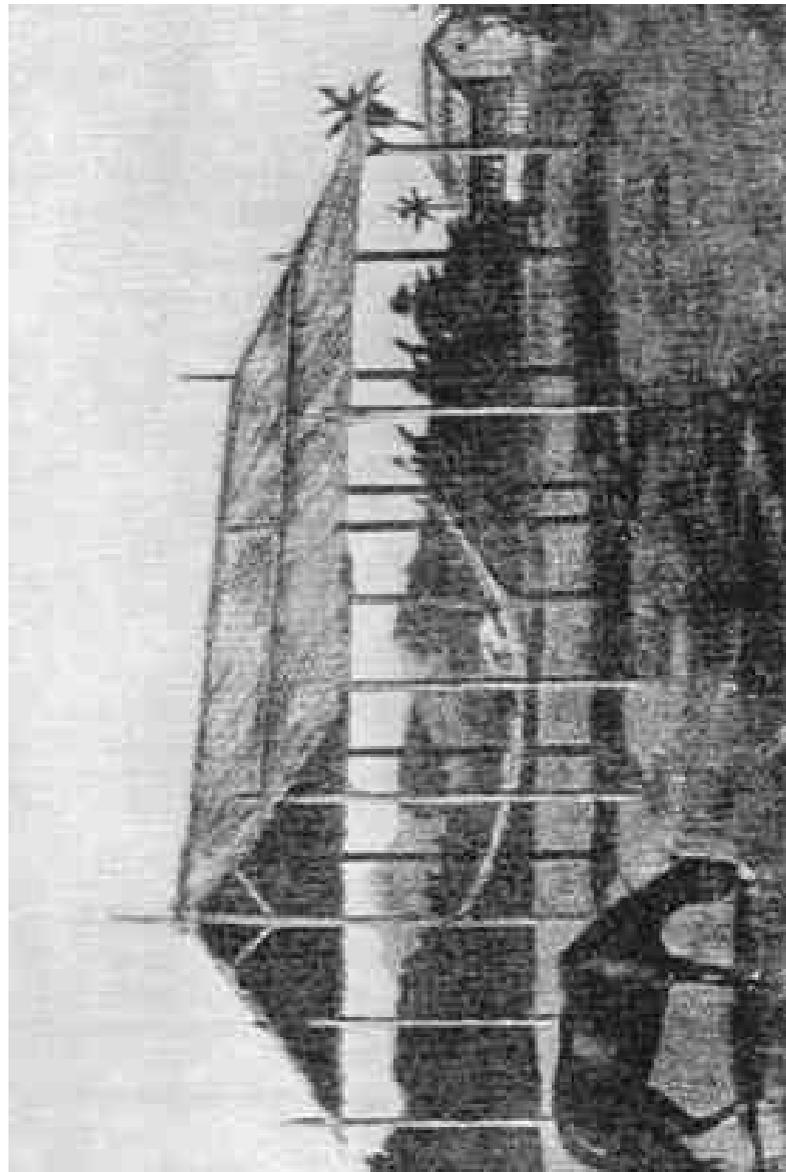
Segundo o costume da terra o proprietário vale-se da necessidade que todos têm de recorrer a ele, o milho se vende, tanto aqui como em S. Gabriel, muito mais caro do que em qualquer outro lugar.

Os meus pequenos guaranis, saíram do Rio de Janeiro montados no mesmo burro; um no arreo e outro à garupa; mas o animal machucou-se muito ao cabo de alguns dias.

Não pode ser utilizado atualmente senão por uma das duas crianças. Eu as fazia cavalgar, ora uma, ora outra, e quando andava a pé, deixava quase sempre minha mula ao que não podia ir montado. Apesar disto, ambos andaram muito e correram a valer para apanhar insetos; Diogo ao chegar sentiu-se incomodado. Eu o fiz deitar-se e dei-lhe chá bem quente para fazer suar. Não há em seu estado nada que me possa, razoavelmente, alarmar; mas apeguei-me de tal forma a estas crianças que não posso sopitar viva inquietação.

Rancho de Manuel Vieira, 1 légua e meia, 12 de fevereiro – Alojsei-me numa granja onde já haviam alguns viajantes, que vão a negócios, da vila de Oliveira ao Rio de Janeiro e parecem pessoas abastadas.

Entre eles um cirurgião que se apressou em me dar a conhecer os seus títulos tomando ares de importância que pareciam dizer “Senhores, respeitem-me”. Cada qual se apressou em consultá-lo e entre outros um moço que o comandante de Rio Preto pediu-me que levasse a Barbacena e sofre de não sei que doença de pele. O honrado cirurgião disse-lhe que lhe ia dar um remédio. No dia seguinte estaria são. Misturou efetivamente pólvora ao sumo do algodão; com semelhante droga esfregou as partes enfermas a que benzeu depois mandando o paciente deitar-se, a assegurar-lhe o êxito de sua medicação.



Viajante descansando a fazer sesta à beira da estrada – (Daniel Kilder)

Já tive diversos ensejos de falar, no meu diário, da confiança que os brasileiros dispensam aos amuletos e remédios de simpatia. Um dos meios de cura que empregam, também muito frequentemente, é o benzimento de seus males. O charlatão terapeuta deve ao mesmo tempo repetir uma fórmula devocional. Uma multidão de indivíduos encarega-se assim de benzer as pessoas e isto na maior boa-fé; mas não posso conceber que um homem que se intitula cirurgião e por conseguinte deve ter sido diplomado, sancione com o exemplo as práticas supersticiosas.

O desprezo me superou ainda o espanto quando o médico veio pedir-me uma pataca. Recusei dizendo-lhe que o doente, de modo algum era meu.

Diogo está muito bem; ficou patente que sua indisposição nada era senão um resfriado. Só caminhamos no entanto légua e meia, pois recolhi ontem muitas plantas e voltei muito tarde para as examinar.

Continuam as matas virgens e hoje não fizemos senão subir e descer o que é muito cansativo para homens e animais. A mais ou menos quarto de légua daqui, passamos, sobre uma ponte de madeira, o pequeno rio chamado rio do Peixe e pelo percurso vimos várias fazendas.

Em certos pontos tem o caminho apenas a largura necessária para uma mula carregada, defeito muito comum a toda esta estrada. Se duas tropas se cruzam em semelhantes lugares é necessário que uma recue, o que continuamente dá lugar a brigas ou ocasiona transtornos perigosos. O rancho em que parei pertence a uma fazenda, distante de alguns tiros de fuzil e escondida numa baixada.

Para lá me dirigi, ao cair do dia, a fim de pagar o milho encomendado para meus burros e pus-me a conversar com o dono da casa. Perguntei-lhe entre outras coisas se estava satisfeito com o novo governo. Respondeu-me que sim.

“Contraria-me, entretanto, ajuntou ele, que se tenha suspenso o nosso general; com ele estávamos habituados, e uma só pessoa governa sempre melhor do que cinco homens de entendimento difícil. Se quando construí minha casa, fosse obrigado a consultar todos os meus vizinhos ela não estaria feita.”

Há bastante coisa exata nas palavras deste cultivador, mas creio que ele próprio não alcança bem o motivo que o fazia preferir o antigo general a uma junta provisória.

A maioria dos homens tem a necessidade de se apegar aos que o governam. É um sentimento que parece tão natural quanto a afeição do filho ou criado pelo pai de família; mas ninguém se apega a uma junta como a um homem; é, de certo modo, um ser metafísico como a lei. Pode-se achá-la justa ou injusta, aprová-la ou censurá-la mas não se lhe tem ódio nem afeição.

A maior parte dos homens não gosta de ser governada por magistrados, saídos da classe a que pertence. A elevação de seus iguais continuamente lhes relembra a própria inferioridade. Consolam-se porém sentindo-se governados por um homem de categoria mais elevada, ao refletirem que não foi a superioridade do mérito que os colocou acima deles, mas o acaso do nascimento a que é preciso resignar-se.

Rancho de Antônio Pereira, 13 de fevereiro, 3 léguas – Hoje descobrimos campos ao longe, mas encontramos, ainda, um terreno de mata virgem. O caminho é muito difícil, estreito, e está sempre cheio de subidas e descidas!

Depois de termos andado cerca de 2 léguas, alcançamos um vale muito agradável onde corre um riozinho no qual avistamos, sucessivamente, duas fazendas, a da *Rancharia* e a do *Brumada*. Devem ter sido importantes outrora mas pareceram-me hoje em muito mau estado. Não me foi difícil adivinhar a causa de sua decadência, quando vi pela primeira vez montões de cascalho às margens do rio.

Continuando o caminho, alcançamos pequeno rancho onde nos detivemos. Depende de uma venda de que está encarregado uma criança de 10 a 12 anos. A venda, o rancho, a casa vizinha, onde se criam galinhas e porcos, pertencem a um tio da criança, e esta ficou como guarda da casa durante a ausência de seu parente. Isto prova a segurança de que se goza neste lugar e quão raros são os roubos aqui.

Seja como for, tem este sítio qualquer coisa que agrada graças ao aspecto selvagem. A venda e rancho foram construídos a alguns passos do rio. Corre este por entre um bosque formado de arbustos entre os quais se nota uma composta, denunciada pelos grandes corimbos de flores purpúreas e um *colyplutus* de grandes folhas branco-amareladas.

Montões de pedregulhos atestam o trabalho dos mineradores. De todos os lados erguem-se montanhas cobertas de mata e por cima delas, em frente ao rancho, uma aberta sobre os campos.

Fazenda do Tanque, 14 de fevereiro, 1 légua e um quarto – Como faço tenção de subir à serra de Ibitipoca, onde sem dúvida encontrarei muitas plantas, não quis deixar o rancho de Antônio Pereira sem me pôr ao corrente de minhas análises. Era muito tarde quando partimos. Depois de subirmos encosta bastante íngreme, entramos nos campos. Foi com extremo prazer que tornei a ver uma quantidade desses encantadores subarbustos, pelos quais comecei o meu herbário; desde dois anos não mais vira as elegantes cássias e aquelas melastomáceas, cujos fracos e cerrados ramos, formam encantadores feixes, arredondados como bolas.

Na mata virgem quase que nunca se tem perspectivas, mas a vegetação é tão majestosa e variada, e seus efeitos tão pitorescos que nelas nunca me aborreci.

Os campos, pelo contrário, tornam-se logo monótonos, mas, quando ao sair-se de sombria floresta, entramos numa campina, descortinando-se, repentinamente, imensa extensão de terreno, quando nos sentimos refrescados por fresca brisa que nada impede de circular, quando em lugar de árvores gigantescas cuja folhagem mal distinguimos, não vemos senão postos salpicados de flores encantadoras, das quais, de muito longe, se percebem a família e gênero, é então impossível que nesta inesperada mudança de cenário, não nos ocorra certo deslumbramento.

À vista dos belos campos que se apresentaram hoje aos meus olhares, não pude deixar de sentir verdadeiro aperto de coração pensando que logo os deixarei para sempre. Todos estes dias vivi na mais penosa incerteza. Sinto muito bem, que não posso ficar para sempre no Brasil, mas desejaria ao menos gozar, mais tempo, do prazer de admirar este belo País; queria poder despedir-me de meus amigos, dos bons amigos dos arredores de Vila Rica; entretanto também sinto que se fizer esta viagem ser-me-á difícil partir ainda este ano, e se espero poucas satisfações na minha volta à França, não posso calar uma série de obrigações que para lá me chamam.

Depois de muitos embates íntimos, e hesitações, resignei-me afinal a encaminhar-me diretamente de Barbacena a São Paulo.

Não foram apenas campos que hoje percorremos; atravessamos matas também. Depois de mais ou menos uma légua, chegamos à vila de Ibitipoca, situada num alto. Embora cabeça de distrito que se estende até Rio Preto, consta esta vila de algumas casinhas apenas, e do pior aspecto.

Parei numa delas, onde vive, amontoada, numerosa família de mulatos, e perguntei onde morava a autoridade local. Responderam-me que numa fazenda situada a légua e meia daqui; pedi então ao homem, a quem me dirigira, que me indicasse o caminho para a fazenda do Tanque, que sabia ser a mais próxima da serra. Este homem não só me indicou o caminho com a polidez inata aos mineiros como quis servir-me de guia durante alguns instantes. Depois de seguir uma estrada que percorre um vale coberto de mata, cheguei afinal ao Tanque. Pedi hospitalidade a um moço que me disse estar o dono da casa ausente.

Poderia, eu contudo, aqui passar a noite. Apressou-se em arranjar os diferentes objetos que ocupavam a sala, e ali foram descarregados os meus trastes. Logo depois chegaram Larotte e José, que deixara na cidade para que comprassem algumas provisões. O último disse-me que nossa chegada causara alarme à cidade.

Ali se ouvira falar dos acontecimentos do Rio de Janeiro, e vendo o povo passar um homem com mulas carregadas de malas, concluiu que devia ser algum personagem de vulto, encarregado de fazer recrutamento.

A fazenda do Tanque parece ter tido outrora alguma importância, mas tornou-se a prioridade de alguns mulatos que parecem muito pobres e cai atualmente em ruínas.

.....

Capítulo II

SERRA DE IBITIPOCA – RIO DO SAL – ROCHEDO DE S. ANTÔNIO – PONTE ALTA – FAZENDA DA CACHOEIRA – PULGAS – VILA DE BARBACENA – D. MANOEL DE PORTUGAL E CASTRO – FAZENDA DO BARROSO – RANCHO DE ELVAS – BICHOS-DE-PÉ – S. JOÃO D'EL-REI – BATISTA MACHADO, BANQUEIRO – A MISSA NO PRESBITÉRIO – CONVERSAS SOBRE A REVOLUÇÃO BRASILEIRA – RANCHO DO RIO DAS MORTES PEQUENO – CARTAS – FAZENDA DO RIBEIRÃO – FAZENDA DA CACHOEIRINHA – TRAVESSIA DO RIO GRANDE, DEPOIS PARANÁ E RIO DA PRATA – NEGRAS – RIO JURUOCA – FAZENDA DE CARRANCAS – RANCHO DA TRISTEZA – TROPAS DE SAL, TOUCINHO E QUEIJO PARA O RIO DE JANEIRO – FAZENDA DO RETIRO.

F

azenda do Tanque, 15 de fevereiro – Fui hoje herborizar na serra de Ibitipoca, guiado por duas crianças da fazenda do Tanque. À base das montanhas ficam bosques espessos que atravessamos subindo insensivelmente; de repente encontramos-nos em imenso pasto cujo terreno é uma mistura de areia e terras escuras. Desde o momento em que ali pus o pé, achei no meio das gramíneas plantas que pertencem exclusivamente aos campos montanhosos, melastomáceas e uma apocinácea, etc.

A serra da Ibitipoca não é pico isolado, e sim contraforte proeminente de cadeia que atravessei desde o Rio de Janeiro até aqui. Pode ter uma légua de comprimento e apresenta partes mais elevadas, outras menos, vales, barrocas, picos e pequenas partes planas. As encostas são raramente muito íngremes; os pontos altos representam geralmente cumes arredondados e os rochedos mostram-se bastante raros. O fundo e barrocas estão geralmente cobertos de arbustos, mas poucos capões se vêem de mato encorpado; quase toda a montanha está coberta de pastos, quase sempre excelentes.

Seguimos um caminho que sobe, a pouco e pouco, e chegamos a um regato chamado rio do Sal. É ele, explicaram-me, que, sob o nome de rio Brumado, rega o vale onde fica situada a fazenda deste nome e vai enfim avolumar o rio do Peixe.

Corre o rio do Sal com rapidez numa barroca estreita e, em vários lugares, rochedos a pique o margeiam. Num deles, de cor esbranquiçada, ficam inúmeras manchas pretas formadas, tanto quanto pude avaliar, por expansões liquenóides. Lembra uma e bastante a figura de um eremita embuçado no hábito, e segurando um livro. Dele fizeram um Santo Antônio que é objeto de veneração em toda a zona. Todos quantos perderam animais na serra vão rezar o terço diante da imagem e os encontram infalivelmente; outros há que, em romaria e de vela em punho, visitam o rochedo onde está representado o santo e ali fazem penitência.

A pequena distância, deste lugar chegamos a um casebre grosseiramente construído de taipa, coberto de sapé, e cujas entradas são portas estreitas fechadas com couro. Se esta choupana apenas revela a indigência, sua situação foi bem escolhida; construída como está num fundo e protegida do vento pelas colinas vizinhas.

De um lado um grande bosque, do outro um riacho, cuja água é excelente e faz mover pequeno monjolo.

Ao chegar fui recebido por uma mulata vestida de saia e camisa de algodão muito sujas. Grande quantidade de bonitas criancinhas, trajadas do modo mais nobre, a rodeavam. Pareceu a mulher um tanto assustada com a minha visita, mas logo se acalmou; perguntei-lhe se o marido poderia levar-me às partes mais elevadas da montanha. Respondeu-me que estava no mato mas voltaria logo. Poderia eu falar-lhe

pessoalmente. Enquanto esperava pus-me a conversar com a dona da casa e perguntei-lhe se não se aborrecia, só, no meio daquelas montanhas.

Disse-me que ali estava, havia apenas um ano, e nunca sentira um único momento de tédio. Os trabalhos caseiros, as galinhas e os animais domésticos tomam-lhe o tempo todo. Havia, além disto, sempre algo de novo em seu pequeno lar. Era preciso ora plantar, ora colher; nasciam-lhe criações; o marido e o filho mais velho saíam para caçar e assim traziam ora um porco-do-mato, cuja carne, assada, comiam todos, ora um gato-selvagem. E com efeito mostrou-me muitas peles já curtidas de vários destes animais. A esta altura chegou o marido que consentiu muito prazerosamente em servir-me de guia. Antes de sairmos ofereceu-me queijo, farinha e bananas, frutos que só se podem colher à raiz da serra. Enquanto comíamos, continuou a conversa; meu hospedeiro contou-me que morara muito tempo na vila do Rio Preto.

Achando este lugar vantajoso para estabelecer-se, porém, ali passara um ano, só, para construir a choupana e formar plantação. Neste lapso de tempo matara dez onças e assim tornara os pastos mais seguros. Afinal para lá transportara a mulher e os filhos.

Depois de acabado o almoço partimos todos a cavalo e subimos ao Pião, nome que se dá ao cume menos arredondado e mais alto de toda a serra. Deste pico se descortina horizonte mais extenso do que o da serra de S. Gabriel. Quando o tempo está claro avistam-se até as montanhas dos arredores do Rio de Janeiro. Atrás do Pião, e em grande extensão, acha-se a montanha absolutamente cortada a pique. É difícil reprimir uma espécie de terror, quando, adiantando-se alguém até o limite permitido pela prudência, descobre a imensa profundidade, espessas florestas escondidas em sombrios vales.

Sob o Pião abre-se um abismo, cuja profundeza não pode o olho calcular, mas que corresponde, dizem, e muito distante dali, a outra barroca muito mais baixa.

Os pastos que cercam o monte e, em geral, todos os que cobrem aquelas montanhas são de ótima qualidade e poderiam alimentar prodigiosa quantidade de animais. No entanto só servem aos de meu guia e de alguns outros vizinhos, tão pobres quanto ele.

Ao nos afastarmos do Pião, seguimos durante algum tempo as bordas escarpadas da montanha. Atravessamos, em seguida, um riacho

à margem do qual cresce singular melastomácea (cujas flores são vermelho-escuras); cortamos terreno pantanoso e depois uma encosta cujas pastagens haviam sido queimadas recentemente e onde cresce em abundância uma *Velosia*, cujas hastes e galhos tortuosos e enfezados, enegrecidos pelo fogo, terminam num tufo de folhas rígidas do meio das quais se alçam cinco ou seis flores de belo azul, e tão grandes quanto lírios. Nesta excursão apanhei prodigioso número de espécies de plantas. A maioria porém já as havia geralmente colhido, em outras montanhas desta capitania.

Meu guia pareceu-me principiar a enfadar-se de se deter a cada momento a fim de que eu pudesse arranjar minhas flores.

Deu mostras de se achar encantado por se encontrar novamente em casa. Sua mulher preparara-nos um prato de palmitos e uma cuia de excelente leite. Apressamo-nos em comer, e já era noite quando aqui chegamos.

.....

Ponte Alta, 16 de fevereiro, 1 légua e ½ – Como tivesse prodigiosa quantidade de plantas a examinar, não quis fazer hoje muito mais de uma légua. Depois de agradecer aos meus hospedeiros, que muito atenciosos foram para comigo, pus-me novamente a caminho.

Atravessamos primeiro a vila de Ibitipoca, que conhecia mal, e julgava ainda mais insignificante do que realmente é. Fica, como já expliquei, situada numa colina e compõe-se de pequena igreja e meia dúzia de casas que a rodeiam, cuja maioria está abandonada, além de algumas outras, igualmente miseráveis, construídas na encosta de outra colina. Não espanta, pois, que inutilmente haja eu procurado, ontem, nesta pobre aldeia, os gêneros mais necessários à vida.

A região hoje percorrida é montanhosa e apresenta pastos, nas elevações, bosques, no fundo e à encosta dos morros. Quase que só pastos atravessamos, e encontrei muitas plantas comuns em semelhantes localidades, uma cássia, uma melastomácea, uma rubiácea, etc. As gramíneas mais abundantes, nestas pastagens, são o capim-frecha, cuja presença indica bondade de pasto, e outra espécie de espículos horizontais.

Paramos numa fazendola cujo dono está ausente. Seus negros permitiram-nos, a princípio, que nos estabelecêssemos sob a varanda e

à noite abriram-me a sala para que ali fizesse minha cama. Tive, por conseguinte, a ocasião de ver o interior e achei-o igual ao da maioria das habitações desta comarca, quer dizer, quase nu. Na sala apenas uma mesa e um banco, e nos quartos duas armações de camas de madeira. Nas paredes da varanda e sala está pregada uma série de cruces de pau, de diferentes dimensões, costume observado em todas as casas antigas. Aliás, a situação desta é muito agradável. Fica situada num vale, e em frente do declive de uma colina eleva-se, em anfiteatro, um bosque quase que inteiramente composto de araucárias.

Nesta viagem comecei a rever esta árvore nas margens do riacho *Brumado*, e encontrei-a perto da fazenda do Tanque e de Ibitipoca.

Cresce espontaneamente, em algumas das mais altas montanhas do Rio de Janeiro. Encontra-se novamente aqui, em terreno muito elevado, nos limites das matas e campos, constitui quase que exclusivamente a maioria dos capões nos arredores de Curibiba. Enfim, na capitania do Rio Grande desce até a borda do campo. Parece, pois haver igualdade de temperatura entre esses diferentes pontos, e a araucária funciona como uma espécie de termômetro.

.....

Fazenda de João Alves, 17 fevereiro, 5 léguas – Saindo da Ponte Alta, subindo num morro alto e pedregoso onde encontrei muitas plantas, que recolhera em 1817, em localidades semelhantes, entre outras uma verbenácea e uma liliácea. Ao descer, percorremos terreno montanhoso onde existem mais matos do que pastos e, depois de mais ou menos légua e meia de caminho, chegamos a Santa Rita, de Ibitipoca. Esta aldeia situada em agradável posição, à encosta de uma colina, não é senão uma sucursal de Ibitipoca, embora importante. Compõe-se de uma única rua, mas ali se vêem algumas bonitas lojas.

Depois de atravessar Ibitipoca, continuamos a percorrer o terreno montanhoso onde existem mais matas do que pastos.

Aquém de Santa Rita encontrei bem menos plantas do que antes, porque o terreno deixou de ser pedregoso. Em geral não existe tão grande variedade de vegetação em terreno argiloso quanto entre rochedos. Mas, houvesse maior quantidade de plantas, não poderia pensar em apanhá-las, pois enquanto as recolhia, ao sair de Ponte Alta a tropa

afastou-se e para a alcançar, fui obrigado a andar tão depressa quanto possível.

Enganado por um galho de pinheiro que provavelmente fora projetado pelo vento numa encruzilhada que eu deveria tomar, pensei que ali tivesse sido colocado, propositadamente, por José. Assim segui um caminho que muito me desviou.

Enquanto isto minha gente ia sempre à frente e só à noite parou. Como estou longe de ter examinado todas as plantas da serra de Ibitipoca, fiquei contrariadíssimo de ter chegado tão tarde aqui e não pude sopitar-me mostrando a José meu descontentamento por me ter levado a fazer tão longa caminhada. O lugar em que parei é uma grande fazenda, situada numa baixada, entre matas e pastos. Quando José aí se apresentou não encontrou senão negros que lhe indicaram, como rancho, velha varanda onde os porcos têm costume de passar a noite e onde a gente se afunda na terra e no esterco.

Ao chegar o dono da fazenda pedi-lhe que me concedesse um cantinho de sua casa. Consentiu com a melhor boa vontade; mas não aproveitei imediatamente a permissão, a fim de não ser obrigado a mudar toda a minha bagagem de lugar.

Entretanto ao cair a noite, as pulgas, geralmente entorpecidas durante o dia saíram da poeira. Em poucos momentos ficamos inteiramente cobertos, e precisei, obrigatoriamente, do oferecimento de meu hospedeiro.

.....

Fazenda da Cachoeira, 3 léguas, 18 de fevereiro – Fugira eu da velha varanda a fim de não ser devorado pelas pulgas. Mas havia ainda em casa de meu hospedeiro bastantes; a ponto de me impedirem de dormir. Nas comarcas de Sabará e Serro Frio varre-se a casa logo que amanhece o dia, mas, na de São João, é o povo geralmente mais sujo e também muito menos civilizado. Nesta última, os habitantes dos campos aplicam-se mais à agricultura; trabalham com seus negros; passam a vida nas plantações e no meio dos animais, e seus costumes tomam, necessariamente, algo da rusticidade das ocupações.

Os homens, que, pelo contrário, ocupam-se com a mineração e apenas vigiam os escravos, nada trabalham e têm mais ocasiões de

conversar e pensar. Sua educação é mais cuidada e zelam mais pela dos filhos.

Ontem à noite enviou-me a dona da casa um prato de ótimos morangos e esta manhã conversamos um momento. Disse-me que o marido fora buscar, com a tropa, algodão no Araxá, para o levar ao Rio de Janeiro. Não estaria de volta antes de sete meses. Já tive ocasião de observar várias vezes que nestes lugares pouco povoados, onde cada indivíduo pouco planta, os negócios de comércio devem necessariamente consumir considerável tempo.

As terras que atravessei hoje são sempre montanhosas e cortadas de matas e pastos. Paramos numa fazenda que parece muito importante, a julgar-se pelo tamanho das construções e o grande número de gado e porcos que vi no terreiro da casa-grande.

Antes da chegada já José arranjara minhas malas sob um rancho em muito mau estado, situado fora de casa, mas, como as pulgas fossem quase tão numerosas quanto na varanda de ontem, tomei a resolução de mandar um de meus empregados, com a minha portaria, ao dono da casa, e pedir-lhe um quartinho onde pudesse trabalhar sem ser devorado pelos insetos.

As portarias produziram o efeito costumeiro. Deram-me a varanda da casa e um quartinho onde ficarei bastante bem, mas aqui não há menos pulgas que na fazenda. Os insetos são devidos ao pouco cuidado tomado em varrer as casas e à grande quantidade de insetos [*sic*] que se criam e penetram por toda a parte.

Vila de Barbacena, 19 de fevereiro, 2 léguas e ½ – Como recolhesse perto de cem espécies de plantas na serra de Ibitipoca, e desde então não fizesse nenhuma parada, continuando sempre a colecionar, estou extremamente atrasado em meu trabalho. Quisera pôr-me em dia antes de partir para Barbacena, mas não o consegui, embora ficasse em Cachoeira, até o meio-dia, e me tivesse limitado a indicar o porte e a localização da maioria das plantas revistadas.

A fazenda da Cachoeira está construída em encantadora posição. Os campos que a rodeiam são montanhosos, cortados de matas e pastos.

Imediatamente abaixo do terreiro da casa corre um riacho, que forma bonita queda d'água. A ela deve a fazenda o nome. A paisagem que atravessei, para ir de Cachoeira a Barbacena, é montanhosa e cortada de matos e pastos, alguns nos morros, outros nas baixadas. Em vários lugares é o caminho péssimo. A uma légua tomei a dianteira com Firmiano, a fim de conversar com o comandante sobre a estrada que deveria seguir. Na vizinhança da cidade, vimos, às margens de um regato, montes de cascalho, que atestam o trabalho de antigos mineradores. Ao chegar, perguntei onde morava o comandante e, sendo-me indicada a sua casa, apresentei-lhe uma carta que para ele me dera o pai, o comandante do Rio Preto. Recusou examinar-me os papéis e tratou-me com muita atenção e polidez.

Logo depois dos primeiros cumprimentos tornei-o ciente de meus planos de viagem e perguntei-lhe se acreditava que, executando-os, poderia chegar ao Rio de Janeiro nos primeiros dias de maio. Fizemos juntos o cálculo do número de léguas que existem daqui a Itapira e de lá a São Paulo e em seguida desta última cidade ao Rio de Janeiro. Convenci-me de que se me for possível realizar esta viagem, no lapso de tempo que lhe posso consagrar, para tanto será preciso que não tenha atraso algum.

O amor filial triunfou do desejo que tinha de rever os meus amigos, prolongar minha estada nesta capitania para apreciar a mentalidade que por aqui reina depois dos últimos acontecimentos. Tomei a resolução de seguir daqui diretamente para São Paulo, e quando assentado tal sacrifício senti-me mais contente e como que aliviado de peso difícil de carregar.

O comandante prometeu-me para amanhã, cedo, um itinerário daqui a São Paulo, e quando minha caravana chegou conduziu-nos a uma estalagem situada fora da cidade e do lado de Vila Rica.

.....

Barbacena, 20 de fevereiro – Como tivesse diversas comprinhas a fazer e uma quantidade de plantas a examinar, decidi-me a não partir hoje. Estive todo o dia extremamente ocupado; restava-me uma quantidade de plantas a revistar. Recebi, lá para o meio-dia, a visita do comandante,

e só para a noite a pude pagar. Já fiz descrição desta cidade e apenas lhe consagrei agora algumas palavras.

O terreno em que se assenta é elevado, montanhoso, agradável, cortado por pastos e capões de mato. A água é pouco abundante, mas o ar muito puro. Foi construída no cume de duas colinas extensas das quais uma concorre perpendicularmente para o meio de outra e compõe-se de duas ruas compridas. A igreja paroquial ocupa o centro de uma praça formada pelo encontro de duas ruas. Além desta igreja existem três outras das quais uma ainda não terminada.

As casas são baixas e pequenas, mas bem bonitas. Cinco ou seis têm um andar além do térreo, e entre estas existe uma que se torna notada pela bela parreira que lhe atapeta a fachada. Vêm-se em Barbacena várias lojas bem sortidas, diversas vendas e algumas estalagens. Em nenhuma vila nesta capitania é a mão-de-obra tão cara quanto aqui. Isto provém do fato de ser ela incessantemente atravessada, por viandantes que, ansiosos por alcançar seu destino, deixam que os operários lhes ditem leis.

Barbacena é célebre, entre os tropeiros, pela quantidade de mulatas que nela habitam e entre as quais deixam os homens o fruto do trabalho.

.....

Fazenda..... 21 de fevereiro, 3 léguas – Conversei com o comandante sobre os últimos acontecimentos que se deram na capitania de Minas.

Diz-me, e assim o repetem todos os habitantes desta região, que Dom Manuel de Portugal e Castro era um homem de honra. Sempre se opusera aos roubos dos funcionários, fato que principalmente lhe valera inimizades. Em suma, explicou o meu interlocutor, fora a pequena revolução de Vila Rica o resultado de intrigas do secretário do Governo, cuja probidade lhe parecera sempre bem suspeita e a quem vigiava muito de perto. Verberou o secretário por haver colocado todos os parentes e argüiu ao atual Governo a ignorância dos negócios da capitania, as tentativas de usurpação de atribuições do Poder Executivo e como que certa pretensão à autonomia para a qual parece pender.

Contou-me mais o comandante que a comarca de Barbacena enviará ao Príncipe um deputado para lhe exprimir sua obediência e fidelidade e protestar contra as ofensas já feitas pelo Governo de Vila Rica à autoridade real e quaisquer outras que acaso pretendesse, no futuro, fazer.

Eis aí, já, as bases da desunião numa capitania, e o que logicamente deveria acontecer entre um povo acostumado à autoridade absoluta de homens, que, pela posição, lhe eram infinitamente superiores.

Fica humilhado por precisar obedecer a magistrados de sua igualha e procura subtrair-se a tal autoridade que lhe fere o amor-próprio.

A paisagem que percorri, para chegar até aqui, é montanhosa e apresenta, ainda, pastos nas alturas e bosques nas baixadas.

Em muitos lugares é o terreno pedregoso. Em todos os picos descortinam-se grandes extensões. Para vir até cá, foi-nos preciso desviar do caminho cerca de meio quarto de légua. Antes de chegar passamos numa ponte de madeira, a mais detestável do mundo, o rio Grande. Aqui tem apenas vinte passos de largo e acaba por tornar-se o famoso rio da Prata. Embora péssima, imprime a ponte à paisagem uma nota muito pitoresca. Está apoiada a um rochedo que, avançando sobre o rio, o detém no curso; a água nele bate, salta, espuma, precipita-se e retoma seu curso a mugir.

A fazenda em que parei foi aberta por um mineiro; a casa do dono é ampla; construída de pedra, e tem madeiramento bem bonito; mas o proprietário morreu em débito para com a fazenda real. Esta lhe confiscou os bens e se o genro do defunto os possui hoje é que os tornou a comprar.

Este homem não se ocupa em minerar ouro, como o sogro. Aproveita os pastos que rodeiam a habitação para criar animais, possui cerca de mil cabeças de gado e faz muito queijo. Disse-me que neste lugar não podia vender mais de um décimo do rebanho sem prejudicar o seu capital. Se o gado produz tão pouco, não é que, como no sul, se nutra a população, exclusivamente, de carne de vaca, provém do regime a que são os bezerros submetidos para o aproveitamento do leite das mães, o que provoca grande mortalidade.

Meu hospedeiro, além desta fazenda, possui outra, na mata, ao lado do rio do Pomba. Aqui cria gado e lá planta milho. Como em geral os demais agricultores deste país, este homem pode, pelos modos, ser comparado aos nossos campônios da Beauce.

Elvas, em casa do capitão José Ferreira, 22 de fevereiro, 5 léguas – Passamos hoje diante da fazenda do Barroso onde me recusaram, tão impolidamente, a hospitalidade, por ocasião de minha primeira viagem a Minas.

Ali abandonamos o caminho que seguíamos então e conduz a São José. Tomamos o que leva diretamente a São João d'el-Rei. Terreno montanhoso, pastos nos altos; capões de mato nas baixadas. Antes de Barbacena era o mato, em geral, mais comum do que os pastos. Depois desta cidade dá-se o contrário. Esta província, e principalmente a comarca de São João é mais povoada que a maior parte das outras zonas do Brasil. Entretanto, ontem, apenas vi uma fazenda antes de chegar a Barroso e não há senão uma entre Barroso e Elvas.

Nas partes mais elevadas, os pastos compõem-se principalmente de gramíneas e oferecem muito pouco subarbustos. À medida que o solo se abaixa e fica mais úmido, as plantas lenhosas tornam-se mais comuns, enfim, nos fundos e vizinhança de matos o terreno mostra-se coberto de arbustos e principalmente de uma composta. Entre Barroso e Elvas, encontrei, com espanto, nas encostas altas, mas em pequenos espaços, a vegetação dos *tabuleiros cobertos*, isto é, das árvores esparsas, enfezadas, tortuosas, de cascas encortiçadas, com folhas duras e quebradiças.

Chegados ao rancho de Elvas, meu pessoal pôs-se na faina de descarregar as mulas; mas em momentos as pernas lhes ficaram cobertas de bichos-de-pé. Assim me sugeriram que fosse pedir a hospitalidade de uma fazenda vizinha e um pouco afastada do caminho. Enviei José com as portarias e, quando me apresentei, fui perfeitamente acolhido. Os habitantes desta casa, sem praticarem a polidez dos de Serro Frio e Sabará, têm entretanto maneiras mais corteses do que os agricultores desta região. Conversei muito com a dona da casa, que me pareceu ótima mãe de família, piedosa, apegada aos filhos, ao marido e a seus deveres. Não nos permitiram que fizéssemos o jantar e serviram-nos uma refeição muito boa, para estas paragens.

São João d'el-Rei, 23 de fevereiro, 3 léguas – Mandara eu preparar o almoço muito cedo. Meus hospedeiros censuraram-me e com eles fui obrigado a fazer segunda refeição. O terreno continua a ser o mesmo. Nos altos e nos declives há cerros de excelentes pastagens, como todos os que percorri desde Barbacena, e nas baixadas capões de mato em geral muito menos vigoroso do que as matas virgens. Em grande parte do caminho viajamos paralelamente à serra de São José, cujo cume apresenta uma plataforma bastante uniforme e os flancos cortados a pique não oferecem senão rochedos semi-escalvados. Quase que até São João é a região tão deserta quanto a que percorremos nos dias precedentes, mas, depois de termos passado pequeno rio chamado *Córrego do Segredo*, descobrimos um vale encantador, onde se espaçam casas de campo.

Já nos aproximávamos da cidade. Nela entrando fui à casa do vigário. Custava-me ao amor-próprio fazer-lhe finezas e pedir-lhe o que quer que fosse: é um homem que não posso apreciar. Mas devendo passar um dia apenas em São João, e não querendo ir para a estalagem, era ela a única pessoa a quem poderia pedir hospedagem. Recebeu-me com as demonstrações da mais viva alegria e repetiu-me mil vezes que, como da minha outra viagem, poderia considerar sua casa como minha. Punha-a inteiramente ao meu dispor. Deixara eu para trás meu pessoal e as mulas. Quando chegaram, fiz descarregar as coisas mais necessárias, e enviei toda a tropa para o rio das Mortes à casa do bom Anjo.

Dera-me o procurador de João Rodrigues Pereira de Almeida uma carta de crédito para o principal negociante de São João, o Sr. João Batista Machado. Apresentei-me à casa deste homem a quem encontrei estendido so bre o seu balcão.

Nem mesmo se levantou para me receber. Fez ler minha carta e disse-me que estava pronto a honrar a assinatura do representante de João Rodrigues, mas, se eu quisesse receber dinheiro, precisava aceitar um desconto de 6%, porque no Rio de Janeiro só se pagava em papel que em São João tinha tal depreciação. Combinei com o homem voltar à noite, mas, quando me apresentei, disse-me que estava deitado. Ofereci ao filho inscrever, no recibo que sacara, o dinheiro pedido em valores metálicos, devendo portanto ser reembolsado, da mesma forma, no Rio de Janeiro. Disse-me o filho que não poderia aceitar a proposta sem falar ao pai e despachou-me para o dia seguinte. Aliás não me fizeram, nesta

casa, a menor gentileza, a mais ligeira oferta de préstimos; mas não me espantei quando soube que o Sr. Machado era europeu.

Como já tive, muitas vezes, a ocasião de observar, os negociantes europeus estabelecidos no Brasil são quase todos grosseiros e sem educação. Muitas vezes mesmo nem sabem ler e escrever, tendo começado do nada. Enquanto os brasileiros dissipam descuidadosamente o que possuem, os europeus ajuntam tostão por tostão, privando-se de tudo para se tornarem ricos. A primeira regalia que se oferecem é a posse de uma negra que lhes sirva de amante, cozinhe, limpe, lave a casa, chegando a fazer o que os americanos, em geral, só admitem aos homens, a saber que vá buscar água e lenha. Ao se tornarem ricos conservam a grosseria inata e a ela sobrepõem a mais insuportável arrogância, tratando com desdém os brasileiros, a quem devem a fortuna.

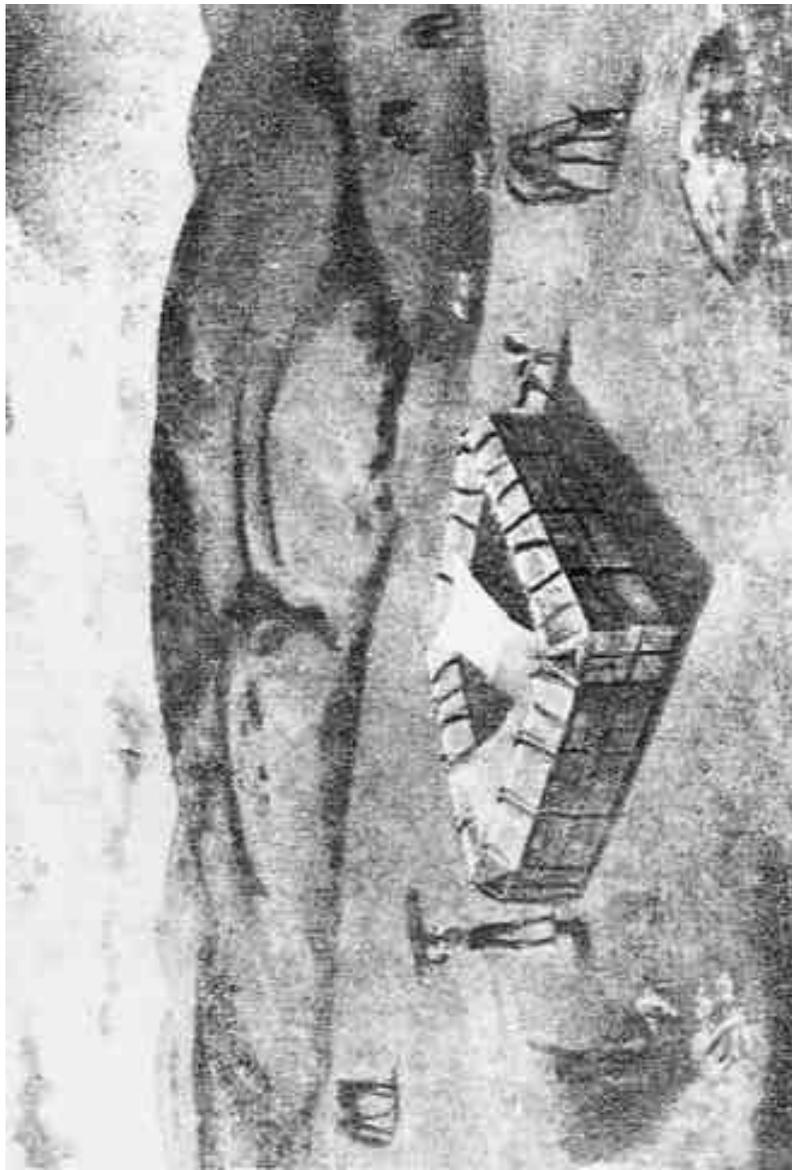
.....

Rancho do Rio das Mortes Pequeno, 1½ légua, 24 de fevereiro – O Sr. J. B. Machado não quis aceitar a minha proposta, dizendo que os valores metálicos no Rio de Janeiro apenas têm um ágio de 4% sobre o papel-moeda e que aqui ele poderia obter 6% do seu dinheiro. Foi preciso fazer tudo quanto quis; pedir, é ficar-se dependente.

Quando fui dar bons dias ao cura, contou-me que me esperava para dizer a missa. Apressei-me em me vestir e tomei o chapéu, imaginando que iríamos à igreja paroquial. Mas o cura disse-me que não sairíamos de casa, e efetivamente ali rezou a missa. Eu e os seus negros fomos os únicos ouvintes. Na Igreja brasileira não há o que possa causar espanto: está fora de todas as regras!

Conversei muito com o vigário sobre os últimos acontecimentos da Vila Rica. Seu testemunho não é suspeito, pois se mostra muito constitucional; entretanto, lastima muito a D. Manuel e diz, como todo o mundo, que nunca a capitania de Minas tivera general mais justo e íntegro. Considera sua expulsão como o resultado de intrigas de bandidos a quem vigiava; enfim, censura muito o novo Governo e a espécie de autonomia que se atribui, assim como as ofensas à autoridade do Príncipe.⁶

6 O futuro Dom Pedro I.



Acampamento noturno de tropeiros — (J. B. Debret)

Segundo o pedido que fizera D. Manuel a este último, dever-se-ia criar um governo provisório. Os delegados das comarcas haviam sido convocados para sua instalação em breve prazo. O cura era um dos deputados de São João. Mas, quando chegara a Vila Rica, encontrara o novo Governo já em atividade; fora proclamado pela população e soldados impelidos por intrigantes que esperavam obter, na nova ordem de coisas, promoções, alguns, maior facilidade para o mando, outros. Contou-me o padre que, no dia da instalação ilegal do novo Governo, certo Dr. Veloso, eleito deputado às Cortes, dissera que, depois de nomeada a junta provisória, parecia-lhe conveniente discriminar as atribuições de que se deveria investir. Destina-se a substituir o capitão-general; estava bem claro, por conseguinte, que deveria ter autoridade diversa da dele. Entretanto, o próprio Veloso propusera que se conferisse aos membros do novo Governo não somente o poder executivo, mas ainda a faculdade de tomar todas as medidas que julgassem convenientes para o bem da Capitania, sob a condição contudo de não prestar contas da conduta às Cortes de Lisboa.

Foi a opinião do orador apoiada por um mau padre que tomou a palavra em seguida, dissertou muito sobre a tirania, exercida pelo Príncipe, no Rio de Janeiro, e sobre a necessidade de não mais se reconhecer sua autoridade para subtrair os povos dos males com que atormentava as províncias. O povo aplaudiu a ambos os discursos, e a junta foi investida de autoridade, por assim dizer, ilimitada. Mas a opinião da população de Vila Rica, composta de homens de cor, não era a mesma que a do resto da província. Em todos os lugares por onde passei ouvi falar com amizade de D. Manuel. Censura-se o Governo em tudo o que faz, e só se fala com respeito da casa de Bragança, mostrando todos o maior desejo de permanecerem unidos ao Rio de Janeiro, única cidade em que os cultivadores da região podem achar escoadouro para as produções de suas terras.

Os mineiros que não habitam Vila Rica devem, além do mais, achar-se descontentes pelo fato do povo desta cidade se ter irrogado a pretensão de querer impor Governo a toda a província, sem nem sequer esperar, para o instalar, os deputados para este fim escolhidos pelas diferentes comarcas.

Parti lá pela noite em direção ao Rio das Mortes Pequeno. Cerca de um quarto de hora antes da chegada começou espantosa chuva que me acompanhou até aqui. O velho Anjo e suas duas mulatas pareceram rever-me comovidos. Conto aqui passar o dia de amanhã a fim de ter tempo para escrever algumas cartas.

Rancho do Rio das Mortes Pequeno, 25 de fevereiro – Passei o dia todo escrevendo a minha mãe a ao Sr. de Candolle, e tratando de pôr em dia⁷ a minha correspondência.

Fazenda do Ribeirão, 26 de fevereiro, 4 léguas – Não foi sem comoção que deixei os bons habitantes do Rio das Mortes, que também tinham lágrimas aos olhos quando nos separamos.

Achei tanta bondade nestas excelentes pessoas, durante o mês passado em sua casa, que, durante todo o decurso de minha viagem, delas me lembrei sem cessar. Revi-as com viva satisfação e deixei-as com novo pesar. Esta vez, precisei dizer com maior verossimilhança ainda: Separamo-nos para sempre! Há nestas palavras algo de solene que sempre me causou profunda impressão quando precisei dizê-las a quem tanto estimava.

A região que percorri é também montanhosa e oferece excelentes pastagens nos altos e, nos vales, capões de mata. Estes, estão bem longe de possuir o vigor das matas virgens e meu hospedeiro disse-me que, quando ali se plantava milho, apenas produzia cem por um. Assim, os proprietários abastados têm plantações a alguma distância, em

7 Extra to de uma carta de Auguste de Saint-Hilaire a sua mãe:

“São João d’el-Rei, 24 de fevereiro de 1822. Lembrou-me de lhe ter dito que em tempo responderia às perguntas feitas por meu pai sobre o trabalho de Afonso de Beauchamp. Seu livro é critico com certa elegância, mas sem fidelidade, parece-me não passar de exploração mercantil. O autor nele trata muito de alto a história do Brasil de Southey quando nada mais fez do que copiar. Esta última obra que, creio não foi ainda traduzida para o francês, merece ser lida e estudada.

“Quanto aos viajantes aqui o que deles penso. Mawe é, ao mesmo tempo, inteligente, malvoso e mentiroso. Muda o curso dos rios, cria cidades onde nunca existiram, desfigurando os nomes, arvorando em cada um uma simples fazenda, etc., etc. Costo descrever bem as regiões que viu. O príncipe (de Neuwied) enfadado sem dúvida um pouco, aos que não gostam de cada um tanto quanto ele; mas se está longe de tudo ter dito, ao menos nada diz se não a verdade. O negociante Luckock tem espírito e descreve muito bem mas exagerando na malignidade. E como é surdo, não se pode ter tanta confiança no que afirmar ter ou visto como no que observou. Já se escreveu tanto sobre o Brasil que creio ser inútil que me meta também a fazê-lo.

“Os alemaes cercam-me até a Botânica, e o resultado do mais positivo desatendimento será a diminuição de minhas forças...”

melhores terrenos, e criam animais em pastos excelentes que fazem a riqueza deste distrito.

Ainda muito falta que nesta região tanto gado haja quanto poderá comportar. Faz-se muitas vezes grande caminhada, sem se ver uma só cabeça. Os proprietários das fazendas têm geralmente imensas extensões de terra, sendo-lhes impossível aproveitá-las, pois não querem agregados.

Para aqui chegarmos seguimos quase sempre as cumiadas e gozamos de larga vista; mas não descobrimos habitação alguma. À beira do caminho apenas vimos uma casinhola onde uma pobre mulher vende aguardente de cana e algumas miseráveis provisões.

Quase toda a parte dos pastos compõe-se de gramíneas, principalmente de *capim-flecha*. As plantas de outras famílias estão longe de ser tão freqüentes quanto em nossos prados, mas a mesma espécie é infinitamente menos repetida. Tal a razão pela qual nossos prados parecem muito mais ornados de flores do que os campos deste país.

Perto do rio das Mortes, encontrei ainda, neste pequeno espaço de terreno, a vegetação dos *tabuleiros cobertos*, isto é, árvores garranchosas, enfezadas, esparsas nos pastos, e sempre principalmente a gutífera com grandes folhas elípticas que a gente aqui chama *pão-santo* ou *pão-de-pinhão*, leguminosas, e a solanácea de frutos enormes que tem o nome de *fruta-de-lobo*. Bem perto daqui, nos picos, encontrei esparsas, nos campos, uma composta cujas folhas são duras e onduladas. Têm as flores muito agradável perfume e a planta é arbusto frondejante, alto de alguns pés.

A fazenda em que me detive fica situada num fundo à margem de um regato. Chama-se *Fazenda do Ribeirão*. Quando chegamos o dono da casa estava ausente, sua mulher deu-me a permissão de me estabelecer na sua sala.

Ao cair da noite, chegou o proprietário da fazenda, campônio gordo que tem na milícia o posto de alferes e cuja voz de estentor se pode ouvir a um quarto de légua. Em casa traz as pernas nuas, segundo o hábito da região, e não usa senão jaleco de pano azul grosseiro e calça de *riscado* (pano listado). Acolheu-me muito descortesmente, mas estou persuadido de que tem, com todo o mundo, as mesmas maneiras que me demonstrou.

Fazenda do Ribeirão, 27 de fevereiro – Choveu muito, ontem à tarde, e esta noite; o riacho transbordou e precisei aqui passar o dia. As benfeitorias desta fazenda obedecem ao mesmo sistema de todas as outras desta comarca. Um muro de pedra seca, mais ou menos da altura de um homem, rodeia em parte um pátio muito vasto, no fundo do qual ficam enfileiradas, umas ao lado das outras, as casas dos negros, as pequenas construções que servem de depósitos e locais de beneficiamento dos produtos agrícolas e a casa do dono. Esta, feita de terra e madeira, é coberta de telhas, e compõe-se unicamente de um pavimento. A sala é a primeira peça quando se entra. Tem como único mobiliário uma mesa, um par de bancos e uma ou duas camas de pau.

Raramente acontece que, em volta da sala, não estejam pregados, à parede, vários cabides destinados ao dependuramento de selas, rédeas, chapéus, etc. Não devo também esquecer de dizer que se entra no pátio por uma das portas a que se chama *porteira*, também empregada para fechamento dos pastos. Constan tais porteiras de dois esteios e algumas tábuas transversais, afastadas umas das outras. Tem-se o cuidado de dar um pouco de descambo ao mourão sobre o qual giram; caem pelo próprio peso e fecham-se por si.

Fazenda da Cachoeirinha, 28 de fevereiro, 4 léguas – A região continua montanhosa, oferecendo excelentes pastos nos cumes e capões de mata nas baixadas. Como o caminho segue quase sempre a cumiada dos montes, descortina-se geralmente grande extensão de terreno, mas em nenhum lugar avistam-se habitações e vêem-se muitos animais. Temos sempre à frente a serra das Carrancas cujo cume, visto de longe, parece um tabuleiro, e cujos flancos oferecem poucas desigualdades.

A cerca de duas léguas e meia de Ribeirão, encontrei o rio Grande, que se atravessa sobre uma ponte de madeira, e cujo pedágio arrecada a fazenda real. Apresentei as minhas portarias ao homem encarregado de receber o dinheiro dos viajantes e ele deixou-me passar livremente.

Sua mulher e filhos, ao avistarem os insetos espetados em meu chapéu e as plantas que saíam de minha pasta, mostraram o maior espanto. “Não são os mineiros”, diziam elas, “que têm tanto desejo de aprender. Nós outros não nos preocupamos com todas estas coisas, não passamos de ignorantes e brutos.” Durante todo o tempo que viajei em

Minas, ouvi repetir por toda parte conceitos semelhantes e não posso deixar de consignar que, até certo ponto, acodem em abono dos mineiros. Pode-se esperar que aqueles que se envergonham de sua ignorância dela procurem logo sair.

Paramos numa fazenda situada em certa baixada e à beira de um regato e que, sem estar em muito bom estado, não deixa contudo de indicar certo conforto. Os donos da casa estão ausentes, mas seus negros disseram-me que eu poderia aqui passar a noite. Depois de instalar-me a princípio numa varanda, onde o sol muito me incomodava, fizeram-me depois entrar num quarto grande, onde me acho muito melhor.

A dona da casa, antes de partir, tivera o cuidado de enclausurar as suas negras. Ouvimo-las cantar o dia todo, mas, quando chegou a noite, puseram-se a brigar e a lançar-se em rosto, reciprocamente, as suas aventuras amorosas, para depois continuarem a cantar como antes.

Fazenda de Carrancas, 1^o de março, 1 légua – Depois de atravessar um riacho que forma pequena queda-d'água, da qual a fazenda tomou o nome de Cachoeirinha, atravessamos pastos e logo chegamos ao Juruoca. Esse rio mais volumoso do que o rio Grande, no lugar onde o cortamos ontem, atravessamo-lo numa ponte de madeira em bem mau estado, mas onde não se paga pedágio algum porque não foi construída à custa da fazenda real, e sim à dos habitantes da vizinhança.

Cortando sempre pastos, encontramos, a pouca distância do rio Juruoca, o de Pitangueiras, que segundo me disseram vai confluír com o rio Grande. A ponte em que se atravessa o rio Pitangueiras é tão má, que os burros por ela não podem passar sem perigo. Tínhamos, sempre à frente, a serra das Carrancas e afinal ali chegamos. Em ponto algum é muito elevada e o caminho a corta no lugar onde tem menor altura. No cume, muito arenoso, reví algumas plantas interessantes, entre outras uma orquídea de dois cálices.

Paramos, a pouca distância da raiz da serra, numa fazenda que pertence à mesma família dos donos da Cachoeirinha e não parece menos importante do que ela. Fui muito bem recebido e os donos da casa não nos permitiram cozinhar. Disseram-me que os pastos deste distrito não eram tão bons quanto os que se estendem entre São João e a serra de Carrancas. Em compensação, as terras se mostravam melhores para a

cultura. As matas, com efeito, ali são mais freqüentes e denotam mais seiva.

Rancho de Traituba, [sic], 2 de março, 4 léguas – Como atrás disse, fecham-se todas as noites os bezerros numa mangueira e as vacas aproximam-se sozinhas da fazenda. Desde a madrugada fazem-na entrar no terreiro onde são ordenhadas por negros e negras.

Põe-se então o leite em pequenos barris cintados de aros de ferro e transvazam-nos por meio de cuias, cortadas longitudinalmente, pela metade. O gado dos arredores do rio Grande tem justificada fama, graças ao tamanho e força. Alimentadas em ótimos pastos, dão as vacas leite quase tão rico em nata quanto o das nossas montanhas. Com ele se faz grande quantidade de queijos exportados para o Rio de Janeiro.

A cerca de quarto de légua da fazenda encontramos a vila de Carrancas, sede de paróquia, mas que quando muito merece o nome de aldeia. Fica situada numa encosta de colina e compõe-se de umas vinte casas arrumadas em volta de uma praça coberta de grama.

A igreja ocupa o lado mais alto da praça.

É pequena mas construída de pedra e muito bonita por dentro. Não é à mineração que Carrancas deve a sua origem. No lugar em que está situada existiu outrora uma fazenda com capelinha. Atraídos pelo desejo de ouvir missa, alguns cultivadores vieram estabelecer-se na vizinhança. Foi a fazenda destruída, mas a capela continuou a subsistir. Substituíram-na por uma igreja mais considerável e pouco a pouco formou-se a aldeia.

A região que percorri hoje é montanhosa; continua oferecendo ótimas pastagens; mas está se tornando mais coberta de mata e é por conseguinte mais própria à cultura. Durante todo o dia conservamos à direita e a pouca distância a serra de Carrancas que contribui para embelezar a paisagem. Paramos num imenso rancho, situado em notável situação. Fica rodeado de colinas e dominado por montanhas bastante altas terminadas por um tabuleiro cortado a prumo, na face que dá para o rancho.

Depois de nós, várias caravanas vieram sucessivamente aboletar-se no rancho. Vêm umas do Rio de Janeiro para São João e Barbacena, carregando sal; vão outras destes arredores para a capital e levam toucinho e queijos. Estes gêneros que constituem dois ramos de

comércio muito importantes para a comarca de São João transportam-se em cestas de bambu (jacás) achatados e quadrados; cada cesto contém cinquenta queijos e dois formam a carga de um burro. Os de toucinho pesam cada um três arrobas, se o burro que os leva é novo, e quatro, quando já acostumado à carga. O sal é transportado em sacos.

Quando chegam, os tropeiros arrumam as bagagens em ordem e de modo a ocupar o menor lugar possível. Cada tropa acende fogo, à parte, no rancho e faz cozinha própria; antes e depois das refeições, conversam os tropeiros sobre as regiões que percorrem e falam de aventuras amorosas; cantam, tocam violão ou dormem envoltos em cobertas estiradas no chão sobre couros.

Fazenda do Retiro, 3 léguas, 3 de març – À direita continua a serra de Carrancas; sempre excelentes pastagens e capões de mata nos fundos desta região montanhosa.

O mês de janeiro foi este ano extremamente seco, e os cultivadores tiveram muitas apreensões pelas lavouras. Mas de algum tempo para cá tem chovido quase todos os dias e parece que a colheita será boa.

Até agora não chovia senão à noite, e sempre alcancei o pouso antes da chuva. Hoje não fui tão feliz. A cerca de meia légua desta fazenda começou a chuva a cair a cântaros e apesar do guarda-chuva fiquei molhado até os ossos. Deveríamos ter feito hoje uma légua a mais; mas, quando José, que estava à frente, passou diante desta fazenda, a proprietária, viúva e de idade avançada, convidou-o a parar para evitar a chuva.

Ceguei, naquele instante mesmo, e apressei-me em aceitar a oferta que nos era feita. A dona da casa ordenou a um de seus negros que ajudasse José a descarregar a bagagem; foi posta numa sala onde nos fizeram as camas; tomaram nossa roupa molhada para a lavar e serviram-nos o jantar.

Apenas acabara eu de comer apareceu a filha de minha hospedeira com dois filhos. Esta mulher, embora já passada a primeira mocidade, ainda é conservada. Tinham-lhe os trajes algo de teatral e pitoresco. Trazia vestido de chita com grandes ramagens, lenço amarrado, à moda de turbante, ao alto da cabeça; e o peito lhe estava descoberto segundo o costume da capitania. Tinha ao pescoço dois ou três colares

de ouro de um dos quais se dependurava enorme relicário do mesmo metal. Enfim a um dos ombros trazia, atirada descuidadosamente, uma capa de pano vermelho, com que se envolveu de diferentes maneiras durante a conversa.

Na comarca de São João, as mulheres mostram-se um pouco mais do que nas outras partes da Capitania de Minas; entretanto, como tal hábito não é ainda corrente, as que aparecem não o fazem senão conculcando um preconceito e assim ostentam muitas vezes certa desenvoltura que tem algum tanto de repulsivo. A dona desta casa contou-me que possuía outrora um rebanho de carneiros bastante considerável. Ela própria e a filha fabricavam diferentes espécies de tecidos. Mas, não se tem, na região, hábito de pôr pastores ao gado, e como fizeram passar, recentemente, diante desta fazenda, uma das estradas passar, que vão de São João ao Rio de Janeiro fora o rebanho destruído pelos cães dos tropeiros.

.....

Capítulo III

A FAZENDA DOS PILÕES – ESTRADA NOVA DA PARAÍBA – VENDA DO DÍZIMO DO GADO – DANOS CAUSADOS AOS CRIADORES PELOS ANIMAIS SELVAGENS – JURUOCA – O CURA – DESCRIÇÃO DA CIDADE – NÃO SE ENCONTRA MAIS OURO NESTA REGIÃO – CULTURA DE MILHO E FEIJÃO – CRIAÇÃO DE GADO – ESCRAVOS POUCO NUMEROSOS – AGRICULTURA – EXCURSÃO À SERRA DO PAPAGAIO – CASCATAS – O RIO JURUOCA – O PINHEIRO DO BRASIL NÃO SE ELEVA ACIMA DAS ALTITUDES MÉDIAS – REGO D'ÁGUA – RIO BAEPENDI – S. MARIA DE BAEPENDI – D. GLORIANA, MULHER DO CAPITÃO MEIRELES, PROPRIETÁRIO DE ITANGUÁ.

F

azenda dos Pilões, 2 léguas, 4 de março – A dona da fazenda do *Retiro*, encheu-me de finezas até o último momento. No entanto, esta mulher, que para comigo parecia tão boa e tão meiga, mal entrara em casa já eu a ouvia berrar, a mais não poder, e exaltar-se, com violência, contra seus escravos. Estas normas que parecem contraditórias não o são, realmente, aos olhos dos brasileiros.

Ficam os escravos a infinita distância dos homens livres, são burros de carga a quem se despreza, acerca de quem se crê só podem ser levados pela ignorância e pelas ameaças. Assim um brasileiro poderá

ser caridosíssimo para com um homem de sua raça e ter muito pouca pena de seus negros, a quem não considera seus semelhantes.

Sempre pastagens, montanhas e capões de mata. Lá pela metade do caminho seguimos uma encruzilhada que nos deve levar a Juruoca. O caminho que deixamos e seguimos desde Traituba é um dos que vão do Rio de Janeiro a São João servindo toda a parte meridional da comarca do rio das Mortes. Passa por Santa Cruz e tem o nome de Caminho Novo do Parnaíba.

Paramos numa fazenda situada numa baixada e onde fui perfeitamente recebido. O dono da casa ofereceu-me o seu jantar; à noite fez-me tomar café com leite e mandou arrumar camas para mim e meu pessoal. O que sobretudo lhe valorizava a polidez era-lhe o ar de satisfação e bondade. Depois do jantar, os filhos de meu hospedeiro, dos quais os mais velhos têm de vinte a vinte e cinco anos, pediram ao pai, respeitosamente, a bênção e beijaram-lhe as mãos. É um hábito antigo, e que caiu em desuso, em muitas famílias. Devo notar que nas casas onde se conservaram estes costumes antigos e respeitáveis encontro maior soma de virtudes e simplicidade.

Meu hospedeiro confirmou-me o que me fora dito em Ribeirão sobre a quantidade de gado que os cultivadores podem vender sem prejudicar os rebanhos, calculando-a igualmente em um décimo. É preciso observar que não se vendem as vacas senão quando muito velhas para darem cria.

Existe aqui um rebanho de carneiros como na maioria das fazendas desta comarca. Mas meu hospedeiro queixa-se muito dos danos que aos ovinos causam os cães domésticos e alguns animais selvagens, tais como os chamados cachorros-do-mato. Seria bem útil para estes lavradores que se habituassem a fazer pastorear os rebanhos adquirindo bons cães de guarda; os resultados os indenizariam amplamente desta leve despesa, pois aqui se tosquam as ovelhas duas vezes por ano, no mês de agosto e em meio da quaresma. Não devo esquecer de acrescentar que meu hospedeiro me disse ainda: segundo a divisão que os cultivadores são obrigados a fazer dos pastos, em diferentes poteiros não se pode, num espaço de duas léguas alimentar mais de seiscentas ou setecentas cabeças de gado.

*Juruoca*⁸, 3 léguas, 5 de março – Esta manhã meu hospedeiro fez-me tomar café com leite e alguns sonhos; mas julguei ser impossível aturar até às quatro ou cinco horas da tarde com tão ligeiro almoço. Engoli às escondidas uma tigelada de feijão, que tivera o cuidado de fazer preparar na véspera.

A experiência adquirida em minha primeira viagem, e à custa do estômago, fez-me o alvitre de mandar pôr feijão ao fogo, até nas casas que me oferecem jantar, a fim de que, se no dia seguinte não me derem senão a xícara de café, habitual, eu tenha ao menos à minha disposição, alguma coisa que me livre de morrer a fome.

A região hoje percorrida é mais montanhosa e cheia de mata; duas circunstâncias quase sempre coincidentes. Diante de nós descobríamos montanhas vizinhas da cidade de Juruoca, [*sic*] que não são, dizem, senão uma ramificação da serra da Mantiqueira, e no meio das quais se alça um morro conhecido em toda a região sob o nome de Papagaio. Esta montanha termina, segundo se assegura, por inacessível rochedo e muito alto, mas apenas pude ver a raiz da montanha, pois reinava muito espessa cerração. Mais ou menos meio quarto de légua antes daqui chegar começa-se a descer num vale sombrio, extremamente profundo, cercado de montanhas cobertas de mata.

O rio Aiuruoca que desce, disseram-me, do morro do Garrafão corre rapidamente no fundo do vale, e é à margem deste rio, entre montanhas e matas, que fica situada a cidade do mesmo nome.

Construíram-na à ribanceira direita, um pouco acima de seu leito, e compõe-se de cerca de oitenta casas. Constituem elas três ruas, cuja principal é bastante larga e paralela ao rio. A igreja paroquial ergue-se na extremidade mais elevada desta rua, é pequena, sem sino, e nada oferece de notável. Vêem-se além dela uma capela e outra igreja recentemente construída pela irmandade do Rosário e colocada num morro dominante de toda a cidade. Como quase todas as aglomerações de Minas parece muito pouco habitada nos dias úteis; mas torna-se provavelmente muito mais movimentada nos domingos e feriados. Prova de que nem sempre vive deserta quanto hoje é o fato de possuir algumas lojas bem regularmente sortidas, vendas e até mesmo uma farmácia.

8 Aiuruoca.

Aqui chegando fui ter à casa do vigário para o qual o de São João me dera uma carta. Fui recebido por vários padres num grande vertíbulo rodeado de bancos. Estes senhores informaram-me de que o cura fazia a sesta. Assim não lhe poderia falar. Pus-me a passear de um lado para outro, um pouco magoado com a recepção muito fria que me faziam, pois nem me convidaram para entrar. Afinal apareceu o vigário e a sua primeira recepção foi tão fria quanto a de seus confrades; mas pouco a pouco travamos conhecimento verificando eu que é um homem excelente.

Juruoca, 6 de março – Planejava subir hoje ao Papagaio, mas choveu todo o dia, e foi-me apenas possível passear alguns momentos pela cidade. É a sede de uma paróquia que tem vinte e oito léguas de norte a sul; dezoito de leste a oeste; compreende sete capelas.

Achava-se outrora muito ouro nas margens do rio Grande e nas do rio Juruoca, e é a um arraial de mineradores que a cidade deste nome deve a origem. Hoje não há mais lavras entre S. João e Juruoca e apenas se contam duas ou três de pouca importância nestes arredores. Segundo o que me disse o cura, as conjecturas que formava ontem sobre a população desta cidade estão perfeitamente fundadas. Não é habitada durante a semana senão por mercadores, operários e prostitutas. Mas nos domingos e dias de festa torna-se um lugar de reunião para todos ocultivadores da comarca.

Entre São João e Juruoca colhem-se principalmente milho e feijão; mas os gêneros não saem da região. A criação de gado e porcos forma a principal ocupação dos agricultores e quase que sua única fonte de renda. Cada qual possui uma tropa de burros e envia, ao Rio de Janeiro, leite e queijos. Na paróquia de Juruoca, e arredores, o número de mulatos é pouco considerável e os escravos estão para os homens livres na proporção de um para três. Os escravos são, com efeito, muito menos necessários nas regiões onde se cria gado do que naquelas em que se cultiva a cana-de-açúcar e onde se lavra o ouro.

São desnecessários tantos braços para a criação dos rebanhos e além disso existem menos escravos, nos lugares em que menos se envergonham os homens livres de trabalhar. É evidente que nesta região a escravatura diminuirá à medida que for aumentando a população. Grande parte dos tangedores de bois e porcos, que vão da comarca de

São João ao Rio de Janeiro, são homens brancos. Numa fazenda, um dos filhos torna-se o condutor da tropa, outro se encarrega de cuidar desta, outro das plantações, e todos indiferentemente ordenham as vacas e fazem queijos.

Não existem nesta comarca fazendas como as dos desterrados dos desertos de Goiás ou mesmo de alguns lugares afastados da capitania de Minas que quase nada dão aos seus proprietários. A vizinhança do Rio de Janeiro a estes coloca em posição mais favorável. Entretanto, a acreditar no cura de Juruoca, ninguém alcança mais de 10% de seus capitais sujeitos às despesas de custeio e impostos e esta avaliação parece-me muito razoável.

Com efeito, completando os proventos da pecuária, achamos que o proprietário mal pode vender a décima parte dos rebanhos. É preciso ainda encontrar em algum outro ramo de comércio juros do capital representado pelas benfeitorias da fazenda, escravos e burros. A colheita apenas dá para alimentação da família.

É preciso naturalmente que os juros de que falei sejam representados pelo produto do toucinho e queijos. Mas se é verdade, como asseveram todos, que os lucros dos queijos são absorvidos pela compra do sal, bem pouco sobra para o proprietário e suas rendas. Ainda precisa ele substituir os burros e os escravos que perca; comprar ferraduras e cravos para as bestas de carga e, embora a manutenção das benfeitorias exija pouca coisa, pois tem madeira e faz o maior serviço com os seus negros, é necessário entretanto que pague, de tempos a tempos, alguns dias de serviço a carpinteiros e marceneiros e compre telhas.

Segundo o que me disse o vigário de Juruoca as boas fazendas desta região são avaliadas nos inventários entre 40 e 50.000 cruzados. Se considerarmos o modo pelo qual vivem em França aqueles que possuem terras de tal valor, e estabelecermos comparações com a maneira pela qual passam os proprietários brasileiros, parecer-nos-ão as rendas daqueles muito menos consideráveis; mas este modo de julgar foge à exatidão, pois os brasileiros quase nada compram que não seja infinitamente mais caro do que o que adquirem os franceses, ou de qualidade muito inferior, o que dá na mesma.

Serra da Juruoca, 2 léguas, 7 de março – Os arredores de Carrancas e Juruoca são muito altos, o café ali toma geada todos os anos; o açúcar

e o algodão não vão por diante. Entretanto pode-se colher um pouco de café se se escolherem lugares para plantá-lo. Esta diferença que à primeira vista parece um pouco esquisita é devida ao fato de haver menos umidade nesses lugares, por conseguinte serem eles menos sujeitos à geada.

Planta-se pouca mandioca porque se prefere, e com razão, à farinha extraída deste rizoma a do milho, mais nutriente e de melhor paladar. Utiliza-se também o milho como alimento de porcos, burros, cavalos e galinhas. Poder-se-ia entretanto, se se quisesse, intensificar a cultura da mandioca, porque se a geada faz perecer a haste desta planta não lhe atinge a raiz. Cultivou-se com êxito o trigo na serra de Juruoca, mas os que se entregavam a esta cultura a ela renunciaram, pois a ferrugem, que por longo tempo respeitara suas plantações, acabou por lhes fazer grandes estragos.

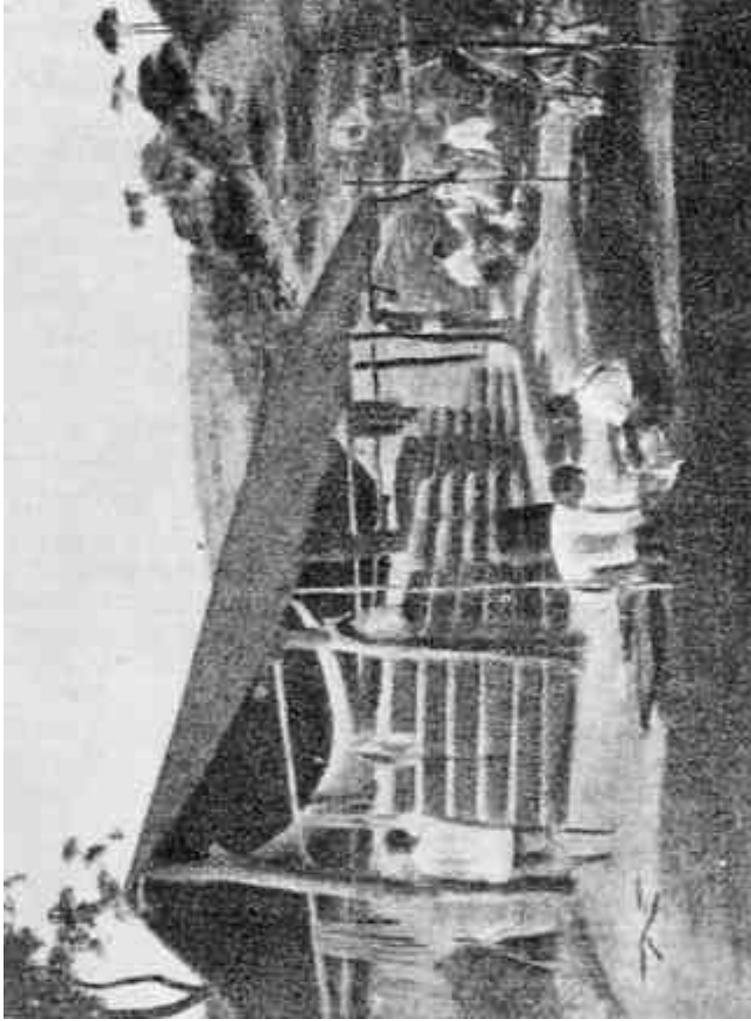
O pessegueiro e a macieira dão bons frutos e em casa do vigário comi excelentes uvas. Depois de alguma incerteza motivada pelo receio dos atrasos, decidi-me a dormir hoje na casa do homem que possui a fazenda mais próxima do Papagaio onde conto subir amanhã. Para que me conduzisse até esta fazenda deu-me o vigário como guia um irmão deste homem, que está em aprendizagem em Juruoca e em casa de um ourives.

De tempos a tempos éramos incomodados por pequenos aguaceiros, mas, à medida que subíamos, gozávamos da mais bela vista.

Não somente descortinávamos grande extensão de terreno como constantemente dominávamos alguns vales muito pitorescos. Lembro-me de um entre outros, que se me apresentou à vista pouco antes de aqui chegarmos.

Percebe-se apenas uma parte que lembra uma planície entre montanhas muito altas. Num ângulo fica uma fazenda que de longe parece bastante considerável.

O resto do vale é cortado por pastagens e capões de mata; pinheiros majestosos, ora aconchegados uns aos outros, ora esparsos, distinguem-se pelas formas esquisitas, e cores escuras, entre os diversos vegetais que os rodeiam enfim. Para acabar de embelezar a paisagem, despenha-se uma cascata, a meia encosta, de uma das montanhas que cercam o vale, e espraia-se no meio da floresta sombria formando prateada toalha.



*Pouso de tropeiros paulistas no caminho de São Paulo a Santos — 1826 —
(Ercílio Florença)*

Depois de descer uma encosta pedregosa e difícil, chegamos à fazenda onde devíamos pousar. Fica situada numa baixada e cercada de bosques e pastagens. Embaixo passa um regato margeado por árvores e arbustos entre os quais se distingue o *pau-dove* [sid], de belos espículos e flores de um amarelo dourado, e o pinheiro do Brasil, com sua forma majestosa e pitoresca. Um filete de água fresca e límpida, desviada do ribeirão, passa em frente à casa do proprietário, que dele se serve. Esta habitação, apesar do pomposo nome de fazenda que se lhe dá, não passa de choupana que pode ser arrolada entre as mais miseráveis de todas onde parei desde o começo de minhas viagens.

O dono deste retiro acolheu-me muito polidamente, antes mesmo de saber que eu viera recomendado pelo seu vigário; mas repetiu-me várias vezes que não sabia como tanta gente, e tão considerável bagagem, caberiam em sua casa. Assegurei-lhe que, com bagagem maior, soubera muitas vezes, arranjar-me em espaço tão pequeno quanto aquele de que dispunha. Não me veria atrapalhado para fazer o mesmo em sua casa. É bem verdade que embora esse homem nos abandonasse a sala tirando-lhe todos os trastes tivemos muito trabalho para ali nos alojarmos. Choveu toda a noite e receio bem ter de renunciar ao projeto de subir ao Papagaio.

Enquanto trabalho, as mulheres, segundo o hábito de Minas, intrometem o nariz pela porta adentro para verem o que faço. Se me volto bruscamente, percebo ainda um pedaço de rosto que se adiantara e retira-se apressadamente. Isto que aqui digo, precisaria repeti-lo em cada folha deste diário, pois mais ou menos diariamente ocorre esta comediazinha.

Serra de Juruoca, 8 de março – Choveu muito ontem à noite; restam-me poucas esperanças de poder subir hoje ao Papagaio. Esta manhã estava o tempo muito enfarruscado; entretanto ousei pôr-me em marcha e gozei do melhor tempo possível. Nuvens quase sempre escondiam o sol, mas não tivemos o menor chuvisqueiro.

Para dar idéia exata do trajeto de hoje devo justificar uma omissão ontem feita. Deveria ter dito que, pouco depois de sair de Juruoca, percebemos o que se chama a serra do Papagaio. É uma montanha muito alta que, do lado da cidade, parece inacessível e apresenta quatro

cumes arredondados, mais ou menos iguais, colocados na mesma linha, uns atrás dos outros e aos quais se unem outras montanhas.

Para ir ao Papagaio, montei na minha besta, levei comigo José que também estava a cavalo. Nosso hospedeiro, a pé, servia-nos de guia. Logo depois de deixar sua casa começamos a subir e alcançamos vastas pastagens, pontuadas de capões de mata, cortadas por vales profundos e dominadas por altas montanhas. Avistamos de uma vez duas cachoeiras; a mais afastada espraia-se no meio de mato espesso, na encosta de alta montanha. A outra precipita-se em despenhadeiro estreito e profundo, guarnecido de árvores. Apresenta volume d'água muito mais considerável que a primeira, e tem, segundo o que me assegurou meu hospedeiro, cerca de cinquenta *côvados* (33m). Mas, do ponto que estávamos dela pouco víamos, pois o resto ficava escondido pela barranqueira.

Continuando a marcha, chegamos ao rio de Juruoca, que nasce na montanha vizinha, e neste lugar corre sobre leito de rochedos muito escorregadios. Disse-me o guia que várias vacas haviam perecido ao tentar atravessá-lo a vau.

Persuadiu-me que apeasse e levou-me nos braços. Subindo sempre, atravessamos férteis pastagens onde pastam vacas que dão o mais gordo leite. Até o rio Juruoca encontrara apenas vegetação pouco variada e plantas que crescem em geral, na parte baixa das grandes montanhas da Capitania de Minas, como as melastomáceas, que já citei.

Começou minha colheita, quando passamos o rio; tornou-se cada vez mais bela à medida que fomos subindo. Tivera ocasião de reparar que o pinheiro do Brasil deixa de ocorrer acima das altitudes médias, e o passeio de hoje acabou provando a veracidade desta observação; pois não me lembro de ter encontrado, acima da casa de meu hospedeiro, nenhuma árvore desta espécie.

Chegando a um bosque de vegetação medíocre, achamo-lo por tal forma atravancado de arbustos e cipós que foi preciso ao nosso guia abrir-nos caminho com o facão de caça. Ao sair do mato comecei encontrando as mais belas plantas desta herborização, uma labiada cujas flores têm absolutamente o gosto e o cheiro da hortelã "Pouliot", uma composta labiatiflórea que cresce, como a precedente, à entrada dos bosques, e pelas belas flores alaranjadas mereceria ser cultivada nos jardins, uma linha escrofulariácea, de flores cor-de-rosa, comum nos pastos, uma

mirtácea cujos ramos se agrupam emboladamente e cujas flores exalam o mais suave perfume.

Para lá do bosque de que acabo de falar, atravessamos terrenos pantanosos e alcançamos um dos pontos mais altos da serra. Percorremos, ainda uma vez, magníficos pastos, e afinal atingimos, entre todos os quatro cumes da serra do Papagaio, aquele que nos parecia o mais afastado, quando vínhamos de Juruoca.

Há divergências sobre os nomes que é preciso dar a todas estas montanhas. Entretanto, em geral, chamam-se aos quatro cumes serra do Papagaio e o mais distante é o Papagaio. Quanto às montanhas vizinhas que se unem chamam-na região simplesmente da serra. Mas para distingui-las de tantas outras, parece conveniente, como o fazem algumas pessoas, designá-las sob a denominação da serra da Juruoca.

Segundo me disse o guia, havia antigamente muito mais gado nestes pastos elevados, cujos proprietários eram obrigados, algumas vezes a procurar as vacas desgarradas até na serra do Papagaio. Já havia dez anos porém que ninguém mais ali subira. Amarrados os burros, subimos ao pico mais distante, rochedo nu, absolutamente a pique, e de altura considerável sobre o Juruoca e sobre os campos que acabávamos de percorrer.

Ao descer deste pico, pelo lado oposto ao que subíramos, atravessamos carrascais que não chegam à altura de um homem e principalmente compostos de uma verbácea, de compósitas, etc. Como o segundo pico é inacessível, foi-nos necessário contorná-lo andando a meia encosta a fim de alcançarmos o terceiro.

Ali topamos mato muito cerrado onde o guia foi ainda obrigado a abrir caminho a facão de caça. Nesta mata encontrei a *congonha* de pequenas folhas e uma orquídea gigantesca. Depois de sair, principiamos a fazer a ascensão do terceiro cume, andando entre carrascos e espinhos. Ali achei, com abundância, uma ericínia, cujo fruto é bastante agradável. O cume do morro é um rochedo, mas por entre suas fendas crescem em grande quantidade uma liliácea e uma tilanósia.

A pouca distância da casa de nosso guia, começamos a descortinar grande extensão de terreno e o horizonte se alargou à medida que subíamos; mas em lugar algum gozamos de vista tão bela quanto no terceiro morro.

A serra do Papagaio avança, como já contei, para o nordeste; avistávamos de um lado as campinas descobertas e onduladas que acabávamos de percorrer, a serra de Carrancas que parece acabar por plataforma perfeitamente nivelada; e por fim, quase na raiz da montanha, a cidade de Juruoca, o rio do mesmo nome que aparecia, por intervalos, cercado do mato que o margeia.

Do lado oposto, oferece a vista caráter inteiramente diverso; é austera e selvagem; tem-se as altas montanhas da Mantiqueira ante os olhos. São profundos vales, cumes escarpados, florestas majestosas no meio das quais três belas cachoeiras espadanam obliquamente num lençol prateado, contrastando com as cores escuras das árvores que as cercam. Diante do terceiro morro, fica o que tem o nome de Papagaio propriamente dito. Une-se à base do terceiro morro e dele está apenas separado por precipício muito estreito; mas além disto fica isolado de todos os lados e alça-se a pique, a enorme altura. Meu guia explicou-me que, a muito custo, descera o despenhadeiro; subira quase até a terça parte do morro, mas nunca conseguira alcançar o pico.

Como ninguém ainda logrou maior êxito, a imaginação do povo deu-se largas a propósito desta montanha. Uns colocavam-lhe no alto grande lago, outros ali fazem brilhar fogos nas noites de verão, outros por fim pretendem que o Diabo ali foi acorrentado por um santo sacerdote por ocasião da descoberta da zona. O que parece certo é que mais ou menos a um terço da altura do pico, a começar do cume, escapa-se bela cascata; mas não pude verificar o fato pessoalmente. Até o alto da montanha fizera soberba colheita de plantas; na volta, recolhi algumas que me haviam escapado e só cheguei à casa à noite.

Entre as plantas interessantes que crescem na serra de Juruoca não devo esquecer uma que nasce muito abundantemente na serra de Ibitipoca. É uma ericínia subarbusto de flores brancas e frutos matizados de verde e vermelho do tamanho de uma groselha, que lembram o gosto do morango. Chamam-na *andurinha* [sic] em Ibitipoca e *imbiri* na serra de Juruoca. Nestas últimas montanhas encontram-se duas espécies de imbiri cujo fruto tem o mesmo sabor.

Serra da Juruoca, 9 de março, 1 légua e meia – Como colhi na serra do Papagaio grande número de plantas interessantes que não encontrara, até agora, em nenhum outro ponto do Brasil, tomei a resolução de fazer

curta caminhada. Durante um trecho de caminho, serviu-me o meu hospedeiro de guia. Atravessamos a princípio um mato onde os burros tiveram grande dificuldade em se livrar de vários atoleiros. Entramos depois nos campos. A região que cortávamos é muito montanhosa e oferece uma alternativa de matas e pastagens.

Ao terminar a caminhada alcançamos belo vale onde serpenteia pequeno rio e onde majestosos pinheiros se agrupam de maneira pitoresca entre algumas choças. Devíamos pedir hospedagem a um capitão de milícias cuja casa fica situada à margem do rio, mas como este cessasse de dar vau depois das chuvas, não o atravessaremos senão amanhã cedo pousando na casinhola de pobre mulher cujo marido está ausente.

Sua casa e roupas, e as dos filhos, só revelam a indigência; mas creio que nas províncias do centro da França, uma casa, igualmente pobre, se apresentaria menos suja. Não o seria tanto, também em outras partes desta capitania. Mas se tive muito que me queixar do desasseio de minha hospedeira, só posso gabar-lhe a amabilidade. Nossos camponeses da França prestam também serviços, com a melhor boa-vontade do mundo; mas sabem que serão recompensados; tudo calculam e põem preço às menores coisas, mesmo por um quarto de hora de trabalho. Aqui, o pessoal menos rico dá e serve sem pensar que tem direito a qualquer retribuição; se se lhes oferece alguma parecem espantados e fazem novos presentes para provar o reconhecimento.

Santa Maria de Baependi, 10 de março, 4 léguas e meia – José e Firmiano transportaram toda a minha bagagem às costas para o outro lado do rio, e só lá carregaram os burros. A região que percorremos hoje é montanhosa e muito mais coberta de mata do que a que se estende entre S. João d'el-Rei e Juruoca. Constantemente é o terreno pedregoso e muito áspero. No meio do caminho, mais ou menos, atravessamos uma espécie de aldeiazinha, que se chama *Rego d'Água*. Nada tem de notável e compõe-se unicamente de algumas casinholas esparsas e construídas numa baixada, à beira de um riacho.

Depois do Rego d'Água, o aspecto da região muda pouco a pouco e torna-se mais austero. São os campos menos risonhos e de verdura mais escura; por fim a majestosa e sombria araucária, esparsa entre a mataria, lembra um pouco os Campos Gerais.

Perto de Baependi, encontramos o rio do mesmo nome. Margeamo-lo durante algum tempo e depois de o atravessar, numa ponte de madeira, avistamos a cidade. Fica situada à encosta de uma colina pouco elevada e compõe-se de várias ruas desiguais e irregulares. As casas que as margeiam são em geral muito pequenas, e estão longe de atestar opulência. A igreja, construída numa praça pública, nada tem de notável.

Hospedei-me numa estalagem que, semelhante às de várias cidades do interior, compõe-se de muitos quatinhos quadrados, uns ao lado dos outros. Não se comunicam e têm entrada pela rua. Não possuem geralmente mais que uma ou duas camas de madeira; ali se faz fogo como nos ranchos. O dono do hotel nada cobra pelo aluguel do quarto, mas tira lucro do que vende aos viajantes e pela retribuição do pasto fechado onde se soltam os animais.

Encontrei aqui D. Gloriana, mulher do capitão Merelis [*sic*] proprietário de Itanguá. Como estivesse muito endividada deixou sua terra e veio estabelecer-se nesta cidade, onde casara uma das filhas. Vendo-me passar na rua chamou-me e encheu-me de gentilezas.

.....

Capítulo IV

FAZENDA DE PARACATU – CULTURA DO FUMO – POUSO ALTO – CASA DO CAPITÃO MIGUEL PEREIRA – CÓRREGO FUNDO – LINDA REGIÃO – REGISTRO DA MANTIQUEIRA – VISITA ÀS MALAS – FIRMIANO DOENTE – MATA VIRGEM – CAMINHOS HORRÍVEIS PARA DESCER A SERRA – RAIZ DA SERRA – PORTO DA CACHOEIRA – CULTURA DE CAFÉ E CANA-DE-AÇÚCAR – PASSAGEM DO PARAÍBA – BIFURCAMENTO DO CAMINHO PARA S. PAULO E RIO DE JANEIRO – RANCHO DAS CANOAS – VILA DE GUARATINGUETÁ – RIO S. GONÇALO – RIO DAS MORTES – MULHERES QUE VÃO À MISSA – N. S. DA APARECIDA – CAPELA DO ROSÁRIO – MAGNÍFICO CAMINHO – CAMPOS DE INHÁ MOÇA – MATAS VIRGENS – PINDAMONHANGABA – VILA DE TAUBATÉ.

F

azenda de Paracatu, 11 de março, 2 léguas – Logo que cheguei a Baependi, pus-me a analisar plantas, e no mesmo momento ficou minha porta apinhada de curiosos a quem fui obrigado muitas vezes a pedir um pouco de luz. Todos faziam conjecturas sobre o fim de meus trabalhos, mas aquela que geralmente aqui, como aliás em outros lugares, reuniu maior número de sufrágios foi que minhas plantas se destinam a servir de padrões novos para chitas.

Contava ir de Baependi à cidade da Campanha, mas, como me asseguravam que seria prolongar muito o trajeto, deliberei seguir o

caminho mais curto que é o de passar pelo Registro da Mantiqueira e alcançar a estrada Rio de Janeiro-São Paulo. Assim passarei duas vezes pelos mesmos lugares; mas a única coisa em que hoje me empenho é abreviar esta viagem e voltar o mais cedo possível ao Rio de Janeiro. Diversas compras que precisei fazer na cidade obrigaram-me a partir muito tarde e só pude fazer hoje duas léguas.

Para aqui chegarmos atravessamos região montanhosa cortada de vales profundos e cobertos de mata no meio da qual se distingue sempre a araucária. Foi o calor muito forte e cansou-nos muito. É sempre menos intenso nos campos onde o ar circula livremente, enquanto nas florestas fica interceptado pelas montanhas e árvores elevadas.

Não encontro aqui a majestade das grandes matas virgens e não posso sopitar as saudades daquelas belas campinas percorridas entre S. João e Juruoca, onde descortinávamos quase sempre horizontes tão extensos, onde o ar era tão puro e eu recolhia tantas plantas belas. O dono da casa alojou-nos num quarto pelo qual é preciso passar-se para se ir à sala. Como as galinhas e porcos passeiam em plena liberdade por este cômodo, ali fomos quase devorados pelas pulgas e bichos-de-pé.

Disse que a principal ocupação dos proprietários nas regiões que percorri entre São João e Juruoca era a criação de animais. Entretanto principia-se a cultivar um pouco de fumo nas imediações de Carrancas; planta-se igualmente nas de Juruoca; mas perto de Baependi e da cidade de Pouso Alto, onde dormirei amanhã, quase todos se entregam a esta cultura que dá lugar a comércio muito importante entre esta região e o Rio de Janeiro.

Calcula-se a riqueza dos proprietários pela quantidade de pés de fumo que plantam anualmente e alguns há que chegam a 60.000. A área que comporta um alqueire de milho pode conter 20.000 pés de fumo. Semeia-se esta planta em agosto, setembro e outubro, em malhadas preparadas e esterçadas e transplantam-se as mudas em dezembro e janeiro numa terra antes coberta de mato que se queimou e onde se teve o cuidado de não deixar subsistir ramagem alguma. Vi vários fumantes e, malgrado o que dizem os cultivadores, notei-lhes a deficiência dos métodos do plantio.

Dá-se às plantas feitio antes da colheita cortam-se-lhes as pontas e os galhos nascidos à ilharga das folhas e colhem-se estas quando

começam a amarelar. Tem-se por hábito plantar milho nas terras que, no ano precedente, produziram fumo, e em seguida deixa-se que repousem durante dois ou três anos. Entretanto, assegura-se que a mesma terra poderia, sem inconveniente, produzir muitas vezes seguidas.

Pouso Alto, 12 de março, 4 léguas – A região continua montanhosa, cortada de vales profundos e cobertos de mata, no meio da qual se destaca sempre o pinheiro do Brasil. Passamos diante de um número bastante grande de casas e fazendas assaz consideráveis. Posso citar entre elas a do capitão Miguel Pereira, cujas benfeitorias, muito consideráveis, apresentam regularidade muito rara neste país.

Paramos na cidade de Pouso Alto, sede de comarca. Está construída em anfiteatro, no declive de uma colina, e representa como que uma pirâmide cuja igreja forma o vértice. A colina avança entre duas montanhas cobertas de mata e ao seu sopé corre um riacho num valezinho.

Enviara eu José à frente ordenando-lhe que mostrasse meus passaportes ao comandante, e com ordem de lhe pedir algum pequeno pouso para ali pernoitar. Voltou e disse-me que o comandante estava na roça e a ninguém deixara que o substituísse. O vigário, a quem apresentara os meus papéis, ficara-se depois de os devolver. Fomos então obrigados a procurar um canto, em pequena venda, onde me deram uma sala imunda e cheia de pulgas. À noite fomos testemunhas de grande rixa entre mulatos.

As cidades, como já o disse, são apenas povoadas, durante a semana, pela mais vil canalha; alguns artifices, em sua maioria homens de cor, mandriões e rameiras.

Córrego Fundo, 3 de março, 3 léguas – Caminho sempre montanhoso e coberto de mata. Passamos diante de várias fazendas e atravessamos alguns rios que correm em leito de pedregulhos. Devíamos pernoitar numa fazenda, chamada Córrego Fundo, pertencente a um homem muito rico.

Estávamos muito perto desta habitação, quando José foi a uma casinhola construída à beira da estrada perguntar qual seria o caminho. O homem a quem consultou é um suíço que, há cinco anos, tem como ofício mascatear nesta parte da província de minas. Informou-nos que seríamos provavelmente muito mal recebidos na fazenda Córrego

Fundo e persuadiu-nos a parar em casa de quem o hospedara. O fazendeiro em questão, com efeito, acolheu-nos muito bem e convidou-me mesmo para com ele cear. Recolhera no Papagaio tal quantidade de plantas que ainda não acabara de examiná-las, embora trabalhasse sem descanso.

Desde que deixei esta serra recolhi muito poucas plantas nos primeiros dias a fim de pôr-me em dia. E atualmente como meu burro esteja ferido, sou obrigado a andar quase sempre a pé. Não me fiando na experiência de minha gente não quero ser retardatário.

Registro da Mantiqueira, 14 de março, 3 léguas – Desde que viajo na capitania de Minas, talvez nada visse de mais belo do que a região hoje atravessada.

Seguimos um vale bastante largo, cercado de montanhas pitorescas e coberto de árvores, no meio das quais se destaca sempre a majestosa araucária. Este vale é regado por um rio que dá mil voltas e pelo qual passa quatro vezes para chegar aqui, donde lhe vem o nome de Passa-Quatro. Suas margens apresentam, alternadamente, pastos, capões de mata pouco elevados, terrenos cultivados entre os quais se vê de distância em distância grupos de pinheiros.

Pequenas casas ainda acrescentam nova variedade à paisagem. À nossa frente tínhamos a serra da Mantiqueira, a cujos cumes, bastante diferentes pelo formato, veste sombria floresta. Nada melhor lembra os vales da Suíça do que este de que acabo de fazer a descrição.

O Registro da Mantiqueira foi colocado mesmo na raiz da serra e compõe-se da casa da barreira, ocupada pela repartição, e dum rancho, no qual fica a balança onde se pesam as mercadorias vindas do Rio de Janeiro. Estas construções estão colocadas em torno de grande pátio fechado do lado da montanha por uma porta de madeira. Como existe o projeto de se mudar o traçado da estrada, não se fez, desde algum tempo, a menor reparação nas casas do Registro que estão, atualmente, quando muito, habitáveis.

O destacamento aqui estacionado compõe-se geralmente de soldados do regimento de linha da capitania de Minas; mas, como enviaram ao Rio de Janeiro uma parte do corpo, aqui ficaram, somente, milicianos, comandados por um inferior pertencente ao regimento.

Ao chegar, apresentei-lhe o passaporte, recebeu-me polidamente, mas logo depois me falou em vistoria da bagagem. Disse-lhe que nos seis anos em que já viajava no Brasil, sempre me haviam poupado tal formalidade; era-me inteiramente indiferente que se me abrissem as malas, mas, portador de uma portaria do Príncipe dando-me o direito de passar livremente por toda a parte, era de meu dever reclamar contra qualquer violação do privilégio honroso que me fora concedido.

O comandante respondeu-me que não poderia, sem se comprometer, eximir-se da vistoria, mas esta não seria severa. Como me falasse com extrema polidez e parecia fazer-me um pedido, não mais insisti. Deu-me um quarto vizinho ao seu; uma varanda para a carga e bagagem, e um quarto abandonado para cozinhar.

Quando puseram no quarto as minhas malas, entrou só; abriu duas ou três delas a que deu a mais sumária vista d'olhos e nada me pediu. Depois me disse que a população do Brasil aumentara muito, e que os meios de comunicação entre uma e outra província se haviam multiplicado, cessando a vistoria dos registros de preencher seus fins. É ela vexatória para as pessoas de bem; os contrabandistas acham meios de se subtraírem e chega ao Rio de Janeiro muito mais ouro em pó do que o fundido nas intendências.

Registro da Mantiqueira, 15 de março – O tempo esteve horrível todo o dia e, como me disseram que a passagem da serra torna-se extremamente perigosa quando chove, deliberei aqui ficar.

Apesar da chuva, várias tropas que haviam tomado lugar ontem à noite no rancho puseram-se a caminho esta manhã.

Pertencem a ricos particulares da vizinhança e levam fumo ao Rio de Janeiro. Um dos proprietários dessas tropas possui 300.000 cruzados, e entretanto seus filhos tangem os burros. Nas comarcas de Sabará e Serro Frio, os pais fazem, muitas vezes, grandes sacrifícios para dar alguma educação aos filhos; nesta de São João, liga-se muito menos importância à instrução. Isto provém de que os homens mais ricos desta região, como por exemplo este que acabo de citar, são europeus, que nas suas pátrias, pertenciam às mais baixas classes da sociedade e nada aprenderam.

A ignorância não os impediu de enriquecer, e gozam da consideração que se prende ao dinheiro. Não devem, por conseguinte,

sentir a utilidade da educação para os filhos. Os proprietários ricos daqui têm mais ou menos o mesmo gênero de negócios que os de Minas Novas. Vão procurar negros no Rio de Janeiro; revendem-nos a longo prazo aos cultivadores menos abastados, aceitam fumo em troca e ganham assim muitas vezes o valor de seu capital.

Registro da Mantiqueira, 16 de março – Continua uma chuva horrível. À noite Firmiano queixou-se de doente, e com efeito estava ardendo, muito vermelho e com muita febre. Vejo que sou obrigado a administrar-lhe amanhã um vomitório e portanto precisarei ficar aqui alguns dias. Um prolongamento de estada no Brasil permite-me a reparação de algumas perdas que tive no meu herbário; mas decidido como estou a embarcar este ano para a França devo desejar partir o mais cedo possível, a fim de não chegar no tempo do frio de que me desabituei.

Registro da Mantiqueira, 17 de março – Firmiano tomou um vomitório; não se queixa mais tanto de dor de cabeça, mas não cessa de ter febre; está sempre ardendo e receio muito que sua doença seja uma febre maligna. O tempo continua abominável; todos asseguram que a serra deve estar perigosíssima e desespero-me por não ter passado pela cidade da Campanha.

Registro da Mantiqueira, 18 de março – Firmiano não está ainda bem e o tempo continua horrível.

Registro da Mantiqueira, 19 de março – O tempo está esplêndido. Firmiano vai muito melhor, e amanhã, se ele tiver forças, pôr-me-ei a caminho. Minha estada aqui me encheu de tristeza e é bem necessário que parta para que as distrações da viagem dissipem um pouco as apreensões e a melancolia.

Pé da Serra, 20 de março, 2 léguas e meia – O tempo estava magnífico quando nós levantamos. Firmiano assegurou-me que tinha bastante força para atravessar a serra e pusemo-nos a caminho. O comandante do Registro prometera-me um de seus soldados para acompanhar-me e ajudar José; mas como este homem não tivesse voltado ainda esta manhã de uma ausência que seu superior lhe permitira, partimos sós.

Para passar escolhemos uma espécie de desfiladeiro onde de todos os lados vêem-se montanhas muito mais elevadas do que as que são preciso subir e descer. Não cessam as matas virgens, mas avistam-se cumes cobertos por vegetação mais simples, carrascais e mesmo pastos.

Uma cruz de madeira indica o limite entre a capitania de Minas e a de São Paulo. Até lá se sobe sempre e o caminho é bastante bonito. Mas quando é preciso descer torna-se medonho. Não me lembro ter visto pior, desde que estou no Brasil. Quase sempre é de aspereza extrema; caminho estreito e profundo, coberto de pedras arredondadas que rolam sob os pés dos muars. Os ossos esparsos de vários destes animais provam que apesar da sua extrema firmeza parecem muitos nesta montanha. Algumas vezes estas pobres alimárias são obrigadas a saltos bastante altos; muito freqüentemente afundam-se em lama espessa sob a qual encontram ainda pedregulhos arredondados; várias vezes, é preciso que atravessem buracos onde correm o risco de escorregar e cair.

Desci a montanha a pé e isto não sem cansaço. Como em toda a mata virgem encontrei poucas plantas floridas.

O pequeno Pedro estava comigo e mostrou uma amabilidade extrema. Esta criança está se tornando um pouco liberdosa, mas eu talhe perdôo devido a seu bom humor, à gentileza e desejo que tem de se tornar agradável. Ontem vi-me atrapalhado para passar um pântano; enquanto arranjava uma planta, fez-me uma pontezinha de pedaços de pau e galhos. Hoje, ao encontrarmos um riacho tomou, por iniciativa própria, a rédea de minha mula e a fez passar por lugares menos difíceis. De todos os que me acompanham, ninguém tem para comigo tantas atenções quanto ele.

Logo que se começa a descer a montanha, goza-se, por intervalos, de vista muito dilatada. A região, descortinada, é cheia de mata, bastante igual e limitada por uma cadeia, a que corre mais perto do mar e a este paralela.

Muito tempo antes de se alcançar a raiz da serra, passa-se por uma casinhola. Aquela onde paramos é a primeira que se vê logo em seguida. Deram-nos pousada numa construção meio desabrigada mas nada temos que nos queixar, pois o nosso hospedeiro não está nada melhor instalado, embora possua negros e mesmo até um engenho de açúcar.

É de notar que descemos hoje muito mais do que subimos ontem, o que prova que a região de Minas que acabamos de percorrer é muito mais alta do que aquela onde estamos atualmente. Se precisássemos de outra prova, haveríamos de a encontrar na diferença das produções,

pois o café e a cana não dão bem do outro lado da serra e são as plantas que deste lado se cultivam com o maior êxito.

Porto da Cachoeira, 21 de março, 4 léguas – Toda a região percorrida hoje está cheia de mata e tem terra geralmente muito boa. Vê-se à beira do caminho um número bastante considerável de casas e muita terra cultivada, mas muito poucas habitações de certa importância. A cerca de légua e meia daqui passamos por uma aldeola chamada Imbanha e onde existe uma capela dependente da matriz de Lorena. Na primeira légua que fizemos, o terreno era bastante igual e a mata não tinha grande vigor.

À medida que nos aproximávamos daqui tornou-se o terreno mais montanhoso e a mataria mais vigorosa. Encontrei, geralmente, muito pouca vegetação florida e quase unicamente espécies vulgares de perto do Rio de Janeiro e em outras regiões de matas virgens pouco corpulentas. Nos morros descortinávamos todo o território que se estende entre a cadeia marítima e a serra da Mantiqueira, região que forma uma espécie de bacia entre as duas cadeias.

A cana-de-açúcar e o café são os dois produtos que mais se cultivam nesta comarca. Vêem-se engenhos de açúcar mesmo perto de casas que não indicam senão a indigência. Paramos num arraial situado à margem do Paraíba e chamado Porto da Cachoeira. Para poder fazer amanhã maior caminhada quis atravessar o rio esta noite, mas esta passagem nada tem de difícil e realiza-se em muito pouco tempo. Fizemos uma balsa com três grandes canoas ajoujadas e sobre as quais colocamos tabuado rodeado por um parapeito de madeira. Oito burros carregados e várias pessoas podem atravessar na mesma viagem em tal balsa. Minhas portarias ainda desta vez isentaram-me do pedágio.

Rancho das Canoas, 22 de março, 1 légua e meia – É difícil ver-se algo mais bonito do que a posição do Porto da Cachoeira. Esta vila foi construída à beira do Paraíba, sobre o declive de uma colina no alto da qual fica a igreja.

O Paraíba poderá aqui ter a mesma largura que o Loiret diante de Plissay. Corre com lentidão e majestade. À esquerda da colina onde fica situada a cidade, existe outra, coberta ainda de mata virgem, e acima dela, à beira do mesmo rio, algumas cabanas esparsas, entremeadas de cerrados grupos de bananeiras e laranjeiras. A terceira colina eleva-se

à esquerda da cidade. Era antigamente, como a primeira, coberta de mata, dela se cortou parte. Substituíram-na por engenho e plantações.

Quando se atravessa o rio avista-se em conjunto o que acabo de descrever, vê-se além disso, ao longe, a serra da Mantiqueira, cortada por imensas florestas e a gente não pode cansar-se de contemplar uma paisagem que tem, ao mesmo tempo, algo de risonho e majestoso.

A vila da Cachoeira compõe-se apenas de uma dezena de casas e não passa de distrito da vila de Lorena. Ali se encontram algumas lojas e vários ranchos. Os ferradores são bastante numerosos, seu trabalho tem muita reputação na região. A cidade de Cachoeira é lugar de passagem de todas as tropas que ao Rio de Janeiro vão de Baependi e suas redondezas; partem para a capital carregadas de fumo e voltam cheias de sal.

Raro o dia em que não passam algumas pela Mantiqueira e, por conseguinte, pela vila da Cachoeira. Só ontem encontramos três ou quatro.

A meio quarto de légua, escasso da Cachoeira, o caminho bifurca-se; tomando-se a direita vai-se ao Rio de Janeiro; passando à esquerda marcha-se para São Paulo. A região que atravessamos é arenosa, muito igual e coberta de matas.

Estava o tempo encoberto quando partimos e logo caiu chuva muito forte. Abrigamo-nos sob um rancho isolado que se construiu, não sei para que fim, a alguns tiros de besta da estrada, e ali fiz descarregar as malas. Em toda a volta do rancho ficam capoeiras, quase que completamente cobertas de goiabeiras, mirtáceas que se encontram em grande quantidade em outras capoeiras, nas partes baixas e úmidas na região das matas virgens, como por exemplo perto do Rio de Janeiro.

Vila de Guaratinguetá, 23 de março, 5 léguas – Continuamos percorrendo região muito uniforme e geralmente arenosa. Até a vila de Lorena, que fica situada a três léguas de Cachoeira, o terreno, à direita da estrada, é baixo e pantanoso e não oferece, em geral, senão vegetação bastante magra, semelhante à dos brejos da freguesia de Santo Antônio de Jacutinga. Vêem-se igualmente árvores e arbustos pouco folhudos, de hastes finas, e ramos pouco desenvolvidos. Não é esta a única relação existente entre esta região e os arredores do Rio de Janeiro.

A vegetação aqui é quase a mesma, nas menores minúcias. Também são o açúcar, café, e mandioca o que mais se cultiva por cá; o caminho enfim parece-se muito com aquele que se atravessa para se ir do mar às montanhas. A vista não é mais a dos campos, nada nele lembra a majestade das grandes matas virgens; mas é a um tempo extensa e risonha e as montanhas, que de todos os lados limitam o horizonte, dão variedade à paisagem. Atrás de nós tínhamos a serra da Mantiqueira e à frente a da Quebra-Cangalha por nós divisada desde que deixáramos o Registro. Não passa de contraforte da grande cadeia paralela ao mar. Assim, o terreno que percorrerei é uma grande bacia entre duas grandes cordilheiras.

A vila de Lorena fica situada à margem do Paraíba, à extremidade da região plana e pantanosa que acabo de descrever. É pouco avultada mas tem posição risonha. As ruas que a compõem são muito menos largas do que as das cidades e aldeias da capitania de Minas; ficam-lhes as casas apertadas umas às outras. Em geral não caiadas, pequenas, apenas têm um pavimento, mas são bem tratadas e o seu exterior apresenta um ar de asseio que agrada.

Na principal rua, que atravessamos, em todo o seu comprimento, vêem-se várias lojas bem sortidas, e entre elas notei algumas de latoeiros, o que é muito raro na capitania de Minas. A igreja paroquial forma um dos lados da pequena praça quadrada. Em outra praça irregular, e ainda menor que a primeira, fica a segunda igreja dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Esta foi a única que visitei. Não tem dourados como as igrejas de Minas, e unicamente se adorna de pinturas bastante grosseiras.

Em frente à igreja do Rosário fica o paço municipal, pequena construção de um só andar, mas muito limpa, cujo rés-do-chão é, segundo o costume geral do Brasil, ocupado pela cadeia.

Entre Lorena e Guaratinguetá o terreno mostra-se menos uniforme e as matas têm algum vigor, o que se enquadra na regra geral a se estabelecer a respeito da vegetação do Brasil. Desde o lugar de onde partimos até aqui, viam-se muitas casas, à direita e esquerda do caminho. Várias têm um engenho de açúcar, e não existe uma só de dois andares. A maioria assemelha-se às dos mais pobres agregados da capitania de Minas. Todas as vezes que lhes deitei os olhos ao inteiro, vi uma rede

suspensa e algumas pessoas dentro. O uso da rede, quase desconhecido na capitania de Minas, é muito espalhado na de São Paulo a exemplo dos hábitos dos índios, outrora numerosos nesta região. Já tive muitas vezes a ocasião de notar que, por toda parte onde existiram índios, os europeus, destruindo-os, adotaram vários de seus costumes e lhes tomaram muitas palavras da língua. Se os mineiros têm grande superioridade sobre o resto dos brasileiros, isto provém, certamente, de que pouco se misturaram com os índios.

A mais ou menos meia légua de Guaratinguetá, começa a ser avistada uma torre da sua igreja paroquial. À paisagem ainda embelezam algumas abertas sobre o Paraíba que serpeia no campo.

Guaratinguetá fica situada a algumas centenas de passos do rio numa colina de pequena altura, dominada por outras. Esta vilazinha é muito mais comprida do que larga, suas ruas são estreitas se as comparamos às das cidades e aldeias da capitania de Minas. As casas, pequenas na maioria, não são caiadas e só ao rés-do-chão têm rótulas muito apertadas que, segundo o hábito antigo, levantam-se de alto a baixo, guarneecendo janelas e portas.

Vendas bem sortidas indicam que esta cidade faz algum comércio, mas como a maioria das casas, hoje, que é dia útil, está fechada, presumo que pertençam a cultivadores que não as habitam senão nos domingos e dias de festa.

A igreja paroquial é grande e nela se vêem três altares bem ornamentados, mas conta apenas uma torre, não é forrada, e a nave não tem janelas, sendo, por conseguinte, escura.

Contam-se em Guaratinguetá duas outras igrejas, a de São Gonçalo e a do Rosário. Mas tão pequenas que não merecem especial menção.

Ao entrar na cidade quando se vem do Rio de Janeiro, transpõe-se numa ponte de madeira um riacho afluente do Paraíba, chamado de S. Gonçalo. Do lado oposto atravessa-se outro ribeirão rio dos Mortos [sic] e assim a parte mais considerável da cidade fica entre estes dois rios. A Casa da Câmara, que ainda não está acabada, ocupa um dos lados de pequena praça quadrada situada na parte mais baixa da cidade. É neste mesmo largo que desemboca a única rua que vai dar ao rio, marginalizada pelas mais miseráveis choupanas. Não me pareceu habitada senão por

mulheres de má vida. À margem do Paraíba há grande rancho onde a gente pode abrigar-se.

Durante muito tempo só existiram canoas para se atravessar o rio, mas acabam de lançar uma balsa semelhante à do Porto da Cachoeira. Aqui o rio é um pouco menos largo do que nesta última vila e a vista do porto está longe de ser tão agradável quanto ali; canoas descem de Mogi das Cruzes [sic] até aqui trazendo tábua, toucinho e diversas mercadorias. As canoas podem ainda descer daqui a Lorena. Desta cidade a Lorena a navegação já se torna difícil e abaixo desta aldeia fica cortada por freqüentes catadupas.

Os víveres são em geral aqui vendidos por preços extremamente módicos; mas o que prova quanto esta região é pouco cultivada é que a passagem da Legião de São Paulo foi suficiente para a esfomear. As mercadorias estão atualmente muito raras e muito caras e não pudemos conseguir hoje nem milho, nem arroz, nem farinha.

Em Cachoeira passamos por privação idêntica e a passagem da Legião é ainda o motivo que ali dão da penúria reinante. Já que vocês não têm feijão, nem toucinho, nem farinha, que comem então? – perguntou José a alguns habitantes da vila. Responderam-lhe que viviam de bananas, goiabas, e peixe quando podiam pescar. Como ao lhe contestarem ficavam todos espantados da pergunta, parece claro que neste lugar muita gente vive da maneira mais miserável, mesmo quando por ali nenhuma tropa transita.

Campo de Inhá Moça, 24 de março, 5 léguas – Passamos a noite num rancho situado à extremidade da vila e dependente de uma venda vizinha.

A região que atravessamos, entre Guaratinguetá e Nossa Senhora da Aparecida, é muito risonha. À esquerda ficam colinas, à direita a estrada domina terrenos baixos e úmidos, no meio dos quais serpeia o Paraíba.

Não se vê uma casa que denuncie bem-estar, mas passa-se sucessivamente, diante de uma infinidade de casinhas, várias delas vendas. Um galho de *cactus opuntia* suspenso da porta as assinala aos viandantes, como em várias províncias da França as tabernas se distinguem graças a um ramo de visco (*gui*) que lhes serve de assinalamento.

É hoje domingo e uma multidão de pessoas concorreu à missa. Alguns homens a cavalo estavam regularmente vestidos. Encontramos um número bastante grande de mulheres montadas e muitas mesmo não estavam acompanhadas por homem algum.

Trajavam, segundo os costumes do país, chapéu de feltro e uma espécie de amazona de pano azul. Raras respondem ao cumprimento que se lhes faz, mantêm-se erectas, não virando a cabeça nem para um lado nem para outro e olham o passante com o “rabo do olho”.

As mulheres pobres andam com as pernas e muitas vezes os pés nus, usam saia e camisa de algodão, e levam aos ombros uma capa ou grande pedaço de pano azul, tendo à cabeça um chapéu de feltro.

Os laivos de sangue indígena distinguem-se menos facilmente nos camponeses desta região do que nos dos arredores de São Paulo e Sorocaba. Entretanto, considerando-os atentamente, reconhece-se que existem muitos dentre eles que não são de raça pura.

Além das pessoas que iam à missa em Guaratinguetá encontramos também negros que para ali conduziam víveres. É a mesma coisa todos os domingos; dia em que a gente do campo envia seus produtos à cidade. Quando José ontem pedia milho, nas vendas, mandavam que voltasse no domingo.

A uma légua pequena de Guaratinguetá, passamos em frente à capela de N. S. da Aparecida. A imagem que ali se adora passa por milagrosa e goza de grande reputação, não só na região como nas partes mais longínquas do Brasil.

Aqui vem ter gente, dizem, de Minas, Goiás e Bahia, cumprir promessas feitas a N. Senhora da Aparecida. A igreja está construída no alto de uma colina, à extremidade de grande praça quadrada e rodeada de casas. Tem duas torres que fazem de campanário, mas seu interior nada apresenta de notável. O que o é realmente vem a ser a vista encantadora desfrutada do alto da colina. Descortina-se região alegre, coberta de mata pouco elevada. O Paraíba ali descreve elegantes sinuosidades, e o horizonte é limitado pela alta cordilheira da Mantiqueira.

A cerca de duas léguas de Nossa Senhora Aparecida, encontra-se à beira do caminho uma capelazinha chamada Capela do Rosário. Apenas merece que dela se faça menção. Depois de passada tal capela

vêm-se muito menos casas. Anda-se, sempre, mais ou menos paralelamente ao Paraíba e de tempos a tempos a gente o divisa através das árvores.

O caminho desde Guaratinguetá aqui é verdadeiramente magnífico e a região tão plana que se viajaria, sem dificuldade, numa berlinda. Depois de Nossa Senhora Aparecida, ou um pouco mais longe, não se encontram mais estas arvorezinhas pouco folhudas de galhos finos, ramos curtos, cascas esbranquiçadas, enfim, essa vegetação dos brejos que já assinalei um destes últimos dias. Em parte alguma surgem matas virgens; é mesmo difícil determinar, por toda a parte, se a vegetação é o resultado do trabalho do homem ou se, em algum lugar, foi sempre tal qual se apresenta hoje. Muitas vezes os arbustos e árvores ficam esparsos entre gramados, como nas capoeiras, freqüentemente pastadas por animais, algumas vezes se avizinham mais uns dos outros. Em espaços consideráveis formam espessos bosques, entremeados de mimosáceas espinhosas, e quando o caminho atravessa tais matos, dir-se-ia circundado por encantadoras sebes. Eu mesmo me enganei e minha imaginação fez nascer plantações de mandioca e cana-de-açúcar atrás dessas pretensas cercas que se parecem de maneira espantosa com as que rodeiam os jardins das redondezas do Rio de Janeiro.

As plantas floridas não são muito freqüentes e pertencem quase todas a espécies florais dos arredores da capital. A verdura não é aqui menos fresca nem menos bela do que nas cercanias do Rio de Janeiro. A bacia que percorremos torna-se menos larga à medida que avançamos, e no lugar em que paramos não passa de um desfiladeiro...

...Como o tempo está soberbo e o caminho perfeitamente uniforme sem pedras nem lama, fazemos caminhadas um pouco mais longas.

Haviam-me indicado o lugar em que parei, como oferecendo alguma comodidade para ali passar a noite, mas apenas encontramos duas miseráveis vendas pertencentes a duas mulheres extremamente pobres e onde nos seria possível colocar a bagagem. Fomos pois obrigados a abrigar-nos numa casinhola começada e em seguida abandonada. Ali estamos muito incomodados pelos animais, cachorros e gatos da vizinhança que procuram roubar-nos as provisões.

Vila de Taubaté, 25 de março, 5 léguas – Encontramos continuamente regatos, mas estes se multiplicaram ainda hoje mais do que nos

dias precedentes. Entre Inhá Moça e Pindamonhangaba, se nos depararam matas incontestavelmente virgens, pois que ali se encontram bambus e cipós; entretanto têm muito menos vigor do que as florestas das regiões montanhosas. São necessárias à vegetação das matas virgens duas condições que nas montanhas coincidem: um abrigo contra o vento e muita umidade.

Embora a bacia que percorro atualmente seja muita chata, reúne entretanto essas mesmas condições, conquanto em menor grau. Entre duas cadeias de montanhas recebe as águas que se escapam de uma e outra e por ambas fica resguardada dos grandes ventos.

Percebe-se entretanto que a evaporação deva ser mais rápida numa região plana do que nos vales estreitos e profundos ou nos flancos das montanhas que os circundam. É muito natural, ao mesmo tempo, que nasça mata nesta região e seja ela menos vigorosa do que nas montanhas.

A cerca de duas léguas de Inhá Moça, o caminho passa ao lado do vilarejo de Pindamonhangaba. Deixei minha tropa seguir à frente e ali estive por alguns instantes.

É pouco importante e apenas consta de uma rua. As casas são baixas, muito pequenas, mas cobertas de telhas, bastante limpas e geralmente bem conservadas. Existem em Pindamonhangaba três igrejas muito pequenas. Entrei na principal e achei-a escura e bastante feia.

Pouco depois de Pindamonhangaba muda a vegetação inteiramente de aspecto. Apresenta pastos naturais. Bem diferentes dos de Minas, compõe-se principalmente de certa gramínea que deve a cor acinzentada aos pêlos que a cobrem. Entre os exemplares desta gramínea, cresce pequeno número de espécies pertencentes a outras famílias.

Não é a primeira vez que vejo pastos semelhantes; são próprios das regiões baixas e um pouco secas onde existe também muito mato. Lembro-me ter visto coisa igual na parte setentrional da capitania de S. Paulo. Depois dos pastos vêm matos e depois, outros pastos. Os dos arredores de Taubaté são úmidos e ali encontrei várias plantas de Minas, particularmente o *hyptis* e a *rubiácea* [sic].

Depois de tudo isto, pode-se dizer que Pindamonhangaba, de algum modo, serve de limite à vegetação da zona fluminense.

Paramos em Taubaté hospedando-nos numa estalagem mantida por uma mulata. Compõe-se, segundo a praxe, de pequenos quartos que não se comunicam uns com os outros e dão para a rua, absolutamente como as celas de um mosteiro abrindo todas para um corredor comum.

.....

Capítulo V

DESCRIÇÃO DE VILA DE TAUBATÉ - ESTALAGEM - JAPEBAÇU - TABOÃO - CARAGUNTA - CAPÃO-GROSSO - RAMOS - PIRACANGAVA - JACAREÍ - PAPEIRA - MESTIÇO INDÍGENA - ÁGUA COMPRIDA - BICHARIA - MOGI DAS CRUZES - O SARGENTO-MOR FRANCISCO DE MELO - INDIFERENÇA POLÍTICA DA POPULAÇÃO - SERRA DO TAPETI - DESCRIÇÃO DA VILA DE MOGI - RIO JUNDIAÍ - O TAIACUPEBA - RIO DE GUAÍÃO [SIC] BREJOS - INHAZINHA - PENHA - BARBA-DE-BODE - BANANA-DO-BREJO - CASA PINTADA - O TIETÊ - A CAPITANIA DE S. PAULO SALVOU O BRASIL - OS IRMÃOS ANDRADA E SILVA - TATUAPÉ - S. PAULO - GUILHERME - O BRIGADEIRO VAZ - O GENERAL OEYNHAUSEN.

P

iracangava, 26 de março, 1 légua e um quarto - A vila de Taubaté é a mais importante de quantas atravessei, desde que entrei na capitania de São Paulo.

Fica situada em terreno plano e tem a forma de um paralelogramo alongado. Consta de cinco ruas longitudinais, todas pouco largas, mas muito limpas e cortadas por várias outras. As casas próximas umas das outras são pequenas, baixas, cobertas de telhas e só têm o rés-do-chão.

Apresenta a maioria a fachada caiada e tem um quintalzinho plantado de bananeiras e cafeeiros.

A igreja paroquial ostenta duas torres, é bem grande e conta cinco altares fora o altar-mor, mas, como as de Guaratinguetá e Pindamonhangaba, não recebe luz pelo lado da nave, sendo por conseguinte muito escura. Além desta igreja existem em Taubaté três outras que, quando muito, merecem o nome de capela.

Ao se chegar do Rio de Janeiro, passa-se diante de um convento, muito grande, pertencente à ordem dos franciscanos. Muito contribui para o embelezamento da cidade. Fica em frente desta e dela separado por grande praça quadrada chamada Campo e coberta de ervas e vassouras.

Como em todas as cidades do interior do Brasil, a maioria das casas fica fechada durante a semana, só sendo habitada nos domingos e dias de festa.

Encontram-se em Taubaté operários de diferentes profissões, várias estalagens, muitas vendas. Entre estas últimas, existem algumas tão mal sortidas que é impossível que o proprietário possa pagar impostos e viver do lucro do que vende. Corre na região que se estes homens de mantêm é pelo ganho auferido dos furtos comprados a escravos.

As terras dos arredores de Taubaté são muito próprias à cultura da cana e do café. Antigamente era a cana o que mais se plantava, mas, depois que o café teve alta considerável, os cultivadores só querem tratar de cafezais.

Contava vencer hoje quatro ou cinco léguas; mas fui obrigado a mandar fazer uma cangalha nova e o seleiro não me trouxe senão às quatro horas. Foi preciso mais de uma hora para a armar e não nos pusemos a caminho senão ao deitar do sol. Tinha grande tentação de ficar na cidade até amanhã; mas uma légua vencida hoje diminuiria a longa caminhada de amanhã; receava aliás, para José, as fadigas da noite.

Estas estalagens do interior não passam de verdadeiros prostíbulos, quer mantidos por mulheres, quer por homens. Neste último caso as rameiras alugam quartos e neles mercadejam os encantos aos viajantes.

Quando não existe nenhuma destas desgraçadas no hotel, acha-se o dono muito disposto a dar, a seu respeito, todas as informações desejadas. Tais mulheres, além disto, são muito raramente bonitas, e sempre desprovidas de graças e atrativos.

Para aqui chegar, andamos toda a noite; relampejava e trovejava ao longe; temia muito que tivéssemos tempestade, mas felizmente aqui chegamos antes que ela começasse. Tomara eu a dianteira; o dono do rancho ali pôs uma lâmpada; apesar da noite, foram as bagagens descarregadas e arranjadas em ordem. Entre Lorena e Taubaté é o peixe muito abundante e barato. É o Paraíba que o fornece. Vende-se fresco, mas encontra-se também seco e salgado na maioria das vendas.

Pirancangava, 27 de março, 4 léguas e meia – As ervas peludas dos pastos que descrevi anteontem são muito pouco apreciadas pelos cavalos e burros. Entre Pirancangava e Japebaçu, por espaço de uma légua, atravessamos outros pastos onde as gramíneas, cobertas de pêlo, estão misturadas de algumas espécies glabras em que os animais de carga encontram melhor alimento. As espécies pertencentes a outras famílias, distintas das gramíneas, são igualmente muito mais comuns nos campos que hoje atravessamos.

Desde Japebaçu até aqui é a região desigual, cheia de mata. Constantemente a cortam ribeirões. Em parte alguma mostra a mata grande vigor. Vai tendo mais à medida que o terreno oferece mais acidentes.

O caminho continua magnífico. Desde que passamos a serra, sentimos calor forte. O dia de hoje principalmente foi muito quente e tivemos pequena tempestade esta noite.

Encontra-se uma casa em Japebaçu que apenas fica a uma légua de Pirancangava; e a meia légua desta, topa-se com outra chamada Taboão; Caragunta, [*sic*] situada a uma légua de Taboão, forma uma espécie de aldeiazinha; encontram-se outras casas em Capão Grosso; vê-se uma em Ramos, que fica a uma légua de Caragunta, e existem muitas ainda, das quais não faço menção para não ser muito minucioso.

Com exceção de uma ou duas, tais casas só denotam miséria, e o vestuário de seus habitantes não é feito para desmentir tal idéia. As mulheres trazem a cabeça descoberta, e os cabelos na maior desordem; trajam, como única vestimenta, uma camisa de algodão grosso quase sempre rasgada e muito suja. Vestem os homens camisa e calça de algodão, com colete de lã; as crianças não usam senão camisa habitualmente em farrapos.

Os habitantes da beira desta estrada são de aparência branca, mas distinguem-se em vários deles os traços típicos da raça indígena.

Cabelos louros e olhos azuis não são raros. Em quase todas as casas vêem-se crianças de grande beleza, mas as que atingiram doze a quinze anos já a perderam; são magras, de ar enfermício, cor cadavérica e terrosa, o que provém, sem dúvida, do mau regime e da alimentação insalubre ou insuficiente que tiveram.

Grande parte das casas de beira do caminho são vendas, mas nelas só se encontram bananas, algumas garrafas de aguardente e um pouco de fumo. Quase todas as vezes que parei nestas vendas para indagar o nome do lugar onde estava, ou angariar qualquer outra informação, perguntaram-me se não queria comprar alguma coisa.

Um homem ofereceu-me mesmo seu rancho, assegurando-me que nenhum dos vizinhos me venderia milho tão vantajosamente quanto ele. Em Minas, dizia-me José (que é mineiro), quem tem fome pode estar certo de encontrar, por toda a parte, um prato de feijão e farinha sem ser obrigado a pagar. Aqui arvoram nas casas um pedaço do galho espinhoso da figueira-do-inferno para avisar aos que não têm dinheiro e que serão mal recebidos.

Vila de Jacaré, 28 de março, 5 léguas e meia – O terreno continua mais desigual. É cortado por matas e pastos. Ora, estes não têm senão grama, ora apresentam arbustos mais ou menos numerosos, espalhados entre as árvores, e às vezes mesmo pequenas árvores. Os regatos multiplicaram-se muito e quase sempre rodeados por terrenos pantanosos, onde, mais comumente, crescem arbustos mirrados, altos, de poucas folhas, tais como os descrevi nos dias precedentes. Seria incontestável que eu acharia muita planta nova nesses brejos; mas infelizmente não posso ficar muito para trás, pois não tenho mais do que dois burros para quatro pessoas que precisam montar alternadamente.

As espécies que vejo nos pastos pertencem, mais ou menos, todas, aos campos da capitania de Minas; os matos possuem muito poucas plantas floridas e estas sempre mais ou menos as mesmas.

Não deixamos ainda de andar paralelamente à serra da Mantiqueira; mas não avistamos mais a da Quebra-Cangalha que, conforme explicaram-me, termina à altura de Taubaté.

A légua e meia de Pirancangava, passamos ao lado da Vila de São José. Entre Lorena e Jacareí, se não me engano, não se atravessa lugar algum tão próximo da serra da Mantiqueira. Esta vila deve às montanhas uma vista bastante pitoresca; aliás não passa de mísera aldeia composta de casas pequenas, baixas e mal mantidas. A igreja é pequena e só tem uma torre pouco elevada. Encontramos muito menos casas à beira da estrada e quiçá ainda mais miseráveis do que dantes.

Quando chegamos a Jacareí, ajustei dois quatinhos para a noite, numa casinhola situada à entrada da vila. Como não tive tempo de percorrer só amanhã dela falarei detidamente.

Água Comprida, 29 de março, 4 léguas – Jacareí fica situada à margem do Paraíba entre este rio e uns pântanos. É mais importante do que Pindamonhagaba e São José, mas parece pouco habitada. Vêem-se algumas casas térreas, mas também conta a fila grande número de prédios muito pequenos e que só demonstram miséria. A igreja paroquial, construída de taipa, é bem grande, mas pouco ornamentada; não está caiada, nem por dentro nem por fora. Duas outras igrejas, uma na cidade e outra fora, são tão pequenas que apenas merecem que delas se faça menção.

Desde Baependi não cesso de ver gente com bócio. Eram tão comuns os papudos em Pouso Alto que os meus indiozinhos apelidaram esta localidade a vila dos papos. Mas em nenhum lugar do Brasil é esta doença tão comum quanto em Jacareí. Grande número de indivíduos tem o pescoço sobrecarregado por uma massa de carne tão grande quanto a cabeça e a lhes cair sobre o peito.

Com dificuldade viram a cabeça e sua voz toma ao mesmo tempo um timbre surdo. Sem ficarem, como os cretinos da Suíça, num estado de completa imbecilidade, estes infelizes têm contudo limitada inteligência e vencem ainda, em matéria de apatia e estupidez, aos seus concidadãos que não têm a mesma doença [*sic*]. Alguns a quem perguntei o nome do lugar que habitam nem souberam responder-me.

Os traços da raça indígena acham-se muito mais pronunciados nos habitantes de Jacareí do que nos outros lugares por onde passei até agora. Isto não é extraordinário, pois esta região fica ainda a considerável distância de São Paulo que só possui comunicação indireta com o Rio de Janeiro, e onde por conseguinte os cruzamentos foram menos repetidos. Se a cor pálida, que caracteriza os descendentes dos brancos e índios, é geralmente mais pronunciada, os olhos têm muitas vezes ligeira divergência.



*Pausa de tropeiros na estrada de Goiás em Jundiá — 1826 —
(Ercolles Florence)*

São mais estreitos que os dos europeus de raça pura, o nariz é muitas vezes mais chato, os malares mais proeminentes. As fisionomias exprimem muitas vezes doçura e encanto, mas são sempre inexpressivas. Os homens desta região, tardos de movimentos, parecem indiferentes a tudo. Não mostram a menor curiosidade, falam pouco e são muito menos educados que os de Minas. A pronúncia portuguesa toma na boca destes últimos uma doçura que não existe na dos portugueses da Europa; mas aqui esta doçura torna-se já moleza; as reflexões são variadas, e têm qualquer coisa de infantil, que lembra a língua dos índios.

Tão comuns os mulatos na capitania de Minas quanto raros nesta região; os descendentes de índios são muito pobres para comprar muitos escravos, e como as mulheres brancas, ou ao menos as que tal parecem, sem terem real formosura não se escondem, e são tão fáceis quanto as negras, não há tanta necessidade em recorrerem os homens a estas últimas.

Atravessa-se o Paraíba em canoa. Pagam-se dois vinténs por pessoa, quatro pelos burros e cavalos, embora sejam eles obrigados a atravessar a nado, e afinal dois vinténs pela carga de cada animal. Minhas portarias pouparam-me ainda desta vez tal despesa.

Ao partir do Rio de Janeiro, temia que não tivessem o mesmo valor do que antes. Julgava que não quisesses mais atribuir-lhes privilégio algum, fazendo-se pouco caso da assinatura do ministro de Estado e de um passaporte passado pelo Sr. João Carlos de Oeynhausen, quando ainda capitão-general. Assim pensando procedia eu como se tivesse os habitantes desta região a conta de europeus, idéia bem falsa. As revoluções que se operaram em Portugal e no Rio de Janeiro não tiveram a menor influência sobre os habitantes desta zona paulista; mostram-se absolutamente alheios às nossas teorias; a mudança de governo não lhes fez mal nem bem, por conseguinte não sentem o menor entusiasmo.

A única coisa que compreendem é que o restabelecimento do sistema colonial lhes causaria dano porque se os portugueses fossem os únicos compradores de seu açúcar e café não mais venderiam suas mercadorias tão caro quanto agora o fazem. Professam como outrora o mesmo respeito pela autoridade, falam sempre do Rei como árbitro supremo de suas existências e da de seus filhos. É sempre ao Rei que pertencem os impostos, as passagens dos rios, etc.

Perguntei a um lavrador, que não me parecia dos mais pobres, se os povos estavam contentes com o novo governo da capitania.

– Dizem que é melhor que o antigo, respondeu-me. O que há de certo é que, quando se apresenta alguma petição, não se obtém resposta tão rápida quanto quando nosso general tudo por si decidia, e isto é muito desagradável para os que não têm tempo a perder.

Não conseguiram as autoridades fazer partir de Jacareí nenhum miliciano para o Rio de Janeiro; fugiram todos para o mato.

A três léguas de Jacareí passamos pela paróquia de N. S. da Escada, outrora aldeia de índios. Existem tão poucos hoje que não percebi um único nem na cidade nem nos arredores. Este povoado conserva entretanto o nome de aldeia. Está assente numa colina sobre o Paraíba e é pouco importante. A maioria das casas cerca uma grande praça e pode-se avaliar quanto é pobre pelo fato de que inutilmente pedi aguardente de cana em várias vendas. Existem no entanto poucos lugares onde este gênero seja tão vulgar e de vendagem tão baixa.

Desde que atravessamos o Paraíba, a região não é mais a mesma; tornou-se montanhosa, e, de Jacareí até aqui, cortamos constantemente matos.

Paramos no sítio de um agricultor que nos permitiu, muito delicadamente, pousássemos em sua casa. Esta coberta de telhas, é a melhor que vimos depois de Jacareí. Entretanto, veste-se seu dono, tal qual os demais roceiros: camisa e calção de algodão. Não parece mais inteligente e ativo do que o resto de seus compatriotas, e enquanto conversava comigo catava piolhos à cabeça e matava-os sem cerimônia.

Em nenhuma outra parte do Brasil, tal cevandija é tão freqüente quanto aqui. As crianças e mulheres têm a cabeça cheia. Vêm-se umas e outras a matarem reciprocamente os piolhos, tranqüilamente sentadas à soleira das portas e não pensando em interromper tal ocupação quando os transeuntes as encaram.

Mogi das Cruzes, 30 de março, 4 léguas – Durante grande percurso da estrada, continua a região ainda montanhosa. A cerca de três léguas de Mogi, passa-se diante da fazenda Sabaúna, que pertence aos carmelitas. Quando se está a três quartos de légua de Mogi, começa-se a avistar a vila. Muda o aspecto da região inteiramente, atinge-se então um vale largo, e pantanoso, cuja vestimenta é puramente herbácea, limitado à direita

por montanhas cheias de mato e bem altas (a serra do Tapeti) e à esquerda por colinas.

Uma calçada bem-feita dá passagem pelo brejo e assim se chega ao Tietê, cujas águas parecem quase pretas. Não tem o rio maior largura que o Essonne em frente de Pithivers. Transpõe-se-o numa ponte de madeira além da qual continua a calçada ainda por algum tempo e chega-se logo à cidade. Depois de atravessá-la encontrei José, que tomara a dianteira, alojado numa estalagem à beira da estrada. Esta hospedaria é tal qual as de Baependi e Taubaté. Não preciso pois descrevê-la.

Dissera-me Rafael Tobias de Aguiar, quando o vira no Rio de Janeiro, em janeiro último, que debalde procuraria eu um tropeiro que me levasse as malas ao Rio de Janeiro; muito mais facilmente, porém, o acharia em Mogi do que em São Paulo.

E, com efeito, teve a delicadeza de dar-me uma carta para o sargento-mor desta cidade, o Sr. Francisco de Melo. Depois de arranjar minhas plantas dirigi-me à casa deste oficial miliciano. Ali encontrei vários homens, entre os quais diversos padres a jogar. Fizera-me sentar e pouco tempo depois chegou o sargento-mor. Entreguei-lhe a carta do Sr. Rafael Tobias. Depois de a ler, disse-me que duvidava achássemos nos arredores daqui mulas de aluguel. Facilmente seriam encontradas em Jacaré. Assim neste sentido escreveria a um dos principais habitantes desta vila.

La contudo mandar procurar um tropeiro pela zona. Pedia-me pois que tornasse a passar em sua casa, no dia seguinte, cedo. Depois deste discurso, ninguém mais me disse coisa alguma e ninguém me fez a menor fineza. Retirei-me felicitando-me por me não ter hospedado em casa do sargento-mor como a princípio desejara.

Inhazinha, 31 de março, 3 léguas e 3 quartos – Quando cheguei à casa do sargento-mor, o tropeiro não aparecera ainda. Pus-me a conversar com alguns homens ali presentes. Mostravam bem os seus trajos que não eram roceiros. Sua pronúncia e maneiras não eram humanos, tampouco as dos habitantes do campo; mas não os achei muito mais espertos que estes últimos.

Caiu a conversa sobre os acontecimentos do Rio de Janeiro. Tive a impressão de que estes homens não têm idéias sobre os fatos. Estão também muito pouco a par dos fins colimados pela revolução de

Portugal. Enfim, tanto desconhecem os interesses de seu país quanto fazem confusa idéia das relações do Brasil com a mãe-pátria.

As agitações do Rio de Janeiro, anteriores a 12 de janeiro, foram promovidas por europeus, e as revoluções das províncias obra de algumas famílias ricas e poderosas. A massa popular a tudo ficou indiferente, parecendo perguntar como o burro da fábula: “Não terei a vida toda de carregar a albarda?”

O tropeiro chegou enfim, mas disse que neste momento não podia alugar os seus burros. Assegurara-me que eu acharia facilmente tropa em São Paulo, mas estou acostumado a esta linguagem e temo sofrer ainda muitos atrasos.

Mogi das Cruzes fica situada num vale largo e pantanoso, limitado de um lado por colinas e do outro pela serra do Tapeti, que não é provavelmente senão um contraforte da Mantiqueira. Esta vizinhança apresenta mais ou menos a forma de um paralelogramo. As ruas são bem largas, mas de casario pequeno e bem-feito. No largo principal, que é quadrado, contam-se diversos sobrados, mas não mais bonitos do que os outros prédios. A igreja paroquial ocupa um dos lados da praça. É bastante, mas mal ornamentada. Três outras igrejazinhas que não vi ainda são piores, disseram-me.

À entrada da cidade, do lado do Rio de Janeiro, fica pequeno convento pertencente à Ordem do Carmo. Entrei na igreja e achei-lhe a capela-mor decorada com muito gosto. Arranjaram na igreja uma série de grandes imagens representando Cristo e vários santos, destinados a ser carregados nas procissões da Semana Santa. Tais estátuas de madeira têm tamanho natural e estão pintadas e vestidas.

Os habitantes de Mogi e redondezas são em geral pobres, e suas terras, pouco férteis. O algodão é quase o único produto que exportam. Segundo o que me informaram fazia-se outrora muito açúcar nas vizinhanças de Taubaté, mas desde que subiu o preço do café desinteressaram-se os lavradores da cana para cuidar dos cafezais.

Esta vila é afamada pelas esteiras e cestos que se fazem em seus arredores. As cores com que são pintados decoram muito facilmente. Nos arredores de Jacareí planta-se muito café de bem boa qualidade.

Os fazendeiros enviam o produto de suas colheitas ao Rio de Janeiro e a Santos. Não têm tropas de burros e alugam as dos tropeiros profissionais. Nas cercanias de Taubaté e Jacareí criam-se muitos porcos tangidos para o Rio de Janeiro, ou então matam-se estes animais cujo toucinho vai expedido para Santos. O comércio de cavalos e burros é ainda um dos recursos da zona.

Logo depois de Mogi encontramos novamente brejos cobertos de erva espessa, no meio da qual o *ericaulon* é muito comum.

A uma légua da cidade atravessamos o rio Jundiá, que perto dali lança-se no Tietê, e cerca de meia légua mais adiante cortamos o Taiaçupeba.

Atravessa-se em ponte de madeira, que se está reparando atualmente. Alcançamos-lhe a outra margem sem maior acidente. Depois de Taiaçupeba começam as matas. Os brejos reaparecem em seguida, depois as matas e assim por diante até aqui. Nos pântanos, fez-se uma calçada que, em geral, está em muito bom estado. Entretanto, depois do rio Guaião, encontramos pântanos muito perigosos. Os burros atolaram-se quase que até o peito num lodo preto como tinta. Um deles caiu duas vezes e foi preciso descarregá-lo outras tantas.

Antes de aqui chegarmos vimos algumas casinhas à beira da estrada. Aquela em que paramos é melhor que as outras. Entretanto ali nos alojamos muito mal. O quartinho que nos deram não tem porta. O vento penetra de todos os lados, e hoje principalmente à noite fez muito frio.

Inhazinha, 1^o de abril, 5 léguas – Desde Inhazinha até a Penha, o terreno é em geral ondulado e a vegetação muda de maneira notável. Algumas vezes atravessam-se matas de vegetação bem rigorosa, outras esta não vai além da altura de nossas grandes matas de corte, e então encontra-se em abundância a bonita melostomácea, que num mesmo pé insere flores azuis e brancas, além de outras de um roxo avermelhado, ou vermelho purpurino, e outras enfim participam destas duas cores.

Muitas vezes atravessamos campos semeados de grupos de arbustos; por fim vimos também terrenos pantanosos cobertos só de ervas e outros ainda onde crescem arbustos cerrados de casca esbranquiçada, galhos finos e ramos bem curtos.

Nos campos, como nos das redondezas de Taubaté, abunda a gramínea chamada *Barba-de-Bode*, neste momento não florida. Os negros fazem, com seus caules, espécies de cordões, que amarram com um fio e com os quais tecem chapéus. Nos brejos, como nos de Minas, encontra-se comumente uma aróideia de folhas grandes, vulgarmente chamada *Banana-do-Brejo*. Tem frutos suculentos e dispostos em espigas de gosto extremamente agradável e cheiro suave. Mas é preciso contentar-se em chupá-lo tomando muito cuidado para não se pôr na boca o eixo da espiga cujo sabor é acre e dá dor de garganta.

Perto do lugar chamado Casa Pintada, que fica a 2 léguas e meia de Inhazinha, tem-se ainda péssimo caminho, que contudo vencemos sem acidentes.

A paróquia de N. S. da Penha, como já disse atrás, fica situada sobre pequeno morro e serve de mirante à cidade de São Paulo. Abaixo dessa aldeia atravessa-se o Tietê e encontra-se em seguida terreno perfeitamente plano até São Paulo. Não devo esquecer de notar que pouco depois de deixar Inhazinha recomeçamos a avistar a serra da Mantiqueira. Não querendo chegar à noite em São Paulo, onde não saberia como alojar meu pessoal e burros, tomei a deliberação de parar a três quartos de légua da cidade numa venda de que depende um pasto fechado.

Enquanto trabalhava, vi passar o Dr. Melo Franco, que se dirigia à sua casa de campo. Veio ao meu encontro e pedi-lhe licença para o acompanhar alguns momentos. Caminhando sempre, conversamos muito, e a conversa versou quase exclusivamente sobre os negócios do Brasil. Pode-se dizer em abono da verdade que a capitania de São Paulo salvou o Brasil pela energia de sua repulsa às medidas da Corte de Lisboa e a fidelidade que deu provas para com o Príncipe.

Tal fidelidade é nos paulistas uma espécie de instinto mas não deixa de ser verdade que nada se teria feito aqui, ou antes só se teriam feito talvez mais asneiras do que em outros lugares, se dois homens de grande talento não estivessem à testa do governo; José Bonifácio de Andrada e Silva e seu irmão. Todo o bem que se operou nesta capitania foi obra sua. Entre os brasileiros muitos há de inteligência natural e ágil; mas em geral não estudam ou o fazem sem método, não tendo idéias assentadas.

Não possuem, por conseguinte, conhecimento algum de administração, nenhuma opinião política e se os habitantes das províncias se desunirem não será por causa de sistema e teorias, mas devido à rivalidade entre cidades, ódios de famílias, preferências individuais ou quejandos motivos mesquinhos quanto estes. A Providência permitiu que dois homens superiores estivessem à testa do governo desta Capitania. E eles fizeram o que quiseram, porque os outros nada sabiam fazer e foram subjugados pela ascendência dos seus dois colegas.

Taubaté, 2 de abril – Como tivesse muitas plantas para rotular, muito tarde parti para a cidade. Fiz-me acompanhar por José e deixei Laruotte, Firmiano, os dois guaranis e a bagagem no rancho. Primeiro fui à casa do Guilherme (William Hopkins), antigo criado do Sr. de Woodford que eu fizera viajar grátis na fragata *Hermione* e mostrou-se tão reconhecido por ocasião de minha primeira estada em São Paulo.

Pareceu muito satisfeito em rever-me e encarregou-se de mandar-me lavar a roupa, dando imediatamente algumas providências para arranjar-me um tropeiro. Fui ver o Ouvidor que não encontrei, o velho brigadeiro Vaz, que me permitiu pôr os meus burros em sua chácara e afinal o general Sr. João Carlos de Oeynhausen. Este último recebeu-me perfeitamente e muito conversamos sobre os negócios públicos. Supondo-me realista exaltado pareceu a princípio constrangido; mas sondamo-nos reciprocamente durante algum tempo e ele acabou abrindo-se inteiramente quando viu que eu estava longe de censurar as atitudes que tomara.

Quando começou a revolução, os capitães-generais acharam-se na embaraçosa alternativa de se tornarem odiosos ao povo procurando manter a antiga ordem de coisas, ou descontentar ao Rei, se lhe não sustentassem a autoridade. Mas logo que este renunciou ao poder absoluto está claro que os capitães-generais, seus representantes, deviam fazer o mesmo nas províncias. Entretanto, habituados a governar despoticamente e a receber homenagens que quase atingiam as raias da adoração, custava-lhes repartir o poder, não serem mais que os presidentes de uma junta provisória tornando-se iguais a alguns daqueles a quem tratavam, havia pouco, com tamanha superioridade.

Persuadiram-se que a revolução acabaria abafada e prestaram-se com extrema repugnância à execução dos novos decretos. O

povo neles não viu senão os defensores da tirania; não podiam ter partidários, pois ninguém ganhava com a manutenção da antiga ordem das coisas e assim foram abatidos.

É bastante verossímil que João Carlos de Oeynhausen teria o mesmo fim se não fora sustentado por José Bonifácio e seu irmão, que, sabedores da estima do povo pelo capitão-general, pensavam, com razão, que os paulistas, apegados como são ao Rei e sua família, respeitariam mais o novo governo da província se vissem à sua testa o homem que fora escolhido pelo Rei e o representara até então. Deste modo foi a transição do antigo para o novo regime menos brusca, e as pessoas do campo e dos povoados facilmente se habituaram a este último.

.....

Capítulo VI

S. PAULO – ALUGUEL DE OITO BURROS PARA A VOLTA – O CORONEL FRANCISCO ALVES – FESTA DA PÁSCOA, EM 1822 – BAIXA DAS BANANEIRAS – MOGI DAS CRUZES – FRIO – ELEITORES – FAZENDA SABAÚNA – FREGUESIA DE N. S. DA ESCADA – VILA DE JACAREÍ – VILA DE TAUBATÉ – O POVO NADA GANHOU COM A REVOLUÇÃO – RIBEIRÃO – RANCHO DAS PEDRAS – N. S. DA APARECIDA – RANCHO TOMÁS DE AQUINO – FIRMIANO – RANCHO DE SAPÉ – BOATOS FALSOS SOBRE A PRISÃO DO PRÍNCIPE NA PROVÍNCIA DE MINAS – RANCHO DA ESTIVA – FERRO IMPORTADO DO ESTRANGEIRO – O PRÍNCIPE ENTRA EM VILA RICA – RIDÍCULA COMPOSIÇÃO DA JUNTA PROVISÓRIA DE GOIÁS – PLANTAÇÃO DE CAFÉ – VILA DE AREIAS – CULTURA DE CAFÉ – UM FRANCÊS – MÁ IMIGRAÇÃO FRANCESA – RANCHO RAMOS – A VILA DE CUNHA – PAU-D’ALHO – RANCHO DE PEDRO LOUCO – BANANAL – NOTAS SOBRE OS BOTOCUDOS – RANCHO PARANAPITINGA – RANCHO DOS NEGROS – RIO PIRAI – PONTE INTRANSITÁVEL – RANCHO DO PISCA – VILA DE S. JOÃO DO MANGUE – RANCHO DE MATIAS RAMOS – TROPA DE NEGROS NOVOS – ROÇA D’EL-REI – A SERRA – VENDA DO TOLEDO – O RIO TEXURA TRANSBORDANDO – BURRO ROUBADO – GRANDE VALE NA EXTREMIDADE DO QUAL FICA O RIO DE JANEIRO – TAGUAÍ – PLANÍCIE DE SANTA CRUZ...

S

ao Paulo, 11 de abril – No dia 3 vim a São Paulo e hospedei-me, como em minha precedente viagem, na casa de campo do Coronel Francisco Alves. Imediatamente arranjei 8 burros de aluguel para transportar ao Rio de Janeiro as coleções que aqui deixara e combinei preços com um tropeiro mediante uma dobra por animal.

Devíamos partir ontem, mas o tempo esteve horrível, e dois dos burros alugados fugiram. Chove ainda hoje e duvido que nos ponhamos a caminho. No dia seguinte àquele em que me alojei em casa do Coronel Francisco Alves, fiz vir as 20 caixas que deixara em depósito em casa do general. Já examinei seis pastas de plantas, e com exceção de mais ou menos uma dúzia de amostras encontrei tudo no melhor estado possível; troquei o papel, fechei as pastas e fi-las cobrir com um pano encerado que nós mesmos fabricamos.

Os insetos estão um pouco sujos, mas não estragados. Não desenfardei ainda os passarinhos, mas a primeira camada de cada mala pareceu-me bem conservada. Tinha muitas compras a fazer e trabalhosinhos a encomendar aos operários. E ainda encontrei mais dificuldade do que na minha primeira viagem, por causa das festas da Páscoa de 1822 (7 de abril), pretexto que me era sempre invocado em resposta a qualquer pedido que eu fizesse. Estas festas para cá atraem grande número de pessoas do campo. Segui parte dos officios e doeu-me a falta de atenção dos fiéis. Ninguém se compenetra do espírito das festas. Os homens mais distintos nelas tomam parte pela força do hábito, e o povo, como a um grande divertimento.

No officio de quinta-feira santa, a maioria dos presentes recebeu a comunhão da mão do bispo. Olhavam todos à direita e à esquerda, conversavam antes deste solene momento e recomeçavam a conversar imediatamente depois.

Há aliás uma circunstância que deve servir de desculpa ao povo. Ignora ele o fim e o sentido das cerimônias religiosas, não entende a língua em que o padre invoca o Senhor. E como ninguém usa livro de missa nas igrejas nada existe absolutamente capaz de fixar a atenção dos fiéis.

Na noite de quinta-feira santa o altar-mor de todas as igrejas estava extremamente ornamentado e a banquetta acima do anfiteatro prodigiosamente carregada dos círios. Admirei sobretudo a brilhante iluminação da igreja do Carmo. As ruas se achavam cheias de povo, que passeava, de igreja em igreja, mas unicamente para vê-las sem a menor aparência de devoção. Vendedoras de confeitos e doces sentavam-se no chão, à porta das igrejas, e as pessoas do povo compravam as guloseimas para as oferecer às mulheres com quem passeavam. Na sexta-feira santa

os altares não foram despidos segundo o hábito da nossa terra, mas o nicho de cada um apareceu recoberto por um pano pintado representando algum santo.

A primeira igreja que visitei foi a do Carmo. À esquerda e embaixo do altar-mor colocara-se numa mesa uma estatuazinha vestida e muito paramentada, representando Nossa Senhora das Dores, e via-se sobre o próprio altar uma figura de Cristo em tamanho natural estendida num ataúde coberto de gaze. Os fiéis começavam beijando a barra da saia da Virgem e em seguida iam colocar suas oferendas junto ao rosto do Cristo.

Na igreja de Santa Teresa era sob o altar que se expunha esta imagem. A Catedral vinha a ser a única que tinha aspecto lutuoso. Mas se achava iluminada e longo velório preto escondia o nicho do altar-mor. Em frente a esta cortina havia uma cruz, muito grande, da mesma cor do reposteiro e que dele mal se destacava, e um sudário branco enrolado nos braços da cruz parecia, até certo ponto, flutuar no ar. Ao rosto de Cristo deitado no altar, recobria um pano grosso, e só aparecia uma das mãos da imagem que, ligeiramente espalmada, saía fora do esquiife. Os fiéis iam todos beijá-la e depositavam esmolas numa bacia. O que prejudicava um pouco o efeito deste conjunto era a presença de jovem sacristão, de jaleco e sem gravata, sentado displicentemente perto da bacia, numa atitude de perfeito tédio, e indiferença, de pernas cruzadas e com o peito quase inteiramente descoberto.

Às 8 horas saiu uma procissão da igreja do Carmo...

Em São Paulo as negras e mulatas e em geral as mulheres do povo aparecem nas igrejas com a cabeça e o corpo envoltos em pano preto. As mulheres de classe mais elevada põem à cabeça e ombros uma mantilha de casimira preta com que escondem quase inteiramente o rosto, mantilha esta debruada de larga renda da mesma cor.

Baixa das Bananeiras, 12 de abril, 4 léguas e meia – O tempo amanheceu firme hoje, era entretanto muito tarde quando nos pusemos a caminho e já quase noite quando aqui chegamos. Nada tenho a acrescentar ao que disse da região percorrida. A diversidade da vegetação, a vista da serra da Mantiqueira, a da cidade de São Paulo que se começa a perceber um pouco aquém de Nossa Senhora da Penha tornam a região verdadeiramente encantadora. O lugar onde paramos é um vilarejo

composto de casinhas, em sua maioria vendas. Aboletamo-nos numa casa ainda não acabada e onde o vento penetra de todos os lados.

Mogi das Cruzes, 13 de abril, 5 léguas e meia – O frio, como havia previsto, foi muito vivo esta noite, que passei bem mal. Lá para o rio Taiaçupeba se cessa de perceber a serra da Mantiqueira, agora mascarada pela de Tapeti, cuja altura é bastante considerável, mas que se descortina em plano muito mais próximo. Quando por aqui passei, pela primeira vez, a vestimenta dos brejos começava a perder a beleza; mas, neste curto espaço de tempo, tornou-se quase amarela e grande número de plantas feneceu. Creio que se deve atribuir tão rápida mudança ao frio que faz todas as noites.

De qualquer modo que seja, ainda encontrei boa quantidade de plantas floridas, sendo algumas, para mim, novas. De modo geral o território que se estende entre Pindamonhangaba e São Paulo é daqueles em que se acha mais variegada vegetação e nos meses de outubro e novembro faculta as mais brilhantes colheitas. Achamos os caminhos muito melhorados. Trata-se de uma reparação porque o Príncipe que neste momento está em Minas deve ir logo a São Paulo. Durante todo o dia encontramos eleitores do distrito que se dirigem a São Paulo para lá elegerem o procurador que, segundo sistema, há pouco adotado, deve representar a Província junto ao governo central. Alguns estavam acompanhados, como em Minas se faz, de pajens, negrinhos levando ao pescoço grande copo de prata, preso a comprida corrente. Destina-se a apanhar água nos riachos, sem que o cavaleiro se veja obrigado a descavalgar.

Estive, à noite, em casa do sargento-mor Melo, mas como ele é eleitor não achei senão o filho, moço de quinze a dezesseis anos, que, em lugar do pai, acha-se encarregado do governo da vila. Recebeu-me com muita sisudez mas teve alguma dificuldade em responder às perguntas extremamente simples que lhe fiz. Contou-me, entretanto, como várias outras pessoas já o haviam feito, que a cultura do algodão era a que mais ocupava os habitantes das redondezas.

Com a fibra da malvacea ali se faziam cobertas bem finas e bonitas redes. Não se pode plantar nas imediações da cidade a cana e o café, porque a extrema umidade torna as geadas freqüentes. Mas estas plantas dão muito bem na serra do Tapeti, que é mais seca. A geada não poupa menos aos canaviais que aos cafezais, mas nenhum mal faz ao

algodão porque não lhe ataca as raízes, além de ocorrerem na época em que geralmente já está a colheita feita.

Freguesia de N. S. da Escada, 14 de abril, 5 léguas – Pouca coisa há a acrescentar ao que já disse sobre esta região. O terreno entre Mogi e Freguesia deve ser mais alto do que aquele que percorri desde Lorena até São Paulo, pois é intermediário às duas bacias que ali se defrontam em sentido contrário; a do Tietê e a do Paraíba. A fazenda Sabaúna pareceu-me importante. Ali se planta cana para o fabrico da aguardente.

Combinara eu com os meus tropeiros que parariam em N. S. da Escada. Quando cheguei não os vi, informaram-me que se haviam detido a alguma distância dali. Encontrei-os efetivamente em miserável casebre que mal dava para que minhas malas empilhadas lá coubessem todas. Logo escureceu o horizonte e o trovão fez-se ouvir despenhando-se logo depois torrentes de chuva. A água escorria de todos os lados através do teto de nosso miserável refúgio e tivemos insano trabalho para resguardar as nossas roupas.

Vila de Jacareí, 15 de abril, 3 léguas – Existem ainda índios na Freguesia de N. S. da Escada mas são pouco numerosos e vivem em extrema pobreza. Continuamos a encontrar eleitores que se dirigem a São Paulo. Estes senhores são ordinariamente precedidos por um ou dois animais carregados de malas e seguidos de um ou dois escravos, a cavalo, que lhes servem de criados, a quem aqui se costuma chamar pajens, sempre carregando um copo de prata tal como já o descrevi.

Estes homens, todos eles dos mais ricos da região, estão em geral bem vestidos; ostenta a maioria aquele ar de presunção e satisfação íntima que, muitas vezes, se nota nos paulistas de certa categoria. Neles entretanto não exclui esta balda a polidez, e a benevolência, não sendo irritante como a arrogância dos espanhóis. Estes parecem reunir à alta opinião que de si têm o desprezo pelos demais humanos.

Nada de notável à passagem do Paraíba. À noite fui procurar um alferes que neste momento faz vezes do capitão-mor, convocado a São Paulo, como eleitor. Disse-me que o Paraíba era navegável desde a Freguesia de N. S. da Escada até Cachoeira. Desciam pelo rio, até Guaringuetá, tábuas, toucinho e cerâmica fabricada em N. S. da Escadinha.

Antigamente, disse-me ainda o alferes, ninguém se ocupava, nos arredores de Jacareí, senão da cultura do algodão e da criação de

porcos, mas de algum tempo para cá começou-se a plantar muito café. As exportações fazem-se, ou diretamente pela estrada do Rio de Janeiro ou, muito mais freqüentemente, via Santos; e então passam as tropas neste caso por São Paulo, porque de Inhazinha parte uma estrada que encontra a do Cubatão.

Freguesia de N. S. da Escada, 16 de abril, 6 léguas – Nada mais tenho a acrescentar ao que disse por ocasião de minha primeira passagem pela região que hoje percorri a não ser que São João fica situado acima de vasto pântano, e disseram-me que a meia légua do Paraíba.

O rancho em que pousamos, na Freguesia de N. S. da Escada, depende de pobre casebre onde absolutamente não existe móvel de espécie alguma.

Não vejo maior mobiliário em todas as casas à beira do caminho.

Diz-se que os habitantes de Jacaréi que moram nas vizinhanças dos brejos não gozam em geral de boa saúde. Têm geralmente ar enfeição e tez baça.

Vila de Taubaté, 17 de abril, 5 léguas e um quarto – O distrito chamado Caraguatu⁹ ou por corruptela Gravatu [sic] deve certamente o nome à grande quantidade de bromélias espinhosas que ali se encontram, e com as quais se fazem cercas pouco elevadas, mas no entanto bem difíceis de se atravessar. O nome caraguatu é indígena e indica esta planta e suas análogas. Desde ontem encontramos, à beira do caminho, homens ocupados em consertá-lo e a cortar os espinhos que o margeiam. Em Minas, são obrigados a consertar as estradas os proprietários dos terrenos por elas atravessados; aqui, obriga-se os milicianos a fazerem este trabalho. Em virtude da lei promulgada, há cerca de um ano, sob o Ministério efêmero do Conde dos Arcos, estes homens deveriam receber salário, mas o novo regime não fez desaparecer o hábito de se não executarem as leis.

O povo nada ganhou absolutamente com a mudança operada. A maioria dos franceses lucrou com a Revolução que suprimiu privilégios e direitos auferidos por uma casta favorecida. Aqui, lei alguma consagrava a desigualdade, todos os abusos eram o resultado do interesse e dos caprichos

9 Caraguatá.

dos homens poderosos e dos funcionários. Mas são estes homens que, no Brasil, foram os cabeças da revolução; não cuidavam senão em diminuir o poder do Rei, aumentando o próprio; não pensando, de modo algum, nas classes inferiores. Assim o pobre lastima o Rei e os capitães-generais porque não sabe mais a quem implorar apoio.

O Sr. José Teixeira Vasconcelos, presidente da junta provisória de Vila Rica, antigo ouvidor de Sabará, disse-me que permanecera inculto, durante 70 anos, um terreno pertencente a sua família, e onde antes desta época se plantava mamona. Ao cabo dos 70 anos, cortara-se o mato, muito vigoroso, que cobria tal terreno, reaparecendo a mamona em enorme abundância. Este fato tende a explicar por que as plantas das capoeiras são tão diferentes das das matas virgens. Enquanto estas ainda cobrem a terra, os pássaros e os ventos trazem sementes que não se desenvolvem porque certas circunstâncias, tais como a falta de ar e luz, a tanto se opõem; mas, quando as grandes árvores são cortadas os obstáculos desaparecem e opera-se a germinação.

Grande número destas casinholas, que se vêem à beira da estrada, que percorri de Lorena a S. Paulo, são habitadas por agregados; o proprietário do terreno mora a alguma distância do caminho para não ser incomodado pelos transeuntes. Alguns, entretanto, possuem casas à beira da estrada, mas muitas vezes tem o viajante dificuldade em distingui-las das dos agregados. Fora das cidades, não me lembro de haver visto uma única na capitania de São Paulo que passasse de mero andar térreo.

Ribeirão, 18 de abril, 3 léguas e meia – Saímos tarde de Taubaté e apenas pudemos fazer uma caminhada curta. Desejando ter algumas informações sobre a região, ontem à noite visitei aquele que substitui o capitão-mor, mas não fui recebido.

Desde que passamos aqui pela primeira vez, os pastos e casas dos arredores de Taubaté e Pindamonhangaba amarelaram regularmente e oferecem muito menos flores, o que me prova que no inverno devem ficar inteiramente secos. Os ranchos que se encontram nesta estrada, de São Paulo a Mogi, são muito pequenos e estão, geralmente, em mau estado; mas este sob o qual permanecemos faz exceção. É mantido por um mineiro que foi durante onze ou doze anos soldado no regimento de Vila Rica e fala dos paulistas com o mais profundo desprezo. Pretende

que os habitantes desta região, embora se trate até dos mais ricos, faltam à boa fé e não têm coragem, ninguém podendo fiar-se em sua palavra.

Confirmou-me o que escrevi ontem sobre os habitantes da beira da estrada. São quase todos agregados que nada absolutamente possuem e cujos casebres, e ranchos, pertencem a proprietários vivendo a certa distância do caminho, para não serem incomodados pelos viajantes.

Fazem construir ranchos e tabernas à margem da estrada e os alugam a pessoas pobres a quem dão milho e aguardente para que os vendam aos transeuntes. Aliás, segundo sempre o meu mineiro, as casas dos proprietários não diferem muito das que se vêem à beira do caminho. Um paulista que ali se achava enquanto o mineiro assim falava disse-me que de todo não se incomodava com o que ouvia, porque efetivamente tal era a verdade.

Já estávamos sob o rancho quando um bando de gente, de todas as idades e cores, ali veio aboletar-se conosco. São músicos que vão, com um chefe e seu acólito, coletar para a festa de Pentecostes. Nós os havíamos encontrado outro dia, para lá de Taubaté. Em regra, esses que assim pedem para o Espírito Santo não devem sair de seu distrito, mas obtêm facilmente a permissão de também girar pelas freguesias circunvizinhas.

Rancho das Pedras, 19 de abril, 6 léguas – Até Taubaté nada tínhamos que nos queixar do calor, mas depois este começou a se fazer sentir e hoje foi muito forte. Paramos num rancho aberto de todos os lados, como em geral nesta região. À noite, soprou vento muito forte, e fomos obrigados a nos refugiar numa venda para ali trocar as plantas.

Muitos campônios lá estavam reunidos; puseram-se a falar sobre os negócios públicos e todos empregavam as expressões que em toda a parte jamais cessei de ouvir nesta capitania: “Prometiam-nos tantas felicidades com esta constituição, e depois que a fizeram, estamos sempre apreensivos! Cada qual vivia quieto em casa, e agora é preciso que deixemos nossas mulheres e filhos, para correr ao Rio de Janeiro e Minas! Não era muito melhor sermos governados por nosso Rei, e pelos generais que nos enviava, do que por tanta gente que briga entre si e não tem a mínima compaixão do pobre?! É muito exato que o despotismo dos capitães-generais pesava muito mais sobre os cidadãos das principais camadas sociais do que sobre os pobres; pois quando numa

região existem duas classes acima do povo, ele preferirá sempre a mais elevada, porque por ela acha-se vingado do desprezo e vexames que a outra lhe inflige. Assim é que os burgueses dos campos vêm-se na Auvergne, muito mais detestados pelos camponeses que os nobres. Estes são muito melhores para com o camponês, porque, aproximando-se deles, temem menos comprometer-se.

Este lugar tem o nome de Pedras. Provavelmente por causa da vista de algum grande rochedo nas redondezas. Durante toda esta viagem, Firmiano cumpriu sofrivelmente as suas obrigações; tangeu os burros e ajudou José. Mas todas as vezes em que além disto lhe pedi qualquer coisa mostrou-me sempre mau humor, dando-me algumas respostas impertinentes. Por ele atualmente pouca afeição tenho e estou mais ou menos decidido a despachá-lo para sua terra. Pensava encarregar Laruotte de o levar, mas este rapaz tornou-se tão vagaroso e estúpido que a meu ver seria muito arriscado confiar-lhe tal missão.¹⁰

Rancho de Tomás de Aquino, 20 de abril, 5 léguas – Subi ao morro onde foi construída a igreja de N. S. Aparecida; ali novamente gozei da deliciosa vista que já descrevi. Fui ver o capitão-mor da vila de Guaratinguetá que mora perto da igreja de Nossa Senhora e comecei por lhe apresentar a portaria do governo de São Paulo. Desde o primeiro momento foi muito amável, entretanto notei que a cara se lhe encompridava à medida que lia o passaporte. Perguntou-me polidamente, mas com visível receio, se tinha necessidade de alguma coisa, e só retomou o ar risonho quando soube que eu não tinha outro desejo senão lhe fazer uma visita. Confirmou-me o que já escrevi sobre os habitantes da beira da estrada, desde São Paulo até aqui, acerca da pobreza da região.

É para lá de Lorena que se começa a encontrar homens ricos. Devem todos a fortuna à cultura do café. Começam também os lavradores a entregar-se a ela nas cercanias de Jacareí, Taubaté e Guaratinguetá, mas até agora as pessoas abastadas só se ocuparam de cana-de-açúcar e os pobres do algodão com o qual fabricam tecidos grosseiros.

Encontrei o capitão-mor compenetrado das mesmas idéias políticas que os demais habitantes da região. Fala com respeito e simpatia

¹⁰ Foi entretanto o que aconteceu, Laruotte levou Firmiano a Contendas.

do Rei e do Príncipe e mostra-se muito pouco amigo das mudanças de regime. Enquanto eu o visitava, meus burros de carga seguiam sempre. Só os apanhei a uma légua de Lorena sob um grande rancho onde paramos. Meu tropeiro me obriga a grandes caminhadas, o que muito me fatiga e impede-me de recolher e analisar plantas.

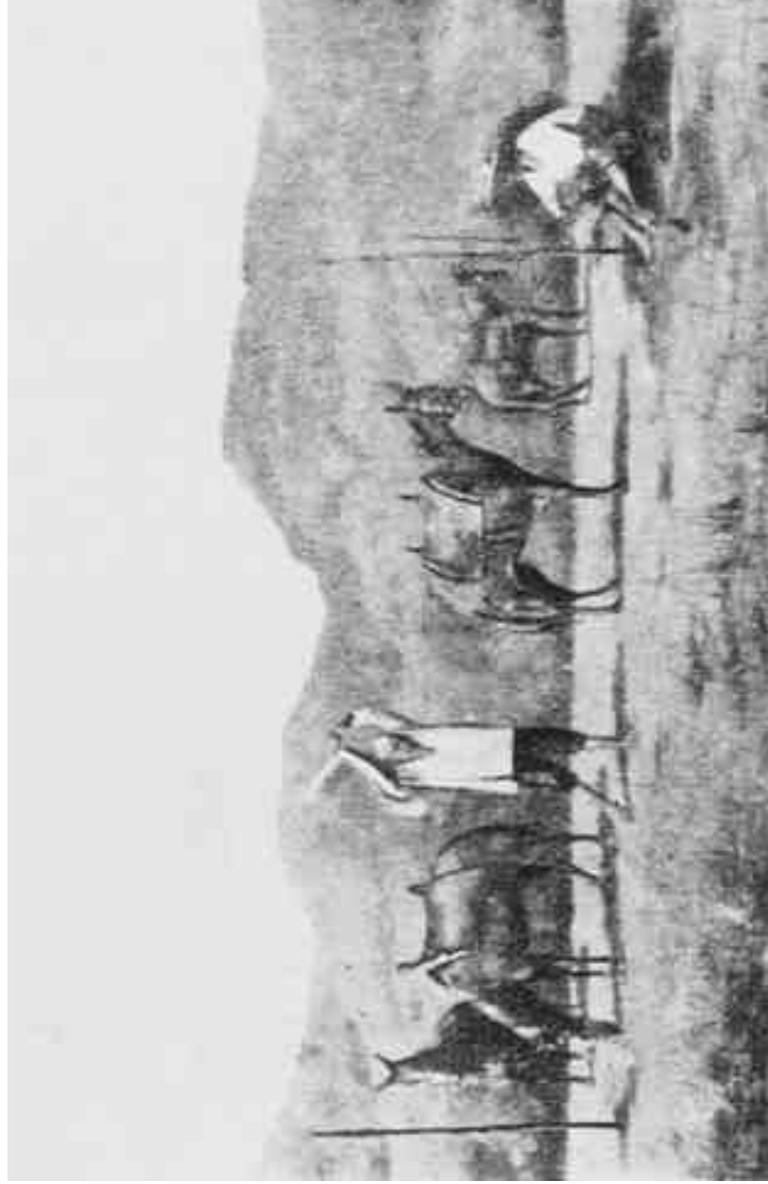
Como Firmiano haja machucado o pé, o pobre Laruotte ce-deu-lhe o cavalo. Chega cansado e como que desarvorado; gira como uma carrapeta, vai e volta sem nada fazer, e muitas vezes ainda não começou a mudar suas plantas quando já a noite vem caindo e Firmiano, a seu turno, aproveita o seu cavalo para tomar os burros tão rapidamente quanto pode. Obriga-os a trotar, o que faz com que eu encontre minhas malas inteiramente desarrumadas. Queixei-me a ele esta noite: “O senhor pode, respondeu-me, procurar melhor tropeiro!” Isto certamente não me seria difícil achar, mas parece-me muito bárbaro valer-me da situação.

Depois que chegamos ao rancho, uma tropa aí veio aboletar-se. Vem de São José e traz fumo destinado a Pirai, lugar situado à borda da estrada e onde se cultivava muito café.

Rancho de Sapé, 21 de abril, 4 léguas e meia – Hoje, deixamos o caminho que seguíamos desde quando viemos de Minas, e logo depois entramos em matas virgens que lembram absolutamente as dos arredores do Rio de Janeiro. As árvores ali têm o mesmo vigor; as palmeiras e cecrópias crescem com igual abundância. O verdor dos vegetais tem cores igualmente escuras. Poucas plantas agora florescem, apenas algumas espécies comuns, como o *hyptis*, nº 764.

É o terreno montanhoso; daí a origem do vigor da vegetação. Esta parte da estrada é muito mais transitada do que a que vai de Lorena a São Paulo, visto como é aquém de Lorena que vem ter a estrada de Minas, cujas bordas são muito habitadas. Desde a encruzilhada não se faz um quarto de légua sem encontrar algumas casas.

Frequentemente existem várias, umas ao lado das outras. Demonstrem tanta fartura quanto as que se vêem mais perto de São Paulo, e a maioria constitui ainda vendas muito mal sortidas. Paramos num ranchinho dependente de uma dessas vendas, e como é muito pequeno, teremos a satisfação de não sermos incomodados por nenhuma outra tropa.



Tropeiros à beira da estrada — (Ferdinand Florence)

Firmiano continua com o pé machucado aproveitando-se desta situação para nada fazer. Deitou-se antes da noite. Alguns instantes mais tarde disse-lhe que fosse esquentar água para lavar o pé, a fim de que depois eu o pudesse pensar. Reiterei-lhe inutilmente esta ordem quatro ou cinco vezes, mas não se importou. Por fim, impacientei-me e puxei o capote em que se enrolava e ordenei-lhe imperiosamente que me obedecesse. Então levantou-se, pôs a cama de pernas para o ar e começou a correr para o mato. A machucadura, não lhe permitindo grande rapidez, não foi difícil atingi-lo e quis forçá-lo a voltar para o rancho.

Tentou resistir-me, mas José acudiu, pegou-lhe o braço e o arrastou. Quando estávamos perto do rancho, atirou-se ao chão a pouca distância do mato. Não pude, a princípio, conter-me e exprimir-lhe as minhas queixas, mas logo a compaixão me suplantou a raiva. Aproximei-me e disse-lhe mansamente quanto devia compreender que tudo o que eu fazia era para seu bem. Se o abandonasse tornar-se-ia o mais infeliz dos homens. Eu seria o único capaz de fazer a despesa de o recambiar à sua terra para onde desejava voltar. Enfim ainda lhe fiz ver quanto o seu procedimento ofendia-me e também a Deus. Quando pronunciei estas últimas palavras, levantou-se sem proferir palavra e foi se deitar. A idéia de Deus, desde que comecei a instruí-lo, sempre exerce sobre ele forte impressão. Nunca se recusou a aprender o catecismo a que chega a ligar algum interesse.

O trabalho dos missionários com os índios perde parte de seu valor maravilhoso quando consideramos a facilidade com que eles, os selvagens, esposam as nossas idéias, a propensão para nos imitarem, o prazer que encontram nas cerimônias da igreja, o efeito que deve produzir sobre espíritos, ainda sem a menor noção religiosa, a evocação de um único Deus criador do Universo, onipresente, remunerador das virtudes e implacável vingador de suas leis conculcadas.

Ontem passou por Guaratinguetá um soldado encarregado pelo governo do Rio de Janeiro de levar despachos a São Paulo.

Este homem repetia por toda a parte, e disse-o a meus tropeiros que os mineiros se tinham revoltado contra o Príncipe e o haviam prendido. Acrescentava que os papéis de que era portador continham a ordem de fazer marchar sobre Minas os paulistas que não estivessem no

Rio de Janeiro. Absolutamente não acreditei nestas notícias e procurei provar ao capitão de Guaratinguetá que não tinham base.

E hoje, conversando com um capitão de milícias que mora na Vila da Cachoeira, dele ouvi haver sabido do capitão-mor de Baependi que o Príncipe fora perfeitamente recebido em Minas e por toda parte onde se apresentara.

Chegara até Queluz, onde recebera a carta do governo de Vila Rica que lhe reiterava a proibição de ir mais longe. Assim voltara a Barbacena.

Contou-me ainda o meu informante que os milicianos da comarca de São João haviam oferecido ao Príncipe desobedecerem à Junta de Vila Rica. É-me difícil admitir que esse governo tão longe haja levado a audácia e a cegueira. Mas, se assim é, não duvido que logo sucumba, pois contra si tem a opinião pública, que, cedo ou tarde, acabará triunfando.

Rancho da Estiva, 22 de abril, 5 léguas – Região montanhosa em que as matas virgens ostentam a plenitude de sua magnificência; poucas plantas floridas.

Não se vence mais de quarto de légua sem encontrar uma venda e um rancho; muitas vezes mesmo são eles muito mais próximos uns dos outros. São os ranchos geralmente menores e construídos com menos cuidado do que os da estrada do Rio de Janeiro a Vila Rica. O vestuário das pessoas que encontro consiste simplesmente num grande chapéu de feltro, camisa e calças de tecido grosseiro de algodão.

O calor torna-se muito forte e supreei-me hoje com a cor brilhante do azul do céu. À margem desta e das grandes estradas da capitania de Minas, houve o cuidado de se cortarem as árvores grandes para que a lama seque mais rapidamente. A vegetação que substitui a das matas virgens é absolutamente a mesma que a das capoeiras.

Encontramos algumas tropas que vinham do termo de Baependi carregadas de fumo e outras que se dirigiam para Minas, com carregamento de sal e ferro. É verdadeiramente vergonhoso que, num país onde este metal é tão abundante, proceda ainda do estrangeiro grande parte do que consome. É evidente que seria prestar real serviço ao Brasil sobrecarregar o ferro de impostos consideráveis ao entrar na capitania,

forçando-se assim os filhos da terra a fazer uso das riquezas que têm à mão.

Lá pelo lugar chamado Paiol, começa-se a avistar a grande cordilheira paralela ao mar. Seus cumes que se elevam a grande altura sobre as matas virgens produzem majestoso efeito.

Conversei hoje com um mineiro que vinha do Rio de Janeiro. Informou-me que o Príncipe à testa de vários regimentos de milícia entrara em Vila Rica; vários membros do governo haviam sido presos, já estando restabelecida a tranqüilidade nessa importante capitania. O governo de Vila Rica era em grande parte composto de europeus. Esperava mais facilmente manter-se nos seus cargos, caso o Brasil continuasse submisso às Cortes, e deverá ter visto, com despeito, baldadas as esperanças. O que dá prova de quanto estes homens tinham pouco critério e inteligência é haverem acreditado poder lutar contra a opinião pública e a preponderância de uma autoridade legítima.

Citaram-me em São Paulo os nomes dos membros da junta provisória de Goiás. São todos os de indivíduos ignorantes ou personagens ridículos. Um deles é certo padre com que diariamente comia à mesa do Sr. Fernando Delgado, a quem servia de jogral. Lembro-me de que um dia, falando sobre a simonia, disse-lhe que nenhum padre brasileiro tinha a tal propósito escrúpulos, embora se tratasse de caso melindroso.

Não há tal! respondeu-me, e para mo provar pôs-se a recitar em latim a série dos empecilhos dirimentes do casamento! Enfim era preciso que se escolhesse alguém entre os homens que estavam à mão. E que se poderia encontrar em Goiás?

Rancho do Ramos, 23 de abril, 4 léguas – Região sempre montanhosa. Continuam as matas virgens, nada de plantas floridas a não ser algumas espécies desconhecidas, tais como uma composta, cujas flores numerosas exalam um cheiro de baunilha extremamente agradável. Sempre muitos ranchos e vendas.

Hoje comecei a notar, tanto à beira da estrada como a alguma distância, casas um pouco melhor tratadas que as vendas, e habitadas por cultivadores abastados. Desde ontem, começara a ver plantações de café, hoje mais numerosas. Devem sê-lo mais ainda à medida que me

for aproximando do Rio de Janeiro. Esta alternativa de cafezais e matas virgens, roças de milho, capoeiras, vales e montanhas, esses ranchos, essas vendas, essas pequenas habitações rodeadas das choças dos negros e as caravanas que vão e vêm, dão aos aspectos da região grande variedade. Torna-se agradável percorrê-la.

Depois de ter feito cerca de duas léguas cheguei à casa do capitão-mor da vila das Areias que fica situada a pequena distância da estrada. Não estava, mas fui recebido por seu filho, que me testemunhou muito pesar por me não poder deter na casa paterna. A morada do capitão tem um pátio pequeno, fechado por uma porteira, ao fundo da qual ficam algumas pequenas construções. Como em todas as fazendas que vi hoje, a casa do proprietário é baixa, pequena, coberta de telhas, construída de pau a pique e rebocada de barro. O mobiliário do cômodo em que fui recebido corresponde muito ao exterior, e consiste unicamente numa mesa, um banco, um par de tamboretas e uma comodazinha.

A pouco menos de légua da casa do capitão-mor fica a cidadezinha de Areias, situada num vale entre dois morros cobertos de mato. Pareceu-me inteiramente nova e compõe-se unicamente de duas ruas paralelas, cuja principal é atravessada pela estrada em todo o comprimento. A igreja é bem grande e construída de taipa e não caiada. O capitão-mor também tem casa na cidade, onde fui visitá-lo, sendo muito bem recebido. Segundo o que me informaram ele, o filho e outras pessoas, a cultura do café é inteiramente nova nesta região e já enriqueceu muita gente.

Tiram-se as mudas dos velhos cafezais. Começam elas a produzir aos três anos e estão em pleno vigor aos quatro. Quando o pé ainda é novo capina-se a terra duas ou três vezes, mas não se dá mais de uma carpa quando as árvores já estão vigorosas. Quando em pleno viço cada cafeeiro dá de três a quatro libras de frutos. Não se podam as árvores, contentam-se os lavradores em descoroá-las para impedir que cresçam muito.

Para descascar o café socam-se os grãos em pilões de madeira, ou então por meio de monjolo. Quando o arbusto principia a envelhecer, cortam-no e ele dá brotos que frutificam novamente.

Contou-me o capitão-mor que encontraria um de meus compatriotas estabelecido a cerca de meia légua da cidade. Parei no

lugar indicado e com efeito numa venda me avistei com um jovem francês que parece ativo e bem educado e cujo rosto é agradável e vivaz.

Relatou-me que nascera em São Domingos (Haiti), passara a infância nos Estados Unidos e viera para este país esperando ganhar alguma coisa e tirar os pais da situação embaraçosa em que estavam. Adquire café aqui para o revender no Rio de Janeiro e a venda oferece-lhe meios de comprá-lo barato. Particulares de poucos recursos, negros, mulatos abastecem-se de gêneros na sua venda, não o pagam e exoneram-se dando-lhe na época da colheita café por muito bom preço.

Nos últimos seis anos, tem imigrado, para este país, grande quantidade de franceses, atraídos, em sua maioria, pela fama de riqueza de que o Brasil goza na Europa e a esperança de rápida fortuna.

Consta a maioria de militares de ambições contrariadas, operários sem clientela e aventureiros desprovidos de princípios e moral. Vários deles, cheios de decepção, voltaram à Europa ou levaram à America espanhola sua ignorância e fatuidade. Entre eles, entretanto, existem homens de caráter firme, que vindos ao Brasil com a intenção de enriquecer mostram constância, e cujo trabalho não deixou de ser recompensado.

Num país cujos habitantes têm idéias pouco desenvolvidas e estão acostumados à preguiça, o europeu senhor da vantagem de ter muito maior destino deve necessariamente ganhar alguma coisa, se trabalhar com perseverança e comportar-se bem.

Rancho de Pedro Louco, 24 de abril, 4 léguas – No rancho sob o qual passamos a última noite, estavam dois homens da Vila de Cunha que vão assumir a guarda de uma barreira recém-criada nesta estrada. Segundo o que me informaram fica a cidade de Cunha situada perto da grande cordilheira, a nove léguas de Guaratinguetá, a quatorze do pequeno porto de Parati e cinco das nascentes do Paraíba. Como se acha em terreno baixo, o açúcar e o café não progridem em suas redondezas, que contudo produzem em abundância o milho e outros gêneros dos quais parte embarca em Parati para o Rio de Janeiro. De Guaratinguetá enviam também gêneros a Parati, fazendo-os passar pela Vila de Cunha.

A região torna-se montanhosa, coberta de matas virgens. O caminho é difícil para os burros, e os ranchos e vendas não se mostram hoje tão freqüentes. No lugar chamado Pau-d'Alho fica a maior plantação

que vi nesta estrada e a única em que a casa do fazendeiro apresenta sobrado.

Sempre poucas plantas floridas.

O calor está muito forte, fazemos longas caminhas e começo a ficar muito cansado. Cheguei ao rancho com muito forte dor de cabeça; outras tropas já aí haviam tomado lugar. O sol desferia raios na área que nos fora preservada, acabando por me incomodar seriamente. A fumaça dos fogos acesos pelas tropas cegava-me, o vento me dispersava os papéis e eu me via obrigado a enxotar a cada momento cães, porcos e galinhas. Nunca senti tanto os inconvenientes dos ranchos.

Esta noite teve José pequena altercação com os proprietários da fazenda de que depende o rancho; isto me deu o ensejo de ir vê-los, sendo recebido muito amavelmente. Confirmaram-me o que outras pessoas já me haviam dito. Há apenas uns vinte anos, que se começou por aqui a cultivar o café que hoje faz a riqueza da zona.

Antes disso ocupavam-se os lavradores apenas com a cana-de-açúcar e a criação de porcos. Quando alguém quer fazer uma plantação nova de café abstém-se de colher os frutos de algum cafezal velho. Estes caem no chão, apodrecem, os grãos germinam e depois se transplantam os pés novos. Planta-se muito comumente milho e feijão entre os cafeeiros.

Antes carpe-se e carpe-se, ainda depois, para se fazer nova plantação.

Calcula-se que um negro possa cuidar de mil cafeeiros fazendo-lhes a colheita. Algumas pessoas informaram-me contudo serem necessários três negros para um cafezal de dois mil pés.

Quanto mais me aproximo da Capitania do Rio de Janeiro mais consideráveis se tornam as plantações. Várias existem também muito importantes, perto da Vila de Resende. Proprietários desta redondeza possuem 40, 60, 80 e até 100 mil pés de café. Pelo preço do gênero devem estes fazendeiros ganhar somas enormes. Perguntei ao francês, a quem me referi ontem, em que empregavam o dinheiro. “O Sr. pode ver, respondeu-me, que não é construindo boas casas e mobiliando-as. Comem arroz e feijão. Vestuário também lhes custa pouco, nada gastam também com a educação dos filhos que se entorpecem na ignorância, são inteiramente alheios aos prazeres da convivência, mas é o café o que

lhes traz dinheiro. Não se pode colher café senão com negros; é pois comprando negros que gastam todas as rendas e o aumento da fortuna se presta muito mais para lhes satisfazer a vaidade do que lhes aumentar o conforto.”

“Considerando-se tudo quanto disse, vê-se no entanto que não têm luxo algum em suas casas, nada lhes provando a riqueza.

“Mas é impossível que não se saiba na zona quantos negros possuem e pés de café. Impertigam-se, satisfazem-se às instigações íntimas e vivem contentes conquanto não difiram realmente senão pela vanglória da fama, dos pobres que vegetam a pequena distância de suas casas.”

Rancho de, 25 de abril, 3 léguas e meia – A região torna-se cada vez mais montanhosa. O caminho é margeado por mata virgem muito cerrada; em alguns lugares torna-se muito duro e difícil vencê-la.

Não vi cafezal algum, ranchos e casas tornaram-se muito menos freqüentes do que nos dias anteriores. Passamos entretanto a cerca de meia légua daqui por uma casa muito bonita pertencente a um homem nascido nos Açores. Em geral as moradias dos europeus aqui estabelecidos têm mais simetria do que a dos brasileiros; são melhor conservadas, melhor construídas e dispõem de dependências mais bem arranjadas. Por menos culto que seja o europeu, por mais baixa que lhe seja a procedência, tem mais idéias do que os brasileiros que não possuem a mínima instrução. Este é o caso geral mesmo quando diz respeito a pessoas ricas.

O português de Europa viu com efeito tudo o que o brasileiro pôde ver, e além disto conhece o país natal, o que lhe fornece assuntos para comparações a que os americanos estão alheios.

Quando me achava perto da casa de que acabo de falar, o tempo carregou-se de nuvens, e o trovão se fez ouvir. Ficara muito atrás para recolher algumas plantas, pus-me a trotar e alcancei a minha tropa no momento em que entrava no rancho onde nos alojamos. Descarreguei as cangalhas e logo depois a chuva começou a cair.

Diante do nosso rancho existe outro pior pertencente a pequena e mal sortida venda. Como não há milho na venda de nosso rancho meus tropeiros foram pedi-lo à vizinha. Ali lhes disseram que não lho

venderiam porque havíamos pousado no rancho do vizinho. Quando me relataram esta recusa, fui em pessoa à tal baiúca e fiz valer a minha qualidade de “homem mandado”. Acabaram-se então todas as dificuldades. Refiro o fato para mostrar que existe entre os proprietários dos ranchos a mesma rivalidade que há entre os estalajadeiros. Na estrada geral de Minas, por onde passam tropas compostas de grande número de cargueiros e onde cada qual faz grande consumo de milho, os proprietários procuram tirar a freguesia uns dos outros fazendo amabilidades aos tropeiros, dando-lhe de comer grátis e não lhes cobrando o milho quando viajam escoteiros.

A caminho, conversei com dois homens que viajavam como eu, um paulista e um mineiro. O primeiro mal respondia às minhas mais simples perguntas, parecia estúpido e acanhado. O segundo falava com deferência e desembaraço, mostrava em seus discursos critério e firmeza. Esta diferença é quase geral. Os homens mais abastados desta região revelam não somente extrema ignorância, como ainda limitada inteligência e pouco critério. É impossível com eles ter-se conversa e não posso coibir-me de achar alguma graça na de José, que não passa de simples almocreve mulato.

Rancho de Paranapitinga, 26 de abril, 1 légua e meia – Não encontramos os burros no pasto onde os havíamos posto; ontem foi preciso procurá-los de todos os lados. Assim só pudemos seguir ao meio-dia.

Continuam as matas virgens, em terrenos montanhosos de caminhos muito difíceis.

A três quartos de légua do rancho onde passáramos a última noite, alcançamos a aldeia do Bananal, sede de paróquia. Esta vila fica situada num vale bem largo entre morros cobertos de mata e compõe-se de uma única rua. Pareceu-me de fundação inteiramente nova, mas é provável que adquira logo importância, pois se acha no meio de uma região onde se cultiva muito café e cujos habitantes, por conseguinte, possuem rendas consideráveis.

Segundo o que Firmiano me contou os botocudos jamais usam entre si de fórmula alguma de deferência, jamais também pedindo notícias uns dos outros, mesmo quando doentes.

Correm entre eles algumas fábulas. Eis uma relatada por Firmiano. O urubu, que antigamente era todo coberto de penas, conviudou

um dia sua vizinha, a arara, para jantar; mas como só lhe servisse carne de anta podre retirou-se a arara a jejuar. Querendo vingar-se convidou esta por sua vez o urubu e lhe ofereceu sapucaias. O urubu achou-as excelentes e delas comeu grande quantidade; as penas de sua cabeça caíram e desde então esta ave tornou-se calva.

Firmiano afirmou-me sempre que a sua tribo não era antropófaga, mas contou-me ao mesmo tempo que o que podia ter dado lugar a esta fábula é o costume que tem de esquartejar os inimigos depois de mortos.

Atribui-se o papo à frialdade excessiva das águas. Esta doença é na verdade comum em certas partes montanhosas do Brasil, onde as águas são muito frescas.

Rancho dos Negros, 27 de abril, 4 léguas e meia – Região montanhosa, principalmente na vizinhança do rancho onde passamos a noite; caminho muitas vezes difícil; matas virgens. Desde o lugar chamado Rancho Grande, vêem-se muitos terrenos cultivados, e outros que, outrora cultivados, apresentam hoje imensas capoeiras.

Os ranchos multiplicaram-se e são mais ou menos tão grandes quanto os da estrada do Rio de Janeiro a Vila Rica. Aquele a que chamam Rancho Grande não podia ter nome mais adequado porque incontestavelmente é o maior dos que vi desde que estou no Brasil. É coberto de telhas, bem conservado, alto acima do solo e cercado de balaustrada.

O dono é um homem imensamente rico, possuidor do mais importante cafezal da redondeza. Por um rancho sofrível que se encontra há, no mínimo, dez no mais deplorável estado. Os proprietários os alugam, com a venda contígua por preços muito altos, e poucos se lhes dá que neles chova por todos os cantos. Tenho quase tanto medo da chuva quando estou num rancho do que quando fora. É verdadeiramente inconcebível que o governo não tome alguma providência a tal respeito e tão pouco do que tanto interessa ao comércio, a ponto de nem proporcionar aos que transportam mercadorias pelas mais freqüentadas estradas, lugares onde as possam abrigar à noite, sem temer que a chuva as avarie.

Partimos muito tarde. O tropeiro que contratei me faz sempre caminhar mais do que eu desejava. São 8 horas e desde as 7 da manhã

apenas tomei alguns goles de chá com biscoitos. Este regime cansa-me excessivamente.

Rancho do Pisca, 28 de abril, 3 léguas – A região torna-se cada vez mais montanhosa e por conseguinte não necessito dizer que continua coberta de mata. Em vários pontos fica o caminho sobremodo penoso e percebe-se que nunca foi reparado.

Chegamos à margem do rio Pirai, ficamos bem atrapalhados, a pensar como haveríamos de atravessá-lo. No ponto em que desemboca a estrada existe apenas uma canoa que por todos os lados faz água e uma ponte feita de uma carreira de tábuas postas umas após as outras, só podendo servir a pedestres.

Garantiram-nos que, a meia légua dali, existia uma ponte muito bem feita; mas infelizmente acrescentavam os informantes só poderíamos alcançá-la trilhando um caminho aberto na mata, onde os burros se atolariam muitas vezes até o peito, em espessa lama. Meu tropeiro ofereceu-se para descarregar as malas e bagagem, fazendo-as passar pela ponte dos pedestres. Aceitei a oferta, mas apesar da atividade do meu pessoal em tal conjuntura não pudemos continuar a viagem senão ao cabo de hora e meia.

Quem suporia que em tão freqüentada estrada tais obstáculos pudessem ser encontrados quase idênticos aos que cinqüenta anos depois da descoberta do País existiam! Eis o que me narraram a tal respeito.

Desde muito era o rio Pirai fronteira da capitania de São Paulo e Rio de Janeiro, e o trecho do caminho que hoje percorremos achava-se então muito bem mantido. Fizera-se o projeto de mudar a atual estrada; deste modo evitar-se-iam muitos morros. Já se havia construído até uma ponte excelente no lugar em que deveria desembocar a estrada.

Mas esta não passaria pela aldeia de S. João Marcos.

Os moradores desta vila, receosos de com isto virem a perder, cotizaram-se, afirmaram-me, e deram três mil cruzados ao Intendente de Polícia, o falecido Paulo Fernandes.

Este, que não podia exercer jurisdição alguma sobre os caminhos da capitania de São Paulo, imaginou mudar os limites desta última e transportá-los para dentro Rancho Grande e o Pirai, desviando-os por

meio de uma linha imaginária e quase que impossível de se fixar em região tão cheia de matas virgens quanto esta.

À vista de tal foram a ponte e o caminho novo abandonados e continuou-se a passar perto de São João Marcos. Não tenho outro abonador deste caso além de um anônimo, mas é certo que o abandono da ponte, recém-construída, e tão útil, torna-o muito crível.

Descansamos num grande rancho, onde estão amontoadas as mercadorias de várias tropas. Logo que cheguei pus-me a trabalhar, mas não sabia onde me esconder para evitar o sol; a fumaça das fogueiras acesas no rancho cegava-me: galinhas ameaçavam a cada momento voar sobre a minha escrivaninha. Não há o que iguale o desconforto destes telheiros.

Rancho do Pisca, 29 de abril – Esta manhã precisávamos seguir; faltaram dois dos meus burros e só esta noite os encontramos. Meu tropeiro alugado mostrou-me muito mau-humor com o atraso, e se eu tivesse querido ouvi-lo teria viajado a noite toda. Já é tempo de chegar, não só para que ponha as minhas malas em lugar seguro como ainda para não ter à ilharga um homem que me irrita constantemente e faz-me adiantar mais do que eu desejaria.

Rancho de Matias Ramos, 30 de abril, 4 léguas e três quartos – Sempre montanhas cobertas de matas virgens no meio das quais não é raro haver cafezais. Passamos por muitas fazendas importantes. As benfeitorias nelas estão construídas com alguma regularidade. A casa do fazendeiro é pouco elevada e só tem o rés-do-chão, mas este amplo e ventilado por grande número de janelas .

A légua e meia do rancho onde ficamos à noite, a estrada passa perto da cidade de São João Marcos. Fui visitá-la e embora lá estivesse somente alguns momentos posso dela dar idéia suficiente, pois não é mais importante que as nossas menores aldeias. Fica situada numa baixada entre duas montanhas cobertas de mata virgem, capoeiras e cafezais.

São as casas pequenas, baixas e bem feias. Ficam as principais enfileiradas em torno de uma praça bem vasta em que construíram a matriz. Esta é grande, tem quatro altares além do da capela-mor e está ornamentada com bastante gosto.

São as redondezas de São João Marcos afamadas pela grande quantidade de café que produzem. Depois do lugar chamado Arraial existem dois caminhos que logo se encontram. Meu tropeiro quis tomar o menos freqüentado e viemos pousar num rancho que depende de enorme fazenda cujo proprietário passa por muito rico.

Apenas começara a trabalhar e um soldado de polícia apresentou-se no rancho a informar-se de onde vinha eu. Respondi-lhe que de São Paulo. Disse-me que ali fora destacado para receber a mulher de José Bonifácio de Andrada, ministro de Estado, a quem o marido diariamente esperava. Este soldado contou-me que era de Minas. Aconteceu que eu conhecera vários de seus parentes e assim conversamos muito tempo. Como todos os mineiros, gaba muito e não sem razão a hospitalidade e os costumes de sua terra, e só fala com desprezo dos lavradores da capitania do Rio de Janeiro a quem tal virtude é estranha.

Acrescentou entretanto que o dono da fazenda onde nos achávamos diferia neste ponto de seus compatriotas, e animou-me a ir vê-lo. Vesti-me e quando chegamos à casa, o soldado mandou um negro dizer ao patrão que eu lhe vinha fazer uma visita. Enquanto esperávamos caiu horrível chuva; esperei que passasse, e como o fazendeiro não aparecesse aproveitei a primeira estadia para voltar ao meu rancho, muito aborrecido, por assim ter desperdiçado o tempo.

Venda do Toledo, 1º de maio de 1822, 4 léguas – Choveu toda a noite, e a atmosfera estava ainda extremamente carregada; quando nos levantamos fiquei por muito tempo incerto se proseguiria a viagem ou não; mas vendo que não mais chovia e além disso sabendo da existência de ranchos por toda a estrada, decidi partir. Era então muito tarde e fui-me sem ter recebido as visitas nem do militar de ontem nem do fazendeiro. No rancho ainda permanecia um lote de negros e negras novos que um feitor conduzia a uma fazenda vizinha de Resende.

Todos eles usavam roupa nova e as mulheres tinham para vestir-se uma coberta de pano azul. Trajavam camisa de algodão e saia de cor, os homens punham carapuça de lã vermelha, camisa e calção de algodão grosso. Ontem ao anoitecer estenderam esteiras no chão e deitaram-se uns ao lado dos outros, envoltos em cobertores. Esta manhã receberam todos uma ração de feijão com farinha, cozida com carne-seca.

A chuva estragara um pouco o começo do caminho, mas logo encontramos terra mais seca e socada. Num espaço de légua e meia, não fizemos senão descer e subir. Mas no lugar chamado Roça d'el-Rei, começamos a subir a serra propriamente dita, isto é, o monte mais alto que a estrada atravessa, aquele que do outro lado se encontra numa planície banhada pelo mar. Vencem-se cerca de cinco quartos de légua para alcançar o cume do monte e neste espaço o caminho é belo, bem traçado e margeado por vários ranchos.

Sentia entretanto viva inquietação; estava o tempo carregado e temia que desabasse uma tempestade. Assim se desse e todas as minhas coleções, fruto de tantos sofrimentos e de tão longa viagem, ficariam inutilizadas em poucos momentos. Chegamos sem novidade ao ponto mais elevado da serra, montanha chamada *Pujar da Serra* [sic], e como o tempo não me parecesse pior decidi descer.

Contam-se $3/4$ de légua do cume à raiz da serra.

O caminho não se mostra tão horrível quanto o da serra da Mantiqueira, mas apresenta também enormes dificuldades. É de aspereza extrema, quase que inteiramente coberto por pedras arredondadas, que rolam sob os cascos dos animais. Muitas vezes, são estes obrigados a dar saltos assustadores, correndo a cada momento o risco de cair. Este desastre felizmente só aconteceu a um dos cargueiros.

De tal acidente nada resultou de aborrecido porém. Os primeiros ranchos que se encontram à raiz da serra estavam ocupados e fomos obrigados a andar cerca de um quarto de légua antes de pousar. O dono de pequena venda deu-me um quarto minúsculo onde devo dormir e onde mandei descarregar parte de minha bagagem; ficou o resto num ranchinho vizinho, verdadeiro atoleiro onde foi preciso colocar minhas malas sobre calços de madeira.

Venda de Toledo, 2 de maio – Informaram-me que há, a cerca de uma légua daqui, um riacho chamado rio Teixeira, que se torna invadeável depois da chuva. Assim, provavelmente, seria eu obrigado a ficar aqui porque chovera muito ontem pela manhã em toda a região compreendida na raiz da serra. Esta manhã e à vista disso enviei José a examinar o tal ribeirão. Voltou dizendo que não se poderia atravessá-lo sem que a água chegasse ao pescoço. Fui pois obrigado a passar o dia num miserável quartinho onde minhas malas estão empilhadas umas sobre as outras e

onde não podem ficar três pessoas sem que se incomodem reciprocamente! Fiquei tão contrariado com este contratempo que não tive coragem de sair, senão quando já era muito tarde.

Será concebível que, a 18 léguas de uma capital populosa, e em estrada extremamente freqüentada, fique alguém preso, um dia inteiro, quando chove? E isto porque a administração se descuida de fazer uma calçada que, provavelmente, não teria trinta pés!

Está o Brasil cortado por uma infinidade de caminhos que se consertam muito pouco e muito mal, e sobretudo nas vizinhanças do Rio de Janeiro. Assim, num país em que seria tão importante favorecer o comércio, tornam-no extremamente dificultoso. Ninguém se ocupa, de modo algum, em fazer as estradas transitáveis e cobram-se impostos formidáveis à passagem dos rios, onze patacas até por um passaporte e assim por diante. Apesar da enchente do ribeirão, várias tropas vindas de Minas e São Paulo continuaram a caminhar carregadas de toucinho e fumo. A água não faz mal algum à maior parte destas mercadorias e quanto ao fumo, que importa, diziam os tropeiros, esteja molhado? Pesará mais! Outras tropas vinham do Rio de Janeiro com sacos de sal; preferiram molhá-lo a perder um dia e fazer aumento de despesas.

Venda do Toledo, 3 de maio – Como o tempo estivesse bom toda a última noite e dia, podia-se sem risco atravessar o ribeirão, mas um dos burros de Antônio desapareceu, e, malgrado meu enorme pesar, precisamos aqui passar o dia. À noitinha um mulato apresentou-se na venda e contou-me que sabia onde estava o burro. Subira a serra e o haviam prendido na casa de um tal Floriano. Quando Antônio chegou, repeti-lhe o que me dissera o mulato; ele foi falar-lhe e este homem prometeu conduzi-lo ao lugar onde estava o animal, se lhe déssemos três patacas. Antônio, depois de muito hesitar, decidiu-se a seguir o mulato e levou consigo o irmão. Ao cabo de meio quarto de hora, vi-o que voltava. Disse-me que depois de dar alguns passos pedira-lhe o mulato 2\$000 em vez de 3 patacas, quantia que recusara pagar. Então o mulato, que estava a cavalo, pusera a galopar e tomara o caminho da fazenda onde os burros haviam passado a noite. Era evidente, de acordo com esta narrativa, e a do mulato, que fora este quem escondera o burro. Tendo sabido que ele era escravo e pertencia a um homem do Rio de Janeiro, possuidor de uma venda na vizinhança, escrevi uma carta muito atenciosa

ao caixeiro, que toma conta do negócio, narrando-lhe os fatos e pedindo-lhe que obrigasse o mulato a confessar a verdade. Dei-lhe a entender, polidamente, que, se o animal não aparecesse, recorreria aos meios judiciais, e, ao mesmo tempo, para maior de espadas, fiz-lhe valer minha posição, tudo do modo mais claro possível.

Rancho de4 de maio – Antes de me deitar, entregara a Antônio a carta de que falei ontem; foi levá-la de madrugada. Produziu o mais feliz dos efeitos. O caixeiro ordenou ao escravo que declarasse onde estava o burro. Confessou o mulato que o pusera num pasto pertencente ao patrão. Disse-me Antônio que tal pasto ficava em frente à venda. É difícil acreditar, por conseguinte, que o caixeiro nada soubesse do roubo do mulato, e o que induz a prová-lo é que este último não foi castigado.

No Rio de Janeiro e arredores, principalmente, são os vendedores os receptadores de roubos, feitos pelos escravos, e se houvesse no país algum policiamento seus agentes precisariam ter os olhos sempre abertos sobre os mulatos das vendas ou seus caixeiros.

Percorremos atualmente o grande vale em cuja extremidade fica situado o Rio de Janeiro. Não encontramos hoje a menor colina, senão em Santa Cruz, e segundo o que ouvi dizer o caminho será daqui para adiante sempre plano até o mar.

O terreno é úmido e arenoso e tem algumas vezes cacos de conchas, o que parece provar haver sido coberto pelas águas do mar, estendendo-se à baía do Rio de Janeiro, outrora até as montanhas. Atravessamos, sem estorvos, o rio Teixeira. Entretanto sua passagem oferecia ainda perigos para os burros carregados de objetos delicados. Realmente, construíram uma ponte sobre o próprio leito do rio; mas quando chove a água esparrama-se à direita e à esquerda da ponte. Ali se formaram caldeirões profundos onde os animais podem facilmente cair, molhando-se a carga.

A uma légua do Teixeira e duas do rancho do Toledo fica a cidadezinha de Itaguaí. Era antigamente uma aldeia de índios, sem dúvida, formada pelos jesuítas quando ainda donos de Santa Cruz. Acha-se situada numa colina a algumas centenas de passos do caminho onde se encontram ainda famílias de índios. Alguns brancos construíram casas à beira da estrada. Ali estabeleceram vendas e lojas; colocou-se

um pelourinho no meio dos arbustos que cobrem o terreno entre a estrada, e a aldeia de Itaguaí transformou-se em vila.

Entretanto Aldeia é o nome que na região geralmente se dá para designar este lugar.

A meia légua dali fica a guarda do mesmo nome. Uma sentinela postada numa guarita, à beira da estrada, disse-me que fosse exhibir o meu passaporte a um empregado de cobrar um imposto bem elevado dos viajantes. Mostrei-o e nada me pediram. O empregado enviou-me ao comandante da guarda que me fez toda a espécie de gentilezas. Um pouco além da guarda atravessa-se por uma ponte, muito bonita, de madeira, o Itaguaí, pequeno rio. Aí começa a imensa planície de Santa Cruz.

Despesas da viagem do Rio de Janeiro a São Paulo passando por Minas¹¹

José Simpliciano entrou para o meu serviço à razão de 10\$000 por mês.

	Réis
<i>Inhaúma</i> , 29 de janeiro:	
Milho	\$500
<i>Santo Antônio de Jacutinga</i> , 30 de janeiro:	
5/4 de milho a 7 vinténs a meia quarta	1\$400
<i>Raiz da Serra</i> , 31 de janeiro:	
5/4 de milho a 7 vinténs a meia quarta	1\$400
<i>Café</i> , 1 ^a de fevereiro:	
5/4 de milho a 7 vinténs a meia quarta	1\$400
<i>Vargem</i> , 2 de fevereiro:	
5/4 de milho a 7 vinténs a meia quarta	1\$000
<i>Registro do Caminho Novo</i> , 3 de fevereiro:	
5/4 de milho	1\$000
Pedágio de meus burros e pessoal	1\$000
<i>Engenhoca</i> , 4 de fevereiro:	
5/4 de milho a 800 réis o alqueire	1\$000
Leite	40
Punch	20
<i>Registro do Rio Preto</i> , 6 de fevereiro:	
1/2 alqueire de milho	\$400
Gorjeta	\$240
<i>S. Gabriel</i> , 10 de fevereiro:	
Milho	2\$240
3rapaduras	\$240

¹¹ Emprega Saint Hilaire às vezes o sinal H para designar uma unidade monetária que ignoramos qual seja.

	Réis
<i>S. João</i> , 11 de fevereiro:	
5/4 de milho	1\$400
Toucinho	\$160
Farinha	\$160
<i>Rancho de Manuel Vieira</i> , 12 de fevereiro:	
5/4 de milho	\$820
1/2 quarta de feijão	\$080
<i>Rancho de Antônio Pereira</i> , 13 de fevereiro:	
5/4 de milho	\$820
<i>Fazenda do Tanque</i> , 15 de fevereiro:	
3 peles de ga to-do-mato	\$120
2 guias	\$240
2 queijos	\$200
2 fran gos	\$160
<i>Ponte Alta</i> , 16 de fevereiro:	
Milho e feijão	\$960
<i>Ponte Alta</i> , 17 de fevereiro:	
Gorjeta	\$080
5/4 de milho	\$800
<i>Fazenda da Cachoeira</i> , 18 de fevereiro:	
5/4 de milho	\$800
Leite	\$080
<i>Barbacena</i> , 21 de fevereiro:	
Pasto dos 9 burros du ran te duas no ites	\$360
Milho	1\$260
La va gem de rou pa	\$400
Gorje ta a Luís	\$480
Biscoitos	\$040
<i>Fazenda de S. Borja</i> , 22 de fevereiro:	
Milho	\$320
<i>S. João d'el-Rei</i> , 23 de fevereiro:	
2 ma las	9\$600
Uma tá bua para as plan tas	\$640
1 garra fi nha de vinho quina do	\$480
Conserto de 1 espingar da	\$480
Biscoitos	\$400
Gorje ta aos ne gros do Vi gá rio	\$160
Duas pe les de co bra	1\$280
2 lb. de chocolate	\$800
2 lb. de velas	1\$600
2 fa cas	\$400

	Réis
<i>Rio das Mortes, 24 de fevereiro:</i>	
Esmola	\$080
<i>Fazenda do Ribeirão, 27 de fevereiro:</i>	
Provisões	\$740
<i>Fazenda da: 28 de fevereiro:</i>	
1/2 alq. e 1/2 quarta de milho	\$400
<i>Fazenda Carrancas, 1^o de março:</i>	
1/2 alq. de milho	\$240
<i>Rancho Traituba, 2 de março:</i>	
1 alq. de milho	\$640
<i>Retiro, 3 de março:</i>	
1/2 alq. de milho	\$240
<i>Fazenda dos Piões, 4 de março:</i>	
Milho e feijão	\$640
<i>Juruoca, 6 de março:</i>	
1 alq. de milho	\$480
7 ferraduras	1\$120
<i>Serrado Papagaio, 7 de março:</i>	
1/2 alq. de milho	\$240
Um guia	\$320
Idem	\$960
<i>Vila de Baependi, 10 de março:</i>	
3 quart. e meio de milho	\$700
Pasto para os 9 burros	\$180
Vinho	\$180
Gorjeta dada a 7	\$400
Biscoitos	\$120
Fita	\$160
Ferraduras	\$140
100 cravos para os burros	\$640
Uma peneira de tecido de algodão	\$160
<i>Pouso Alto, 12 de março:</i>	
Pasto para os 9 burros	\$180
1 alq. 1/4 de milho	1\$200
Aguardente para o meu pessoal	\$080
2 pepinos	\$040
<i>Córrego Fundo, 13 de março:</i>	
1 alq. de milho	\$960

	Réis
<i>Mantiqueira, 19 de março:</i>	
7/4 alq. de mi lho	1\$680
Farinha 1/4	\$240
4 lb. de tou ci nho e 1/4 de fe i jão.	\$800
8 lb. de tou ci nho	\$640
1/4 de fa ri nha	\$240
<i>Portoda Cachoeira, 20 de março:</i>	
1/4 de fe i jão	\$800
Biscoitos a 40.	\$320
1 queijo.	\$180
2 rapaduras	\$030
1 me di da de sal	\$080
2 lb. de açú car	\$240
1 alq. de mi lho	1\$280
Corjeta à passagem do Paraíba.	\$080
<i>Vilade Guaratinguetá, 23 de março:</i>	
Pasto	\$180
Lenha	\$040
Bananas	\$040
8 lb. de tou ci nho	\$560
Milho	\$800
Farinha 1/2 quarta.	\$100
<i>Inhá Moça, 24 de março:</i>	
Peixe	\$120
Esmo la	\$040
Pasto.	\$090
1/2 alq. de mi lho	\$480
Bananas	\$040
Peixe.	\$080
<i>Vilade Taubaté, 25 de março:</i>	
1 fran go	\$160
1 alq. de mi lho	\$560
Lenha	\$120
Alu quel de casa	\$040
1 can galha	\$800
Fer ra gem para 1 can galha	\$800
Con ser to do meu se lim	\$040
Pasto.	\$090
1/6 quart. de farinha	\$200
Biscoitos.	\$080
1/2 quart. de sal.	\$160
1 que i jo	\$180
A um po bre	\$040
Rapadura	\$060
Biscoitos.	\$040

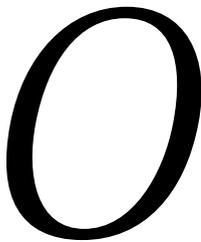
	Réis
<i>Pirangangava, 26 de março:</i>	
Lombo de porco	\$200
Aguardente para o pessoal	\$020
1/6 alq. e 1/6 quarta de milho	\$100
<i>Pirangangava, 28 de março:</i>	
1 mão de milho	\$160
Aguardente para o pessoal	\$020
<i>Tacurá, 29 de março:</i>	
1 ferradura	\$240
Aluguel de 2 quartos	\$180
Biscoitos	\$140
1/4 de feijão	\$400
8 lb. de toucinho	\$480
Pasto	\$180
Rapadura	\$030
Lenha	\$040
Gorjeta à passagem do Paraíba	\$080
Aguardente para o pessoal	\$020\$
Gorjeta	\$.....
<i>Sumidouro, 30 de março:</i>	
1/2 alq. de milho	\$520
Milho	\$460
Farinha	\$100
<i>Mogi, 31 de março:</i>	
Milho	\$480
Lenha	\$040
Peixe	\$040
1 queijo	\$160
Pasto	\$090
<i>Tatuapé, 2 de abril:</i>	
1 alq. e 1/2 de milho	1\$040
2 noites de pasto	\$180
Aguardente	\$.....
<i>São Paulo, 3 de abril:</i>	
Milho 1 alq.	\$500
12 ferraduras	1\$920
Cra vos para os burros (150)	\$800
1 pão de chocolate	\$100
1 gravata preta	1\$280
3 lb. de velas	2\$040
1 par de botas	2\$880
2 se lins	12\$000
1 pão de chocolate	\$100
1 vidro de relógio	\$240
2 garrafas de licor	\$960

	Réis
Lavagem de roupa	\$140
1 couro de boi	1\$660
1 cangalha	\$960
1 sobrecarga	\$160
Pintura de 1 cangalha	\$120
Idem	\$120
Gorjeta	\$960
<i>Baixadas Bananeiras, 12 de abril:</i>	
Gorjeta	\$640
1/2 alq. de milho	\$160
<i>Mogi das Cruzes, 13 de abril:</i>	
1 alq. de milho	\$480
Pasto	\$090
<i>N. S. da Esca da, 14 de abril:</i>	
1 alq. de milho	\$480
Gorjeta dada em Baixa das Bananeiras	\$640
<i>Jacaré, 15 de abril:</i>	
Conserto de 1 mola	\$080
<i>Jacaré, 16 de abril:</i>	
1/2 alq. de milho	\$480
Pasto	\$080
Esmola	\$100
<i>Taubaté, 17 de abril:</i>	
1/2 alq. de milho	\$280
7 ces tas	\$140
Pela esta da na estalagem	\$040
1 alq. de milho	\$640
<i>Ribeirão, 18 de abril:</i>	
1 alq. De milho	\$640
<i>Rancho das Pedras, 19 de abril:</i>	
1 punha do de milho	\$200
Canas	\$050
Abacaxis	\$020
<i>Rancho de To más de Aqui no, 20 de abril:</i>	
1 alq. de milho	\$640
Esmola	\$100
100 cravos	\$640

	Réis
<i>Rancho do Sapé</i> , 21 de abril:	
2 ferra duras	\$280
Esmola	\$040
<i>Rancho da Estiva</i> , 22 de abril:	
5/4 de mi lho	1\$200
<i>Rancho do Ramos</i> , 23 de abril:	
2 quar tas 1/2 de mi lho a 14\$	\$700
1/2 quart. de fe ijão	\$320
<i>Rancho de Pedro Louco</i> , 24 de abril:	
1/2 alq. de mi lho	\$560
1/4 de farinha	\$480
1 alq. de mi lho	\$800
Bananas	\$050
<i>Rancho de Parana pitinga</i> , 26 de abril:	
3/4 de mi lho	\$840
<i>Rancho dos Negros</i> , 27 de abril:	
1 alq. de mi lho	1\$280
<i>Rancho do Pisca</i> , 28 de abril:	
1 alq. de mi lho	1\$280
<i>Venda do Toledo</i> , 1 ^o de maio:	
8/4 de mi lho	<u>\$960</u>
To tal dos três meses	109\$640

.....

QUADRO HISTÓRICO DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO



I – HISTÓRIA

navegador português Pedro Álvares Cabral embarcou em Lisboa no ano de 1500, com destino às Índias Orientais; ventos contrários impeliram-no para oeste, e, assim, o Brasil foi descoberto.

Nessa ocasião, o Rei de Portugal estava inteiramente absorvido com as conquistas que seus navegantes tinham efetuado nas Índias, conquistas que seus sucessores dentro em pouco tempo perderiam; por esse motivo descuidou-se do Brasil que, durante dois séculos, canalizou para Portugal imensas riquezas.

A costa setentrional do Brasil foi, entretanto, explorada, nela se tendo estabelecido alguns particulares; a costa que se estende da baía de Todos os Santos ao rio da Prata mal era conhecida. O Rei D. João III quis, finalmente, assegurar os direitos que Portugal julgava ter sobre as terras descobertas, encarregando Martim Afonso de Sousa de tomar posse das mesmas. Não podia ter feito melhor escolha. Era Martim Afonso de Sousa, no dizer de um historiador, o mais virtuoso dos cortesãos, o mais criterioso dos conselheiros, o mais hábil dos generais.

Partiu Martim Afonso de Lisboa pelos fins do ano de 1530 e, a 30 de abril de 1531,¹ fundeu na baía do Rio de Janeiro, que os indígenas dominavam Ganobará ou Nithoy. Como os tamoios, selvagens descon-

1 To dos os his to ri a do res afir mam que Mar tim Afon so en trou na baía do Rio de Ja ne i ro no dia 1º de ja ne i ro; mas o *Diário da Na ve ga ção* des se ilus tre ho mem, diá rio de au to ria de seu ir mão Pero Lo pes de Sou sa, e publi ca do com eruditas e sábias anotações por Fran cis co Adol fo de Var nha gen, pro va, cla ra men te, ser errô nea a re fe ri da data.

fiados e belicosos não lhe permitissem estabelecer-se ali, prosseguiu viagem até o rio da Prata; depois, voltando para o norte, entrou, no dia 20 de janeiro de 1532, numa baía que, protegida por duas ilhas mui próximas da terra firme, apresenta o mais seguro ancoradouro de toda a costa. Recebera Martim Afonso de seu soberano ordem para estabelecer uma colônia ao sul do Brasil; foi esse o local que escolheu, lançando na ilha de São Vicente os fundamentos da vila que recebeu esse nome.

Tal foi o início da capitania de São Vicente, cuja história está ligada à de quase todo o Brasil, e que mais tarde foi denominada capitania de São Paulo.

Sem nenhuma razão têm sido considerados como um vil ajuntamento de bandidos os primeiros habitantes da referida colônia, quando é certo que entre os companheiros de Martim Afonso contavam-se fidalgos de Portugal e da ilha da Madeira; todos, entretanto, deveriam, naturalmente, participar assim de vícios como das brilhantes qualidades dos homens de sua época; eram o que foram pelos meados do século XVI os outros portugueses. A uma fé ardente, mas pouco esclarecida, a uma generosidade levada à imprevidência, juntavam um espírito empreendedor e aventureiro, uma grande intrepidez, muito orgulho, o amor da glória, o desejo de adquirir riquezas para dispensá-las e brilhar, e, sobretudo, uma rudeza de costumes contra a qual lutava, em vão, a inefável doçura do Cristianismo. Nenhum povo europeu era, na mesma época, isento dessa rudeza, e, se os paulistas a conservaram por tempo mais dilatado, foi devido à circunstância de se entreterem, continuamente, com gigantescas incursões pelos sertões e com as constantes caçadas que organizavam contra os selvagens durante muitíssimos anos.

Quando Martim Afonso aportou à ilha de São Vicente, essa parte do Brasil pertencia aos guaianases, indígenas pacíficos que povoaram o planalto situado ao norte da cadeia marítima, mas que, em certas épocas do ano, incursionaram o litoral, a fim de colher ostras e outros moluscos.

No momento em que os portugueses entraram na baía, indígenas habitantes do planalto pescavam na costa. Diante do tamanho dos barcos dos europeus, fugiram, indo relatar em suas *tabas* (aldeias) que acabavam de ver pirogas que, comparadas com as por eles usadas, eram como as árvores mais altas da florestas em relação às plantas rasteiras dos campos; e que,

homens de pele branca, das mesmas haviam desembarcado, parecendo querer estabelecer-se no local, ali se fortificando.

O chefe dos indígenas tomou como um insulto a conduta dos homens brancos, razão pela qual se apressou em dar a notícia do que ocorria a todos os caciques da vizinhança. Apressou-se, sobretudo, em avisar das ocorrências a Tibiriçá, chefe dos habitantes dos campos de Piratininga e a que toda a nação guaianás tributava grande respeito, porquanto nenhum chefe era mais poderoso, nem melhor guerreiro. Martim Afonso não era o primeiro europeu que pisava naquela costa. Entre os guaianases vivia um português, salvo, provavelmente, de algum naufrágio e a quem Tibiriçá dera uma de suas filhas, de nome Bartira, por esposa. Esse homem, chamado João Ramalho, não tendo jamais visto um navio de sua nacionalidade abordar àquelas paragens, acreditou que os homens aos quais os indígenas se referiam ali tivessem sido arrojados por uma tempestade, quando na rota das Índias Orientais. Compadecido da triste sorte que supunha estar afligindo seus compatriotas, conseguiu que seu sogro partilhasse de sua compaixão, persuadindo-o de que, se tratasse os portugueses como amigos, lhe adviriam de tal atitude grandes proveitos. Tibiriçá, em companhia do genro, pôs-se a caminho de São Vicente, seguido de trezentos indígenas armados de flechas. Quando João Ramalho avistou os portugueses, elevou a voz, e, falando aos compatriotas, de longe, em sua língua materna, assegurou-lhes de que os guaianases não se apresentavam como inimigos. Aproximaram-se, então, indígenas e portugueses, fazendo aliança contra as tribos indígenas que testassem perturbar-lhes o sossego; e, como manifestação de regozijo, os portugueses casaram o ribombo de sua artilharia aos sons dos instrumentos com que os indígenas acompanhavam suas danças selvagens.²

Nada mais tendo a temer dos indígenas, Martim Afonso ocupou-se em febril atividade na edificação da nascente povoação, permitindo que seus companheiros fizessem plantações na ilha de São Vicente; nomeou

2 O padre Manuel Aires de Casal, apoiado numa passagem do histórico espanhol Herre-ra, pen sa (*Corog. Bras.* – I 51.202) que, antes da chegada de Martim Afonso a São Vicente, já ali existia uma *feitória*, pelo que conclui que os indígenas, acostumados a ver navios europeus, nenhuma surpresa tiveram quando o dilustre português aproximou-se da costa; e, assim raciocinando, julgasse autorizado a repelir a narrativa que acaba de fazer. A pouca verossimilhança do fato invocada por Herre-ra muito enfraquece, a meu entender, tal asserção.

oficiais de justiça e assegurou, por meio de sábios regulamentos, a tranquilidade dos colonos e a segurança das respectivas propriedades.

A Martim Afonso, em última palavra, deve-se o primeiro estabelecimento regular dos portugueses em o Novo Mundo. Esse ilustre homem não se contentou, porém, como tantos outros capitães portugueses, em explorar a costa; quis conhecer e desbravar o interior das terras. Através de mil perigos, escalou a cadeia marítima denominada pelos indígenas Paranapiacaba;³ do cume das altas montanhas que a constitui pôde fazer uma idéia exata da magnífica região cuja posse acabava Martim Afonso de assegurar para a monarquia lusa; e assim penetrou até a planície de Piratininga (1532), domínio de seu fiel aliado – o cacique Tibiriçá.

O rei D. João III reconheceu, afinal, que o Brasil tinha algum valor; mas, para se livrar dos cuidados exigidos pela colonização de tão vasta região, dividiu-a em várias capitanias hereditárias, doando-as a nobres personalidades, que se ocupariam de defendê-las, nas mesmas formando estabelecimentos.

Martim Afonso era um dos maiores mercedores de tal recompensa. D. João III doou-lhe 400 léguas da costa, desde a baía de Paranaguá; mas, nessa vasta extensão de terras, estava encravada uma nesga de 10 léguas de largura, desde o rio São Vicente até o rio Juqueriquerê, em frente à ilha de São Sebastião, terras encravadas que faziam parte das 50 léguas doadas a Pero Lopes de Sousa, irmão de Martim Afonso.⁴ A doação deste último recebeu o nome de capitania de São Vicente, e viu-se ele obrigado a partir para Portugal no ano de 1553. Chegando às

3 Assim se tra duz essa pa la vra – *lu gar de onde se avis ta o mar*. É su po si ção cor ren te que a mes ma se ori gi ne de *Paraná* – mar – *cepiãçã* – vê. (*Dic. port. bras.* – 51 – 78).

4 Des ta a ci da de de São Se bas tião até a pon ta de Ta i pu, pró xi ma a São Vi cen te, a costa da pro vín cia de São Paulodirige-se, apro xi ma da men te, do ori en te para o oci den te. Das duas ilhas que pro te gem o por to de San tos, a mais ori en tal, ou, me lhor di zen do, a mais afa s ta da do Rio de Ja ne i ro, tem o nome de San to Ama ro e está se pa ra da da ter ra fir me por um ca nal de no mi na do Bar ra da Ber ti o ga. Entre essa ilha e mais oci den tal – a de São Vi cen te – está si tu a do o bra ço de mar cha ma do Bar ra Gran de, Bar ra Lar ga, ou, me lhor, Bar ra de Santos, pela qual os navios entram no por to de San tos. De no mi na-se rio de São Vi cen te o profundo canal, mais es tre i to, que se pa ra a ilha de São Vi cen te do con ti nen te. Tais são as de no mi na ções ge ral men te ado ta das hoje; mas não eram as ado ta das ao tem po de Mar tim Afon so (Cas *Corog. Bras.*, 1217). Esse gran de na ve ga dor acre di ta va que os três bra ços de mapa que nós va mos re fe rin do eram as em bo ca du ras de um úni co rio e dava a to dos os três o nome co mum de rio São Vi cen te. A bar ra da Ber ti o ga era, pois, o li mi te do do mi nio dos dois ir mãos, e não, como se acre di tou, o rio São Vi cen te atu al (Gas par da Ma dre de Deus, *Mem. S. Vicente*, I, II). Do con trá rio, ter-se-ia de ad mi tir que D. João III ti ves se sub trá i do de Mar tin Afon so a por ção de ter ri tó rio que mais na tu ral men te de via per ten cer-lhe, e que este es ti ves se fun da do uma ci da de e dis tri bu í do ter ras numa re gião que não lhe per ten cia.

margens do Tejo, muito afastado da América, não se esqueceu, entretanto, da capitania de que era donatário. Por seus cuidados e esforços, as mulheres de seus companheiros deixados no Brasil aos mesmos se reuniram, e novos colonos aumentaram o número dos mais antigos. Introduziu, também, em sua capitania, as diversas espécies de animais domésticos europeus; fez transportar da ilha da Madeira a cana-de-açúcar, que de São Vicente se espalhou pelas outras partes do Brasil; e ordenou a montagem do primeiro engenho de açúcar que existiu no Império.⁵

Os inteligentes esforços de Martim Afonso fizeram florescer a nova colônia. A agricultura logo prosperou de modo notável e um intenso comércio estabeleceu-se em Portugal, favorecido pela criação de um outro núcleo de população – Santos –, cujo porto tem capacidade para receber os maiores navios. O numerário, é certo, foi, a princípio, extremamente escasso. Eram pagas com açúcar as mercadorias recebidas da Europa, produto este que constituía a única moeda corrente na capitania.

Não obstante os progressos assaz sensíveis que acabamos de assinalar, a nova colônia não passou muito tempo, entretanto, sem se ressentir da ausência de seu ilustre proprietário. Este compreendia perfeitamente que se os portugueses, levados pelo desejo de mudança de situação, deixassem o litoral e se dispersassem pelo interior das terras, não teriam mais a mesma força e não poderiam remeter suas produções para a Europa. Por essa razão, proibiu aos brancos a entrada na planície de Piratininga, fazendo exceção, unicamente, em relação a João Ramalho. Mas, desde que partiu para a Índia, cujo governo lhe foi confiado, sua mulher, D. Ana Pimentel, suspendeu essa proibição. Daí os portugueses se misturarem com os indígenas, e, aos vícios de uma civilização muito defeituosa, juntaram, dentro em pouco, os da vida selvagem.

Os representantes da autoridade de Martim Afonso não eram nem bastante enérgicos nem bastante judiciosos, para manter a ordem na colônia e para desenvolver os bons costumes e as normas de uma equilibrada equidade entre indivíduos de raças tão diversas –

5 Vasconcelos, *Crônica*, 1,61. Sob o nome *afonsea*, com sa grei à me mó ria de Mar tim Afon so um belo gênero brasileiro da família das leguminosas, gênero que se distingue pela pluralidade dos ovários e dos cálices vesiculosos. (V. minha *Voyage au District des Diamants* etc. 1,388). Permitir-me-ão repetir aqui as expressões de que me servira de dicatória desse gênero botânico: – “*In honorem illustriissimi Martini Afonso de Sousa, qui maximo incolarum beneficio, saccharum officinale in Brasilian introduxit, Monumentum splendidi gratia consecravit Brasiliensis!*” – Não sei se até o presente momento os meus votos foram realizados.

uns inteiramente selvagens, e os outros semicivilizados, audaciosos e cúpidos.

Embora dando aos indígenas o nome de *compadres* – nome respeitável na época –, os brancos exploravam-nos com revoltante impudor, e, para impedirem que os mesmos conhecessem a verdade, os próprios administradores, cúmplices da má-fé de seus administrados, proibiam a todos os cristãos, sob a cominação de severos castigos, o desmoralizarem, diante de um indígena, a um outro cristão ou suas mercadorias.

Não era, porém, unicamente em relação aos indígenas que os portugueses violavam todas as leis mais comezinhas da probidade; eram, também, pouco escrupulosos quando tratavam uns com os outros, e a falta de confiança era tão intensa que, para ter segurança da fidelidade dos homens livres empregados nos engenhos de açúcar, eram estes obrigados a jurar, perante a câmara municipal, que nada furtariam a seus patrões.⁶

A ausência de um chefe leal e poderoso não constituía a causa única a atuar, prejudicialmente, sobre os colonos de São Vicente. Uma outra causa de corrupção entre eles se introduzira desde os primórdios de seu estabelecimento: – a escravização dos indígenas. Protegendo a liberdade destes, as leis portuguesas permitiam, no entanto, que essa proteção fosse burlada em certas circunstâncias. Os colonos invocaram sempre boas razões para terem escravos. Descurados, eles próprios, dos preceitos da religião cristã, deixavam seus escravos manter-se em grosseira ignorância; estes, perdendo seus hábitos selvagens, nada conseguiam do que um fatal embrutecimento; os senhores também se embruteciam, tornando-se cada vez mais cruéis.

Vários *vicentistas* – denominação a princípio dada aos habitantes de São Paulo – casavam-se com as indígenas, outros com as mesmas se amasiavam, ou, sendo casados, mantinham concubinas nas aldeias, às quais os indígenas tratavam como legítimas esposas. Dessas díspares uniões proveio um grande número de mestiços; e foi a esses homens, conhecidos pela brutalidade de costumes, que se deu o nome de *mamelucos*, nome emprestado à milícia muçulmana que dominava no Egito.⁷

6 Gaspar da Madre de Deus. *Mem. S. Vicente*, 66, 67.

7 V. alguns trechos interessantes, escritos pelo Padre Anchieta, publicadas na preciosa coletânea intitulada *Revista Trimestral de História e Geografia*, Rio de Janeiro.

As províncias setentrionais do Brasil estavam, na mesma época, em situação muito mais precária do que a da capitania de São Vicente. Seus destinatários, fracos e isolados, tinham dificuldade em se defender dos incessantes ataques dos indígenas, ao mesmo tempo que se aproveitavam da autoridade sem peias de que eram investidos, para a prática, em relação aos colonos, de atos do mais intolerável despotismo.

D. João III, finalmente, atendendo às súplicas de seus súditos, enviou ao Brasil um governador-geral – Tomé de Sousa –, homem enérgico e prudente, que devia representá-lo em todas as coisas, e a quem concedeu os mais amplos poderes. Com Tomé de Sousa chegaram à baía de Todos os Santos, no ano de 1549, cinco religiosos da Companhia de Jesus, tendo à frente Manuel da Nóbrega seu provincial, missionário, que, à nobreza do sangue, reunia as mais altas virtudes, prodigiosa atividade e grande talento para conduzir-se em sua missão.

Esses homens corajosos preocuparam-se, sem reservas, com a felicidade dos indígenas; mas como eles sozinhos não podiam desempenhar a difícil tarefa que se impuseram, quatro anos mais tarde, vieram coadjuvá-los mais sete confrades, entre os quais José de Anchieta, que mereceu ser cognominado o Apóstolo do Brasil.

Anchieta foi a seu tempo poeta, guerreiro, naturalista; para tornar-se útil, a tudo se adaptava – ensinava crianças, comandava tropas, compunha cânticos, cuidava de enfermos, não se recusando, mesmo, a prestar os mais vulgares serviços. Anchieta pode ser colocado entre os homens mais extraordinários de seu tempo.⁸

Apenas chegado ao Brasil, Nóbrega fundou um colégio em São Vicente; em pouco, como já assinalamos acima, foi ele seguido pelo padre Anchieta, começando, então, para a capitania de Martim Afonso uma nova era. Os jesuítas envidavam todos os esforços para integrar os colonos na dignidade de homens e nos deveres de cristãos, por muito tempo esquecidos; opunham-se às injustiças dos mesmos e pleiteavam, corajosamente, em prol da liberdade dos indígenas, afastando da comunhão dos fiéis os opressores desses infelizes. Foi sobretudo o desejo de atrair os indígenas ao conhecimento da verdade que os fez abandonar família e pátria; de nada descuraram para atingir tão nobre escopo. Iam procurar os selvagens no fundo das florestas, afrontavam-lhes a crueldade, atraíam-nos com benefícios, consolavam-nos em suas aflições, tratavam-nos

8 *Viagem ao Distrito dos Diamantes e ao Litoral do Brasil*, II, 4.

em suas enfermidades e os faziam cristãos. As crianças, fascinadas por seus cânticos, seguiam-nos e os rodeavam, sendo por eles iniciadas no conhecimento da religião, e com eles aprendiam, também, a leitura, a escrita, as contas e a música.⁹

Os jesuítas desde logo sentiram que, para se tornar verdadeiramente úteis aos indígenas, não deveriam confinar-se no litoral habitado unicamente pelos portugueses e seus escravos. Nóbrega resolveu estabelecer um novo colégio na planície de Piratininga, encarregando de tal incumbência Anchieta, que contava, então, pouco mais de vinte anos. Em época menos remota, os mineradores, atraídos unicamente pela presença dos diamantes e do ouro, fixavam-se, de ordinário, nas regiões montanhosas, no fundo de tristes e áridos vales; os jesuítas, ao contrário, estabeleciam-se em terras mais férteis, sobre eminências onde as maravilhas da natureza, desdobrando-se num vasto horizonte diante do espectador maravilhado, impeliam-no a elevar os pensamentos até o Criador.¹⁰ Foi um local nessas condições o escolhido pelos discípulos de Santo Inácio, na planície de Piratininga, para a fundação de seu novo colégio. A 24 de janeiro de 1554, dia da conversão de São Paulo, foi celebrada a primeira missa no novo estabelecimento, que recebeu o nome de São Paulo. Ali, onde devia erguer-se a cidade encantadora, destinada a representar tão importante papel na História do Brasil, só se via, a princípio, uma cabana de 14 pés de comprimento por 10 de largura, construída de terra e coberta de sapé. “É aí” – escrevia Anchieta – “que temos nossa escola e que estão nossa enfermaria, nosso dormitório, nossa cozinha, nosso refeitório, nossa dispensa.” Folhas de bananeiras serviam de mesa, uma esteira servia de porta.

9 “.....

O Nóbrega famoso, o claro Anchieta,
Por meio de pe rigos e de es pan tos,
Sem te mer do gen tío a cru el seta,
Todo o vas to ser tão tem per lus tra do
E a fé com mil tra ba lhos pro pa ga do.

.....
So frem ris cos, tra ba lhos, fome, fri os,
Sem re ce ar os bár ba ros in sul tos;
Pe ne tram ma tos, atra vessam rios,
Bus can do nos ter re nos mais in cul tos,
Com imen sa fa di ga e pio ga nho,
Es se per di do, mí se ro re ba nho.

(*Caramuru*, can to X, ests. 55, 56).

10 V. as três pre ce den tes nar ra ti vas do au tor.

A nascente colônia não tardou a tomar incremento. Um grande número de indígenas, de mestiços e de portugueses veio agrupar-se em volta da mesma, e o grande chefe dos guaianases, Tibiriçá, que recebeu no batismo o nome de seu compadre Martim Afonso de Sousa, transferiu toda sua aldeia para perto do colégio dos jesuítas. Contudo, de tal progresso logo se originou uma rivalidade perigosa. Desde o tempo em que Martim Afonso de Sousa se encontrava ainda em São Vicente, João Ramalho havia formado, na entrada da planície, uma povoação que denominou Santo André, e que, mais tarde, foi elevada a vila. A João Ramalho e a seus numerosos filhos, todos mestiços, juntou-se grande número de portugueses. Esses homens, que tinham toda a sorte de vícios e não cessavam de escravizar os indígenas, não podiam ouvir sem cólera as prédicas dos jesuítas contra essa infame prática; por esse motivo, levantando absurdas calúnias, começam a incitar contra os padres diversas tribos indígenas. São Paulo foi atacada, mas os indígenas convertidos à fé cristã rechaçaram os inimigos e sua vitória aumentou ainda mais a influência dos jesuítas. Demonstraram estes, em pouco tempo, toda a grandeza dessa influência, numa ocasião importante. Na Europa começava-se a saber o que valia o Brasil. Os franceses quiseram ter sua parte nessa rica colônia. Conduzidos pelo cavaleiro de Malta, Nicolau de Villegagnon, fundaram um estabelecimento na baía do Rio de Janeiro.¹¹ Em vez de oprimir os indígenas, Villegagnon tratava-os com muita justiça e generosidade.¹² Os belicosos tamoios que ocupavam toda a região situada entre “Rio de Janeiro e São Vicente” tornaram-se seus poderosos e úteis aliados. Os portugueses, a princípio, deram pouca atenção aos empreendimentos desses perigosos vizinhos; mas Nóbrega abriu-lhes, enfim, os olhos, e a corte de Lisboa ordenou ao governador Mem de Sá que expulsasse os recém-vindos. Os colonos portugueses queriam contemporizar; Nóbrega

11 O verídico e judicioso Léry, que fazia parte dessa expedição, cujos por menores descreveu, de nomina a região a que apontaram os seus patriotas – “1^a ter re du Brésil” também chamada “América”; mas dois autores muito menos recomendáveis deram à região o nome de *França Antártica*. Relatada essa particularidade, Southey insurge-se com aze do me contra a *arrogância comum aos franceses* (*Hist.*, I, 273), olvida do de que, antes mesmo de terem fundado o menor estabelecimento na costa da América setentrional, seus compatriotas tinham já consagrado o nome de *Virgínia* (Robertson, *Virginie*, 25), ridiculamente emprestando de uma qualidade de que se orgulhava sua rainha. Os crimes e os defeitos de que uma nação acusa outra nação podem, quase sempre, ser encontrados nos anais da acusadora. Em vez de reprimi-los, censurá-los, tomá-los de veriam traçar para evitá-los e corrigir as faltas de que são, igualmente, culpadas.

12 Mem de Sá, *Lit.*, in Pizarro, *Mem. hist.*, I, 14.

repeliu com fervor seus tímidos conselhos: a guerra foi resolvida. Os jesuítas convenceram os habitantes de São Vicente a tomar parte na mesma e levaram víveres a Mem de Sá, bem como canoas e um grande número de brancos, de mamelucos e de indígenas, todos acostumados a guerrear contra os tupinambás e tamoios, amigos dos franceses. Estes foram derrotados, suas fortificações foram arrasadas, e a tropa portuguesa, levando os canhões do inimigo, retirou-se para Santos, onde o incansável Nóbrega havia preparado socorros para os feridos e víveres para todos.

Mem de Sá acompanhou sua tropa até Santos. Os jesuítas aproveitaram-se de sua presença ali para se livrarem duma perigosa vizinhança. Expuseram ao governador que a vila de Santo André, construída no limite das florestas, e das montanhas, achava-se constantemente exposta aos ataques dos selvagens, ao passo que São Paulo, situada em ponto alto, numa região descoberta, pouco tinha a temer de suas agressões. Mem de Sá ordenou a destruição de Santo André. São Paulo foi elevada a vila no ano de 1560, sob o nome de São Pedro de Piratininga, e os padres da companhia de Jesus para ali transferiram o colégio que haviam fundado no litoral.¹³ Uma tempestade se formava, entretanto, sobre a capitania de São Vicente. Os tamoios tinham sido derrotados com os seus aliados, os franceses, mas não haviam sido exterminados. Exasperados com as injustiças dos portugueses e com suas caçadas aos indígenas, para escravizá-los, resolveram vingar-se, atacando a colônia de Martim Afonso. Uns, depois de escalar as montanhas, espalharam-se pela planície de Piratininga; outros, com o auxílio de suas compridas canoas, que podiam transportar até 150 guerreiros, fizeram irrupções no litoral, devastando as plantações dos colonos cujas casas destruíram e cujos escravos arrebataram.

13 Os erros do padre Charlevoix sobre os primeiros dias da vila de São Paulo (*Hist. do Paraguai*, I, 307-9), erros repetidos por uma infinidade de compiladores, foram evidentemente refutados por Frei Gaspar da Madre de Deus (*Mem. S. Vicente*, 119 e segs.); sendo, assim, inútil repisar o assunto. Todavia, devo observar que o último desses escritores, levado pelo seu patriotismo, exagerou algumas vezes suas apreciações (como Charlevoix as suas) quando vê os paulistas, impios e desorientados e matadores dos indígenas: – “Esses vassalozos, em vez de se oporem à conversão do gentio, foram instrumentos escolhidos pelo próprio Deus para fazer ingressar no seio da Igreja a maior parte desses milhões de almas que nos seus paulistas obrigará a abandonar seus costumes bárbaros.” O historiador da viagem do almirante Anson é ainda mais inexato de que Charlevoix, quando fala da origem da vila de São Paulo, assim se exprime: – “Diz-se que os paulistas são descendentes dos portugueses que deixaram o norte do Brasil, quando os holandeses invadiram essa parte do país” (Richard Walter, *Voja ge round the World*, 52).

Tais sucessos atraíram para seu lado tribos, que, a princípio, tinham permanecido neutras, e um considerável corpo de indígenas aliados atacou a vila de São Paulo. O terror apoderou-se logo de todos os habitantes; mas Anchieta retemperou-lhes a coragem, com suas prédicas. Transformado por alguns instantes em homem de guerra, ele, que sempre fora homem de paz,¹⁴ adotou sábias medidas para a defesa da vila, pôs Tibiriçá à frente dos indígenas fiéis, e os atacantes foram vigorosamente rechaçados.

A vila de São Paulo mal tinha escapado desse perigo quando perdeu seu mais generoso defensor, Martim Afonso Tibiriçá. Conquanto oriundo de uma raça justamente censurada pela extrema inconstância, esse nobre chefe nunca cessara de ser o protetor e amigo dos portugueses, sobretudo dos padres jesuítas. Depois de recomendar à sua mulher e seus filhos que jamais se afastassem dos princípios da justiça a eles ensinados, morreu com sentimentos cristãos, tendo sido chorado amargamente, por toda a colônia,¹⁵ que ainda aguardava novos reforços seus contra os tamoios. Estes eram muito belicosos e alimentavam implacável ódio contra os portugueses,¹⁶ para que renunciassem a seus projetos de vingança pela derrota sofrida diante de São Paulo. Ligaram-se, assim, a um grande número de outros indígenas, e a colônia de São Vicente ficaria arrasada, se não fosse a dedicação heróica de Nóbrega e de Anchieta. Esses homens generosos resolveram procurar os tamoios com o intuito de convertê-los a sentimentos pacíficos; para isso, embarcaram numa canoa, aproximando-se da costa, ocupada pelos selvagens. Estes mal avistaram a canoa dos jesuítas, contra a mesma avançaram em suas pirogas, para atacá-los; mas, reconhecendo os padres, que vinham como os amigos de Deus e protetores dos indígenas, baixaram os arcos. Anchieta dirigiu-lhes a palavra na língua da terra, e, aos mesmos se entregando com seu nobre companheiro, conseguiu persuadi-los no sentido de enviarem doze jovens indígenas, como reféns, à Vila de São Vicente.

Inteiramente sós entre os tamoios, os dois religiosos se apressaram em construir uma capela. Os indígenas, vendo celebrar pela primeira vez os santos mistérios, sentiram uma espécie de terror jamais

14 Pereira da Silva, *Plutarco Bras.*, I, 44.

15 José de Anchieta, *Lit. in Rev. trim.*, II, 544. Vas con celos, *Cron.*, I, II, 260.

16 Hans Stadt, *Hist. Amer.*, in Ter na ux-Compans, *Voyages, Relations*.

experimentado em meio dos combates, e começaram a considerar seus hóspedes como seres sobrenaturais. A santidade dos dois padres excitava-lhes o respeito e a admiração, enquanto que as manifestações de dedicação e de benevolência, que dos mesmos continuamente recebiam, inspiravam-lhes um afeto quase filial. Durante o tempo em que os dois jesuítas permaneceram entre os tamoios, submetidos aos caprichos muitas vezes cruéis desses homens-crianças, expostos a todos os perigos, suportando mil fadigas, sofrendo fome e sede, o governo negociava para obter a paz. Antes de concluí-la, manifestou, porém, o desejo de se entender com Nóbrega e seu companheiro; mas os selvagens só deixaram partir o primeiro, retendo Anchieta.¹⁷ Foi então que este, muito jovem ainda, prometeu à Virgem compor um poema em sua honra, se conservasse sua virtude, exposta a contínuos ataques. Não tendo tinta, nem papel, traçava sobre a areia os versos que compunha, decorava-os escrevendo-os mais tarde, quando, depois de cinco meses de negociações, a paz o restituiu, enfim, à sua querida Piratininga.¹⁸ Enquanto esses acontecimentos se desenrolavam na capitania de São Vicente, os

17 Southey, *Hist.*, I, 387-393.

18 “Esse po e ma”, diz João Ma nu el Pe re i ra da Sil va (*Plu tar co bras.*, I, 47), “de mons tra que Anchi eta pos sua ía profundo conhecimento dos antigos clássicos, que não lhe era estranha a literatura hebraica e que estudara com afin co as obras dos Pa dres da Igre ja. Seu es ti lo é puro, cor re to e ele gan te; seus pensamen tos, en ge nho sos e po é ti cos, são sem pre apro pri a dos ao as sun to de que tra tam; mas, for ço so é con vir em que ado tou um pla no mui de fe i tu o so, pois se con ten ta em re tra çar, uns após ou tros, em or dem didática, os su ces sos ocor ri dos na vida da mãe do Sal va dor, e o po e ma, todo ele, não cons ti tui mais do que uma sé rie de can tos, cada qual con sa gra do a um des ses su ces sos. Não tem ele nem a ima gi na ção de Milton, nem a su bli mi da de de Klops tock... É uma alma pura, pro fun da men te re li gi o sa, que se ex pande em har mo ni o sas mo du la ções; os seus ver sos pa re cem vir de seu co ra ção, como *mú si ca su a ve, ex pres são de doe tris te za*. Os que vão trans cri tos a se guir po dem ser con ce i tu a dos, cer ta men te, como no bre poe sia:

– “O Deus om ni po tens, vas ti quem ma chi na mun di

Auc to rem ac Do mi nun pra e di cat esse suum,

Cui jos inac cess sam te net in gens glo ria lu cem,

Cui ve lut in na tus lu mi ne amic tus inest.

Quam ne quit im men so com pre en de re com po re mun dus

Co ne lu sit ven tris te bre vis arca mei,

Egres sus que me ce te ne re pe ne tra li bus aldi,

In vili re cu bas, lux mea, nate, solo.

Non ne tua in gen tem ma nus in clyta con di dit or bem?

Non ne po lus Do mi no ser vit ute rue tibi?

Cur tibi tam vi lem nas cen te de li gis ae dem

Cur or tum re gia non ca pit aula tuum?

Tu co e lum stell is, va ri is ani ma li villis

Indu is et vi ri di gra mi ne pin gis agros!”

franceses continuavam a visitar as costas do Brasil, onde traficavam com os tamoios, cuja estima souberam conquistar; e, reavivando o ódio desses selvagens contra os portugueses, fortificaram-se pela segunda vez na baía do Rio de Janeiro. A corte de Portugal querendo, enfim, desembaraçar-se desses perigosos intrusos, fez seguir para o Brasil uma frota comandada por Estácio de Sá, sobrinho do governador-geral. Estácio chegou à Bahia em 1564 e, depois de ter explorado a costa, recebeu não dispor de forças suficientes para atacar o inimigo. Esperando obter alguns reforços em São Vicente, para ali seguiu, mas encontrou os habitantes da região pouco dispostos a secundá-lo em sua empresa. Sabedor da influência que os jesuítas sobre eles exerciam, Estácio recorreu a Nóbrega, o qual, com suas prédicas eloqüentes, reanimou o ardor dos paulistas. Anchieta, por sua vez, convenceu 800 homens a segui-lo, e com os mesmos embarcou em auxílio do sobrinho do governador-geral. Estácio de Sá, com esse reforço e com o auxílio valoroso de Anchieta, venceu os franceses e os tamoios, em combates, expulsando-os para sempre da baía do Rio de Janeiro, em cujas margens, no ano de 1567, foi fundada, com o nome de São Sebastião, a atual capital do império do Brasil.

Os paulistas aproveitaram-se da paz para desenvolver seu comércio, passando a traficar com os ingleses; e trataram da agricultura com mais cuidado, favorecidos pelo clima temperado de suas terras, clima que lhes permitia obter os produtos coloniais e os frutos europeus. Essa prosperidade não devia ser, infelizmente, de mui longa duração. Em 1581 o reino de Portugal foi reunido à monarquia espanhola, e o Brasil seguiu logo o destino da metrópole, motivo pelo qual tornaram-se seus inimigos os inimigos da Espanha. O Rei deste país – Filipe II – estava, então, em guerra com a Inglaterra, cujos corsários passaram a atacar e devastar as costas brasileiras.

O famoso marinheiro Thomas Cavendish, ou Cadenish, que, numa primeira expedição, espalhou o terror pela costa da América Ocidental, apresentou-se, em 25 de agosto de 1591, à altura de São Vicente, destacando dois dos navios de sua frota para se apoderarem de Santos. Quando Coke o vice-almirante inglês desembarcou na cidade, todos os seus habitantes assistiam ao ofício divino; foram, então, sitiados, feitos prisioneiros e condenados a um elevadíssimo resgate. A prudência mais

rudimentar aconselhava aos corsários que recebessem o resgate sem perda de tempo; eles, entretanto, nem pensaram nisso; entregaram-se, descuidados, à libertinagem. Os colonos, aproveitando-se de tal situação, fugiram para as terras do interior, carregando o que de mais precioso possuíam. Oito dias depois, o próprio Cavendish entrou em Santos, não encontrando nessa vila nem habitantes, nem provisões. Forçado a bater em retirada, incendiou, por vingança, a vila de São Vicente. Depois dessa desastrosa aventura, rumou para o estreito de Magalhães, mas uma terrível borrasca desviou seu navio do rastro da frota, levando-o às proximidades de Santos. Sem víveres, fez desembarcar, sob seu comando pessoal, vinte homens, para abastecer-se, de armas em punho. Os colonos, juntamente com os indígenas, percebendo-os, sobre eles investiram, matando dezoito, e entraram triunfantes na vila, empunhando, como troféus, as cabeças dos vencidos. Cavendish, furioso com essa derrota, pôs-se a devastar as costas do Brasil, mas, corajosamente rechaçado pelos habitantes da capitania do Espírito Santo, morreu de pesar, antes de chegar, de regresso, à sua pátria.

Nessa época, os limites da capitania de São Vicente, que muito variaram desde sua origem até nossos dias, não eram já os mesmos do tempo de Martim Afonso; apenas quarenta anos tinham decorrido, e já se destacara uma vasta porção do território dessa capitania, a qual foi anexada à capitania do Rio de Janeiro, recentemente criada.¹⁹ Quando em 1573 ou 1574 o governo geral do Brasil foi dividido em dois – o da Bahia e o do Rio de Janeiro –, a capitania de São Vicente passou a ser um anexo deste último.²⁰ Os descendentes de Martim Afonso conservaram a propriedade da terra, mas eram obrigados a prestar fé e menagem²¹ aos governadores do Rio de Janeiro; continuaram, entretanto, com a faculdade de nomear os chefes militares e magistrados (capitães-mores e ouvidores), e as vilas continuaram a ser administradas por uma câmara municipal e por juizes ordinários, eleitos pelo povo, segundo os usos e costumes de Portugal.²² Os vicentistas exproavam continuamente os governadores do Rio de Janeiro e, posteriormente, os superintendentes das minas de ouro, por entravarem a autoridade de seus magistrados,²³ mas é lícito

19 Casal, *Corog. bras.*, I.

20 Piz, *Mem. hist.*, II, 116. – Abreu e Lima, *Synopsis*, 47.

21 Piz, *Mem. hist.*

22 Gaspar da Madre de Deus, *Mem. S. Vicen.*, 129.

23 Diogo de Toledo Lara Ordóñez, *Adp. in Not., Ultram.*, I, 166.

crer que suas queixas não eram sempre isentas de exageros e de injustiças. Orgulhosos por força da nobreza de seus ascendentes, animados pelo espírito de liberdade selvagem que caracteriza a raça americana, espírito herdado do sangue materno, acostumados a ser obedecidos por numerosos escravos, passando grande parte da vida nos desertos de toda a vigilância, os paulistas nunca foram um povo submisso. Sob a dominação espanhola, tornaram-se quase independentes.²⁴ A colônia não estava ainda completamente fundada, quando iniciaram a redução dos selvagens à escravidão, e prosseguiram sempre nessa prática, pouco se preocupando com os éditos enviados de Lisboa a favor desses infortunados²⁵ nem com as exortações dos padres jesuítas. Mas os indígenas não são como os negros: tão imprevidentes como estes últimos, só se preocupam com o presente e sentem mais profundamente a miséria; resignam-se menos facilmente, são mais apegados à liberdade e não têm o mesmo vigor para suportar os rudes trabalhos da escravidão. Os paulistas dizimaram em pouco tempo as tribos mais vizinhas, motivo pelo qual levaram para mais longe as caçadas que faziam aos selvagens, como se os mesmos fossem feras bravias, e, assim, tornaram-se os fornecedores de escravos aos habitantes do Rio de Janeiro²⁶ na época em que estes últimos se viram forçados, pela tomada de Angola aos portugueses, a renunciar, momentaneamente, ao tráfico dos negros.

O interior do Brasil não foi sempre cortado por estradas e semeado de habitações hospitaleiras. Tempo houve em que não havia nenhuma cabana no mesmo, nenhum vestígio de cultura, só havendo as feras que lhe disputavam o domínio. Os paulistas palmilharam-no em todos os sentidos. Esses audaciosos aventureiros, como se verá mais para diante, pormenorizadamente, penetraram por diversas vezes até o Paraguai; descobriram a província do Piauí, as minas de Sabará e de Paracatu; entraram nas vastas solidões de Cuiabá e Goiás, percorreram a província do rio Grande do Sul; chegaram, no norte do Brasil, até o Maranhão e o rio Amazonas; e, tendo transposto a cordilheira do Peru, atacaram os espanhóis no centro de suas possessões.²⁷ Quando se sabem por experiência própria, quantas fadigas, privações, perigos ainda

24 Abreu e Lima, *Synopsis*, 100.

25 Raynal numa outra vez; José de Sousa Azevedo do Pizarro e Araújo, *cerca de vinete*.

26 Southey, *Hist.*, II, 306.

27 Fernandes Pinheiro, *Anais de S. Pedro*, 2ª ed., 40.

hoje aguardam o viajante que se aventura nessas longínquas regiões e se toma conhecimento do itinerário das intermináveis incursões dos antigos paulistas, sente-se uma espécie de assombro, tem-se a impressão de que esses homens pertenciam a uma raça de gigantes. São Paulo não era uma vasta cidade que, como as antigas cidades da Grécia, espalhasse o excesso de população por demais considerável para as regiões desertas. É de se presumir que habitações rurais muito numerosas tinham-se erguido na planície de Piratininga; mas, em fins do século XVII, a própria capital da capitania de São Vicente contava unicamente 700 habitantes.²⁸ Em uma de suas expedições contra o Paraguai, os paulistas não eram menos de 800 a 900; mas, ao que parece, seus bandos errantes não se compunham, geralmente, de grande número de homens. Qualquer personagem notável da terra, conhecido pela coragem e pela perseverança, anunciava o desejo de fazer uma expedição longínqua, imediatamente alguns parentes se lhe reuniam, bem como mamalucos, vagabundos audaciosos e até estrangeiros vinham engrossar as fileiras do bando assim constituído.²⁹ Punham-se, então, em marcha, munidos de chumbo e de pólvora, uns levando um fuzil e outros um arco e flechas, todos armados de comprida faca, de que se serviam tanto para a defesa pessoal como para cortar os galhos das árvores e esfolar os animais selvagens. Iam descalços, com um cinturão e couro cru à volta dos rins e, na cabeça, um chapéu de palha de abas largas, sem outra vestimenta além de uma braga de tela grosseira de algodão e uma camisa curta, com as fraldas por fora das bragas; algumas vezes traziam uma couraça e coxotes de pele de veado (*gibão e perneiras*). Cada um levava um saco de couro a tiracolo, com suas provisões. Um chifre de boi servia de caneca e uma cuia ou cabaça partida ao meio servia de prato. A caça e a pesca forneciam alimentação abundante à

28 Southey, *Hist.*, II, 668.

29 Segundo tradições existentes ao tempo da viagem do autor, em 1817, na província de Minas Gerais havia franceses entre os paulistas que entravam pelos sertões (Aug. S. Hil., *Voja ge dans les Provinces de Rio de Janeiro et Minas Geraes*, I). Foi somente sob o reinado de Filipe II que o Brasil foi interdito aos estrangeiros. Num trabalho impresso em 1736, sob o título *Relation des Voyages* de François Coreal, lê-se (I, 220) o seguinte: – “Quando se apresentarem fugitivos que desejam tomar-se habitantes da república de São Paulo, são compelidos a fazer uma espécie de quarentena... a fim de apurar-se em que poderão ser úteis a dos... Após longo exame, são mandados em expedições, impondos-lhes, como tributo, por cabeça, dois dinheiros, que de vem trazer como escravos do município... Se não são bem-sucedidos no exame, e se tentarem de ser tar, são massacrados sem misericórdia.” A história de São Paulo é já bem conhecida, para que seja mister refutar essas fabuláculas, em borram sido enossadas por muitos escritores, entre os quais La Harpe (*Abrégé de l’Histoire des Voyages*, ed. de 1814, V. 150) e o de clama dor Raynal (*Historia Établissements*, V. 142).

tropa, e, ao sul da província, eram encontrados, como delicada iguaria, os frutos dos pinheiros-do-brasil (*araucaria brasiliensis*); ao norte eram encontrados outros frutos e os brotos saborosos de algumas palmeiras, bem como raízes comestíveis e mel selvagem. Quando os corredores de desertos (*sertanistas*) calculavam só regressar depois de decorridos alguns anos, levavam grãos de cereais, de milho, principalmente, que semeavam, prosseguindo sua marcha, mas, voltando, passados alguns meses, para fazerem a colheita.³⁰ Nada conseguia deter esses homens intrépidos – nem a imensidade dos campos ou terras desertas, nem as sombrias florestas labirintadas de cipós e de espinhos, nem as penedias escarpadas; nada os assustava – nem as flechas dos selvagens, nem a ferocidade dos jaguares, nem o veneno mortal dos reptis. Pela força ou pela astúcia, aprisionavam os indígenas, algemavam-nos e os conduziam, por centenas, ao mercado de São Paulo. Desgraçados os infelizes que resistissem! Eram barbaramente exterminados. E, assim, tribos inteiras desapareciam, como a erva dos campos desaparece, à medida que o fogo caminha, consumindo-a. Nessas expedições, os mamalucos se distinguiam, sobretudo, por sua crueldade; procuravam, sem dúvida, assim agindo, fazer esquecer que, pelo lado materno, provinham da raça proscrita.³¹ Enquanto os paulistas, percorrendo o interior do Brasil, só visavam a caça aos indígenas, não se estabeleceram fora de sua terra; mas, em fins do século XVI, importante notícia espalhou-se, de repente, entre eles: o ouro dos sertões. A partir desse momento, mudança notável se operou.

Preciosas minas existiam, realmente, bem longe do litoral. A ambição e o amor do maravilhoso fizeram exagerar a importância dessas minas. Desde então só se sonhou com riquezas. Eram rios transportando palhetas de ouro, montanhas guardando em seu seio tesouros inesgotáveis; era preciso descobrir a cidade de *Manoa*, onde, por toda a parte, resplandecia o metal objeto de tantos desejos; era necessário descobrir a *Lagoa do Pão Dourado*, que prometia, a quem a encontrasse, uma fortuna capaz de despertar a inveja dos mais poderosos potentados.³² Homens de todas as condições, pobres e ricos, velhos e

30 Eschwege, *Plu to bras.*, 6.

31 O que pode ser lido nos próprios autores brasileiros José de Sousa Azevedo e Pizarro, José da Cunha Matos, Joaquim Machado de Oliveira, prova suficientemente que estou longe de qualquer exagero, quando me refiro à forma pela qual os indígenas foram tratados pelos paulistas.

32 *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, II, 189.

jovens, brancos e mestiços, abandonaram em massa seus lares, suas mulheres e seus filhos, internando-se pelas vastas solidões do Brasil. Conformavam-se, tanto quanto possível, com os misteriosos e lacônicos roteiros dos mais antigos sertanistas;³³ em toda a parte eram pesquisadas a areia dos ribeirões e a terra das montanhas, e, quando encontravam algum terreno aurífero, construíam barracas em sua vizinhança, a fim de explorá-lo. Essas espécies de acampamento (*arraiais*) tornavam-se pequenas povoações, depois vilas; e foi assim que os paulistas começaram a povoar o interior das terras, incorporando à monarquia regiões mais vastas do que muitos impérios.

Mas, enquanto esses homens corajosos lançavam, longe do seu torrão natal, os primeiros fundamentos de grande número de aldeias, e que, para recompensá-los, os soberanos de Portugal lhes conferiam honrosos privilégios, seus campos deixavam de ser cultivados, seu gado se dispersava, suas habitações não eram mais reparadas, a discórdia explodia entre as famílias, sua cidade natal caía em decadência; e foi mister considerável espaço de tempo para que a mesma retomasse algum esplendor.³⁴ Forneceremos um pouco mais para adiante vários pormenores sobre as principais expedições dos paulistas.

Esses homens eram os únicos que se espalhavam pelos desertos; os jesuítas percorriam-nos também, mas com um fim bem diverso: procuravam livrar alguns indígenas da barbaria cúpida dos mamalucos. Sem armas, mas empunhando a cruz do Salvador é que se apresentavam diante deles; não os algemavam – sujeitavam-nos com palavras de consolação, de paz e de amor.³⁵ Furiosos por ver que lhes eram arrebatadas algumas de suas vítimas, os paulistas resolveram vingar-se, indo levar a guerra ao Paraguai, centro do poder dos jesuítas. Animava-os, também, um outro fim: movido pelo ódio contra os espanhóis, ódio posteriormente herdado pelos habitantes do Rio Grande do Sul,³⁶ pretendiam expulsá-los das terras que os mesmos ocupavam, impedindo-os de se radicar em regiões que consideravam pertencentes ao Brasil.³⁷ As possessões espanholas da América e as colônias portuguesas dependiam, é verdade, do mesmo rei, mas nenhuma fusão se operara, e, como já

33 L. c., 190 e segs.

34 Diogo de Toledo Lara Ordóñez, *Adnot. in Not. Ultramar*, II, 167.

35 Southey, *Hist.*, II.

36 Minha viagem ao sul do Brasil e às margens do Prata fornece exemplos do que afirmo.

37 Gaspar da Madre de Deus, *Mem. S. Vicente*, 120.

vimos, os paulistas, tornados súditos dos soberanos da Espanha, pouco se importavam em desagradar seus novos senhores. Foi no ano de 1638 que os paulistas começaram a atacar os estabelecimentos dos jesuítas espanhóis, penetrando em Guaíra, região limítrofe de seu país pelo lado do nordeste; mas, não sendo, provavelmente, muito numerosos, foram obrigados a bater em retirada. Entretanto, muito perseverante e intrépidos para desanimarem com uma primeira derrota, prepararam, secretamente, nova expedição. Novecentos homens brancos e mamalucos reúnem-se, acompanhados de 2.000 indígenas. Essa tropa avançou por desertos quase desconhecidos, atravessou vários grandes rios, transpôs mil obstáculos e, pela segunda vez, alcançou Guaíra. O reduto de Santo Antônio foi imediatamente atacado e saqueado, e seus habitantes aprisionados e acorrentados. O jesuíta Mola arrojou-se aos pés de Antônio Raposo – comandante dos mamalucos – conjurando-o, por tudo o que lhe fosse mais sagrado, poupasse seus caros neófitos. “Muitas vezes”, diz um historiador, “esse padre desarmara antropófagos com súplicas e lágrimas; mas percebeu nessa ocasião que cristãos, calcando aos pés as leis divinas e humanas, tinham o coração mais duro do que os infiéis e os bárbaros.” Só obteve respostas tão cruéis quanto ímpias.

Depois de devastarem o reduto de Santo Antônio, os paulistas destruíram, ainda, três outros redutos e retiraram-se, conduzindo, como escravos, avultado número de indígenas. Vendo seus discípulos acorrentados como se fossem vis criminosos, o padre Maceta correu a abraçá-los, tendo sido recebido com pancadas e ameaçado de morte. Não recuou, porém. Juntamente com o padre Mansilla, tomou a resolução de acompanhar os prisioneiros até o Brasil, a fim de ali advogar a causa de seus infelizes discípulos. Caminhavam os dois padres a alguma distância do bando dos paulistas, alimentando-se com raízes e frutas silvestres; e todas as vezes que algum dos cativos, prostrado pela fadiga e pelos sofrimentos, era abandonado pelos seus aprisionadores, os dois heróicos missionários prodigalizavam-lhes seus cuidados, consolavam-no ternamente e mostravam-lhe o céu, auxiliando-o a morrer.

Chegam, finalmente, a São Paulo. Os indígenas são repartidos entre seus perseguidores, pelos quais são vendidos e, logo, dispersados, não só pela capitania de São Paulo, como pela do Rio de Janeiro. É em vão que os padres Mansilla e Maceta fazem ouvir a favor desses infelizes

a voz da humanidade, da justiça e da religião; não são ouvidos. Seguem, então, para o Rio de Janeiro, onde também não são atendidos. Não desanimam: embarcam para a Bahia, onde imploram a compaixão do governador-geral. Este os recebe com benevolência, mas, todo ocupado com a guerra que estalara entre os holandeses e os habitantes do Brasil, pouco interesse tomou pela sorte dos indígenas, nada podendo fazer em prol de seus defensores. De regresso a São Paulo, os dois missionários foram atirados numa prisão. Postos mais tarde em liberdade, voltaram para Guaira, prostrados de dor, após terem mostrado, inutilmente, quanto a caridade cristã pode inspirar de devotamento e de coragem.

Quando faziam caça aos selvagens disseminados no seio das florestas, os paulistas só podiam agarrar um pequeno número de cada vez; nos redutos dos jesuítas, ao contrário, encontravam reunida uma população considerável; e, como o governo espanhol não permitia o uso de armas de fogo aos indígenas, estes, por assim dizer, nenhuma resistência ofereciam. Os paulistas só tinham o trabalho de acorrentá-los. Apenas esses incansáveis aventureiros chegavam das regiões que tantos escravos lhes forneciam, já se impacientavam para às mesmas voltar. É assim que preparavam uma nova expedição, e, penetrando mais uma vez pelos desertos, chegaram, inopinadamente, ao reduto de São Paulo, saquearam-no, destruíram-no, acorrentaram seus habitantes e exterminaram, sucessivamente, vários outros redutos.

Além das aldeias fundadas pelos jesuítas, existiam ainda, em Guaira, duas vilas – Ciudad Real e Vila Rica –, fundadas pelos espanhóis e habitadas por seus descendentes. Os indígenas que conseguiram escapar aos paulistas refugiaram-se em Vila Rica; mas os habitantes dessa localidade reduziram-nos a escravos, como o faziam os mamalucos. Os jesuítas apresentaram em vão queixa aos magistrados locais, não obtendo justiça, pelo que delegaram a um de seus companheiros o encargo de implorar socorro ao governador de Assunção. Deste receberam, apenas, uma resposta insultante.

Dois dos redutos de Guaira estavam ainda intactos – o de Santo Inácio e o de Loreto. Eram os mais antigos e em nada eram inferiores às melhores vilas do Paraguai. Possuíam belas igrejas e seus habitantes, desde muito tempo civilizados, tinham-se tornado excelentes agricultores. Os jesuítas, ao se verem abandonados pelos espanhóis, seus compatriotas, e

não duvidando de que os moradores de Loreto e de Santo Inácio caíssem, dentro em pouco, como os dos outros redutos, nas mãos do inimigo, induziram-nos a fugir. Essas pobres criaturas, guiadas por seus pastores, cheias de confiança na proteção dos santos, cujas imagens veneradas transportavam, abandonaram, sem queixas, suas moradas, os templos em que elevavam diariamente suas orações a Deus, os campos que lhes forneciam abundantes colheitas. Perseguidos pelos mamalucos, atravessaram o Paraná; e, depois de terem sido dizimados pela fome e por terríveis epidemias, foram formar, muito mais longe, dois novos redutos, aos quais deram os mesmos nomes tão caros de Santo Inácio e de Loreto.

Os paulistas, entretanto, desesperados por verem arrebatada uma presa que devia contribuir para enriquecê-los, e não encontrando mais redutos para devastar, nem indígenas para escravizar, investiram, raivosamente, contra as duas já referidas povoações espanholas de Vila Rica e Ciudad Real, saqueando-as e destruindo-as completamente; e, como não pudessem reduzir seus habitantes a escravos, pois pertenciam à mesma raça deles, dispersaram-nos. Foram, dessa forma, punidos esses últimos pelo seu covarde egoísmo. Se eles, em vez de se aproveitar, como acima já referimos, da desgraça dos indígenas, aos mesmos se reunindo para repelirem os bárbaros estrangeiros invasores de suas terras, não morreriam no exílio, e Ciudad Real e Vila Rica estariam, ainda hoje, florescentes. Desde essa ocasião Guaira ficou deserta.

Se bem que a fuga dos habitantes de Santo Inácio e Loreto frustrasse as esperanças dos paulistas, conseguiram eles grande número de escravos aprisionados nos redutos que haviam destruído no começo de sua expedição.³⁸ Mas os indígenas não resistiam por muito tempo em estado de cativo, principalmente pelos rudes trabalhos a que eram obrigados, sendo necessário renová-los continuamente. Os paulistas,

38 Ma nu el Ai res do Ca sal, re fu tan do os er ros de al guns es cri to res so bre a pre ten sa re p ú bli ca de São Pa u lo, es cre veu: – “Se os paulistas atuais são gente boa, o mesmo não ocorria com os seus antepassados, que tinham uma detestável reputação e se gabavam de suas riquezas adquiridas, ordinariamente, por meios de seus netos.” – Esse geógrafo, no entanto, parece não acreditar que os paulistas que invadiram Guaira tenham regressado a São Paulo trazendo escravos. Refere, também, que, de acordo com dois manuscritos que teve em mãos, os paulistas, de sua expedição, só trouxe um sino. Sabemos perfeitamente o fôto das excursões que os paulistas fizeram nos sertões, para se persuadir de que, de pois de sofrerem grandes fadigas, expondo-se a mil perigos, só se contentassem com um sino como indenização. De mais a mais, se fosse necessário, poderia-se ir contra os manuscritos de Casal do Barão de São Leopoldo, onde é relatado que os paulistas conduziram 15.000 indígenas de Guaira para o mercado de São Paulo e que só Manuel Pretos suaíá 1.000 deles em sua propriedade (*Anais*, 2ª ed., 231).

tendo despovoado Guaira, foram à cata de escravos em terras mais longínquas e se apresentaram sucessivamente, nos pagos dos indígenas *itatines*, nas missões do Uruguai. Davam, em toda parte, provas da maior intrepidez; por toda a parte cometiam, também, as mais atrozes ações – devastavam as aldeias habitadas pelos indígenas, e, para se apoderarem desses infelizes, era-lhes indiferente empregar a força ou recorrer à perfídia.

Em 1632, numerosos paulistas, seguidos por um grande número de tupis, seus aliados, apresentaram-se, inopinadamente, diante de São José, reduto dos *itatines*. Como estivesse ausente o jesuíta que o dirigia, falaram ao corregedor indígena, e, persuadindo-o de que tinham vindo para vingar os habitantes da localidade dos ataques dos selvagens, convidaram-no a ir até seus acampamentos com seus guerreiros; ali foram todos aprisionados e algemados. Não se contentaram os paulistas com destruir a aldeia de São José; devastaram e depredaram ainda outras três, apesar da corajosa resistência de alguns neófitos.

No mesmo ano, os paulistas tiveram a ousadia de chegar até as missões do Paraná; mas, logo que houve notícia de sua aproximação, os dois redutos mais próximos da fronteira foram evacuados; temendo avançar por terreno que lhes era inteiramente desconhecido, bateram em retirada. Aconteceu-lhes sofrer algumas derrotas; entretanto, não desanimavam; tinham desistido de cultivar suas terras, de cuidar de seu gado, renunciando às doçuras do lar – a caça aos indígenas constituía sua única ocupação; era isso, para eles, uma verdadeira paixão, sendo-lhes também copiosa fonte de riquezas. Não somente vendiam seus prisioneiros aos habitantes do Rio de Janeiro e circunvizinhanças, como estabeleceram, para tal fim, um mercado de escravos no sul do Brasil, de sorte que era mister abastecer esse mercado. Se os espanhóis, como já tivemos oportunidade de relatar, se tivessem aliados aos indígenas de seus redutos, teriam conseguido, sem dúvida, expulsar os paulistas para sempre; mas, faltava-lhes a coragem de seus antepassados, e não eram mais favoráveis à liberdade dos indígenas do que os próprios mamalucos. Sob a denominação de *comandos*, tinha sido dado um certo número de indígenas aos primeiros espanhóis estabelecidos na região, e, não obstante as sábias e prudentes ordenações dos reis da Espanha, esses infelizes foram logo tratados como escravos. Os habitantes do Paraguai

quiseram reduzir a *comandos* os indígenas que se achavam debaixo da direção dos padres da Companhia de Jesus, mas estes defenderam corajosamente os seus neófitos; daí o ódio que os espanhóis lhes manifestaram, ódio que não era menos intenso que os dos paulistas, se bem que o externassem com menos franqueza.

Em muitíssimas ocasiões os jesuítas solicitaram o socorro dos governadores do Paraguai; quase nunca foram ouvidos. Recusava-se, também, o fornecimento de armas aos indígenas, o que os incapacitava de se defender dos mamalucos, sempre bem armados. Na maioria das vezes bastava a estes últimos apresentar-se diante dos redutos, para aprisionarem milhares de indígenas, que tocavam em seguida à frente de seu bando, como se fossem uma ponta de gado. O marquês de Grimaldi assevera que, de 1620 a 1640, os habitantes de São Paulo se apoderaram de oitenta mil cabeças de gado pertencentes aos indígenas guaranis e destruíram vinte e dois redutos, número elevado a trinta e um por Gaspar da Madre de Deus e a trinta e dois por Manuel Aires do Casal, não se podendo acoimar nem um nem outro de exagero ou parcialidade.³⁹

Os padres da Companhia de Jesus, vendo que na região onde estavam estabelecidos os seus neófitos não podiam os mesmos escapar a seus bárbaros inimigos, reuniam os homens, as mulheres e as crianças que restavam de seus primeiros redutos, decidindo-os, embora a muito custo, a se expatriarem, sempre conduzindo-os para a região entre o Paraná e o Uruguai, no ponto em que esses dois grandes rios se aproximam um do outro.⁴⁰ Ali, sem dúvida, os neófitos estariam poderosamente protegidos pela natureza, contra as investidas dos paulistas. Os jesuítas, porém, que conheciam a intrepidez destes e a sua paixão pela caça aos indígenas, quiseram-se prevenir ainda com outros meios de proteção. Seu provincial

39 Posso in vo car aqui o tes te mu nho de Casal (*Corografia*, I, 223), e com mais ra zão o de Gas par da Ma dre de Deus (*Mem.*, 120), mas não citarei, por muito exagerada, a carta de D. Pedro Estêvão D'Avila, Governador do Rio da Pra ta, es cri ta ao rei da Espa nha, da ta da de 12 de ou tu bro de 1637, na qual o missi vista diz, de pois de ter feito a ne ces sá ria ve ri fi ca ção, que os pa ulistas ha vi am arre ba ta do, dos redutos, mais de 60.000 in di ví du os, de 1628 a 1630.

40 Char le voix (*Hist. Paraguai*, I, 367-445); Sout hey, *Hist.*, II, 309-315); War den (*Brésil*, I, 419). Gas par da Ma dre de Deus (*Mem. S. Vi cen te* 127) re co nhe ce que a nar ra ti va de Char le vo ix so bre as in cur sões dos paulistas no Pa ra guai é exa ta, mu i to mais exa ta do que cer tos re la tos por tu gue ses; mas des cul pa es ses homens aven tu reiros, pelo en co ra ja men to que lhes ad vinha do pró prio go ver no. É ver da d e que, di-lo D. Gaspar, os próprios jesuítas tiranizaram indígenas no Maranhão e no Pará, provando, com isso, que os paulistas não foram os únicos cul pa dos; mas isso não pro va, ab so lu ta men te, que eles não te nham sido cul pa dos das sel va ge ri as que co me ti am con tra os po bres in di gé nas.

enviou Díaz Tano a Roma e Ruiz de Montoya a Madri. Cada um desses religiosos, uma vez na Europa, pintou com as cores mais sombrias a dolorosa situação dos indígenas convertidos, conseguindo, sem grandes esforços, inspirar compaixão aos que os escutavam. O rei da Espanha declarou os indígenas dos redutos vassallos imediatos da coroa; proibiu que fossem submetidos a certos trabalhos, autorizou os jesuítas a lhes fornecer armas de fogo e renovou os decretos já expedidos a favor dos mesmos, dando liberdade aos que tinham sido reduzidos à escravidão. Díaz Tano foi tão bem acolhido em Roma, como Montoya o foi em Madri. O Papa Urbano VIII cumulou-o de favores, bem como a seus caros protegidos e aos seus companheiros de catequese; e, cheio de indignação, expediu um breve pelo qual ameaçava de castigos e cóleras divinas os ímpios que atentassem contra a liberdade dos indígenas, quer dos convertidos, quer dos infieis.

O Padre Tano, portador desse breve papal, embarcou em Lisboa com destino a Buenos Aires; mas ventos contrários obrigaram-no a fazer escala pelo Rio de Janeiro. Apenas chegado ao Rio, o breve do sumo pontífice foi lido, ali, na igreja dos jesuítas. Não se cogitara que vários habitantes do Rio de Janeiro mantinham íntimas relações com a capitania de São Vicente, os quais amotinaram a população, que invadiu o colégio dos padres da Companhia de Jesus, arrombando as portas desse estabelecimento. Tano e seus companheiros trazidos da Espanha seriam massacrados, se não fosse a oportuna e prudente intervenção do Governador Salvador Correia de Sá e Benevides, que convocou uma reunião para o dia seguinte, a fim de ser discutido o assunto com mais calma. A reunião realizou-se, de acordo com os conselhos de Salvador Correia, recorreu-se do breve do papa ao próprio papa. O Padre Díaz Tano e seus companheiros abandonaram, imediatamente, o Rio de Janeiro, mas uma borrasca mais terrível os aguardava em Santos. Apenas o vigário-geral publicou, ali, o breve papal, sediciosos contra ele avançaram, arrojaram-no por terra e puseram-lhe a ponta de uma espada à garganta, ameaçando-o de morte, se não revogasse a excomunhão lançada contra um deles. O vigário manteve-se inflexível e sua coragem desarmou os turbulentos. O superior dos jesuítas, ouvindo o barulho feito pelos amotinados, diante deles se apresentou, vestido com os ornamentos sacerdotais, e, empunhando o cibório, fez-lhes um patético sermão.

Alguns se prosternaram; outros se conservaram de pé, declarando que adoravam sinceramente o corpo de Jesus Cristo, mas que não poderiam sofrer a perda de seus escravos que constituíam a sua única riqueza. Um deles gritou no meio da multidão que se matasse o superior dos jesuítas, e não se pode avaliar a que excessos poderiam chegar esses furiosos, se alguns religiosos de uma outra ordem não os persuadissem, com sutilezas, que o breve papal não tinha para eles nenhum valor, uma vez que recusassem cumpri-lo.⁴¹

Os habitantes de São Paulo sabiam que o breve do papa fora expedido contra eles especialmente; sua vingança não se fez esperar. Todo o povo paulista sublevou-se: todas as vilas da província foram concitadas a enviar delegados a uma assembléia geral, e, em virtude de deliberação por essa assembléia tomada, por unanimidade, a 13 de julho de 1640, os jesuítas foram expulsos de todos os seus colégios.⁴² Sessenta anos antes, os paulistas não queriam outros pastores que não fossem esses religiosos. Enquanto esses fatos ocorriam na América, uma revolução explodira em Lisboa. O duque de Bragança foi proclamado rei, sob o nome de D. João IV, readquirindo o povo português sua nacionalidade. A notícia desse acontecimento suscitou no Brasil o mais vivo entusiasmo, menos, entretanto, na capitania de São Vicente. Sob o domínio dos reis da Espanha, os paulistas tinham-se tornado, como já me referi, quase independentes. Já concebiam, então, a idéia de se aproveitar do primeiro movimento da agitação e de indecisão para romperem os frágeis laços que os prendiam à dominação européia. Entre eles se estabelecera um regular número de espanhóis, os quais vendo, sem dúvida, que iam ser obrigados a prestar obediência ao soberano de Portugal, estimularam os projetos dos paulistas no sentido de conquistarem a independência. Entre os filhos desses espanhóis havia um, de origem nobre, homem poderoso e respeitado – Amador Bueno da Ribeira – que já havia ocupado cargos de muita importância e cuja família era tão rica quanto numerosa. Os paulistas quiseram pô-lo à sua frente. Reuniram-se diante de sua casa e proclamaram-no seu rei. Bueno, entretanto, fiel a seus deveres, recusou com perseverança a coroa que lhe ofereciam e conjurou o povo a reconhecer como seu soberano aquele cujos direitos pareciam incontestáveis

41 Charlevoix, *Hist. Para guai I*, 431. Sout hey, *Hist. II*, 321.

42 Pedro Taques D'Almeida Pais Leme, "No tí cia da ex pul são dos Je su í tas", in *Revist. Trim.*, 2ª sé rie, V, 17. Abreu e Lima, *Synopsis*, 97.

a todos os outros brasileiros. Mas o povo instou, insistiu, chegando até a ameaçá-lo de morte, no caso de não querer aceitar o trono. Bueno, então, empunhando uma espada, escapou pela porta do jardim de sua residência, fugindo precipitadamente para o convento dos beneditinos. A turba perseguia-o, gritando – Viva Amador Bueno, nosso rei! Mas ele, sempre inflexível, persistia em responder – Viva D. João IV, por quem estou pronto a derramar meu sangue! E, chegando ao convento, entrou e fechou as portas. O abade apresentou-se ao povo, com seus frades, juntando-se-lhes algumas pessoas gradas. Falou-se ao povo e, no mesmo dia, D. João IV foi proclamado rei, sendo seu nome aclamado em todas as ruas de São Paulo. A volubilidade que os habitantes da vila então patentearam, demonstra o quanto Amador Bueno obrou com prudência recusando a coroa. São Paulo, entretanto, era de tão fácil defesa e seus habitantes eram tão intrépidos, que, se o chefe que escolheram tivesse ambição, os paulistas, como disse um historiador, se tornaram, em pouco tempo, um povo independente, quiçá o mais poderoso e formidável da América do Sul.⁴³

Apenas a ordem começou a reinar na vila de São Paulo, seus habitantes escreveram a seu novo soberano, a fim de se justificarem da expulsão dos jesuítas; mas a estranha representação que endereçaram à metrópole não fez mais do que produzir no espírito do governo português efeito contrário ao que seus autores aguardavam. Jorge de Mascarenhas, marquês de Montalvão, então Vice-Rei do Brasil, refutou, com moderação, a representação dos paulistas; e, por um decreto do mês de julho de 1643, o rei de Portugal ordenou que todos os bens dos jesuítas de São Paulo lhes fossem restituídos. Os paulistas ganharam tempo: o decreto não foi executado e, apesar de novas ordens, datadas de 1647, foi unicamente em 1653 que, depois de obrigados a se sujeitarem a condições tão duras quanto humilhantes, os padres da Companhia de Jesus readquiriram seus mosteiros e suas propriedades.⁴⁴

Depois da expulsão desses religiosos, os paulistas não tiveram mais receio de serem censurados continuamente pela sua conduta para com os indígenas, e a guerra sobrevinda entre Espanha e Portugal, por ocasião da ascensão de D. João IV ao trono português, deu-lhes o ensejo

43 Gaspar da Madre de Deus, *Mem. S. Vicente*, 130, *Southey, Hist.*, II, 327.

44 Pedro Taques D'Almeida Pais Leme, "Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas", in *Revist. Trim.*, 2ª série, 7, 17, 34. Abreu e Lima, *Synopsis*, 118.

de novos ataques contra os redutos do Paraguai. Não podiam mais ser considerados bandidos – eram guerreiros que pegavam em armas para a defesa de soberano e dos interesses de seu país. Um grupo considerável de paulistas, com os tupis, seus aliados, investiu contra os redutos do Paraná. Ali chegando, perceberam, ao longe, uma tropa de neófitos e, pensando que, como outrora, iam dos mesmos facilmente apoderar-se, para dentro em pouco vendê-los no mercado de escravos de São Paulo, tiveram desagradável surpresa, pois, valendo-se da permissão outorgada pelo rei da Espanha, os recém-convertidos estavam armados. O canhão ribombou e um grande número de paulista caiu; os demais, surpreendidos com uma defesa tão inesperada, fugiram, e os indígenas aliados desertaram.⁴⁵ Desde essa época os paulistas devastaram ainda os *itatines* e penetraram, mesmo, até o Chaco: mas não ousaram mais atacar os redutos do Paraná, os quais, durante muitos anos, gozaram de profunda paz.

Como os paulistas, apesar de algumas raras derrotas, continuavam com ardor a caçar os indígenas, era fácil indispor-los contra qualquer de seus magistrados que se pretendesse fazer perder o conceito geral: bastava assoalhar ser o mesmo favorável à liberdade dos indígenas. Foi esse o meio empregado pelos habitantes do Rio de Janeiro para impelirem seus vizinhos a uma revolta projetada contra o prudente Governador Salvador Correia de Sá e Benevides. Este partiu, no mês de novembro, para a vila de Santos, de onde devia ir inspecionar as minas de Paranaguá. Do Rio de Janeiro escreveram aos paulistas que o Governador era, certamente, inimigo dos mesmos, por ser amigo declarado dos jesuítas; e que, como sabia perfeitamente a língua dos indígenas, armaria os escravos contra seus senhores, motivo pelo qual os paulistas deveriam abster-se de recebê-lo. Estes, acreditando nessa intriga, resolveram repelir o Governador, se o mesmo se apresentasse em São Paulo. Correia soube do fato, mas não se perturbou, prosseguindo sua viagem para o sul; e, durante o tempo em que permaneceu na região, prestou aos habitantes da mesma todos os serviços que foram possíveis prestar, abrindo estradas, construindo pontes, fazendo colocar embarcações à margem dos rios, sempre tão cortês, quanto inteligente e corajoso.

45 Southey, *Hist.* 330.

Os paulistas que, em meio de suas ações iníquas constantemente cometidas, não eram estranhos aos sentimentos de nobreza e generosidade, ficaram sobremaneira sensibilizados com a nobre conduta de Correia, a quem testemunharam a mais viva gratidão, oferecendo-lhe, mesmo, seus serviços contra os rebeldes do Rio de Janeiro, que, antes, tinham sabido seduzi-los.⁴⁶

Muito pouco se sabia, no norte do Brasil, sobre o que eram os paulistas,⁴⁷ ninguém havia, entretanto, que não tivesse ouvido falar de sua coragem e da habilidade com que faziam a guerra aos indígenas. Os habitantes da província da Bahia, não podendo livrar-se dos contínuos ataques de formidável tribo dos *Guerens*, recorreram aos paulistas, apelando para um dos mais famosos chefes desses homens aventureiros, de nome João Amaro. Era mister que esse sertanista reunisse sua gente e que, para alcançar a Bahia, atravessasse imensas regiões desabitadas, sem caminhos, regiões em que só se podia viver da caça e de frutos silvestres. Dois anos decorreram, e Amaro não aparecera ainda. Chegou, enfim (1673), com sua tropa de mamalucos exercitada na arte de caçar homens. Levava também indígenas, os quais menos inteligentes do que seus senhores, eram entretanto, como estes, tão ativos quanto intrépidos e cruéis. Todas as tropas locais reúnem-se à de João Amaro. Partem. Atravessam terras incultas, até então desconhecidas; massacram os indígenas que resistem; enviam milhares de prisioneiros à Bahia, livrando, assim, por longo tempo, os habitantes dessa cidade do temor dos selvagens. Os cativos eram tão

46 *Catálogos Governadores in Revist. Trim.*, II, 53. *Excerpto de um Manuscrito*, in *Revist. Trim.*, III, 24. Pizarro, *Mem. Hist.*, III, 209.

47 É verdadeiramente escusável o fato de, na Europa, terem corrido, durante muito tempo, idéias errôneas sobre os paulistas. Haja vista as tradições que recolhiam em Pernambuco, no ano de 1667, dois religiosos – os padres Michel Ange de Gatine e Denis Carli de Plaban –, arribados naquela cidade, quando em demanda da África: – “A vila de São Paulo e suas circunvizinhanças, na região mais afastada do Brasil, é o que se pode denominar de terra da promessa. Qualquer estrangeiro que ali chegue, por mais miserável que seja, é comsiderado bem-vindo e em contradição com a mente de uma mulher a seu gosto, com tanto que se sujeite a estas condições: só pensar em comer, beber e passear... Se de mais qual quer intenção de fugir, a mulher por ele escolhida não deixará de envenená-lo; mas, se, ao contrário, com a mesma intenção de boa conduta, será que ridado e bem tratado. A fonte de suas riquezas é um rio que banha a região, cuja riqueza é tamanha, ao ponto de livrar de qualquer necessidade o mais miserável que implorasse auxílio, por que, em tal caso, basta tomá-lo as areias e se parar o ouro que contém – trabalho esse recompensado com usura, nada ficando a dever senão a quinta parte do ouro colhido, atribuído ao Rei. Comtam-se coisas extraordinárias dessa região; mas... nada deve parecer incrível aos que estivessem bem informados dos atos com tra o bom-senso e com tra os hábitos costumes praticados nessas bárbaras regiões.” (*Rélation Curieuse et Nouvelled’un Voyage au Congo fait ès années 1666 et 1667*, 39).

numerosos que foram vendidos a 30 francos por cabeça; mas os sofrimentos, os maus-tratos, o desespero fizeram-nos perecer tão depressa que os compradores acharam que por um preço tão vil ainda faziam um péssimo negócio. Além da elevada quantia prometida a João Amaro, deram-lhe uma vasta extensão de terras e o domínio sobre uma vila de que tinha sido o fundador. Mas, para os paulistas, destemidos caçadores de homens, o descanso era um suplício: João Amaro vendeu suas terras, voltando para São Paulo, ansioso por encetar novas aventuras.⁴⁸

Pouco mais ou menos na mesma época (1674), um outro chefe de paulistas, não menos famoso do que João Amaro, o destemido Domingos Jorge, partiu de sua vila natal, percorreu os desertos perseguindo os indígenas, e chegou, depois de incríveis trabalhos e fadigas, à enormíssima distância de sua terra, à região que, atualmente, forma a província do Piauí. Quando se julgava separado de todo o universo, percebeu Domingos Jorge uma tropa de homens brancos que para ele se dirigia. Era um outro bando de sertanistas penetrando no interior das terras, sob o comando do português Domingos Afonso, alcunhado Sertão, devido ao seu amor pelos desertos. Os dois chefes sentiram indizível alegria, vendo-se reunidos. Cada um contou ao outro suas aventuras e continuaram juntos a marcha, prestando-se, reciprocamente, os maiores serviços. Aprisionaram um grande número de indígenas, puseram em fuga um número mais considerável ainda, e, enfim, após longos trabalhos, separaram-se. Domingos Afonso Sertão tinha vistas mais largas do que seu companheiro: – nas terras que conquistara (era assim que se exprimia então), formou cinquenta fazendas destinadas à criação de gado; deu algumas delas a particulares, vendeu outras e doou à Companhia de Jesus, para que os respectivos rendimentos fossem empregados em obras pias. Ao passo que Domingos Jorge regressou a São Paulo, levando para ali a maior parte dos indígenas que aprisionara.⁴⁹

Impossível é narrar com pormenores todas as expedições que os paulistas fizeram, durante cerca de dois séculos, no interior da América do Sul. Uma houve porém, tão gigantesca, que eu me censuraria se a deixasse passar em silêncio. Sob o comando de Antônio Raposo, sessenta desses homens audaciosos, acompanhados por um bando de

48 Southey, *Hist.*, II, 565.

49 Casal, *Co rog. Bras.*, II, 239, Sout hey, *Hist.*, II, 565. Fer di nand, Dé nis, *Brésil*, 277.

indígenas, atravessaram o Brasil do sueste ao noroeste, galgando os Andes e chegando até o Peru, onde o destemido sertanista bateu os espanhóis em várias pelejas sangrentas. Depois, retirou-se e rumou para o rio Amazonas ou um dos seus afluentes, aí construindo jangadas que deixou seguir a corrente fluvial, indo desembarcar na pequena vila de Gurupá, cujos habitantes maravilhados o receberam com generosa hospitalidade. Para regressar com sua tropa ao lar, através dos sertões, teve necessidade de viajar ainda por alguns anos.⁵⁰

Os paulistas tinham como ponto de honra a preocupação de adicionar as terras desertas à monarquia portuguesa; mas, dentro em pouco, fariam uma descoberta mais importante – a das ricas minas de ouro da vasta região que depois recebeu o nome de Minas Gerais. A história desse descobrimento, se bem que relativamente recente, é cheia de incertezas. Os paulistas, como os gregos dos tempos heróicos, buscavam as aventuras, expunham-se a todos os perigos, batiam-se com coragem, mas não escreviam. Sabe-se, entretanto, que, em meados do século XVII, um homem empreendedor, chamado Marcos de Azevedo ou de Azeredo, subindo o rio Doce, trouxe de sua viagem amostras de minério de prata e pedras verdes, consideradas esmeraldas. Azevedo morreu sem que se soubesse onde fizera tal descoberta; entretanto, as imaginações logo se exaltaram, e todos os homens dados a aventuras pretenderam encontrar a montanha das esmeraldas, onde Azevedo tinha estado, e o próprio governo favoreceu a busca, com auxílios e promessas de recompensas.

É inútil dizer que os paulistas foram os primeiros a se pôr em campo. Entre eles vivia um ancião de oitenta anos de idade que, devido a sua energia e as suas caçadas contra os indígenas, tornara-se célebre. Ouvindo ele as maravilhosas narrativas feitas sobre a montanha das esmeraldas e sobre as riquezas que a mesma encerrava, seu sangue circulou com mais rapidez, suas forças se reaninaram: julgou sentir ainda os ardores da mocidade.

Obtenho do governador-geral a permissão de fazer à sua própria custa uma grande expedição a fim de encontrar a tão gabada montanha, empregou a maior parte de sua fortuna em preparativos bem combinados, partindo, em seguida, para os sertões. Era necessário penetrar num imenso deserto, erizado de altas montanhas, coberto de gigantescas

50 Southey, *Hist.*, II, 666, José Fer nan des Pinhe iro, *Anais*, 2ª ed., 40.

florestas, percorrido constantemente por tribos bárbaras. Nada, porém, o deteve. Durante alguns anos explorou uma parte considerável da região atualmente denominada Minas Gerais, onde formou um grande número de estabelecimentos e por fim, quando acreditava ter atingido o termo de sua viagem, quando alcançou a lagoa famosa chamada Vupabuçu, perto da qual era suposição serem encontradas as esmeraldas de Marcos de Azevedo, a insalubridade do lugar e a desunião que se estabeleceu entre seus companheiros forçaram-no a tomar o caminho de volta para São Paulo. Mas não conseguiu atingir o torrão natal, pois, pelo ano de 1678, faleceu, perto do rio das Velhas, deixando a seu genro, Manuel Borba Gato, as ferramentas de mineiro que levava, a pólvora e o chumbo que ainda lhe restavam, bem como o roteiro de sua acidentada viagem. Teve, entretanto, a glória de ser o descobridor da província mais importante do interior do Brasil.

Foi, ao que parece, Rodrigues Arzão, natural de Taubaté, quem, primeiro, encontrou ouro nessa província. Penetrou pelos desertos de Cuiaté e, no ano de 1695, apresentou três oitavas desse metal à câmara municipal da sede da província do Espírito Santo. Com o ouro que recolheu foram cunhadas duas medalhas, uma das quais ofereceu a São Paulo. Os habitantes da capitania de São Vicente passaram, desde então, a só pensar nos tesouros de Cuiaté.

Arzão, ao morrer, entregou o roteiro de sua perigosa excursão a seu cunhado Bueno de Cerqueira, o qual, por sua vez, entranhou-se pelo sertão. Durante suas excursões, encontrou um outro bando que caçava indígenas. Os homens que compunham esse bando, sabendo do objetivo das buscas de Cerqueira, ao mesmo se aliaram, renunciando à caça aos indígenas; assim, todos juntos só cuidaram de descobrir ouro, que foi encontrado com abundância; mas ignoravam como se devia proceder para extraí-lo da terra e limpá-lo. Em vez de picaretas, utilizavam-se de pedaços de ferro pontiagudos, ou mesmo de pedaços de madeira, e separavam o metal precioso dos corpos estranhos, com auxílio de pratos de estanho.

Em pouco tempo, entretanto, bandos numerosos de homens de todas as idades e de todas as condições saíram de São Paulo e das vilas vizinhas, à cata de ouro. Indiferente lhes era galgar montanhas das mais escarpadas, atravessar rios encachoeirados, penetrar nas florestas

espessas, cheias de cobras venenosas e de feras bravias: a cupidez parecia-lhes redobrar as forças, afastando-lhes todos os perigos. Esses homens, a princípio, tiveram o bom alvitre de seguir por caminhos diferentes e deixar os primeiros chegados na posse dos tesouros que descobriam. Dessa forma espalharam-se, em pouco tempo, por toda a superfície da região recentemente descoberta; encontraram ouro por toda a parte, originando-se daí a denominação de Minas Gerais que deram à região, que se tornou o maior centro de mineração do país.

Os paulistas, no início de suas expedições à cata do ouro, nenhum estabelecimento fixo formaram nas regiões que lhes prodigalizavam riquezas. Quando encontravam ouro em algum lugar, no mesmo levantavam, às pressas, pequenas cabanas, e, quando o precioso metal se esgotava, iam para diante. Certas localidades, porém, eram tão ricas, que nas mesmas por mais tempo permaneciam, construindo casas e formando aldeias, muitas das quais, com o correr dos tempos tornaram-se cidades. É devida aos paulistas a fundação de Mariana, Ouro Preto (antiga Vila Rica), Sabará, Caité, Pitangui, São José e muitas outras cidades ainda, que foram, originariamente, *arraiais*, denominação que, por força do hábito, ainda se dá a todas as aldeias da província de Minas Gerais. Se bem que os mineradores paulistas adotassem algumas precauções para evitar motivos de dissídios, era difícil que, tendo costumes igualmente rudes, estando igualmente possuídos da sede de ouro, entregando-se às mesmas buscas para satisfazê-la, vivessem sempre em paz. Desde que a vila de Taubaté deixara de ser um aldeamento de indígenas, tornou-se rival de São Paulo, de que é vizinha. A descoberta de minas de ouro fez nascer novos ódios entre os habitantes das duas localidades, e, na ocasião da viagem do autor, seus descendentes conservavam ainda lembranças das contendas de seus antepassados. Dissensões bem graves não tardaram a explodir no território das minas.

A notícia da importante descoberta espalhou-se com extrema rapidez. De todas as partes do Brasil afluíram nuvens de aventureiros, de desertores, de criminosos perseguidos pela Justiça, e, dentro em pouco, esses indivíduos foram seguidos por grande número de europeus, quase tão perversos como eles. Os paulistas possuíam algumas idéias generosas, das quais não podia compartilhar essa malta de homens sem escrúpulos, escória de Portugal e do Brasil; todavia, não se pode negar

que o hábito de viverem cercados de numerosos escravos, suas caçadas aos indígenas, a licenciosidade a que se entregavam, longe de toda a vigilância, no meio dos desertos, tenha contribuído fortemente para sua corrupção. Todos os vícios, parece, tiveram morada na região das minas. Todas as paixões desencadearam-se ali; ali se cometeram todos os crimes.

Não viam os paulistas, sem indignação, estrangeiros virem se estabelecer nas ricas terras que consideravam como lhes pertencendo. Orgulhosos de seus numerosos escravos e das riquezas que possuíam, antes mesmo da descoberta das minas, tratavam os forasteiros recém-chegados com o mais profundo desprezo; faziam-nos passar por contínuos vexames e deram-lhes o ridículo apelido de *emboabas*, porque, usando os mesmos botas ou perneiras, tinham semelhança, diziam, com certas aves cujas penas descem até os pés. Tantas afrontas acabaram revoltando os recém-vindos; dois partidos se formaram – os estrangeiros ou forasteiros puseram à sua frente o português Manuel Nunes Viana, homem poderoso, ativo, dotado de espírito penetrante, e que, embora cheio de doçura e afabilidade nas circunstâncias normais da vida, sabia, em caso de necessidade, desenvolver grande energia. Alguns padres que, esquecidos de seus deveres de caridade cristã, tinham-se introduzido na região das minas, atraídos pela sede de ouro, agregaram-se aos forasteiros, instigando-os à revolta. Um deles, certo padre Antônio de Meneses, da ordem da Trindade, agitador subalterno, levou-os a se apoderarem das armas dos paulistas, por meio de traição e a proclamarem Nunes governador da região. Explodiu a guerra civil. Houve combate nas cercanias do rio das Velhas. Os forasteiros foram vencedores, mas mancharam a vitória, assassinando um bando de paulistas que acabava de se entregar.

O governador do Rio de Janeiro – D. Francisco Martins de Mascarenhas – sabedor do que ocorria na região das minas, para ali se dirigiu. Nunes foi a seu encontro com um bando considerável de homens armados, causando-lhe admiração pelo seu porte cheio de ousadia. Numa entrevista havida entre ambos, Nunes afirmou ao governador que nunca deixara de ser um súdito fiel, persuadindo-o de que, se se tinha posto à frente dos sediciosos, foi unicamente para os conter. Diante disso, o governador regressou ao Rio de Janeiro. Mas, após seu regresso, Nunes passou a exercer, discricionariamente, as funções de governador. Nomeou para os cargos públicos os homens mais capazes que pôde

encontrar, restabeleceu a ordem do melhor modo possível, mas foi objeto da censura das pessoas de bem, por não ter tido sua autoridade origem legítima.

Durante esse tempo, os paulistas se preparavam para a vingança. As mulheres de São Paulo incitavam os homens com furor, acoimando-os de cobardes; os padres, diz o padre Manuel da Fonseca, deslembados de que a paz é o patrimônio da Igreja, faziam ressoar nos templos gritos de guerra. Bem armados, os paulistas saíram de São Paulo, marchando para Taubaté, a fim de nesta localidade aliciar recrutas. Entrementes, chegou de Lisboa ao Rio de Janeiro Antônio de Albuquerque Coelho, para substituir Meneses no cargo de governador (1709). As pessoas mais sensatas da região das minas, embora fazendo justiça a Manuel Nunes Viana, sentiam quanto sua posição era falsa e perigosa. Enviaram a Albuquerque, secretamente, um religioso que fora seu secretário, a fim de suplicar-lhe que restabelecesse entre eles a autoridade legal. Esse governador era homem de grande capacidade e atividade. A fim de inspirar mais confiança aos habitantes da região das minas, à mesma se dirigiu, quase sem séquito. Todos se submeteram a sua autoridade, e, imediatamente, uma anistia geral foi concedida a todos os rebeldes, com exceção do frade trinitário, de um companheiro de Nunes Viana e do próprio Nunes, que morreu na prisão, mas que, talvez melhor sorte merecesse.⁵¹

Era mais difícil chamar à ordem os paulistas, sempre exasperados pela traição de que tinham sido vítimas. Albuquerque, entretanto, tentou apaziguá-los, procurando entendimento com o seu pequeno exército, mas, percebendo que os concitava inutilmente à paz e receoso, quiçá, pela sua própria segurança, julgou mais prudente retirar-se, apressando-se em chegar ao Rio de Janeiro, de onde, secretamente, mandou dizer aos emboabas da região das minas que se apresentassem para receber os paulistas. Estes, efetivamente, chegaram pouco tempo depois até perto do rio das Mortes e atacaram um pequeno forte onde se tinham refugiado os emboabas. De ambos os lados a luta foi encarniçada; mas os paulistas distinguiram-se em todos os encontros, pela habilidade com que visavam seus inimigos. Cientes, entretanto, de que numerosos reforços chegavam

51 Sout hey e Bal ta sar da Sil va Lis boa re fe rem que foi ou tor ga da a Nu nes per mis são de se re ti rar para os es ta be le ci men tos por ele for ma dos nas mar gens do rio São Fran cis co. Pizar ro, entre tan to, cita um do cu men to ofi ci al que con tes ta essa opi nião.

em socorro destes últimos, aproveitaram-se das trevas da noite para se retirar, e voltaram a São Paulo, tudo devastando em sua passagem.

Essa expedição acalmou o furor dos paulistas. Albuquerque aproveitou-se habilmente, da feliz disposição em que se encontravam os mesmos. Enviou aos membros da câmara municipal de São Paulo um retrato de D. João V, escrevendo-lhes que, se o Rei não podia visitar sua cidade, queria pelo menos que sua imagem ficasse no meio de seus habitantes, a fim de demonstrar aos mesmos que os tomava sob sua especial proteção. Os paulistas, que eram realmente afeiçoados a seu soberano, ficaram sensibilizados com a honrosa distinção, e tudo voltou à ordem.⁵² Albuquerque apressou-se em dar conta a seu soberano de tudo o que acabava de acontecer. O ministério português verificando que um só homem não podia governar a imensa região que se estende desde a embocadura do Paraíba até as colônias espanholas, e do oceano até as nascentes do Arraçaú, desmembrou da capitania do Rio de Janeiro o território de São Paulo, assim como o das Minas, e destes dois últimos formou-se (9 de novembro de 1709) um governo distinto.

Albuquerque aprendera a conhecer os paulistas. Foi ele quem à frente dos mesmos foi posto. O governo português concedeu-lhe a liberdade de residir onde julgasse conveniente; preferiu, entretanto, os arraiais de Minas Gerais recentemente fundados, São Paulo, cuja situação era mais aprazível e onde se observava sempre certa deferência para com as autoridades nomeadas de conformidade com as leis. A vila de São Paulo foi, então, homenageada com o nome de cidade de São Paulo, nome que também foi dado à nova capitania. Até essa época a administração da capitania não cessara de ser entravada pelas contendas de disputas dos herdeiros dos dois primeiros donatários. O Rei pôs termo (1711) a essas longas querelas, comprando, do Marquês de Cascais as 50 léguas de terras que o mesmo possuía na capitania de São Paulo, como sucessor de Pero Lopes de Sousa. Ficou, então, a autoridade concentrada por inteiro na pessoa do capitão-general de São Paulo, não sendo mais de temer as agitações oriundas da situação anterior, e a administração começou a seguir marcha regular.

⁵² Casal (*Corog. Bras.*, I, 224-358. Southey, *Hist.*, 44, 84. Pizarro, *Mem. Hist.*, VIII, part. 2ª, 4-22. Balta da Silva Lisboa, *Anais*, II, 179-347. Manuel da Fonseca, *Levantamento em Minas*, in *Revist. trim.*, III, 262.

Desde esse momento os paulistas constituíram, quase sempre, um povo submisso e fiel, sem perda, entretanto, do seu gosto pelas aventuras e correrias longínquas, em consequência das quais não cessaram de fazer descobertas, até que não houve mais nada a descobrir.

Fixaram-se os paulistas, primeiramente, nas partes do território de Minas Gerais mais vizinhos da alta cadeia de montanhas que o percorre do norte ao sul. Em pouco tempo, porém, espalharam-se por todo o território da região mineira, e não se contentaram apenas em procurar ouro: formaram, nos vastos campos marginais do rio São Francisco, estabelecimentos para a criação de gado. Forasteiros, entretanto, continuaram a chegar a Minas. Em detrimento dos verdadeiros interesses do país, proprietários de terras na Bahia abandonavam seus engenhos de cana e vinham procurar ouro na região que o fornecia fartamente àqueles que se dessem ao trabalho de procurá-lo. Foram introduzidos, nas Minas, escravos em grande número; e, em pouco tempo, os desertos se cobriam de belas habitações, ricas igrejas e considerável população. Tornou-se, então, impossível, aos capitães-generais, que residiam em São Paulo, governar a região das Minas, fazendo na mesma respeitar as leis. Foi, por isso, necessário criar para a região um governo separado, recebendo a mesma a denominação de capitania de Minas Gerais.

A capitania de São Paulo perdeu, assim, uma grande parte de seu território; mas novas descobertas recompensaram-na dessa perda, imediatamente, e com apreciáveis vantagens. Desde o tempo em que os paulistas tinham começado a percorrer os desertos, alguns dos seus bandos, passando de um rio para outro, atravessando infinidade de catadupas, passando por pantanais insalubres, guerreando constantemente hordas de selvagens, alcançaram o rio Paraguai e as vastas regiões regadas pelos seus afluentes. No ano de 1718, Antônio Pires de Campos, o mais terrível dos exterminadores de indígenas, subiu o rio Cuiabá, para conquistar a valorosa tribo dos *curhipós*. Estava ele por demais preocupado com a apreensão de escravos, para se interessar por qualquer outra coisa. A honra de descobrir os tesouros dessas terras que percorria estava reservada a Pascoal Moreira Cabral, outro destemido desbravador dos desertos, que seguia em suas pegadas. Pascoal, subindo o rio Cuxipó-Mirim, viu grãos de ouro brilhar em meio das areias das margens desse rio. Deixando uma parte de seus companheiros no lugar onde fizera esse descobrimento e, considerando-o como o prelúdio de

outras descobertas, prosseguiu sua marcha. Não se enganara. Pouco depois, com efeito, encontrou alguns indígenas que traziam palhetas de ouro como ornamento. Fez pesquisas e, dentro em pouco tempo, conseguiu juntar considerável quantidade desse metal. Voltou, então, ao lugar onde deixara seus companheiros, os quais não foram tão felizes, embora estivessem todos contentes. Esses homens, cercados de imensas riquezas, tomaram a resolução de só deixar a região depois que a mesma estivesse esgotada. Construíram, então, cabanas nas margens dos rios e semearam o resto de grãos de cereais que ainda possuíam. Não tinham transportado ferramentas – serviam-se das mãos para cavar a terra. A ambição deu-lhes força e coragem.

Um outro bando, que percorria também os desertos, foi levado, por acaso, ao local em que acampara o primeiro. Era constituído também por paulistas, que se reuniram a Pascoal e seus companheiros, perfazendo, juntos, um grupo de vinte e duas pessoas. Depois de reunidos, resolveram enviar um emissário a São Paulo, para avisar o governador do que ocorria e receber ordens. A título provisório, elegeram Pascoal por chefe, concedendo-lhe autoridade quase absoluta e prometendo-lhe inteira obediência. Pascoal era inteiramente analfabeto, mas não era homem vulgar; aliava a um grande valor grande prudência, muita atividade, inteligência notável e, o que era raro entre os paulistas desse tempo, possuía um coração compassivo. Tinha a habilidade de dirimir os dissídios que surgiam amiúde entre seus companheiros. Com esses predicados, soube fazer-se querido dos mesmos guiando-os com grande prudência, desde o ano de 1719, até o de 1723, época em que foi substituído por dois magistrados enviados por Dr. Rodrigo César de Meneses, governador de São Paulo.

Logo que em São Paulo se soube das descobertas de Pascoal e de seus companheiros nas vizinhanças de Cuiabá, jovens e velhos paulistas partiram para a região que tantas riquezas prometia. Divididos em diverso bandos, embarcaram pelo Tietê e outros rios, pensando, unicamente, no fim da viagem. A ambição de tal forma os cegava, que não se preocupavam com o que lhes seria necessário, nem com os perigos que iam afrontar, pelo que não tomaram, nesse sentido, nenhuma das mais indispensáveis precauções. Foram atacados pelas febres em meio dos pantanais, e não possuíam medicamentos; devendo durar alguns meses sua travessia pelos desertos, seus mantimentos eram escassos. Não levaram apetrechos para a pesca,

nem o número suficiente de armas de fogo para a caça e para a própria defesa, de sorte que viajaram sempre premidos pela fome, e foram, constantemente, importunados pelas hordas dos indígenas inimigos. Falta-vam-lhes todos os recursos para tão arrojada empresa; e a fome, as doenças e as horríveis fadigas fizeram perecer grande número deles, sucumbindo outros nas lutas com os selvagens. Só chegou a Cuiabá um minguaado número desses infelizes, depauperados, macilentos, mal podendo tomar parte nos trabalhos dos que os haviam precedido.

Tão funesto exemplo não deteve as emigrações. A ambição deixa-se dominar pelo desânimo mais dificilmente do que as outras paixões que agitam o coração humano. Durante muitos anos, homens atormentados pelo desejo de adquirir riquezas partiram para Cuiabá, não somente de São Paulo, mas mesmo de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Os indígenas guaicurus, hábeis cavaleiros, e os paiaguás, exímios condutores de canoas, acatavam os emigrantes com furor, matando um grande número deles; de um bando de 300 homens saídos de São Paulo em 1752, só escaparam 2 brancos e um negro! Esses desastres eram geralmente conhecidos; mas o ouro, dizia-se, era tão abundante em Cuiabá, que desse metal se serviam os caçadores, em substituição ao chumbo. Assim sendo, por que não se experimentar a sorte, procurando alcançar uma terra que oferecia a seus habitantes tesouros tão fáceis de serem adquiridos? Com a esperança de adquirir riquezas, todos se arriscavam aos azares da sorte. Enquanto isso ocorria, os companheiros de Pascoal continuavam em suas buscas. No ano de 1722, o de nome José Súttil, ao fazer uma plantação nas margens do rio Cuiabá, teve fome e mandou dois indígenas, seus servidores (camaradas), procurar mel nos troncos das árvores. Os selvagens voltaram à tarde, não tendo encontrado mel, mas trouxeram a seu senhor grãos de ouro envolvidos em folhas, encontrados à flor da terra, e que orçavam em cerca de 120 oitavas. No dia seguinte, de madrugada, Miguel Súttil e seu compadre João Francisco, conhecido pela alcunha de *Barbudo*, dirigiram-se, acompanhados de todos os seus escravos, para o local onde tinha sido feita a preciosa descoberta. Súttil voltou ao acampamento com meia arroba de ouro, e *Barbudo*, com mais de 400 oitavas. Toda a colônia precipitou-se para o local onde tamanha riqueza se encontrava, e sem necessidade de fazer profundas escavações foram retiradas da terra, no espaço de dois meses, 400 arrobas

do valioso metal. No local desse descobrimento é que, atualmente, está situada a cidade de Cuiabá. No decorrer do ano em que Miguel Súttil fez essa brilhante descoberta, chegou a São Paulo o governador Rodrigo Cesar de Meneses, a quem já me referi. Seu primeiro cuidado foi providenciar no sentido de fazer com que fosse pago ao reino o imposto do quinto sobre o ouro extraído das minas de Cuiabá. Quando os portugueses se ocupavam do Brasil, era, o mais das vezes, para arrancar-lhe as riquezas. Dois homens poderosos foram escolhidos por Meneses para agentes do fisco real da recém-fundada colônia. Um deles – Lourenço Leme – para ali partiu com o título de procurador do imposto do quinto; o outro – João Leme –, irmão de Lourenço, como mestre-de-campo das minas de Cuiabá. Meneses não era desprovido de méritos, mas não conhecia o país, por isso julgou que não podia ser melhor representado do que por dois personagens aos quais os paulistas, patrícios dos mesmos, prodigalizam o máximo respeito. Ignoravam que unicamente o temor motivava as manifestações de deferência de que eram alvo os Lemes e que estes só faziam uso de suas riquezas para violar impunemente as leis e oprimir os fracos. Quando os dois irmãos chegaram a Cuiabá vendo-se longe de toda a vigilância, não tiveram mais limites as suas insolência e audácia. Entregaram-se a todos os caprichos, cometeram os mais absurdos atos de violência, e pretenderam, mesmo, expulsar das minas todos aqueles que não fossem paulistas e seus apaniguados. O capelão da nascente colônia opôs-se, corajosamente, contra semelhante injustiça; ordenaram, então, os Leme, que fosse o mesmo arcabuzado. Um colono de nome Pedro Leitão teve a desdita de lhes excitar a inveja, razão pela qual fizeram-no maltratar, da maneira mais bárbara, ao pé do altar, na ocasião em que assistia o ofício divino da missa. Meneses soube, afinal, do que ocorria em Cuiabá, e, querendo livrar a região dos desmandos dos dois monstros que para ali enviara como representantes de sua autoridade e cuja tirania tornara-se intolerável, ordenou a um oficial superior que os prendesse remetendo-os para São Paulo. Os dois irmãos, entretanto, avisados a tempo dessa ordem, fugiram com seus amigos e escravos. Enviada uma escolta em seu encalço, foram encontrados, bem fortificados, num sítio deserto, onde foram atacados, mas se defenderam valentemente, do que resultaram mortes de lado a lado. Fugiram mais uma vez; um bala, porém, atingiu Lourenço, tendo seu irmão sido feito prisioneiro

e, mais tarde, em 1724, executado na Bahia.⁵³ A morte desses dois homens não pôs termo às desditas dos habitantes de Cuiabá. Durante muito tempo só tiveram eles opressores como chefes, os quais lhes exigiam somas enormes a título de pagamento do quinto e de outros impostos; aprisionavam os que não podiam satisfazer seus exorbitantes pedidos, tratando-os com a maior barbaridade. Todo o povo a tal grau de desespero chegou, que, em dado momento, projetou abandonar um lugar onde, em vez das imensas riquezas que prometia, só encontravam, em definitivo, desolação e miséria.

Nesse ínterim, o governador Meneses recebeu de seu soberano ordem para inspecionar as minas de Cuiabá. Já estava fixada a época de sua partida, mas, nas vésperas dessa empresa, amedrontou-se com a extensão de tão perigosa viagem, que devia se feita, quase toda ela, por via fluvial. Por essa razão fez abrir um caminho por terra firme, obra cuja terminação durou cerca de dois anos. Só então Meneses se pôs em marcha, chegando a Cuiabá no dia 15 de novembro de 1726, cinco meses depois de sua partida. O caminho que Meneses mandou abrir representou um grande benefício para a população, pois tornou mais fáceis, menos lentos e mais seguros os meios de comunicação entre São Paulo e sua nascente colônia, e é ainda o caminho que atualmente trilham as caravanas que demandam Goiás e Mato Grosso.⁵⁴ Apenas chegado a Cuiabá, Meneses elevou essa aldeia a vila. Sua presença, porém, não melhorou a sorte dos cuiabanos. Seus agentes, quando ele ainda se encontrava em São Paulo, extorquiam o ouro desses infelizes, para se fazerem valer junto do mesmo, que não os obrigou a mudar de conduta, querendo, também, com tal atitude, fazer-se valer diante do seu Rei, ao qual, em última análise, eram destinadas todas as avultadas riquezas extorquidas ao povo das minas.

53 A história dos dois *Le mes foi re la ta da por Ca sal, se gun do Ro cha Pita e con firmada por Fer di nand Dé nis*. Todavia, devo di zer que *Pizarro* não faz ne nhu ma men ção aos mes mos, e que suas nar ra ti vas são extraídas duma me mó ria escrita em Cui a bá, em 1765, pelo ad vo ga do José Bar bo sa de Sá, pos te ri or men te corrigida, à luz da mais au tên ti ca do cu men ta ção, pelo sã bio Di o go de To le do Lara Ordó ñez, que já tive en se jo de citar. *Pizarro* diz unicamente que, para substituir Pascoal Moreira Cabral, D. Rodrigo César de Mene ses en vi ou a Cu i a bá, em 1724, João Antu nes Ma ci el e Fer nan do Dias Fal ção – o pri mé ro como regente e o se gun do su pe rín ten den te dos ter re nos au ri fe ros –, e que, des de esse mo men to, os minei ros de Cuiabá fo ram hor ri vel men te ator men ta dos pe los agen tes da jus ti ça. No re su mo his tó ric o que pre ce de sua preciosa estatística, D. P. Müller no me ia, en tre os que des co bri ram as mi nas de Cu i a bá, Lourenço Leme e Fer nan do Dias Fal ção, mencionando, em úl ti mo lu gar, Pas co al Mo re i ra Ca bral. É evi den te, por ém, que esse re su mo, ex tre ma men te su cin to, não me re ce mui ta fé.

54 O autor pas sou por esse ca mi nho, di ri gin do-se da ci da de de Go iás para São Paulo (*Voyage aux Sources du Rio de S. Fran cis co*, etc., vol. III).

Mais de mil pessoas, que não podiam continuar a viver num lugar onde estavam expostas a contínuos vexames, abandonaram Cuiabá no mês de abril de 1728, tomando o rumo de São Paulo. Meneses tinha nessa ocasião, para remeter a Portugal, quatro caixas contendo 7 arrobas de ouro cada uma, pelo que se aproveitou, para expedi-las, do propício ensejo que lhe apresentava, tomando todas as possíveis precauções para que a remessa chegasse com segurança a seu destino. As quatro caixas foram enviadas a D. João V, perfeitamente fechadas e lacradas com selos apostos no momento da partida. O Rei, ao recebê-las, cheio de orgulho e de satisfação, fê-las abrir na presença de altos dignitários da corte e de alguns diplomatas estrangeiros acreditados junto ao governo português. Abertas as caixas, só foram encontradas, dentro das mesmas, barras de chumbo. Nada foi desprezado para a descoberta dos culpados pela fraude; mas foram inúteis todas as diligências em tal sentido feitas. O povo de Cuiabá ficou persuadido de que, por uma transformação milagrosa, o próprio Céu tomara a seu cuidado vingá-lo de seus tiranos. Sua alegria, entretanto, foi de pouca duração. O recebedor dos impostos, querendo merecer as boas graças do governador e do próprio monarca, culpou os mineradores pelo desaparecimento do ouro enviado a Portugal, tirando-lhes tudo quanto possuíam, até seus escravos. Concluída essa odiosa empreitada, Meneses regressou a São Paulo (setembro de 1728), tendo, antes, modificado a forma de recebimento do imposto, e fez, forçoso é confessá-lo, úteis reformas. Os cuiabanos nada mais possuíam; mas diz um historiador,⁵⁵ puderam, ao menos, chorar em paz. Recomeçaram a cavar a terra corajosamente, e esta lhes prodigalizou novos tesouros. Mas os paulistas, que formavam a maioria da população, não tinham perdido seu gosto pelas aventuras, nem sopitado sua insaciável sede de ouro. Necessitavam de perlustrar outros desertos, precisavam de minas mais ricas ainda do que as de Cuiabá. No ano de 1734, dois irmãos – Fernando Pais de Barros e Artur Pais –, naturais de Sorocaba,⁵⁶ penetraram ao oeste dos Campos Parexis, numa região coberta de espessas florestas, onde até então nenhum homem branco ainda havia chegado. Essa região é atualmente denominada Mato Grosso. Pararam à margem de um dos afluentes do rio Guapoú, onde construíram cabanas, desse ponto se espalhando pela vizinhança, verificando em toda a parte a areia dos ribeirões

55 Casal, *Co rog. Bras*, I, 248. Pizarro, *Mem. Hist.*, 3-11-43-46. Abreu e Lima, *Synopsis*, 191.

56 Serão encontrados, mais para diante, por me no resso bre a vila de Sorocaba, vizinha de São Paulo.

e rios. Decorrera apenas um ano, e já os dois irmãos Pais enviavam a Cuiabá considerável quantidade de ouro. À vista disso, o povo rejubilou-se. Todo mundo quis partir para as novas minas. Milhares de indivíduos puseram-se, efetivamente, a caminho; mas sofreram pouco mais ou menos o que sofreram os primeiros paulistas que tinham partido de São Paulo para Cuiabá. Uns se perderam no meio dos desertos, perecendo miseravelmente de fadiga e de fome; outros caíram sob os ataques dos paiaçuás e dos guaicurus. Só um pequeno número alcançou a desejada meta.⁵⁷

Enquanto bandos de paulistas conquistavam para a monarquia portuguesa os vastos territórios de Cuiabá e de Mato Grosso, outros paulistas faziam uma descoberta não menos importante – a de Goiás. Pelo ano de 1680, Bartolomeu Bueno da Silva, alcunhado de espírito mau, chegava ao território dos indígenas goiases, cujas mulheres enfeitavam os cabelos com palhetas de ouro. Submeteu sem esforços esses homens pacíficos, dignos de sorte mais feliz, e voltou a São Paulo, trazendo ouro e um grande número de cativos, bastantes para povoar uma cidade.

Durante muito tempo as riquezas de Minas Gerais fizeram esquecer Goiás; mas as minas de Cuiabá, trazendo a Meneses a recordação das que Bueno havia descoberto, fê-lo incitar os habitantes de São Paulo a que procurassem encontrá-las. Parece que os antigos paulistas habituavam seus filhos, desde muito novos, às fadigas das expedições longínquas e à caça dos indígenas. Quando penetrou nos domínios da Nação dos goiases. Bueno levou em sua companhia um filho de doze anos de idade. Esse menor, que se chamava igualmente Bartolomeu Bueno, já então envelhecido, mas não deslembrando de sua viagem na infância, ofereceu seus serviços a Meneses, que lhe prometeu, se fosse bem sucedido, dar-lhe, como recompensa, a peagem muito rendosa de diversos rios. Partiu, assim, o segundo Bartolomeu Bueno, em 1721; mas, infelizmente, não teve êxito, e, após uma infinidade de acidentadas aventuras, regressou a São Paulo, desesperado e quase só. Meneses reanimou-o, insuflando-lhe coragem e fazendo-lhe sedutores promessas, conseguindo, assim, decidi-lo a voltar, suprido dos necessários recursos para a empresa. Foi Bueno desta vez mais afortunado do que da primeira. Depois de longas marchas e de incriveis fadigas, descobriu, enfim, no ano de 1726, o local onde estavam situadas as minas descobertas por seu pai.

57 Pizarro, *Mem. Hist.*, IX, 81.

A fama das riquezas de Goiás atraiu desde logo para lá muitos bandos de aventureiros, que fundaram numerosas aldeias. Bueno foi dignamente recompensado. Era homem empreendedor e possuidor de avultadas riquezas; mas, como a maioria dos exploradores de minas daqueles tempos, não soube conservá-las, morrendo pobre, pois tinha doado, em vida, a seu filho as peagens concedidas a sua família pelo espaço de três vidas. Em 1825, sua 3ª geração acabava de extinguir-se. Assim, os trinetos do homem que havia conquistado para o Império do Brasil um território tão vasto quanto o da Alemanha, viviam na indigência.⁵⁸ Descendiam eles, muito verossimilmente, de Amador Bueno da Ribeira, que recusou a oferta da coroa real feita pelos habitantes de São Paulo.

Foram os paulistas que descobriram Goiás, Cuiabá e Mato Grosso. Até o ano de 1748, essas vastas terras fizeram parte da capitania de São Paulo.

Chegou-se, afinal, a reconhecer que um único homem não podia governar uma região cerca de quatro vezes maior do que a França, e cujas partes componentes eram separadas por imensos desertos. Foram formadas, em conseqüência, a capitania distinta de Goiás e uma outra de Cuiabá e Mato Grosso; mas, ao mesmo tempo, teve-se a infeliz idéia de suprimir a capitania de São Paulo, reunindo-a à do Rio de Janeiro.⁵⁹ Os governadores desta última capitania já tinham bastante que fazer com a administração da mesma. A de São Paulo foi posta à margem.

Nos primeiros tempos de São Paulo, quando os caçadores de indígenas deixavam o seu torrão natal, a ele regressavam; outro tanto não acontecia com os pesquisadores de ouro, que se estabeleciam permanentemente nas regiões onde encontravam esse metal, objeto de suas ambições, e não mais volviam aos pagos. Desde a descoberta de Minas Gerais, a população da capitania de São Paulo não cessou de diminuir. Os imigrantes a empobreciam com as despesas que eram obrigados a fazer para os preparativos de viagem. Por falta de braços, as terras permaneciam incultas e o gado ficava abandonado; as habitações caíam em ruínas. Para remediar tantas misérias, seria necessário uma *administração* vigorosa, ativa, reparadora. Desde a supressão de sua capitania, os

58 Aug. de S. Hilaire, *Vo ya ge aux Sources du Rio de S. Francis co et dans la province de Goyaz*, I, 308 e II, 65. – Pohl, *Reise*, I, 332 – Ra i mun do da Cunha Ma tos, *Itinerário*, II, 70.

59 Pizarro, *Mem. Hist.*, VIII, 1ª par te, 285.

paulistas só tiveram em sua terra agentes do governo com poderes extremamente limitados, os quais não ousavam assumir a responsabilidade de qualquer medida de alguma importância. E, assim, uma das mais belas regiões do Brasil ia declinando dia a dia, cada vez mais. Em 1758, o Rei D. José baixou um decreto que para sempre honrará a sua memória – o que deu liberdade definitiva a todos os indígenas do Brasil.⁶⁰ Uma infinidade de outros decretos já os havia declarado livres, mas eram constantemente burlados. Não havia escravos, dizia-se, havia administrados; mas os infelizes assim denominados eram condenados aos mais rudes trabalhos. Sob o reinado de D. José, era Ministro o Marquês de Pombal, ao qual não se podia iludir com palavras. O Marquês de Pombal quis, sinceramente, que os indígenas fossem libertados, e estes não tardaram a adquirir a liberdade. A supressão da escravidão dos indígenas foi, entretanto, novo golpe desfechado contra a prosperidade de São Paulo. Muitíssimas famílias, que não possuíam outras riquezas a não ser seus escravos, ficaram inteiramente arruinadas. A capitania de São Paulo, dizia um dos seus governadores, é, desde o ano de 1737, como uma bela mulher sem dote.⁶¹ Mais do que nunca mereceu esse conceito.

O primeiro Vice-Rei do Rio de Janeiro, Antônio Álvares da Cunha, reconhecendo, afinal, o estado de miséria a que estava reduzida a capitania, acreditou que, se na mesma se restabelecesse um governador ocupado unicamente com as necessidades de seus habitantes, retomaria ela algum esplendor. Um memorial que, nesse sentido, endereçou ao governo da metrópole, convenceu o Rei D. José; e a terra dos paulistas retomou o título de capitania, que por tanto tempo lhe pertencera, e D. Luís Antônio de Sousa Botelho chegou, em 1765, para governá-la, munido de sábias instruções do Marquês de Pombal.⁶² Nessa época, ou poucos anos antes, notável mudança começou a operar-se relativamente aos paulistas. Os terrenos auríferos tendo sido repartidos e a caça aos indígenas estando severamente proibida, foram eles obrigados a renunciar a seus hábitos de mais de dois séculos. A agricultura foi o seu recurso: instalaram numerosos engenhos de açúcar, e, onde a natureza lhes oferecia pastagens, passaram a criar gado cavalariço e vacum. As ocupações sedentárias, às quais foram constringidos a entregar-se, habituaram-nos

60 Abreu e Lima, *Synopsis*, 258.

61 Pizarro, *Memórias Históricas*, VIII, 1ª par te, 275.

62 L. c., 286.

à vida de família. Suas antigas rivalidades se extinguiram e, pouco a pouco, seus costumes tornaram-se mais brandos. Sempre ufanos da glória de seus antepassados, não mais pensaram, entretanto, em imitá-los. Deviam perder, necessariamente, os defeitos dos antigos corredores de desertos; nada os impediu, porém, de conservar as brilhantes qualidades que distinguiam esses homens extraordinários. Tiveram coragem sem crueldade, firmeza sem rudeza, franqueza sem insolência. No trato com magistrados que lhes eram enviados de Portugal, tornaram-se tão delicados quanto estes. Alguns cultivaram elevadamente a inteligência; e, se a terra paulista não mais produziu Antônio Raposo, Fernando Dias Pais, Pascoal Moreira Cabral, pode gloriar-se de ter dado à luz, nos tempos modernos, a Alexandre de Gusmão, a Gaspar da Madre de Deus, a José Feliciano Fernandes Pinheiro e aos ilustres irmãos – a três Andradas –, que tanto contribuíram para a independência do Brasil.

Se bem que a era das expedições longínquas tivesse passado para os paulistas, seu novo governador, Luís Antônio de Sousa Botelho, proporcionou-lhe logo uma oportunidade de retornar a seu antigo pendor pelas aventuras. O Marquês de Pombal, sabedor dos imensos recursos do Brasil, ocupou-se, carinhosamente, dessa bela região, que conhecia melhor do que todos os ministros seus antecessores, e parece, mesmo, que teve por momentos o desejo de transferir para a vasta e rica colônia a sede da monarquia portuguesa. Temia que os espanhóis acabassem se apoderando de Guaiá, que ficara deserta desde as invasões dos paulistas, dali se infiltrando aos poucos no território brasileiro. Esse temor inspirou-lhe um projeto que asseguraria um belo futuro à província de São Paulo; ordenou o governador que Botelho fizesse explorar os rios Iguaçú, Ivaí e Tibagi destinados a oferecer, algum dia, meios preciosos de comunicação, e a formar, nas regiões desabitadas por onde correm, um estabelecimento que pudesse proteger as possessões brasileiras, permitindo dilatá-las. As ordens de Pombal foram executadas pelo governador de São Paulo. Uma tropa de paulistas percorreu os imensos desertos regados pelos afluentes meridionais do Paraná, e, nas barrancas do Iguatemi, numa região fértil, foi construído o pequeno forte de Nossa Senhora dos Prazeres, esplendidamente situado para deter as invasões dos espanhóis. Infelizmente, Pombal perdeu sua influência na corte portuguesa,

caindo no desfavor do Monarca. Botelho foi substituído por Martins Lopes Lobo de Saldanha. Este, que afetava um profundo desprezo pelo que seu antecessor havia feito, abandonou o forte de Nossa Senhora dos Prazeres. Os espanhóis não tardaram a apoderar-se desse forte, destruindo-o doze anos depois de sua fundação.⁶³ Se o projeto grandioso do Marquês de Pombal fosse continuado com perseverança, a capitania de São Paulo teria aumentado, sem efusão de sangue; regiões férteis ainda desertas estariam hoje semeadas de fazendas e criação, uma porção de rios facilitaria as relações entre os habitantes de São Paulo e os do Paraguai. Não tenho necessidade e de dizer que os paulistas não escaparam aos rigores do sistema colonial. Seu comércio foi mesmo entravado, em diversas épocas, por proibições que não atingiram outras partes do Brasil. Desde o ano de 1701, uma ordenação real vedou aos paulistas o envio de gado de suas minas para a Bahia. Em 1743, quando os habitantes de Minas Gerais dependiam de São Paulo, foi limitado o número de fábricas paulistas de tafiá (aguardente de cana ou de melação), a fim de favorecer o comércio de Portugal. Muito mais recentemente, enfim, Antônio José da Franca e Horta, que começou a governar São Paulo em 1802, proibiu a navegação de cabotagem aos habitantes da costa, só permitindo aos cultivadores enviar seus produtos até Santos unicamente, arruinando, dessa forma, todos os outros portos, e colocando aqueles à mercê de três ou quatro negociastas, que, coligados, tornaram-se inteiramente senhores dos serviços de transportes.⁶⁴ Não sabemos que a proibição de Horta tenha sido posta em dúvida; mas se não houve nenhuma conivência entre ele e os aludidos negociastas de Santos, é de se notar que tudo o que fez, cedendo a um capricho maléfico, inteiramente inexplicável, deu azo à suspeita de tal indignidade.

Essa tão prejudicial determinação de Antônio José de Franca e Horta foi executada até o ano de 1808, quando o Rei D. João VI, fugindo do exército francês, chegou ao Brasil, pois foi um de seus primeiros atos franquear os portos do país às nações amigas, suprimindo o sistema colonial com todas as suas proibições – igualando, em suma, a Portugal sua antiga colônia. Não era ainda a independência do Brasil,

63 Pizarro, *Mem. Hist.*, VIII, 1ª par te, 287. D. P. Müller, *Ensaio Estatístico*, 4. Mil li et e Lo pes Moura, *Dicionário*, I, 447; II, 161.

64 Pizarro, *Memórias Históricas*, VIII, 1ª par te, 275-277-278.

mas já era um prelúdio da mesma. A capitania de São Paulo aproveitou-se dos benefícios decorrentes da nova ordem de coisas. Suas relações comerciais se ampliaram, tornando-se cada dia mais importantes; a navegação de cabotagem retomou a passada atividade. Os agricultores, vendendo seus produtos mais vantajosamente, ampliaram suas plantações; os engenhos e cafezais multiplicaram-se; homens de todas as nações chegaram a São Paulo, trazendo aos seus habitantes novas idéias, e as artes mecânicas se aperfeiçoaram. Mas, é forçoso dizer, os estrangeiros mais de uma vez abusaram da boa-fé dos paulistas, que pelo menos passaram a conceder justa desconfiança, perdendo um pouco de sua antiga boa-fé, de sua franqueza e hospitalidade.

Não foi por muito tempo que os paulistas gozaram, em sossego, de uma liberdade mais extensa. A guerra rebentou em 1811, entre o Brasil e os hispano-americanos povoadores do rio da Prata. Para repelir os ataques destes últimos, não era possível aliciar soldados no Pará ou em Pernambuco. As capitanias do Rio Grande e de São Paulo eram as mais vizinhas do território inimigo. Foram elas, em consequência, que forneceram tropas. A boa justiça teria exigido que estas fossem sustentadas também pelas outras capitanias distantes; mas não foi o que aconteceu: São Paulo foi, sozinho, forçado, não somente a fornecer homens, mas, ainda, a prover a todas as despesas dos mesmos.⁶⁵ Quando se iniciou o recrutamento para o exército do sul, os paulistas desde muito tempo gozavam de uma paz profunda, por isso tais acontecimentos muito os consternaram, e a sua consternação ainda foi mais viva, porquanto eram recrutados tanto os homens casados como os solteiros. Para a defesa de sua própria terra, de seu São Paulo querido, não duvidamos, acorreriam em massa, sem hesitações; mas ocorria que os homens recrutados iam bater-se por uma causa que lhes era de certa forma estranha, contra um povo do qual talvez nunca tivessem ouvido falar, sendo mister que partissem para regiões a várias centenas de léguas de São Paulo, longe de suas famílias, sem esperança de revê-las durante muito tempo, sem, mesmo, poder fornecer-lhes notícias.

Grande número deles não teve essa coragem. Houve consideráveis deserções, com o que a população de Minas Gerais aumentou de forma sensível, às expensas da capitania de São Paulo. Uma legião

65 Schw., *Journ. von Bras.*, II, tab. II.

inteiramente formada de soldados tirados desta capitania tomou parte, contudo, nas campanhas do exército do Sul. Uma vez sob as armas, esses homens souberam curvar-se às necessidades da guerra, demonstrando que era ainda o sangue dos velhos paulistas que lhes circulava nas veias. Forneciam-lhes uma alimentação à qual não estavam habituados, alimentação composta de carne sem farinha⁶⁶ e sem sal. Durante mais de dois anos não receberam o soldo:⁶⁷ suas roupas caíram em pedaços, sem serem renovadas. Suportaram, entretanto, todas as privações, todas as fadigas, com uma constância admirável. Combatiam ora a pé, ora a cavalo. Não eram inferiores a seus inimigos – os gaúchos – na arte de lançar o laço, e como eles percorriam as vastas campinas da Banda Oriental, galopando com inconcebível rapidez; enfim, nada menos intrépido que os soldados do Rio Grande, seus camaradas de armas, observavam muito melhor do que estes as leis da disciplina. Distingüiram-se em muitos encontros, e foram devidos principalmente a seu valor os resultados felizes do combate decisivo de Catalã,⁶⁸ do qual decorreu a rendição da importante cidade de Montevideú. A legião de São Paulo estava ainda alojada nas margens do Prata, quando, no fim do ano de 1820, chegou ao Rio de Janeiro uma notícia que, apesar das dificuldades das comunicações, se espalhou, com a rapidez de um relâmpago, por todas as partes do Brasil; notícia de um acontecimento que deveria logo mudar os destinos desse vasto Império – Portugal tinha sacudido o jugo do governo absoluto, e ia ter uma constituição liberal. A revolução que acabava de explodir na metrópole excitou, na maioria dos brasileiros, grande entusiasmo; e, durante alguns instantes, uniram-se eles aos portugueses, externando para com os mesmos sentimentos de uma estreita fraternidade. Mas, é útil observar, só os espíritos esclarecidos sabiam do que se tratava; o povo não compreendia bem o significado da palavra *constituição*, que andava em todas as bocas; era-lhe explicando que por tal expressão se entendia a reforma dos abusos de que tinha queixas desde muito

66 Os brasileiros substituíram o pão de trigo pela farinha de mandioca ou de milho.

67 Há cerca de 27 meses que os soldados de São Paulo nada tinham recebido, quando o autor os viu, em fins do ano de 1820, às margens do Prata. Se ao autor for dado fazer a narração de sua viagem à província do Rio Grande, da campanha de Montevideú e das missões do Uruguai, voltará a falar da legião de São Paulo, comandada, então, pelo coronel Manuel Marques de Sousa.

68 A batalha de Catalã foi travada em 4 de janeiro de 1817 (Abreu e Lima, *Synopsis*, 308). Os paulistas eram comandados pelo general-de-brigada (brigadeiro) Joaquim de Oliveira Alvares, que o autor teve a oportunidade de conhecer e do qual faz menção a narração de sua viagem a Santa Catarina.

tempo, e o povo jurou fidelidade à constituição, antes mesmo de ela estar elaborada. Quando a revolução teve início, os capitães-generais se viram diante da alternativa embaraçosa de se tornarem odiosos ao povo, se procurassem manter a antiga ordem de coisas ou de desagradarem ao Rei, se não sustentassem a autoridade real por todos os meios possíveis. Mas, logo que o próprio soberano renunciou o poder absoluto, é claro que eles, representantes desse poder, deviam proceder da mesma forma na colônia. Contudo, acostumados a governar despoticamente e a receber homenagens que raiavam pela adoração, custou-lhes muito partilhar o poder, nada mais sendo do que meros presidentes das juntas provisórias, criadas em todo o Brasil, tornando-se quase iguais a indivíduos que haviam tratado, pouco tempo antes, com severa altivez. Estavam persuadidos de que a revolução acabaria por ser abafada, e só se prestaram a executar os novos decretos com visível repugnância. Passaram, então, a ser vistos como defensores interesseiros da tirania. Não podiam ter partidários, razão pela qual foram expulsos, em sua maioria.⁶⁹

Os fatos não transcorreram inteiramente assim na província de São Paulo. Um governo provisório foi na mesma instalado, no mês de junho de 1821,⁷⁰ tendo como presidente João Carlos Augusto de Oeynhausen, ex-capitão-general.

O ilustre José Bonifácio de Andrada e Silva, que exercia a maior influência na província de São Paulo, onde nasceu, julgou, e com razão, que seus conterrâneos, sempre ligados ao Rei e à família real, respeitassem mais a nova administração, se a mesma continuasse a ser exercida pela pessoa que, originariamente, fora escolhida pelo soberano, e que, além disso, soubera fazer-se estimar por todos, devido a suas qualidades pessoais; assim, sustentou José Bonifácio muito fortemente João Carlos D'Oeynhausen, que ficou à testa do governo por muito mais tempo do que os outros capitães-generais.⁷¹ Dessa forma, a passagem da antiga ordem de coisas à nova fez-se menos bruscamente em São Paulo do que em qualquer outra das províncias brasileiras, não causando

69 Seria estranho ao nosso fito narrar os acontecimentos nessa época se não ocorri dos em cada uma das províncias brasileiras. Só falamos, pois, de um modo geral.

70 Data apontada por Daniel Pedro Müller, *Ensaio Estatístico*, 3.

71 O autor viu D'Oeynhausen ainda no mês de abril de 1822, no palácio dos antígos capitães-generais, palácio que até então não havia deitado. Esse excelente homem, cujo retrato o autor traça alhures, tinha-se feito amar e respeitarem todas as províncias em que fora governador, tanto que, ainda hoje, os habitantes de Mato Grosso, por exemplo, raramente pronunciam seu nome, sem levar a mão ao chapéu. (Cas tel nau, *Expédition*, II, 362).

nenhum abalo. É indispensável dar uma justa idéia do que foi a revolução no Brasil. Em seus primórdios, foi, pode-se dizer, antes portuguesa do que americana. Até o mês de dezembro de 1812, o que ocorreu no Rio de Janeiro foi obra dos europeus, que também muito contribuíram para as revoluções parciais das províncias, auxiliados por alguns membros de famílias brasileiras, ricas e poderosas, que pretendiam ser os substitutos dos antigos governadores. Quanto à massa do povo, seduzida, a princípio, pelas brilhantes promessas cujo cumprimento tardava sempre, tornou-se logo indiferente a tudo que se passava, parecendo dizer – “Não terei que suportar sempre a minha carga? – e o povo não tardou, mesmo, a ter saudades da administração inteiramente individual de seus antigos capitães-generais.

A maioria dos franceses ganhara extraordinariamente com a revolução de 1789, que suprimira os privilégios legais de que se aproveitava uma classe favorecida; no Brasil, a desigualdade de classes não tinha sido, realmente, consagrada por lei alguma. As injustiças, de que as classes inferiores tinham muitas vezes razão de queixa, eram abusos de poder cometidos constantemente pelos funcionários da administração e pelos homens ricos; mas foram precisamente esses homens que, nos primeiros tempos, se puseram à frente da revolução, pensando unicamente em diminuir a autoridade do Rei, para aumentar a própria autoridade. Expulsaram os capitães-generais, não se ocupando, de qualquer forma, com o povo, que ficou a perguntar a quem poderia implorar proteção. Os paulistas tinham alimentado por longo tempo tão profundo amor pelo Rei, que, em 1822, vários meses depois de seu regresso a Portugal, os habitantes dos campos consideravam-no ainda árbitro supremo de sua existência e da de seus filhos; era sempre ao Rei que pertenciam os impostos, a peagem dos rios, todo o país, em suma. Não havia um só agricultor na província de São Paulo que não repetisse estas palavras: “Prometiam-nos tanta felicidade com a constituição, e vivemos alarmados por contínuos receios. Cada qual, outrora, ficava sossegado em sua casa; agora, é necessário abandonar continuamente nossas mulheres e nossos filhos, para irmos apaziguar o Rio de Janeiro ou Minas. Não era melhor ser governado pelo nosso Rei e pelo nosso capitão-general, que, sozinho, decidia tudo, do que ser por tanta gente que vive brigando entre si e

mandando-nos de um para outro lado quando formulamos um pedido, e que nenhuma piedade tem dos pobres?”⁷²

Todavia, tinha chegado a época em que a revolução ia tomar novo caráter, ia tornar-se inteiramente brasileira.

O povo português tinha-se sublevado bem menos, talvez para enfraquecer a autoridade real do que para fazer voltar ao jogo de Portugal, sua antiga colônia, cuja emancipação tinha sido para os portugueses um motivo de dor. “Essa emancipação, com efeito, colocava-os num segundo plano, e, esgotando uma das fontes principais de suas riquezas, feria-os de cheio em seu orgulho e em seus interesses. A assembléia das Cortes de Lisboa julgou, então, que, para se tornar popular, seria mister recolocar o Brasil sob a dominação da metrópole. Cegos pela vaidade nacional, os legisladores portugueses nem mesmo se dignaram de lançar os olhos sobre o mapa do Brasil. Um decreto desastrosamente hipócrita restabeleceu o antigo sistema colonial; e, compreendendo num mesmo anátema o reino do Brasil e o jovem príncipe a quem D. João VI confiara o governo da ex-colônia, as Cortes ordenaram a D. Pedro, casado e pai de família, que regressasse à Europa, viajando sob a vigilância de um governante e lendo com este os *Offices* de Cícero e as *Aventuras de Telêmaco*”.⁷³

D. Pedro pareceu, a princípio, resolvido a obedecer às ordens das Cortes, mas assim procedeu, sem dúvida, para melhor fazer sentir aos brasileiros quanto sua presença lhes era necessária. Sem esse Príncipe, com efeito, não havia mais para ele um centro comum; as províncias se separariam uma das outras, desmembrando-se, e o Brasil, entregue a uma anarquia dissolvente, teria a triste sorte das colônias espanholas na América. Em circunstâncias assim difíceis, a província de São Paulo deu um nobre exemplo. A 24 de dezembro de 1821, a junta que a governava veio expor ao Príncipe-Regente todos os inconvenientes que acarretaria a sua partida para a Europa e o concitou a permanecer no seio de um povo que lhe era dedicado. Os mineiros demonstraram compartilhar dos sentimentos dos paulistas, e, em 9 de janeiro de 1822, a câmara

72 Depois de ter assistido à expulsão das tropas portuguesas do Rio de Janeiro, o autor viajou, em 1822, por Minas e São Paulo. Há uns seis anos já vi via ele no meio dos brasileiros, não sendo mais um estranho para eles, de sorte que pode responder pela verdade de tudo o que vem relatando na presente obra.

73 Auguste de Saint-Hilaire, *Précis des Révolutions du Brésil*, etc., na *Voie sur le Littoral du Brésil*, II, 378 e na *Révue des Deux Mondes*.

municipal do Rio de Janeiro obteve de D. Pedro esta célebre resposta: – “Desde que o povo acredita que minha presença no Brasil é para o bem de todos, diga ao povo que fico.”

Pela energia com que se pronunciaram contra as Cortes de Lisboa e a fidelidade de que deram provas para com o príncipe regente, os paulistas adquiriram eternos direitos ao reconhecimento dos demais brasileiros. Mas, devemos também dizer, sua inexperiência dos negócios era tal, que provavelmente ficariam em inação se a Província não permitisse que estivessem à sua frente dois homens tão notáveis pelo seu talento e patriotismo – José Bonifácio de Andrada e seu irmão Martim Francisco – que dominaram seus colegas da junta governativa, guiando-os; e, assim, o Brasil foi salvo da anarquia e do desmembramento.

Alguns meses mais tarde, D. Pedro correu a São Paulo, com uma rapidez que testemunhava ao mesmo tempo sua robustez física e a energia de seu caráter. Ali na planície do Ipiranga, bradou este grito nobre – “Viver independente, ou morrer!” Conseqüência: o Brasil separou-se de Portugal. Desde essa época uma geração passou. D. Pedro, fundador de um dos mais vastos impérios do mundo, criou ingratos. Foi morrer no pequeno país onde nascera. Seu filho, D. Pedro II, subiu ao trono, e o povo do Brasil, depois de ter sofrido duras provações, encontra hoje, numa constituição inteiramente adequada às suas necessidades, as vantagens do sistema monárquico constitucional, aliadas às de uma união federativa.

Essas felizes mudanças nada representam diante das que ainda podem vir. Pela vasta extensão, pela capacidade de alguns de seus portos, pela fertilidade de seu território, pela variedade de suas produções, pela inteligência de seus habitantes, o Brasil está fadado aos mais altos destinos; mas uma condição impõe-se para que possa cumpri-los – é necessário que todas as suas províncias, independentes cada qual em sua administração privada, mantenham-se unidas entre si, ligadas a um centro comum. Se a qualquer tempo os brasileiros, seduzidos por hipócritas declamações e promessas enganadoras, cessarem de reconhecer um poder central, seu país será logo a presa de horrível anarquia, ou, dizendo melhor, não haverá mais Brasil.

Nas províncias, separadas uma das outras, repetir-se-iam, em pequena escala, os fatos que acarretariam a desunião geral, e todas se desmembrariam. Assim, no mesmo instante em que se operasse sua

desarticulação, Curitiba declarar-se-ia independente de São Paulo; a vila de Paranaguá, separada de Curitiba por montanhas quase inacessíveis, recusaria submeter-se à mesma administração que esta última; Franca, originariamente povoada por mineiros, não quererá mais ter nada de comum com as outras partes da atual província; ver-se-iam, quiçá, explodir as antigas contendas entre São Paulo e Taubaté, e, do belo nome paulista, só restaria uma lembrança histórica. Os brasileiros devem, pois, unir-se contra os ambiciosos, que só trabalharão para destruí-los. Quando o perigo aproximar-se, os paulistas devem cerrar fileiras; devem recordar-se da glória de seus antepassados, do belo dia 24 de dezembro de 1821, do nome dos Andradas e, em seguida, marchar para a frente e salvar mais uma vez a pátria comum, repetindo estas palavras de um guerreiro glorioso, palavras que tão bem lhes assentam – *Noblesse oblige*.

II – LIMITES – MONTANHAS – RIOS – CLIMA

Depois de compreender dentro de seus limites cerca de um terço do território do Brasil, a província de São Paulo, menos vasta atualmente do que a de Goiás ou a de Mato Grosso, ainda oferece uma superfície de 15.000 a 18.000 léguas quadradas, de 18 por grau.⁷⁴ Seus contornos são muito irregulares: ora penetram na província limítrofe, ora é esta que parece invadir-lhe o território. Quase que inteiramente situada fora do trópico do Capricórnio, estende-se de 20° 30' de latitude meridional a 28°, e tem 136 léguas de comprimento do sul ao norte, por 100 léguas de largura do oriente ao ocidente.⁷⁵ Ao norte é limitada pelas províncias de Minas Gerais e Goiás; a nordeste, pela do Rio de

74 Eschwege avia lia a su per fi cie da pro vín cia de São Pa u lo em 15.000 léguas, apro xi ma da men te (*Bra sí lien*, II, 68). O au tor de *Ensa io de um Qu a dro Esta tis tí co da Pro vín cia de São Pa u lo* a ava lia em 19.400 léguas, de 20 por grau.

75 Colhi esses al ga ris mos no li vro do aba de Ma nu el Ai res do Ca sal – *Co rog Bras.*, I, 200 –, pu blicado na épo ca de mi nha vi a gem. Devo, po rém, di zer que o au tor de *Ensa io de um Qu a dro Esta tis tí co da Pro vín cia de São Paulo*, obra apa re ci da em 1838 ou 1839, co lo cou a pro vín cia de São Pa u lo en tre 19° 40' e 27° 12' de latitude sul, acres cen tan do que a mes ma tem, de les te a oes te, 236 léguas, de 20 por grau. A di fe ren ça de lati tu de o cor ren te en tre o que di zem os dois au to res é de vi da, sem dú vi da, e er ros de cál cu lo ou a alguma mo di fi ca ção ha vi da, de po is de mi nha vi a gem nos li mi tes das pro vín cias bra sí le iras; pos si vel men te de vi do às duas men ci o na das ca u sas. Quan to à di fe ren ça de cer ca de dois ter ços para a exten são de leste para oeste, no ta da en tre as duas re fe ri das obras, é a mes ma ori un da, pro va vel men te, do fato de Casal não ter le va do em con ta, como fez o au tor do *Ensa io*, o vas to ter ri tó rio ocu pa do por índi gas sel va gens. Os Srs. Milliet e Lo pes de Moura co lo cam (*Dic*, II, 611) o ter ri tó rio de São Pa u lo en tre 33cc e 26°, tendo tal vez to ma do por base para o pri me i ro des ses nú me ros a reu ni ão que, após a in sen sa ta re vol ta de 1842, foi fe i ta de uma par te da pro vín cia de São Pa u lo à do Rio de Ja ne i ro. Essa re u ni ão, po rém, só foi mo men tá nea, não ten do, em de fi ni ti vo, nada mu da do re la ti va men te aos li mi tes das duas pro vín cias (v. os Dis cursos pro nun cia dos na aber tu ra das assem bléas legis la ti vas de São Paulo, de 1843 a 1847).

Janeiro; a leste, pelo Oceano Atlântico; ao sul, pelas províncias do Rio Grande de São Pedro do Sul e de Santa Catarina; a este, pela província de Mato Grosso e por várias das antigas colônias espanholas,⁷⁶ ou, melhor dizendo, por esse lado confunde-se com desertos.

Mais privilegiadamente situada do que as províncias centrais de Minas Gerais e de Mato Grosso, a de São Paulo possui uma vasta extensão de costas e, conquanto, em geral, seus portos não possam receber vasos de guerra, navios mercantes entram facilmente em Cananéia, São Sebastião e Paranaguá; Ubatuba, Itanhaém, Iguape e Guaratuba são, unicamente, portos de cabotagem.⁷⁷ A cordilheira que, como já disse em outro ponto desta narrativa,⁷⁸ se prolonga, sempre próxima do oceano, por grande extensão do território brasileiro (serra do Mar),⁷⁹ divide a província de São Paulo em duas partes assaz desiguais – o litoral (beira-mar) e o planalto dentro (serra acima).

Esta última expressão quase que bastaria para indicar que, a oeste da cordilheira marítima, não se encontra o mesmo nível que à beira-mar. Depois de transposta a cordilheira, atinge-se o imenso planalto que forma tão grande parte do Brasil e cuja altura média é, segundo Eschwege, de 761m72 (2.500 pés ingleses);⁸⁰ por consequência, não há tanto para subir do lado do ocidente, quanto do lado oposto. É mesmo evidente que, acima da cidade de Santos, a serra é, apenas, rampa muito acidentada e muito escarpada do planalto, pois que, alcançando o seu ponto culminante, não se encontra, num espaço de 7 a 8 léguas, isto é, até São Paulo, mais do que uma planície ondulada, cuja rampa é, apenas, sensível.⁸¹

Já disse em outra ocasião que,⁸² quem vai do Rio de Janeiro a Minas Gerais, e, depois de transposta a serra do Mar, toma a direção

76 Já disse (*Vo ya ge aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goiás*, II) que, a caminho de Goiás, o rio Grande forma o limite setentrional de São Paulo. Daí a continuação, de forma igualmente precisa, vários outros limites da província, à proporção que for prosseguindo na presente narração.

77 Eschw., *Bras.*, I. Piz., *Mem. Hist.*, VIII, 304. *Ensaio*, 10.

78 V. minha *Vo ya ge dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, vol. I.

79 Esse nome de *serra do Mar* é o que, geralmente, se dá à cordilheira marítima. Na província de São Paulo, chamam-na também de *serra do Cubatão*, mas essa denominação aplica-se, especialmente, à parte da cordilheira que fica entre Santos e São Paulo. O antigo nome em pregação dos indígenas – *serra Paranapiacaba* – não está, também, inteiramente fora de uso.

80 *Brasilien*, II, 165.

81 Varnh. in Eschw., *Journ.*, II, 224.

82 *Vo ya ge dans les Provinces de Rio de Janeiro etc.*, I, 68.

norte/noroeste, aproximadamente, encontra uma segunda cadeia de montanhas, que vai perder-se ao norte do Brasil. Essa cadeia (serra do Espinhaço, Eschw.), de onde se elevam alguns picos, notáveis pela sua altura e pela vegetação variada de que são cobertos, parece ter início na província de São Paulo, com a montanha do Jaraguá, vizinha da capital da província.⁸³ Antes de tomar a direção quase setentrional que segue em Minas, tem direção muito mais oriental e a conserva, enquanto dentro do território paulista,⁸⁴ separando-o de Minas Gerais, sob o nome de serra da Mantiqueira, nome que conserva numa parte notável de sua extensão. O espaço compreendido na província de Minas Gerais e nas do Rio de Janeiro e Mato Grosso, entre a cordilheira marítima e a serra da Mantiqueira, não tem menos de 3 a 4 graus, e apresenta uma rede de montanhas e vales profundos, cobertos, sem interrupção, de sombrias matas virgens. Na província de São Paulo a serra da Mantiqueira aproxima-se mais ainda do oceano. Aí, o intervalo que separa as duas cadeias de montanhas é uma espécie de bacia estreita, que muitas vezes não tem 1 grau ou, mesmo, 0.5 grau de largura; mais para os limites do Rio de Janeiro é ainda montanhas e todo coberto de florestas,⁸⁵ além de Taubaté, porém, o aspecto se torna muito desigual, ou simplesmente ondulado, oferecendo à vista uma agradável alternativa de matas e pastagens. Pelo fato das duas cadeias serem muito próximas uma da outra, não é lícito concluir que, na sua extremidade, a serra da Mantiqueira forme um ângulo agudo com a cadeia marítima e com a mesma se confunda. Percorri a província de São Paulo em todo o seu comprimento, desde os seus limites com a do Rio de Janeiro até com os da de Santa Catarina, convencendo-me de que, se em certos pontos existem contrafortes entre as duas cadeias, não partem as mesmas de um núcleo comum.

Quando o viajante, em demanda da cidade de São Paulo, se afasta do pico do Jaraguá – situado distante da cidade cerca de três léguas e considerado, como já assinalei, extremidade da serra da Mantiqueira –, vê o solo aplanar-se por graus e acabar por não ser mais do que uma vasta planície ondulada e limitada por montanhas que se unem à do Jaraguá. Abaixo de São Paulo nota-se uma mudança do nível de 50 a

83 *Ensaio de um Quadro Estatístico da Província de São Paulo*, 10. Kidd., Sket., 238.

84 *Vojaže aux Sources du Rio de São Francisco et dans la Province de Goiás*, I, 56.

85 É desnecessário dizer que esta referência com preensão das terras atualmente cultivadas ou que outra foram; se nas mesmas não se vêem mais florestas, é certo, porém, que ali já existiram em época recente.

100 pés,⁸⁶ em seguida, até a descida da serra do Mar, no caminho de Santos, estende-se uma outra planície ondulada, de algumas léguas.

A província de São Paulo é mais ou menos tão bem irrigada quanto a de Minas Gerais e o sul da de Goiás. Em seu território não se encontra, é fato, um curso de água que, atualmente, seja navegável, sem interrupção, em tão grandes extensões, como o Araguari, o Tocantins e o São Francisco; mas, situada à beira-mar, tem menos necessidade, do que as províncias centrais, de uma navegação interior; e, com o tempo, diversos de seus rios, desimpedidos dos obstáculos que hoje lhes entram o curso, ou margeados por um canal nos pontos de difícil navegação, tornar-se-ão úteis meios de comunicação entre os habitantes da província e os de outras regiões do Brasil. Um grande número de rios conduzirá, assim, ao Paraná, que levará ao Paraguai e a Entre-Rios, os produtos das zonas tropicais da província; ao passo que o Paraíba levará, ao norte, até o Campo dos Goitacases, as produções européias e caucásicas dos Campos Gerais e Curitiba. Há muito tempo, aliás, que os paulistas aproveitaram o rio Tietê, iniciando a gigantesca e perigosa navegação que os conduzia a Cuiabá, e, se, por ocasião de minha viagem, o comércio havia abandonado a via fluvial, pelas razões que mais tarde apontarei, o governo ainda da mesma se servia, algumas vezes, para transportar até Mato Grosso tropas e munições de guerra. É como o Tietê, no Paraná, que se lançam, mediata ou imediatamente, os rios que, ao sul de latitude onde começa a serra da Mantiqueira, nascem da vertente ocidental da serra do Mar, existindo, entre eles, alguns muito importantes. Os que descem da vertente oriental só podem ter um curso de pequena extensão, mas são muito úteis aos proprietários ribeirinhos, para o transporte de seus produtos aos portos mais próximos. As águas que, na bacia compreendida entre as serras da Mantiqueira e a do Mar, nascem das duas vertentes opostas, correm, ao sul, para o Tietê e, ao norte, para o Paraíba, rios esses que, depois de se encaminharem, ambos, para o oeste, se afastam, dirigindo-se o primeiro para noroeste, e o segundo, para nordeste.

Seja-me permitido dizer, de um modo geral, que o clima da província de São Paulo convém melhor à espécie humana do que o da maioria das outras partes do Brasil. É, entretanto, bem fácil de

86 Fried. Varnh. in Eschw., *Journ.*, II, 246.

compreender que um clima uniforme não poderia reinar numa região que, possuindo zonas intra e extratropicais, compreende oito graus de latitude: região que, além disso, em uma de suas partes se estende a nível do mar, ao passo que a outra parte se eleva, formando um planalto mais ou menos desigual. Relativamente ao clima, como sob outros aspectos, a província de São Paulo é naturalmente dividida, pela cadeia marítima, em duas regiões – uma, que compreende todo o litoral, é muito mais quente e muito menos salubre do que a outra, formada pelo planalto.

Para além dos montes que formam a cadeia marítima, as diferenças de temperatura nos diversos meses do ano são mais sensíveis do que sob paralelos menos afastados da linha equinocial; mas, à beira-mar, tal desigualdade não existe, o que, de resto, só vem confirmar uma regra geral, bem conhecida dos meteorologistas. Como em Minas e Goiás, distinguem-se, no planalto paulista, duas estações – a das chuvas, que, segundo as regiões, e, talvez, os anos começa em outubro ou novembro; e a da seca, cujo início é em março ou abril. O mesmo, entretanto, não ocorre tão marcadamente no litoral,⁸⁷ onde chove pouco mais ou todo o ano, afirmando-se, mesmo que, em Santos, caem fortes chuvas durante grande parte do ano, fenômeno que Mawe e Eschwege atribuem à situação da cidade, localizada entre altas montanhas.⁸⁸ O parágrafo seguinte, em que trato da vegetação da província de São Paulo, fará, possivelmente, compreender o que acima afirmei sobre a temperatura e o clima dessa província.

III – VEGETAÇÃO

Florestas contínuas cobrem a parte da província de São Paulo mais próxima do território da do Rio de Janeiro, todo o litoral, bem

87 Eis como a esse respeito se exprime o velho Padre Anchieta, em 1560: – “In hac parte Brasiliae que S. Vi centi us di tur... nec veri certum tem pus, nec hye mi po test as sig na ri; per pe tuã qua dam tem pe rie conficit sol cur sus suos, ita nec fri gore horret hyems, nec calore infestatur aestas; nullo tempore anni cessant imbres, adeo ut quarto, tertio, aut secundo quoque die alternis vicibus sibi pluvia solque succedant... Para ti nin gae au tem et ali is quae ip sam ver sus oc ca sum sub se quan tur lo cis ita a na turã com paratum est, ut si quando ardentio re calore (cu jus má xi ma a no vem bri ad mar ti um vis est) dies aestuaverint, pluvias infusione capiat refrigerium, quod et hic usu venit... Hyeme vero (exacto automno qui a martio inspiens me diã quadam temperie conficitur) suspenduntur pluvie, frigoris au tem vis hor res cit, maxima junio, julio et au gus to; quo tem po re et spar sus per cam pos pru i nas om nem fere arborem et her bam pe ru ren tes sa e pe vi di mus (*Epis tol. in No tic. Ultra mar.*, I, 133-1370).

88 *Travels*, 60. – *Journ. v. Bras.*, 76.

como a serra do Mar, estendendo-se mais ou menos pelo planalto. A serra da Mantiqueira é, igualmente, coberta de florestas, que, com as já referidas, formam um vasto conjunto. O planalto, entretanto, apresenta uma alternativa de matas e de ricas pastagens.

A província de Minas Gerais, inteiramente situada entre os trópicos, não conhece inverno e é atravessada pela cadeia de montanhas mais elevadas do Brasil, pelo que deve, necessariamente, possuir uma flora muito mais rica do que a de São Paulo, e acredito que, em média, se encontrará enorme diferença entre o número de espécies vegetais existentes sobre uma légua quadrada de terras da primeira e o existente em igual extensão de terras da de São Paulo. Todavia, se nos limitarmos a comparar as terras dessas duas províncias, relativamente às diferentes formas que, segundo as regiões, caracterizam o conjunto da vegetação, veremos que a província de São Paulo não oferece menos diversidade do que a de Minas. Procurar-se-iam, em vão, em território paulista, as florestas anãs, de três ou quatro pés de altura, comuns em Minas, florestas em que domina a *mimosa dumetorum*, Aug. S. Hil., e denominadas *carrascais* ou *carrascos*,⁸⁹ procurar-se-iam, debalde, as *caatingas*, que, sob o rigor do sol dos trópicos, apresentam, de junho a julho, a imagem das florestas européias desprovidas de folhagem, no outono;⁹⁰ mas, em troca, Minas não conhece a vegetação marítima, e as poucas araucárias (pinheiros), espalhadas em algumas matas da comarca de São João d'el-Rei, só podem dar uma pálida idéia das imensas florestas formadas, nos Campos Gerais, por essa majestosa árvore.

Percorrendo rapidamente a Província de São Paulo, do norte ao sul, tentarei apresentar um resumido quadro das várias formas vegetais que se sucedem em seu território. Desde a fronteira da Província do Rio de Janeiro até o caminho de Minas Gerais por Santa Maria de Baependi temos, numa região montanhosa, matas virgens que recordam, exatamente, as das vizinhanças da capital do Brasil. As árvores têm ali o mesmo vigor; as palmeiras e as *cecrópias* crescem em igual abundância; e a cor verde das folhagens apresenta os mesmos tons carregados. Além da povoação de Cachoeira, nas circunvizinhanças de Lorena e de Guaratinguetá, cerca de 22° 46' de latitude sul, o terreno, pantanoso e geralmente

89 Para o lado de Castro, vila pertencente aos Campos Gerais, as moitas, que crescem em terras más e nas pastagens que se sempreto sa das pelo gado, têm o aspecto dos *carrascos*; mas o aspecto, unicamente.

90 V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, II, 2, 98 e segs.

arenoso, só oferece, por toda a parte, uma vegetação rala, mas que ainda pertence, até nas menores particularidades, à flora do Rio de Janeiro. Ali, como nos brejos da paróquia de Santo Antônio de Jacutinga, só se vêem árvores e arbustos de pouca folhagem, de troncos finos, de galhos quase retos e muito curtos. A cerca de uma légua de Guaratinguetá, a vegetação dos brejos desaparece completamente, mas é difícil determinar se o que apreciamos é, em toda a parte, resultante do trabalho destruidor dos homens, ou se, em alguns pontos, a paisagem foi sempre tal qual a vemos hoje. Em nenhum trecho deparamos com verdadeiras florestas virgens. Muitas vezes os arbustos e as árvores aparecem rarefeitos no meio da relva, outros se apresentam mais compactos e, em espaços relativamente consideráveis, formam um espesso capão, entremeado de *mimosas espinhosas*, e, quando a estrada atravessa esses bosques, parece estar cercada por virentes e encantadoras sebes, semelhantes às que cercam os jardins e arrabaldes do Rio de Janeiro.

É Pindamonhangaba, a 22° 55' de latitude sul, que forma o limite da flora da capital do país. Mais para longe, as terras apresentam maravilhosa alternativa de matas, umas muito vigorosas, outras mais ou menos ralas, pastagens secas ou úmidas, brejos completamente descobertos, e outros de onde emergem árvores e arbustos de troncos finos. A região situada entre Pindamonhangaba e São Paulo é das em que se observa maior variedade de vegetação. Encontrei ali plantas que ainda não tinha visto em qualquer outro ponto e, contudo, havia já perto de seis anos que percorria o Brasil, herborizando por todos os recantos, com infatigável zelo.

Se, vindo de Vila Boa, dirigimo-nos do Rio Grande, limite da província de São Paulo, para a cidade do mesmo nome, veremos a vegetação tropical dos campos de Goiás e do rio São Francisco alterar-se gradativamente. Aquém da fronteira, cerca de 32° de latitude sul, o elegante buriti (*mauritia vinífera*) cessará de se elevar majestosamente do meio dos brejos, que só oferecem ao botânico humildes ervas rasteiras no terreno esponjoso. Durante prolongado tempo ainda atravessamos campos semeados de árvores retorcidas e raquíticas, pertencentes, com pouca diferença, às espécies observadas desde 14° ou 15°. Pouco a pouco, entretanto, outras pastagens, compostas apenas de ervas e subarbustos, misturam-se às primeiras, tornando-se cada vez mais raras. À medida que avançamos para o sul, as

mesmas espécies se repetem mais amiúde e, por conseguinte, encontramos menos variedade na vegetação. O *capim-flecha* mistura-se às outras gramíneas, tal qual ocorre nas campinas altas de São João d'el-Rei, fornecendo, igualmente, uma preciosa forragem para o gado.

Perto da vila de Mogi Mirim, a 22º 20' de latitude austral, os capões de mata, disseminados pelas pastagens, têm uma extensão que, em qualquer parte, não representam, desde Santa Cruz de Goiás; e, nos lugares das derrubadas outrora feitas na região, é encontrado o grande feto – (*pteris caudata*, ex Mart.), que, no oriente de Minas Gerais, sucede às florestas virgens, mas que não é encontrado em continuação às florestas de Goiás. Esses capões, assaz multiplicados em enorme extensão, e que caracterizam as cercanias de Mogi, não são mais do que os precursores de total mudança na vegetação. A cerca de 4 léguas dessa pequena vila, os campos desaparecem por completo, entrando-se numa imensa floresta. É sabido que, em Minas Gerais, a região dos campos tem por limite a zona das montanhas, e a das florestas a sucede, quando o terreno cessa de ser plano ou ondulado.⁹¹ No território de São Paulo o mesmo não ocorre – quando as grandes matas começam aparecer, as terras são tão planas como as anteriores, e, só depois do percurso de cerca de 12 léguas é que são encontradas pequenas montanhas – as de Jundiá, a cerca de 23º 3' de latitude sul. A 6 ou 7 léguas de São Paulo, completamente secas e mais numerosas do que as novas, dão à campina um aspecto triste e acinzentado. Essa região era, outrora, inteiramente coberta de matas. Há cerca de 3 séculos começou a ser habitada pelos homens brancos, não sendo, pois, motivo de admiração o fato das árvores terem sido ali destruídas. Aproximo-nos de São Paulo. O terreno torna-se menos desigual, acabando por constituir uma vasta planície ondulada, oferecendo-nos, então, em meio de uma relva quase rente ao solo, numerosos capões de mata, pouco elevados e muito próximos uns dos outros, mas de pequena extensão, semelhando uma marchetaria em que estão embutidos dois tons de verde muito diferentes – o verde da relva, tão grato à vista, e os bosques, de coloração mais carregada. Ficamos a imaginar se esses capões de mata não são os restos da floresta que encontramos perto de Mogi-Mirim, e se a região não foi outrora coberta de árvores até São Paulo. A natureza da vegetação levaria a assim acreditar; mas a disposição dos terrenos e todos os documentos históricos militam contra semelhante opinião. Sem as luzes por esses documentos fornecidos, ficaríamos na

91 V. meu *Tableau de la Végétation Pri miti ve dans la Province de Minas Gerais*, im pres so nos *Annales des Sciences Naturelles*, de se tem bro de 1831, e nos *Annales de Voyage*.

incerteza em que se encontra a Europa relativamente ao estado primitivo da maior parte de seus prados e campos; e, em consequência, julgo não ter sido inútil à ciência, fazendo conhecer a topografia botânica das diversas regiões que visitei e cuja vegetação primitiva ainda não desapareceu. Saber-se-á, assim, o que foram essas belas campinas antes de se transformarem nas culturas de milho, de mandioca ou de cana-de-açúcar que um dia as cobrirão; e, talvez, qualquer amante da natureza terá saudade das brilhantes flores dos campos, da majestade das florestas virgens, dos cipós enlaçados em festões pelas árvores e da imponente voz dos desertos.

A cidade de São Paulo está situada a 23° 33' 10" e a 2.462 pés ingleses (753 m. 19) acima do nível do mar;⁹² vale isso dizer que seu clima convém perfeitamente às plantas européias e caucásicas, e que a flora é bem diferente das do Pará, Bahia e Pernambuco, e, mesmo, das de Minas Novas e dos desertos vizinhos de Contendas e de Salgado.⁹³ O grupo das *chicoráceas*, a bem dizer desconhecido nas províncias setentrionais do Brasil,⁹⁴ encontra dois representantes nas pastagens úmidas de São Paulo. A maior parte das espécies botânicas, que colhi nas circunvizinhanças dessa capital, pertencem a famílias igualmente existentes na França, e várias se relacionam, mesmo, com gêneros da flora francesa, tais como a *viola gracillima*, Aug. de S. Hil, um *juncus*, a *villarsia communis*, a *anagallis tenella*, var., *filiformis*, Aug. de S. Hil. e Gir., a *utricularia oligosperma*, Aug. de S. Hil., que se tomaria, à primeira vista, pela *utricularia vulgaris*, L. Sementes de plantas européias, sem dúvida transportadas com sementes de legumes, naturalizaram-se na região. O *polycorpon tetraphyllum*, L., cresce nas paredes; o *antirrhinum orontium*, L. e a *silene gallica*, L. constituíam duas das ervas más de um jardim por mim visitado, e encontrei, dentro da própria cidade de São Paulo, o *marrubium vulgare*, L. e o *conium maculatum*, L. Todas as plantas de ornamentação, que embelezavam nossos antigos jardins, são cultivadas com sucesso nos arrebalde da cidade. Pelos fins de novembro florescem os cravos, flores favoritas dos paulistas, os botões d'ouro, as papoulas, as ervilhas de cheiro, as escabiosas, as saudades, as cravinas, etc.⁹⁵ Os morangos, de gosto tão

92 Eschw., *Brasilien die Neue Welt*, II, 80. De acordo com as observações do capitão King (in Pedro Müller, *Ensaio de um Quadro Estatístico*, 7), o ponto mais elevado da cidade de São Paulo corresponderia ao cume da Serra do Mar, na estrada de Santos – 375 braças ou 825 metros.

93 V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, II.

94 Na província de Goiás, pelos lugares onde andei, encontrei uma única *Chicorácea*.

95 *Dyanthus carophyllus*, L., *ranunculus acris*, L., *papaver orientale*, *lathyrus odoratus*, L., *scabiosa atropurpurea*, L., *calendula officinalis*, L., *tagetes patula*, L. etc.

agradável como os da França e da Alemanha, abundam em todos os jardins. Os pessegueiros florescem, informaram-me, pelo mês de agosto, perdendo, então, a folhagem, que é, em pouco tempo, substituída por novas folhas. As laranjeiras, os limoeiros, figueiras, romeiras, ameixeiras, damasqueiros, marmeleiros, nogueiras e castanheiros fornecem, anualmente, em fevereiro ou março, com maior ou menor abundância, seus frutos, uns bons, outros medíocres. Em fins de novembro de 1819, as macieiras e as amoreiras estavam ainda em plena floração. O clima de São Paulo, tão favorável à cultura dessas frutas, não é, entretanto, relativamente à da vinha, como acontece em algumas regiões tropicais, por exemplo – Sabará, Meia Ponte, Paracatu – onde a videira frutifica duas vezes por ano, e, talvez mais ainda, se fossem multiplicadas as podas. Em São Paulo a videira só frutifica uma vez por ano, ficando despojada das folhas durante todo o tempo do frio.⁹⁶ A floração começa, segundo me informaram, pelo fim do mês de outubro e os frutos amadurecem em janeiro ou fevereiro. De todas as árvores frutíferas o pessegueiro é a mais comum e a que melhores resultados dá, não somente nas vizinhanças de São Paulo, e também em todo o Brasil extratropical. A pereira, em São Paulo e mesmo no Prata, produz menos e com maior dificuldade do que as outras frutas européias, e afirmaram-me que, para a mesma frutificar, é mister ser muito mais velha do que na Europa. As cerejeiras não são abundantes e não produzem bons frutos. Não é motivo para admiração a diferença que assinalo aqui, pois, avançando-se para o norte da Europa, vêem-se pereiras e cerejeiras carregadas de frutos muito tempo depois que frutificaram os damasqueiros, os pesqueiros, e, sobretudo as figueiras e as romeiras.

Depois de ter deixado São Paulo, dirigi-me, pelo planalto, para a fronteira meridional da província; antes, porém, desviei-me um pouco para o noroeste, a fim de visitar as vilas de Itu e Porto Feliz. Num espaço de cerca de 12 léguas a região é quase semelhante à que atravessei, imediatamente antes de chegar a São Paulo, vindo de Goiás. As terras são entremeadas de aprazíveis pastagens e capões de mata pouco elevados, onde predominam as *mytaceas*, a *therebintacea* denominada aroeira (*schimus*), a *baccaris* tão comum, a que se dá o nome de *alecrim-dos-campos*, etc. Espaços assaz consideráveis são cobertos de *barba-de-bode*

96 V. as três *Narrativas* que já pu bli quei.

(*Choetaria pallens*, var. *y*, Neesq), gramínea também encontrada em vários lugares elevados da parte meridional de Minas Gerais. A cerca de 12 léguas da vila de Itu, o terreno torna-se muito montanhoso e a vegetação muda inteiramente de aspecto – uma grande floresta sucede aos capões de mata entremeados de pastagens.

Como caminhássemos um pouco para o norte, a fim de atingir Porto Feliz, e, sobretudo, pelo fato de sempre descermos, pois seguíamos o curso do Tietê, penetramos, como era natural, numa região muito mais quente do que a cidade de São Paulo. A 5 léguas de Itu, 25°27', aproximadamente, encontramos um *campo*, onde, em meio de ervas e de subarbustos, elevam-se, umas bem juntas das outras, árvores definhadas, de casca suberosa, com folhas duras e quebradiças, e continuamos ainda a ver as espécies, que não cessamos de observar, desde 14° e 15°, nas localidades próximas, tais como uma *gutiífera* e a uma *leguminosa* comuns às regiões de temperaturas muito elevadas; o *peque*, cujos frutos são comestíveis (*caryocar brasiliensis*, Aug. de S. Hil., Juss., Camb.); *qualea* e, mesmo, o *boralé* (*brosinum*), que vegeta nos desertos setentrionais de Minas Gerais.⁹⁷ Semelhantes *campos* (*tabuleiros cobertos*) existem também perto de Sorocaba, vila situada pouco mais ou menos a 25°20', e a cerca de 5½ léguas de Porto Feliz. Essa região é o limite desse gênero singular de vegetação, pertencente, especialmente, às zonas setentrionais. As pastagens naturais que atravessamos até as lindes da província de São Paulo, e, ainda mais longe, no Rio Grande, nas missões do Uruguai, enfim, as campanhas de Montevidéu e de Buenos Aires, são simplesmente relvosas.

Não se deve, entretanto, pensar que não sejam encontradas outras sortes de vegetação intermediárias entre os *campos* semeados de árvores raquíticas e retorcidas e as pastagens propriamente ditas: raramente a natureza procede sem transições. A pouca distância de Sorocaba, cresce, abundantemente, uma pequena palmeira entre os tufos de *gramíneas*, e, em alguns lugares pantanosos, um gênero de vegetação que encontramos muitas vezes em Minas e Goiás.⁹⁸ Capões de mata, que ocupam sempre a parte mais baixa desses pântanos, formam, de ordinário, uma orla extensa, apresentando à vista um espesso conjunto de arbustos e de

97 Por muito notável exceção, encontramos um *campo* do mesmo gênero, muito mais longe, para o sul, próximo da localidade denominada Caxambu.

98 V. minha *Vo ya ge dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, e minha *Vo ya ge aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goiaz*.

árvores de troncos frágeis e compridos, quase todos ramosos desde a base. Ademais, na região, como em Minas, os pântanos não ostentam uma tão grande variedade de plantas, quanto na Europa.

As pastagens, além das cercanias de Sorocaba, são entremeadas de capões de mata de uma extensão mais ou menos considerável; aquelas excelentes para a criação de gado compõem-se, especialmente, de gramíneas, e, nas mesmas, não só não crescem árvores, como ainda vêem-se poucos subarbustos. Entre os matos, alguns há que oferecem uma vegetação muito vigorosa; mas não tornamos a encontrar, em nenhuma parte, a imponente majestade das florestas primitivas do Rio de Janeiro. Só naturalista sedentário poderá descrever, com minúcia, as árvores desses matos e dizer a que gêneros e espécies pertencem todas elas. É muito mais fácil estudar as plantas dos campos, entre as quais são encontradas muitas que, igualmente, crescem em Minas, em Goiás e nas regiões setentrionais da província de São Paulo. Para se fazer uma idéia mais precisa da vegetação desses lugares a que vamos nos referindo, tomaremos cento e trinta e duas espécies de plantas colhidas em janeiro, num espaço de 32 ou 34 léguas das cercanias de Sorocaba, entre 23°20', aproximadamente, até o rio Tararé ou Itararé, e 24°, também aproximadamente, e as compararemos com igual número de espécies colhidas, dos fins de junho ao começo de agosto, entre Meia Ponte, cidade de Goiás, vila de São José e o Rio Claro, região que não é, certamente, mais elevada do que a parte de São Paulo a que vamos nos referindo, pois vizinha do grande divisor das águas do norte e do sul do Brasil (serra do Corumbá e serra do Tocantins); se fizermos essa comparação, veremos que as cento e trinta e duas espécies colhidas em São Paulo dividem-se entre quarenta famílias, e, as colhidas em Goiás, dividem-se entre quarenta e seis famílias. Entre as primeiras, sete grupos, unicamente, não são encontrados na flora da França; entre as segundas, quinze não o são. As *melastomáceas* e as *malpighias*, tão *comuns* nos trópicos, tornam-se raras entre Sorocaba e o Tararé. Ademais, em vez de catorze *papilionáceas* colhidas nesta última região, só encontramos seis em cento e duas plantas de Goiás. Por três *labiadas* encontradas em São Paulo, contamos nove em Goiás, todas pertencentes à família das *hiptídeas*, não existentes na Europa. Dois grupos, apenas, existem, também, na Europa – os *acantos* e os *mirtos*, que apresentam mais espécies em Goiás do que em São Paulo. Nas duas províncias, a família das

compostas é a que apresenta mais espécies; depois delas vêm, em Goiás, as *mirtáceas*, as *labiadas*, as *acanteas* e as *melastomáceas*. As *papilionáceas* são, em São Paulo, quase tão numerosas quanto as próprias *compostas*. É desnecessário dizer que outras estações nos ofereceriam diferenças mais ou menos sensíveis, e que unicamente uma completa coleção da flora das duas regiões forneceria os meios para estabelecer uma comparação perfeitamente exata; mas, como não a possuímos, é mister nos contentarmos com uma estatística aproximada.

Uma família essencialmente européia, absolutamente desconhecida em Goiás – a das *coníferas* –, tem, na parte da província de São Paulo a que vamos nos referindo, um nobre representante, que é a majestosa *araucária brasiliensis*, a mais útil e a mais bela de todas as árvores do Brasil extratropical. É a cerca de 9 léguas aquém do Tararé que começamos a vê-la. Podemos, assim considerar os 23°39' ou 40° como sendo, no planalto de São Paulo, o limite setentrional de seu *habitat*. É também encontrada, na parte mais meridional da província de Minas Gerais, entre 21°10' e 21°55', mas isso a uma altura de 1.066 m, 450⁹⁹, porquanto nos é fácil avaliar a altura média da região que se estende diretamente de São Paulo a Curitiba, de mais de 400 a 600 metros,¹⁰⁰ e é assim que uma elevação mais considerável compensa uma distância maior da linha equinocial.

Além do Tararé, o campo muda inteiramente de aspecto: entramos nos *Campos Gerais*, a região mais interessante e mais bela, talvez, de todo o Brasil meridional. Os Campos Gerais que têm início pouco mais ou menos a 23°40', terminam, aproximadamente, a 25°, acerca de 8 ou 10 léguas de Curitiba. Acidentados e bem cobertos de matos, apresentam, em geral, um terreno plano e ondulado, onde, a perder de vista, descortinam-se imensas pastagens, cujo verde claro contrasta, agradavelmente, com as sombrias tintas dos capões de mata que se elevam nas baixadas. Ora só as *araucárias* formam esses capões; ora misturam-se com outras árvores de um verde tão carregado como o que lhes caracteriza a folhagem. Enquanto que, na Europa, quase nenhuma planta cresce nos bosques de pinheiros, nos Campos Gerais, uma infinidade

99 V. minha *Voyage aux Sources du Rio de São Francisco* etc., I, 84.

100 A cidade de São Paulo, provalmente muito mais elevada do que toda a região com prendida entre ela e Curitiba, é, como já disse, situada a 402m 60 (183 braças) acima do nível do mar. (King in P. Müller, *Ensaio*, 7).

de arbustos e subarbustos de plantas herbáceas nasce entre as *araucárias*, contrastando, sob vários aspectos, com a rudeza dessas grandes árvores e com as tintas sombrias das mesmas.

São as *gramíneas* que formam o conjunto das pastagens naturais; as outras plantas que em meio delas crescem, não são, como é natural, as mesmas em todas as partes. As mais comuns são, principalmente, as *vernônias*, as *mimóseas*, um *convolvulus*, a *composta* denominada vulgarmente *charrua*, uma *verbenácea*, uma *cássia* e uma *labiatiflora*. Em janeiro, em fevereiro e, mesmo, no começo de março, a verdura dos Campos Gerais é tão fresca e aprazível quanto a dos prados europeus, mas não é, como a deles, esmaltada por tão grande número de variegadas flores. Algumas pastagens, entretanto, apresentam, também flores muito numerosas; as provenientes de um *eryngium* e de uma *composta* são as que se vêem mais abundantemente, e, ao passo que as de cor amarela e branca predominam nos campos europeus, nos Campos Gerais são as de cor azul-celeste que predominam nas pastagens muito floridas.

Os botânicos encontrarão uma enorme variedade de plantas nas baixadas pantanosas próximas de Igreja Velha, e, provavelmente, em todas as localidades de análoga topografia; mas, em geral, não se encontra, nos Campos Gerais, grande número de espécies. Entre as que ali crescem, muitas existem que, de balde, se procurariam sob os trópicos. São encontradas em abundância, porém, muitas pertencentes a regiões assaz distantes, do lado do norte. Encontra-se, mesmo, para os lados de Caxambu, um campo onde árvores tortuosas e mirradas estão, como em Minas e Goiás, disseminadas entre ervas e subarbustos; e, em o número de tais plantas, há várias que, por exceção muito singular e difícil de ser explicada satisfatoriamente, pertencem aos campos das províncias equinociais. Pode-se dizer, generalizando, que a flora dos Campos Gerais tem alguma relação com a da província limítrofe mais meridional e menos elevada – a do Rio Grande de São Pedro do Sul –, mas que mais se aproxima da das regiões mais setentrionais do Brasil.

Se compararmos as espécies dos Campos Gerais com as que são encontradas na *região das florestas*, nas cercanias da capital de Minas Gerais, a 20°23' de latitude sul, de Mariana, a 20°21', e de São Miguel de Mato Dentro, não notaremos, sem dúvida, muitas comuns às duas

referidas regiões e observaremos, também, grandes diferenças no conjunto das formas vegetais; mas a estatística das famílias das duas regiões impressionará pelas suas mútuas relações. Trezentas e quinze espécies colhidas nos Campos Gerais, de 29 de janeiro a 9 de março, repartem-se em sessenta e sete grupos, dos quais 17 não existem, absolutamente, em França; em trezentos e vinte espécies fornecidas, de 1^o de janeiro a 21 de fevereiro, pelas cercanias de Vila Rica, Mariana e São Miguel do Mato Dentro, repartidas em 55 famílias, unicamente dezesseis são inteiramente tropicais, e, dentre elas, só nove são encontradas nos Campos Gerais. Entre as cinquenta famílias comuns a esta última região e à Europa, há apenas quatorze que não são encontradas entre as cinquenta e cinco de Minas. Nos Campos Gerais, as *corimbíferas* (Juss.) formam o grupo mais numeroso em espécies, pois constituem cerca de um sexto do total; vêm, em seguida, as *papilionáceas*. Em Minas, são as *melastomáceas* que predominam, mas constituem, apenas, um décimo do conjunto das espécies; apresentam-se, depois, respectivamente, os *fetos* e as *gramíneas*, vindo em quarto lugar as *corimbíferas*. As famílias que sem ser unicamente tropicais, e que só têm raros representantes na Europa, apresentam quase o mesmo número de espécies nas duas regiões a que nos vamos referindo. Entre as trezentas e vinte e cinco espécies de Minas não se encontram *paronchias*, *chicoráceas*, *carofiladas*, *renunculáceas*, *primuláceas*, *poligonadas*, *salicinadas*, *alismáceas*, *liliáceas* (Juss.), *nem asfodeladas* (Juss.); e esses grupos têm seus representantes nos Campos Gerais. A única espécie de *valerianácea* que colhemos no Brasil foi fornecida por esta última região, e a única *cistinada* americana¹⁰¹ começa a aparecer nessas mesmas terras, e daí continua a aparecer até muito mais longe, para o sul. A essas plantas, pertencentes, também à flora francesa, reúnem-se 10 *mimosáceas*, 5 *cássias*, 2 *gutíferas*,¹⁰² uma *vochysis*, 6 *melastomáceas*, a *sauvagésia erecta*, Linn., que se encontra sob a linha equinocial, uma *turnera*, duas *hipocrácias*, uma *anonácea*,¹⁰³ uma *cunoniácea*, etc.¹⁰⁴

Os gêneros que, tendo representantes na Europa, são encontrados em Minas, têm, na maioria dos casos, um lugar no catálogo das

101 *Helianthemum brasiliensis*, Pers. (*Cistus brasiliensis* Lam.)

102 Uma das qua is é *aculsiacriúva*, Aug. de S. Hill, Juss., Camb.

103 *Gualtéria australis*, Aug. de S. Hil.

104 *Weinmannia hirta*, SW.

plantas dos Campos Gerais, onde, a mais, se contam um *salix*, duas *paronychias*,¹⁰⁵ um *clermatis*,¹⁰⁶ um *serastium*,¹⁰⁷ dois *anagallis*,¹⁰⁸ seis *hypericum*,¹⁰⁹ etc.

Se, em vez de compararmos as plantas dos Campos Gerais com as da comarca de Vila Rica comparássemos as mesmas com espécies colhidas sob uma latitude aproximada à dessa última região, mas em sitio muito menos elevado (às margens do rio São Francisco, por exemplo), é certo que obteríamos diferenças mais acentuadas. Muito menos afastada, é verdade, da linha equinocial do que os Campos Gerais, Vila Rica ou Ouro Preto está situada a 1.152 metros (630 toesas) acima do nível do mar. Mariana a 729 metros (3.981/2 toesas),¹¹⁰ e São Miguel do Mato Dentro, provavelmente à mesma que Mariana. A altura dos Campos Gerais não pode ser, como acima já assinali, de mais de 400 a 600 metros. De resto, é de se crer que, se a nossa comparação fosse baseada sobre plantas colhidas em outros meses que não os de janeiro e fevereiro, chegaríamos a resultados diferentes. Acrescentarei, como já disse acima, com referência à região que precede os Campos Gerais, que as comparações em casos como em apreço não podem ser rigorosas, a não ser que possuísemos completa coleção da flora das duas regiões comparadas. O que temos dito sobre o assunto só pode ser conceituado como simples esboço: não se abre uma estrada unicamente pelo fato de se ter fincado, no terreno, que a mesma deve atravessar, algumas balizas, mas é essa uma operação pela qual é indispensável começar-se.

A alguma distância do extremo dos Campos Gerais, a região torna-se mais montanhosa e mais coberta de matas. Além desse extremo, entra-se numa sombria floresta; Curitiba, que, entretanto, logo alcançamos, está ainda situada numa planície desnuda e ridente. Nas matas vizinhas dessa cidade cresce, abundantamente, o mate (*ilex paraguariensis*, Aug. de S. Hil.),¹¹¹ cujas folhas e ramos constituem objetivo de importante

105 *Paronychia communis*, Aug. de S. H. Juss., Camb., e *paronychiacamphorosmoides*, Aug. de S. Hil., Juss., Camb.

106 *Clematis campestris*, Aug. de S. Hil.

107 *Cerastium commersonianum*, Ser.

108 *Anagallis alternifolia*, Cav., e *anagallistenella*, var. as cen den te, Aug. de S. Hil. e Gir.

109 *Hypericum ternatum, teretiusculum, laxiusculum, rigidum, denudatum, tenuifolium*, Aug. de S. Hil.

110 Eschw. *Journal von Brasilien*, I, 37.

111 Os botânicos, nem sem pre muito esculpulosos relativamente às regras gramaticais, têm excessivos escrupulos no que se refere ao nomenclatura específica das plantas. Em consequência da última circunstância, pensaram alguns ser necessário mudar a denominação da *paraguariensis*, que adotei para *paraguayensis*; mas assim penso, certamente, por ignorância que a primeira foi consagrada de muitos anos, e que, por conseguinte, a segunda constitui uma espécie de barbarismo.

comércio. Os habitantes de Curitiba vangloriam-se pelo fato de, como afirmam, produzirem suas terras a *quina do Peru*; mas, a casca da planta a que dá esse nome, casca excessivamente amarga e empregada com ótimo proveito contra as febres intermitentes, é a de uma *solanum pseudoquina*, Aug. de S. Hil.).¹¹²

À medida que nos afastamos de Sorocaba, ficamos à maior distância do trópico do Capricórnio. A temperatura média das regiões foi-se tornando gradativamente mais baixa e vimos ir desaparecendo, sucessivamente, a cultura das diversas produções coloniais, cujos *habitats* são limitados por este conjunto de fatores – a natureza de cada espécie, a elevação do solo e o menor ou maior afastamento do equador. Além de Sorocaba, perto dos 23°20' de latitude sul, o cafeeiro não é mais cultivado. Itapetininga, aproximadamente a 23°38', é o limite da culutra da cana-de-açúcar; Itapeva, situada entre 15 ou 18 léguas mais ao sul, o das bananeiras; para o lado da serra das Furnas, a cerca de 30 léguas de Itapeva, cessa a cultura dos algodoeiros, que desde Tararé, gelam, anualmente, após a colheita. Em Curitiba (a 25° 51', aproximadamente) as laranjas são muito ácidas e não é mais possível a cultura dos ananases.¹¹³

Mas, se as plantas de cultura tropical desaparecem dos Campos Gerais e do Distrito de Curitiba, o trigo, em compensação, é ali cultivado com proveito, e as árvores frutíferas da França e do sul da Europa, mesmo as cerejeiras e as pereiras, dão frutos mais ou menos abundantemente. É para lastimar, todavia, que a época das grandes chuvas coincida com a do desenvolvimento dos frutos, resultando daí que, exceto os figos, os demais frutos consigam perfeita maturação. De todas as árvores frutíferas é a pessegueira a mais comum, pois não exige nenhum cuidado de cultura, sendo até empregado para cercar as propriedades.

112 V. meu trabalho in titu la do *Plantes Usuelles des Brésiliens*, n. XXI.

113 Em outro ponto afirmei, incorrendo, provavelmente, em erro, que a ser ra das Furnas, constitui o limite da cul tu ra dos ana na ses (*Aperçu d'un Voyage au Brésil – Introduction à l'Histoire des Plantes les plus Remarquables du Brésil et du Paraguay*, pl. XL). Co mem-se ana na ses nas cer ca ni as de Cas tro, e a ser ra das Furnas fica situada a duas léguas dessa vila. Devo acrescentar que, desde minha viagem, aproveitando-se, sem dúvida, boas disposições locais, os diversos limites por mim indica dos estenderam-se um pou co mais além, para o sul.

Floresce a partir de agosto e produz, em grande abundância, seus frutos que, muitas vezes, já podem ser comidos em princípios de fevereiro.

Em vez de prolongarmos a nossa viagem pelo planalto, além de Curitiba, descemos a serra do Mar, ali denominada serra de Paranaguá, chegando ao litoral. Nesse ponto tudo se transforma à nossa vista – as plantas européias desaparecem. Revemos os algodoeiros, as bananeiras, a cana-de-açúcar, os cafeeiros, as *cecrópias* e uma infinidade de espécies pertencentes à flora do Rio de Janeiro. Assim, ao passo que, no planalto, quase a grau aquém do trópico, essa flora cedeu lugar a uma outra, encontramos-la, pelos 25° 51', no litoral, onde se estende, com modificações, não só até as fronteiras marítimas da província de São Paulo, como ainda até a ilha de Santa Catarina. Isso vem provar que a vegetação das costas apresenta uma uniformidade bem maior que a do interior dos continentes, fenômeno que, de resto, não deve causar admiração, porquanto a temperatura e outros agentes externos estão, nas costas, sujeitos, como é sabido, a variações muito menos sensíveis.

IV – POPULAÇÃO

Sobre a estatística da província de São Paulo, tem-se documentação mais precisa e mais numerosa do que sobre a de Goiás, mas, verdade seja dita, está essa documentação longe de merecer inteira confiança. Se há no Brasil quem saiba alinhar algarismos tão bem como se faz na França, na Alemanha, é de crer que possua os mesmos meios que nós para lhes dar o necessário cunho de exatidão. A preguiça geral no país, a ignorância de seus habitantes, sobretudo em certas regiões da província de São Paulo, a extrema disseminação dos habitantes são outros tantos obstáculos que se opõem a que, com referência à população, especialmente, se obtenham dados precisos. Os que se obtêm são, apenas, aproximados: mas, analisando as aproximações e cotejando-as entre si, pode-se, contudo, chegar a resultados curiosos e úteis.

De acordo com dados provavelmente oficiais, haveria, na província de São Paulo:

Em 1777,	116.975	habitan tes	
” . 1805,	192.729	”	
” . 1814,	212.928	”	
” . 1813,	209.219	”	re par ti dos por 26.150 casas
” . 1814,	212.928	”	
” . 1815,	215.021	”	re par ti dos por 35.767 casas
” . 1820,	239.290	”	re par ti dos por 40.726 casas
” . 1826,	258.901	”	
” . 1836,	326.902	”	re par ti dos por 50.968 casas ¹¹⁴

Se operarmos com o último desses números referentes à época mais aproximada da em que escrevemos, e se, por outro lado, admitirmos como sendo de 17.000 léguas quadradas, de 18 por grau, a superfície da província de São Paulo, teremos, em cada légua quadrada, uma população específica de 10 – 23/100 habitantes. Na França, contam-se 34.230.178 habitantes, numa superfície de 527.636 – 19/100 km quadrados,¹¹⁵ ou 13.848 – 596/1.000 léguas quadradas, de 18 por grau,¹¹⁶ o que perfaz 2.471 – habitantes em cada légua quadrada; isso vale dizer que a população específica da província de São Paulo está para a da

114 Os al ga ris mos re fe ren tes aos anos de 1777 e 1812 fo ram re co lhi dos em Sout hey (*ist.*, III, 857); aos de 1805 e 1806 o fo ram em Ni co lau Pe re i ra de Cam pos Ver gue i ro (*Piz.*, *Mem.*, VIII, 314); os de 1813 fo ram ti ra dos de um qua dro for ne ci do a Eschwe ge pelo Con de da Bar ca, mi nis tro de D. João VI, e inser to no *Journal von Brasilien* (II, 160) e no *Patriota* (3-6); de Spix e Mar ti us, provêm os da dos re fe ren tes a 1814 e 1815 (*Reise*, I, 224); en fim, a Pe dro Müll er, os de 1826 e 1838. Poderíamos ter co lo ca do o nú me ro 200.468 en tre os da dos re fe ren tes a 1805 e 1812; mas, como Eschwe ge de mons trou, pela com pa ra ção des se nú me ro com o rela ti vo a 1813, os re la ti vos a 1805 e 1812 são frisamente ab sur dos, ao pas so que o re la ti vo a 1813 re ves te-se de gran de au ten ticidade; fi nal men te, o nú me ro 200.478 foi ad mi ti do para o ano de 1808, por Mar ti us, ci ta do por Fer di nand Dé nis, e, para o de 1811, por Sout hey e Eschwe ge, pelo que jul guei pru den te não ado tá-lo. Nada direi, tam bém, so bre a po pu la ção da pro ví n cia em 1816, por que as in di ca ções ofi ci a is for ne ci das por Antô nio Ro dri gues Ve lo so de Olive i ra (*Ans. Flums. mapa* 3) e por Pizarro (*Mem.* VIII, 313) não abrange toda a província. Para 1814 preferi o número 212.928, indicado por Spix e Martius, ao número referido no *Dicionário do Brasil* (II, 608). Os dados autênticos de 1813 elevam a população des sa época a 209.219, e, os de 1815, a 215.021, sen do im pos sí vel, con se quên te men te, que o número 199.364 seja exa to para o ano de 1814.

115 *Annuairelong.* 1846, pág. 168.

116 O quarto de me ri di a no e de 90° ou 10.000 qui lô me tros, ou, ain da, de 1.620 léguas de 18 por grau, equi va len do, assim, 1 qui lô me tro a 0,1, 1.620.

França na mesma relação em que a expressão numérica $19 - 23/100$ está para a expressão numérica $- 2.471 - 173/100$; ou melhor dizendo, existiam, na província de São Paulo, dispensadas as frações, 19 habitantes na mesma área em que na França existiriam 2.471 habitantes. Pode ser acoimada de extravagante tal comparação; mas tem a mesma força de aproximar termos tão discrepantes um do outro, que não levariam a resultados verdadeiramente úteis. Acrescentarei, mesmo, com relação à população, que há uma espécie de injustiça em aproximar a nossa velha Europa a um país cuja existência é de apenas três séculos. O mesmo não sucederá se, relativamente a assunto idêntico, comparamos a província de São Paulo com qualquer outra região do Brasil. Partiremos, então, do mesmo ponto, aproximadamente, e a aproximação fará ressaltar as diferenças que, na referida província, existem no meio das relações mais sensíveis.

A província de Minas Gerais, provavelmente a mais povoada do Brasil, forma uma espécie de paralelogramo situado entre $13^{\circ} 23'$ de latitude sul e $328^{\circ} 336'$ de longitude, a partir do meridiano da ilha do Ferro.¹¹⁷ Compreende, pois, 10° do norte ao sul e 8° de leste a oeste, ou 25.920 léguas quadradas, de 18 por grau, se os contornos fossem perfeitamente regulares; mas, levaremos em linha de conta sua irregularidade, sem nos esquecermos, também, de que algumas de suas partes são inteiramente desertas, ou, pelo menos, percorridas, apenas, por algumas tribos errantes de indígenas selvagens, e computaremos sua superfície em 18.000 léguas quadradas, unicamente.¹¹⁸ Foi calculada a população de Minas, no ano de 1838, em 730.000 habitantes;¹¹⁹ por consequência, onde em São Paulo há 19 habitantes,

117 Piz., *Mem. Hist.*, VIII, part. 2ª, 58, Aug. de Hil., *Voyage Rio de Janeiro*, I, 78.

118 Eschwege indica essa superfície (18.000 *quadrat meilen*) no *Pluto Brasiliensis*, à página 589, e, um pouco mais adiante (pág. 596), só indica 17.000 léguas. Esse autor alemão foi quem, certamente, melhor estudou a estatística de Minas Gerais, pelo que se melhan te contra dição é de molde a fazer ressaltar quanto in certos são os dados em que se baseia a mesma estatística. Desce rias mos a uma avaliação bem mais baixa, se adotássemos a superfície apontada pelo *Dicionário do Brasil* (II, 99), isto é, 15.000 léguas quadradas. A província de Minas Gerais é, provavelmente, a mais bem conhecida de todo o Brasil; por ali julguem-se as ou tras.

119 Mill. e Lop. de Mour., *Dic.*, II, 99. – Kidder, cujo livro foi impresso em 1845, afirmou ser de 760.000 habitantes a população de Minas, sem indicar, entretanto, a que ano corresponde tal número.

em Minas há 40.¹²⁰ Fica-se surpreso, a princípio, com tão grande diferença numérica entre as populações de Minas e São Paulo, província esta com mais de um século de vida do que aquela; mas os fatos históricos explicarão tal diferença, satisfatoriamente. Quando se soube que o ouro abundava na primeira dessas províncias, nuvens de aventureiros brasileiros e portugueses instalaram-se em seu território. Esses homens, com o intuito de tornar seus trabalhos mais rápidos e mais fáceis, cercavam-se de escravos africanos, e numerosos mestiços não tardaram em aumentar uma população já relativamente considerável. Os paulistas, ao contrário, emigravam constantemente de seu torrão natal, indo procurar riquezas alhures, e a expensas da população de São Paulo foram povoados Mato Grosso, Goiás e, mesmo, uma parte do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais.

Só poderíamos dar uma idéia mais exata da população relativa às duas províncias em apreço, tomando, em nossa comparação, a légua quadrada por unidade fixa; mas, trate-se da América ou da França, a base para uma comparação desse gênero não é, realmente, mais do que uma ficção, porquanto, em nenhum reino, em nenhuma república, o número de habitantes é igualmente repartido pelas léguas quadradas da respectiva superfície. A população específica das regiões muito povoadas antigamente, da França, por exemplo, afasta-se muito menos da verdade do que a dos países novos, onde a nossa espécie não foi ainda forçada, por considerável proliferação, a espalhar-se por toda a parte; e, contudo, descendo-se a pormenores, ver-se-á que a população específica difere também na França, nos diversos departamentos, nas diversas regiões, segundo a maior ou menor divisão do território e o grau de fertilidade do solo. No Brasil, as diferenças, muito mais sensíveis da população específica numa mesma província, são devidas a causas puramente locais, que, com o tempo, serão modificadas de forma notável. Em Minas, buscava-se ouro – a população devia, naturalmente, aglomerar-se nos lugares em que esse metal era encontrado. O deserto (*sertão*) é a parte do território não-aurífera. Em São Paulo, entretanto,

120 A população de Minas é avaliada, por Eschwege, em 28 indivíduos por milha quadrada (*quadrat meilen*), avaliação inserida no *Pluto Bras.*, *Worwort*, II; mas esse escritor não diz se, pela expressão *Meilen*, refere-se, como Spix e Martius, à légua de 18 por grau, ou se quer indicar a milha alemã, ou a milha geográfica. Incorri no mesmo equívoco, quando, deixando de indicar com que número tinha operado, comparei a população específica de Minas, para 1817-1818, em 10 indivíduos por légua quadrada (*Voyage Rio de Jan.*, I, 80). A diferença de 10 a 40 de exageração, quando se souber que eu não só tomava por base o número baixo de 500.000 como o representativo da população da província de Minas, mas, ainda, atribuí-lhe a superfície de 50.000 léguas quadradas de 25 por grau.

não havia ouro, ou havia muito pouco. Os primeiros colonos ali chegaram por via marítima, situaram-se onde tinham desembarcado, formando estabelecimentos agrícolas, e, a pouco e pouco, o litoral se povoou, litoral formado por comprida faixa de terra, separada do planalto por uma cadeia de montanhas. Essa cadeia de montanhas, que apresentava grandes obstáculos à penetração no interior das terras, permaneceu por muito tempo inviolada, mas, posteriormente, foi transposta, e os fundamentos da cidade de São Paulo foram lançados; nas circunvizinhanças da mesma foram montados engenhos de cana-de-açúcar e formadas aldeias, depois elevadas a vilas; aproveitaram-se os colonos do vale do rio Paraíba para se espalharem a nordeste, e dos intervalos menos cobertos de florestas, para rumarem a sudoeste. Uma segunda língua de terra, paralela ao litoral cobriu-se de agricultores e de criadores de gado mais ou menos numerosos: e, pode-se dizer que, salvas algumas exceções, devidas a circunstâncias particulares, a população específica dos diferentes distritos da província de São Paulo é tanto mais considerável quanto mais antigos são os distritos. Se compararmos, em relação à respectiva população, as léguas quadradas da superfície de um país situado na Europa, encontraremos enormes diferenças nas regiões ocupadas por aldeias, burgos e, sobretudo, cidades. Diferenças congêneres reproduzem-se, sem dúvida, no Brasil, mas são muitíssimo mais sensíveis. Na Europa, a população das cidades é quase toda permanente – só há um reduzido número de pessoas ricas, que possuem, além de suas casas nas cidades, habitações rurais, onde residem durante o verão; o resto da população, apenas nos domingos e dias de festas, passa algumas horas no campo. No interior do Brasil o mesmo não ocorre – a população permanente das vilas e cidades é escassa; a maioria de suas casas pertencem a agricultores, que nas mesmas só permanecem aos domingos e dias-santos, para assistirem às solenidades religiosas, conservando-as fechadas durante os demais dias do ano, sendo, pois, a bem dizer, inteiramente supérfluas, completamente inúteis.¹²¹

121 Eschwege afirma que, em 1813, havia 150 habitantes por léguas quadradas, na comarca de Ouro Preto, província de Minas Gerais, mas distribuídos, fora das vilas e povoações, na proporção, apenas, de 50 por léguas quadradas. Tal proporção, admitida para a França (Beniston de Chateaufort, *Notes*, 47), não deve ser adotada, segundo penso, em qualquer parte do interior do Brasil; mas, mesmo que fosse exata para a comarca de Ouro Preto, não se deve esquecer de que essa comarca é, tal vez, de todo o Brasil, exceção do litoral, a região que, numa superfície igual, contém maior número de povoações, encontrando-se na mesma, o que não ocorre alhures, dois grandes centros de população, muito próximos entre si – Vila Rica e Mariana.

É sabido que, a não ser por circunstâncias de exceção, tais como emigrações, guerras, epidemias, fome, a população de todos os países aumenta continuamente, mas esse aumento não se processa em toda a parte nas mesmas proporções. Em 1777, como já assinalamos, a província de São Paulo contava 116.975 habitantes e, em 1838, 362.902, perfazendo, pois, em 62 anos, um aumento de 209.927, o que vale dizer que, durante esse lapso de tempo, a população quase triplicou. Em Minas, no ano de 1777, contavam-se, aproximadamente, 319.769 habitantes, e, no de 1838, 730.000;¹²² donde se vê que, em Minas, no mesmo período de 62 anos, houve um aumento de 410.231 habitantes, aumento menor, proporcionalmente, do que o havido em São Paulo, pois, naquela primeira província, a população apenas dobrou; ou, para falar de maneira mais rigorosamente exata, o aumento foi, em São Paulo, de cerca de 1.000 a 2.794 por 1.000, ao passo que, em Minas, foi de cerca de 1.000 a 2.282 por 1.000, apenas. A diferença seria ainda muitíssimo mais sensível, se tomássemos a França como termo de comparação, porquanto, ali, o aumento médio anual, em 27 anos (de 1817 a 1841), foi de 1 por 200, ou 5 por 1.000,¹²³ de onde a necessária conclusão de que, se durante 62 anos essa proporção permanecesse inalterada, o aumento total, para a França, seria apenas de 310 por 1.000, ao passo que, em São Paulo, foi de 2.794 por 1.000. Na França, a população não cresce por imigrações; a de São Paulo, ao contrário, recebe, constantemente, reforços de africanos, que em seu território se multiplicam mais ou menos intensamente; e, desde alguns anos, o contingente da imigração de europeus e mineiros, se bem que diminuto, veio ainda aumentar o número de seus habitantes. Entretanto, o que contribui sobremaneira, para o aumento da população em São Paulo, é ainda existirem em seu território imensos espaços desocupados, ao passo que o mesmo não ocorre na França. De mais a mais, no Brasil as mulheres são fecundas, e, finalmente, o americano não vive sempre atormentado pelo angustioso espírito de previdência, que leva o europeu a opor tantos obstáculos à multiplicação da espécie. Em Minas existem, igualmente,

122 Esses algarismos foram colhidos no *Dicionário do Brasil*, II, 99. Para o mesmo ano, Fabregas, in *Sigaud, Anuário* (1846) acusa 760.000. Kidder indica, igualmente, 760.000.

123 Mathieu, *Annuaire longit.*, 1846, pág. 139 e segs.

imensas regiões que só aguardam braços para explorá-las, e as mulheres mineiras não são menos fecundas do que as de São Paulo, bem como não é, ali, menor a despreocupação pelo futuro; mas, à medida que as minas passaram a produzir menos, as importações de africanos tornaram-se menos consideráveis e os homens brancos começaram a abandonar os lugares onde não mais os retinha a esperança de enriquecerem rapidamente; muitos de seus habitantes transferiram-se, assim, para São Paulo e Goiás, entregando-se à agricultura em terras goianas e paulistas, por julgarem-nas mais férteis do que as de seu torrão natal.

Limitamo-nos, até aqui, a considerar, em conjunto, o aumento que teve a população de São Paulo durante um certo lapso de tempo. Passaremos, agora, a perquirir em que proporções esse aumento se efetuou. Em 1777, como já vimos, contava a província 116.975 habitantes e, em 1838, 326.902; o aumento anual foi, conseqüentemente, em termo médio, de 3.385, 57/62, durante 62 anos. No mesmo espaço de tempo, o aumento foi, em Minas, de 6.616, 59/62 por ano a partir do número primitivo – 319.769 –, isto é, o do ano de 1777.

Em parte alguma as populações cresceram, anualmente, em tais proporções. Nos países antigos, em que a população é já considerável e onde todas as terras estão ocupadas, existindo uma indústria manufatureira muito desenvolvida, o aumento se opera, necessariamente, numa proporção decrescente. A França é um exemplo disso, pois que, ali, durante 14 anos, desde 1817 até 1830, a proporção foi, em termo médio, de 1/169 por ano,¹²⁴ e, durante 27 anos, de 1817 a 1845, não foi mais do que 1/200.¹²⁵ Nos países novos, onde a agricultura e a criação de gado constituem quase que a única ocupação dos habitantes e onde todos podem ainda encontrar terras desocupadas a explorar, e onde, também, nada se opõe ao desenvolvimento de nossa espécie, a população deve, necessariamente, aumentar, com alterações para mais ou para menos, segundo os anos e por circunstâncias muitas vezes inapreciáveis. No espaço de 62 anos, não temos, relativamente a São Paulo, infelizmente, senão os dados relativos a 8 anos; mas os termos médios, para os diversos intervalos entre esses 9 anos, serão, portanto,

124 Mathieu, *Annuairelongit*, 1833, págs. 111-114.

125 Mathieu, *Annuairelongit*, 1846, págs. 139, 140, 148.

menos afastados da verdade do que o termo médio obtido para os 62 anos. O quadro abaixo, resultante do acima formado, nos fornecerá o número dos aumentos sucessivos:

De 1777 a 1805, a população aumentou, em 28 anos, de 75.754 almas	
<i>Termo médio anual</i>	2.705
De 1805 a 1812 (7 anos) – aumento total de 12.538	”
<i>Termo médio anual</i>	1.790
De 1812 a 1813, aumento total	de 3.952 ”
De 1813 a 1814, aumento total	de 2.709 ”
De 1814 a 1815, aumento total	de 3.093 ”
De 1815 a 1820, (5 anos) – aumento total de 24.269	”
<i>Termo médio anual</i>	4.853
De 1820 a 1826 (6 anos) – aumento total de 19.611	”
<i>Termo médio anual</i>	3.268
De 1826 a 1838 (12 anos) – aumento total de 68.000	”
<i>Termo médio anual</i>	5.668

A diferença mais considerável é a que se nos apresenta a menos, nos sete anos compreendidos entre 1805 e 1812. Um fato histórico, entretanto, a explica – nesse intervalo saíram tropas recrutadas entre os habitantes da província, tropas que se incorporaram ao exército do Sul, na campanha contra o ditador Artigas, e, além disso, fugindo ao recrutamento, muitos deles passaram para Minas, com as famílias, ou afundaram pelos sertões adentro. Se ainda houvesse, contudo, oscilações sensíveis, vemos que, em suma, o aumento da população de São Paulo está, como já afirmamos, em progressão crescente. Se tomarmos, pois, por base progressão o termo médio de 1815 a 1820 e o de 1826 a 1838, excluindo o número do aumento referente a 1820-1826, que, pela sua acentuada diferença com o de 1826 a 1838, nos levaria a resultados talvez exagerados, veremos que, a partir de 1838, a população de São Paulo deveria ter sido, em 1848, independentemente de qualquer perturbação, o que será ao fim de cem anos.

Agora, para computar a população da província de São Paulo relativamente às habitações, tomaremos para base de nosso cômputo o quadro da página 85, e chegaremos a estabelecer que, em 1813, havia

em São Paulo 8 pessoas para cada casa; em 1815, pouco mais de 6 pessoas; em 1820, quase 6; enfim, em 1838, mais 6; ou, falando mais exatamente, 8.007 casas em 1813, 6.291 em 1815, 5.887 em 1820 e 6.413 em 1838. Na França, contam-se, nas cidades, 4 a 5 pessoas por casa, e, nos campos, 5 a 2,¹²⁶ isto é, em termo médio, número menos considerável que em São Paulo, onde a fecundidade das mulheres e a admissão dos escravos, mais numerosas famílias do que nossos servidores livres, explicam satisfatoriamente a diferença.

A comparação do montante da população com o número de nascimentos, casamentos ou óbitos fornecerá os seguintes resultados:

NASCIMENTOS

Anos	Pop. to tal	Nasc.	Relação coma População total
1777	116.975	5.074	1 sobre 23,5 indivíduos
1813	209.219	9.020	" " 23,19 "
1815	215.021	10.106	" " 21,37 "
1838	326.902	17.220	" " 18,98 "

CASAMENTOS

Anos	Pop. to tal	Nasc.	Relação coma População total
1813	209.219	2.466	1 sobre 84,84 indivíduos
1815	215.021	3.120	" " 68,91 "
1838	326.902	3.103	" " 105,35 "

ÓBITOS

Anos	Pop. to tal	Óbitos	Relação coma População total
1777	116.975	3.250	1 sobre 35,99 indivíduos
1813	209.219	4.451	" " 47,00 "
1815	215.021	4.636	" " 46,38 "
1838	326.902	3.103	" " 34,57 "

¹²⁶ Benoiston de Chateauneuf, *Notes*, 47.

Esse quadro bastaria para provar, se fosse necessário, o quanto, em uma região nova, é mais favorável à multiplicação de nossa espécie do que a velha Europa, onde uma densa população disputa, sem tréguas, algumas geiras de terra. Entre os 4 anos em que, na província de São Paulo, o número de nascimentos foi mais fraco, isto é, em 1813, foi, ainda assim, de 1 sobre 23,5 habitantes, ao passo que, na França, conta-se um nascimento sobre 33,37 habitantes,¹²⁷ e em São Paulo houve mesmo, em 1838, 1 nascimento sobre, apenas, 18,98 habitantes. Quanto ao sucessivo aumento da população observado durante os quatro anos por nós assinalados, é o mesmo, provavelmente, devido ao fato de, desde 1777, as emigrações dos paulistas do sexo feminino para as regiões auríferas terem diminuído, a princípio, e, por fim, cessado completamente; e devido, também, à circunstância de se ter começado a admitir o casamento dos escravos, tratados, então, com mais doçura. Entre a França e a província de São Paulo notamos uma diferença menor no número de casamentos, comparado com o de nascimentos. Efetivamente, no ano mais próximo da data em que escrevemos, houve, em São Paulo, um casamento para 105,35 habitantes, e, na França, um para 127,8.¹²⁸ Mas, se a comparação foi feita entre os números de 1815 e 1838, não é possível deixar de notar a diminuição operada. Essa diminuição não é de molde a provar que os paulistas, com mais liberdade do que em 1815, tenham-se tornado mais religiosos e adquirido mais moralidade.

Quanto ao número de óbitos, se tomarmos o termo médio dos mesmos 4 anos, acharemos, aproximadamente, o mesmo número para a província de São Paulo e a França: – 1 para 40,98 habitantes e 1 para 40, respectivamente. O número correspondente a 1815 seria, mesmo, segundo Spix e Martius, a favor de São Paulo, pois nesse ano houve na província, para cada 46 habitantes, 1 óbito, apenas.¹²⁹ Mas, por circunstâncias que não conhecemos, a comparação, em 1838, torna-se favorável à França, porquanto, nessa época, houve, em São Paulo, um óbito para 34,57 habitantes. Sobre o assunto devemos levar em conta uma observação de Eschwege, relativamente ao bispado de Mariana, da província de Minas Gerais, observação que, segundo penso, pode ser

127 Mathieu, *Annuairelongit.*, 1846, pág. 148.

128 Mathieu, *Annuairelongit.*, 1846, pág. 148.

129 *Reise*, I, 224.

aplicada a uma grande parte do Brasil: – um número relativamente grande de senhores sepultam seus escravos negros nos campos de suas propriedades, pelo que, não sendo os óbitos dos mesmos inscritos nos registros públicos, não podem constar das estatísticas da população.¹³⁰

Se compararmos, presentemente e sob o mesmo ponto de vista, a província de São Paulo com a de Minas Gerais, os resultados da comparação virão provar o quanto, no atual estado das coisas, a cultura das terras é, no Brasil, mais favorável ao desenvolvimento da população do que a exploração das minas, se bem que, para qualquer desses trabalhos, só sejam empregados, geralmente, os escravos. Enquanto que, em 1777, os nascimentos eram, em São Paulo, na proporção de 1 para 23,5 habitantes, na comarca de Ouro Preto (Minas Gerais), não se contava mais do que 1 nascimento para 40,44 habitantes. Essa diferença é, sem dúvida, enorme; mas não mais causará admiração, se lembrarmos que a comarca de Ouro Preto é o lugar do Brasil onde os minerais foram com maior ardor explorados; que para a extração do ouro é empregado número muito maior de escravos do que para a cultura das terras e a criação de gado, labores a que os paulistas se entregavam; e que, enfim, na referida época, havia, em Ouro Preto, para 7.847 homens e 4.832 mulheres brancas, 33.961 negros e 15.187 negras apenas. Aconteceu com Ouro Preto o mesmo que com Goiás:¹³¹ a mineração já não rendia tanto como a cana-de-açúcar e o milho, os brancos, que não esperavam mais enriquecer com facilidade, retiraram-se para outras regiões; uma infinidade de negros morreu sem descendência, e, em 1813, isto é, num espaço de 39 anos, a população local ficou diminuída de 6.409 almas – um pouco mais de 1/13. Mas, enquanto as minas da comarca de Ouro Preto se esgotavam, a agricultura se desenvolvia nas outras regiões da província. Plantavam-se algodoeiros, criava-se gado, fabricavam-se queijos e exportavam-se tecidos grosseiros. A uma população instável sucedeu uma população permanente, e, em 1816, tomado em consideração todo o conjunto do bispado de Mariana, onde se acha compreendida a cidade de Ouro Preto, e que é formado por dois terços, aproximadamente, da província de Minas Gerais, já se podia contar um nascimento sobre

130 *Journ. von Brasilien*, II, 157. – Eschwege afirma que a meta de do número real dos escravos negros falecidos não está, por esta ou aquela razão, inscrita nos registros públicos do obituário; é, entretanto, fácil de perceber que tal afirmação é puramente arbitrária.

131 *V. minha Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goiás*, I, 329.

27,35 habitantes.¹³² Se, relativamente a uma época bem mais próxima da em que escrevemos, isto é, 1838, nos apoiarmos em algarismos fornecidos pelos autores do *Dicionário do Brasil*,¹³³ não mais teremos, para toda a província de Minas, senão um nascimento sobre 44,76 habitantes, proporção inferior ainda à acusada, em 1776, pela comarca de Ouro Preto, isoladamente; e, por consequência, São Paulo estaria sob esse aspecto em progresso, estaria na vanguarda de Minas. Nenhuma guerra ou revolução fez desaparecer os habitantes masculinos dessa última província, e nenhuma epidemia dizimou seus habitantes; mas, de acordo com o *Dicionário do Brasil*, não havia, em Minas, mais do que 3.313 casamentos sobre 730.000 habitantes, isto é, 1 sobre 220,34; ao passo que, em São Paulo, havia, como já disse, 1 sobre 105,35; e, na França, 1 sobre 127,8. Não é mister pesquisar, entretanto, a causa da diminuição do número de nascimentos. Sem o casamento dos pais, nasce um grande número de crianças; mas, na infância, estas, não tendo à vista, de ordinário, senão o exemplo do vício não conhecem os laços de família e nem sabem o que seja a pátria: as raparigas se prostituem e os rapazes tornam-se vadios, extremamente numerosos em Minas Gerais, o que constitui o maior flagelo da província.¹³⁴ A administração pública de Minas deve tomar cuidado relativamente a esses indivíduos. Como a província de Minas, uma outra há – a de Goiás –, cujos habitantes resvalaram para o mais triste estado de relaxamento de costumes, cuja principal causa é o desprezo pelos laços do casamento. O povo mineiro, que tão belas esperanças dava, deve ser preservado de semelhante desgraça;¹³⁵ os empregos públicos só devem ser confiados,

132 Ten do concebi do dú vi das quan to à exa ti dão dos al garis mos apon ta dos por di versos au to res, jul guei de ver apo i ar-me, uni ca men te, nos al garis mos in di ca dos por Eschwe ge (*Journ. Bras.*, II, 159. – *Brasilien die Neue Welt*, II, 156), que vi veu du ran te mu i tos anos na pro vín cia de Mi nas Ge ra is, ocu pan do car gos elevados e que, por esse mo ti vo, esta va in tí ma men te re la cí o na do com as au to ri da des lo caís.

133 V. mais aci ma.

134 Em di fe ren tes épocas, o go ver no por tu guês bai xouse ve rís si mas or de na ções con tra os va di os, mas in util men te. Pode-se consul tar o que so bre os mes mos es cre vi em mi nhas se gun da e ter ce i ra nar ra ti vas e o que, a res pei to, disse o General Raimundo José da Cunha Matos, em vários trechos de seu *itinerária*. Eschwe ge di vi de a popu la ção de Mi nas em cin co clas ses – os mi ne ra do res, os agri cul to res, os cri a do res de ga do, os ne go cian tes e os va di os. “Estes”, acres cen ta, “guar da da a de ví da pro por ção, são, em Mi nas Ge ra is, tal vez, mais nume ro sos do que em qual quer ou tra par te do mun do...; e é, so bre tu do, a hos pi ta li da de dos ha bi tan tes da pro vín cia que mais es ti mu la nes ses in di ví du os o amor à pre gui ça. Eles in co mo dam os que tra ba lham, as sa sin am por din he i ro, lev an tam fal sos tes temun hos, rou bam ca va los, co met em des a ãi os em to da a par te, po den do ser con si de ra dos a es có ria da espé cie hu ma na”. (*Journal von Brasilien*, I, 1^a, 11).

135 Numa épo ca de per tur ba ções no país, o meu ami go Dr. Sil ves tre P. Fer re i ra di zia que o Bra sil po de ria ser sal vo pela pro vín cia de Mi nas Ge ra is.

na bela e rica província de Minas Gerais, a homens casados; as paróquias devem ser tiradas dos vigários, que vivem em estado habitual de concubinato; uma sólida instrução, baseada nos princípios da religião, deve ser ministrada ao povo; enfim, devem os homens unir-se bem unidos, qual se procedeu na França, para livrar os infelizes mineiros da desordem em que naufragaram, reintegrando-os na comunhão cristã e dando-lhes uma família aos filhos.

A população da França, como a de toda a Europa ocidental, é perfeitamente homogênea – uma só raça de homens e não existem escravos. O mesmo, infelizmente, não ocorre no Brasil. Não somente a escravidão é ali admitida, como também três raças completamente distintas (e os numerosos mestiços que as ligações entre as mesmas produziram) constituem a população do país. Escravos negros, uns crioulos, outros africanos; negros livres, africanos e crioulos; alguns indígenas batizados; um número considerável de indígenas selvagens; mulatos livres e mulatos escravos; homens livres, todos considerados, perante a lei, como da raça caucásica, entre os quais se encontra, porém, grande quantidade de mestiços de brancos e de indígenas – tais são os habitantes da província de São Paulo. Estranha confusão de raças, do que resultam complicações embaraçosas e perigosas, quer para a administração pública, quer para a moral social. Os dois quadros abaixo dizem da proporção em que se acham mesclados os diversos elementos étnicos que acabo de numerar:

ANO DE 1813

Indi ví du os bran cos do sexo mas cu li no.	53.663	} 112.965
” ” ” ” Fe mi ni no.	59.302	
Mulatos livres.	21.074	} 44.053
Mulatas livres.	22.979	
Mulatos escravos.	5.173	} 10.643
Mulatas escravas.	5.470	
Negros livres.	1.771	} 3.951
Negras livres.	2.180	
Negros escravos.	21.326	} 37.602
Negras escravas.	16.276	
To tal.	<hr/> 209.214	

LIVRES

Bran cos e bran cas	172.879	
Mulatos e mulatas	59.454	239.969
Ne gros e ne gras	6.811	
Indí ge nas (dos dois se xos)	825	

ESCRAVOS

Mulatos e mulatas	14.722	86.933
Ne gros e ne gras	72.211	
Total		_____
		326.902

O exame desses quadros fornece os seguintes resultados:

1^o – No período de 26 anos, o número relativo aos escravos, em vez de diminuir, aumentou sensivelmente, pois que, em 1813, era, em relação aos brancos, na proporção de 1 para 299/1.000, ao passo que, agora (1838), está na proporção de 1 para 360/1.000, e os crioulos, apenas, são hoje quase tão numerosos quanto eram, em 1813, os crioulos e africanos reunidos (34.210 negros crioulos escravos em 1838 e 37.602 negros crioulos e africanos em 1813). Daí não concluiremos que os homens livres tornaram-se mais indolentes. É, ao contrário, mais verossímil que trabalhassem muito mais. É lícito, porém, concluir que o bem-estar aumentou, porquanto, num país onde as terras têm ainda um baixo valor e onde é admitida a escravidão, o número de escravos é o sinal o menos incerto da riqueza. É evidente, também, que o acréscimo do número de homens privados da liberdade provém do fato de, mais do que outrora, ser permitido o casamento entre escravos. Em 1838 realizaram-se, entre os escravos, 760 casamentos, ao passo que, em épocas mais remotas, entre esses infelizes não ocorriam, senão relações sexuais ilícitas e passageiras. É de crer, também, que, atualmente, as negras são mais bem tratadas durante a gravidez e que, em geral, os escravos são tratados com mais doçura. Com efeito, em 1838, o número de nascimentos relativamente aos escravos foi na proporção de 1 para 0,0471 (2.394 nascimentos para 86.933 escravos), e, entre os brancos, foi, apenas, na de 1 para 0,0546 (6.862 nascimentos para 239.969 brancos), o que não constitui diferença

extremamente sensível.¹³⁶ Relativamente aos óbitos, a diferença é muito menor ainda, pois que ocorreram na proporção de 1 para 34,54, relativamente aos homens livres (6.947 óbitos para 239.969 homens livres), e na de 1 para 34,64, relativamente aos escravos (2.509 óbitos para 86.933 escravos).¹³⁷ Poder-se-ia, em verdade, subtrair algumas parcelas desse cômputo levando em linha de conta a omissão de algumas inscrições no competente registro; mas, de outro lado, não nos devemos esquecer de que o ar frio das montanhas de São Paulo e o frio úmido de algumas regiões dessa província são menos favoráveis à saúde dos negros do que o forte calor do Brasil tropical.¹³⁸

2º – Atendendo-se, apenas, ao número extremamente baixo dos negros crioulos e livres, em relação ao resto da população, e, de outro lado, se se lembrar que a província de São Paulo é uma das mais antigas do Brasil, poder-se-ia crer que, na mesma, as alforrias são muitíssimo raras; mas, tal juízo careceria de exatidão. Os negros que os senhores libertam são, geralmente, aqueles cujos prolongados serviços querem recompensar; e, as mais das vezes, os velhos, que nada mais produzem;¹³⁹ as alforrias dos muito jovens são excepcionais. Os primeiros não podem pensar em casar-se; os segundos dificilmente encontram indivíduos de sua casta aos quais se possam unir. Além disso, não tendo sido preparados para a liberdade, por meio da necessária instrução, preferem, a uma vida regrada e familiar, a vida dos *camaradas*,¹⁴⁰ a libertinagem, ou, mesmo, o crime.

3º – De 1813 a 1838, o aumento do número de mulatos escravos foi de 1 para 722/1.000 e o de homens livres foi de 1 para 633/1.000

136 Entre as causas que Eschwege aponta, em 1820 (*Braz*, II, 158), como responsáveis pela escassa fecundidade das negras de Minas Gerais, e das quais algumas parecem epigramáticas, é apontado o mau-trato que as mesmas, muitas vezes, sofriam durante a gravidez, bem como o bárbaro costume que as mesmas tinham de provocar o aborto, a fim de não mais aumentarem seus sofrimentos com os trabalhos exigidos pela amamentação dos filhos. É claro, pelo que acabamos de relatar, que se tal indignidade ainda hoje se repete na província de São Paulo, não é, contudo, muito frequente.

137 Os diversos cálculos que esta ali nea apresenta são baseados no Quadro 6 do *Ensaio de um Quadro Estaístico*, de Pedro Müller, e no apêndice do mesmo Quadro. Devo, porém, observar que, segundo esse apêndice, o número de óbitos subiu, em 1838, a 9.456, ao passo que, segundo o Quadro, não ia além de 9.256. Prefiro o primeiro número, por ser mais difícil de acobardá-lo de exagerado, sendo que o próprio Müller o preferiu, também.

138 Spix e Martius, *Reise*, I, 224.

139 É o que ocorre em Minas, e é lícito supor que a mesma coisa ocorra em São Paulo. V. o que escrevi sob o mesmo assunto em minha *Voyage au District des Diamants*, etc., I, 260.

140 Os *camaradas* são servos livres, empregados, principalmente, no serviço das caravanas. – *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco*, etc.

apenas. É de se admitir que, nesse espaço de tempo, os brancos tenham tratado seus escravos com doçura, mas não podemos acreditar que os tenham poupado mais do que a eles próprios. É, pois, imperioso reconhecer que o número dos mulatos cresceu, não somente pela união dos mestiços dos dois sexos, como, também, por um contingente de filhos de negras com brancos, pelo que se pode afirmar que existiam homens livres de nossa raça, de alma bastante cruel para deixar os próprios filhos sujeitos à escravidão.

4º – Quando os portugueses descobriram o território de São Paulo, era o mesmo habitado por numerosas tribos de indígenas, e, em pouco tempo, os novos colonos trouxeram para a capitania de várias regiões do país grandes contingentes de indígenas reduzidos à escravidão. É impossível deixar de penalizar-se, quando se pensa que, de toda essa população indígena, só restavam, em 1838, 825 pessoas, as quais, pela maior parte, não mais existiriam hoje, se seus pais não as tivessem posto, por intermédio dos jesuítas, sob a égide de Cristo e da liberdade. A terra de Minas foi a sepultura de enorme número de africanos, os quais, entretanto, já ali chegavam como escravos; e, se os mineiros violavam as leis de humanidade, perpetuando a escravidão desses infelizes, não contravinham, pelo menos, as de sua pátria. Quando os antigos paulistas dizimavam os indígenas com tanta barbaridade, infringiam as sábias ordenações de seus soberanos, cometiam ato de rebelião e despovoavam seu próprio país.

5º – Em 1824, o número de brancos era, em Goiás, 5 vezes menor do que os dos homens de cor, negros ou mulatos, livres ou escravos;¹⁴¹ em 1808, o número de brancos era, em Minas, menor que a terça parte dos homens de cor; em 1816, passava ele, apenas, da terça parte dos homens de cor no bispado de Mariana, formado pela região mais aurífera da província de Minas.¹⁴² Em São Paulo (1838), o número dos homens denominados brancos é, ao contrário, de mais de 1/5, aproximadamente, sobre os dos mulatos e negros reunidos. É incontestável que, excetuadas Missões, Rio Grande do Sul e Rio Negro,¹⁴³ é São

141 V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francis co et dans la Province de Goiaz*, I, 328.

142 Eschw., *Journ. von Brasil*, I tab. 5. – *Bras. Neue Welt*, II, 155.

143 Spix e Martius, *Reise*. I.

Paulo, de todo o Brasil, a província em que menor número de negros foi introduzido. Contudo, enganar-se-á quem considerar realmente brancos todos os indivíduos como tal declarados nas estatísticas da população. Os indígenas foram eliminados; mas, da aliança de suas filhas com os primeiros colonos, nasceram mestiços, que são confundidos com os indivíduos da raça verdadeiramente caucásica. O sangue indígena não pode mais ser renovado e novos cruzamentos tendem a fazer desaparecer, cada vez mais, os traços desse sangue. Há ainda, entretanto, enorme quantidade de mestiços, que uma observação exercitada distingue sem maior esforço, e que é, mesmo, repelida, em muitos pontos do país, pelos verdadeiros brancos.

Possuímos, infelizmente, escassa documentação sobre a relação numérica dos nascimentos de indivíduos do sexo masculino e do feminino. Apenas sabemos que, em 1838, na população livre, 6.700 nascimentos de indivíduos do sexo masculino e 3.345 do sexo feminino, e que, entre os escravos nasceram 2.250 do sexo masculino e 1.800 do feminino, o que vale dizer que, entre os brancos, o número de nascimentos de indivíduos do sexo feminino foi, para os do sexo masculino, na proporção de 1 para 1.053, entre os homens livres, e na de 1 para 1.238, entre os escravos – diferença extraordinária, difícil de ser razoavelmente explicada.¹⁴⁴ No intuito de, a seguir, comparar a diferença do número dos indivíduos dos dois sexos no momento do nascimento, com o número que exprime idêntica diferença no conjunto da população, somos forçados a nos cingir à classe dos brancos, que não está sujeita a contínuas perturbações. Vimos, assim, que, em 1813, nessa classe, o número de mulheres, em relação ao dos homens, foi na mesma proporção em que 905 está para 1; e em 1838, na que 964 está para 1. Cotejando esses algarismos com os que assinalamos acima, temos a confirmação do que já foi observado relativamente à Europa, a saber – nascem mais meninos do que meninas;¹⁴⁵ mas, ao fim de certo tempo, existem mais mulheres do que homens, pela razão bem simples de que a natureza dos trabalhos destes últimos

144 O cálculo acima feito é baseado no Quadro nº 8 do *Ensaio Estatístico*, de Pedro Müller.

145 Milnes-Edwards, *Zoologie*, I, 34.

os expõe a mais numerosos riscos de mortalidade. Os dados estatísticos da província de São Paulo para 1838, provam, entretanto, que, na parte da população livre compreendida entre 50 e 70 anos, o número de homens sobrepuja o das mulheres, o que é, aliás, explicável por considerações médicas de fácil compreensão.

V – ADMINISTRAÇÃO GERAL – DIVISÃO DA PROVÍNCIA

Nenhuma homogeneidade existia, outrora, entre as diferentes províncias do Brasil, as quais, muito dificilmente, se comunicavam entre si, constituindo o único laço de união entre elas um igual respeito pelo mesmo soberano – o Rei de Portugal. Todas, no entanto, com pequenas diferenças, tinham uma administração semelhante. A província de São Paulo, que, como a de Minas Gerais, Goiás, Rio Grande, etc., tinha o nome de capitania,¹⁴⁶ era, como estas últimas, governada por um *capitão-general*, cuja autoridade, por assim dizer, não tinha limites. Durante um certo tempo não era ela dividida senão em duas *comarcas*; depois de 1811, passou a ser dividida em três comarcas – as de *São Paulo, Itu e Curitiba–Paranaguá*,¹⁴⁷ assim denominadas pelos nomes das vilas que constituíam seus principais centros de população (*cabeças de comarcas*). A primeira com sua capital, que tinha o título de cidade, compreendia 22 vilas, assim denominadas:

Do Norte ao Sul, à beira-mar:

Ubatuba, São Sebastião, Vila da Princesa, Santos, São Vicente e Itanhaém.

No interior:

Areias, Cunha, Paraitinga, Lorena, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté, S. José, Jacareí, Mogi das Cruzes, Bragança, Atibaia, Mogi-Mirim, Jundiá e Parnaíba.

Na comarca de Itu contavam-se 7 vilas, entre elas compreendia a cabeça da comarca:

S. Carlos, Porto Feliz, Sorocaba, Itapetininga, Itapeva e Apiaí.

146 A denominação *província* era reservada às porções do território brasileiro menos do que as capitânicas – por exemplo: a província de Santa Catarina, a das Missões, etc.

147 Não se conservou a grafia do original em relação aos nomes das localidades referidas pelo Autor. (*N. do tradutor.*)

Enfim, a comarca de Curitiba e Paranaguá, compreendia, no planalto:

Curitiba, Castro, Lapa e Lajes (esta reunida hoje à província de Santa Catarina); e, no litoral:

Iguape, Cananéia, Antonina, Paranaguá e Guaratuba – 9 vilas, ao todo.

Cada *comarca* era dividida em *termos*, que se compunham de uma ou várias paróquias. A principal autoridade das comarcas era o *ouvidor*, que exercia, ao mesmo tempo, funções judiciárias e administrativas. Uma câmara municipal¹⁴⁸ dirigia os negócios das vilas. Em Guaratinguetá, Taubaté, Santos, São Sebastião e Paranaguá residia *um juiz de fora*, o qual, nomeado pelo soberano em primeira instância e cujas decisões podiam ser reformadas pelo ouvidor da comarca. Nas outras vilas menos importantes, o *juiz de fora* era substituído pelos *juizes ordinários*, eleitos por seus concidadãos.¹⁴⁹ Desde a revolução que mudou a face do Brasil, a administração da província de São Paulo passou, sucessivamente, por várias modificações, mais ou menos importantes. De acordo com a constituição do Império, modificada pela lei da assembléia-geral de 1834, o Poder Executivo está hoje, em São Paulo, como nas outras províncias brasileiras, em mão de um presidente nomeado pelo governo central. A 7 de janeiro de cada ano, o presidente da província convoca a Assembléia Legislativa, constituída por 37 deputados eleitos pelo povo, e à mesma apresenta um relatório sobre os diversos ramos da administração. A Assembléia organiza o orçamento e baixa os decretos que lhe parecem necessários ao bem público.

É claro que o considerável crescimento da população do Brasil, desde trinta anos a esta parte, impôs a necessidade de reformas e mudanças relativamente às divisões do território do país. Em 1838, a província de São Paulo compunha-se de seis comarcas; no ano seguinte, a terceira foi dividida, e, por essa forma, foi criada uma sétima comarca – a de Franca –, cidade para a qual, em consequência de recente revolta, foi necessário o envio de um magistrado enérgico, a fim de reprimir quaisquer tentativas criminais.

Em 1829, contavam-se, como já vimos, 38 vilas na província de São Paulo; em 1838, esse número cresceu de 8; em 1845, foi elevado

148 *Senadomunicipal*, como se expressa o Autor. (Nota do tradutor.)

149 Em minha *Voyage a Minas Gerais*, encontram-se extensos detalhes sobre a organização administrativa das antigas capitânias.

a 54; e, depois, foi ainda aumentado, como se verá na continuação da presente obra.

Eis, segundo um documento oficial,¹⁵⁰ quais as comarcas da província de São Paulo, em 1845, e as cidades e as vilas que as compunham:

1ª Comarca de nominada, vulgarmente, Taubaté	{	<i>Bananal, Areias, Queluz, Lorena, Silveiras, Guaratinguetá, Cunha, Pindamonhangada, São Luís, (antigamente chamada Paraitinga) Taubaté, Jacarei, São José, Paraibuna, Mogi das Cruzes e Santa Isabel.</i>
2ª – de São Paulo	{	São Paulo (capital da província), <i>Santo Amaro, Parnaíba, Atibaia e Bragança.</i>
3ª – de Campinas ou de Jundiá	{	Jundiá, Campinas (denominada, antigamente, São Carlos), <i>Constituição (Piracicaba antigamente), Araraquara e Limeira.</i>
4ª – de Itu	{	Itu, Porto Feliz, <i>Pirapora, Capivari, São Roque, Sorocaba, Itapetininga, Itapeva e Apiaí.</i>
5ª – de Curitiba	{	Castro, Curitiba, Vila do Príncipe (Lapa, antigamente), <i>Paranaíba, Guaratuba, Antonina e Morretes.</i>
6ª – de Santos vulgarmente	{	Iguape, <i>Xiririca, Cananéia, Itanhaém, Santos, São Vicente, São Sebastião, Vila Bela da Princesa e Ubatuba.</i>
7ª – de Franca	{	Mogi-Mirim, <i>Casa Branca, Franca e Batatais</i>

Um viajante honesto, Eschwege, criticou severamente a muito frequente elevação de simples aldeia a vilas e de vilas a cidades;¹⁵¹ Spix, Martius e eu, considerando as expressões um tanto exageradas desse autor sobre o assunto; já fizemos sentir que nossa opinião diverge.¹⁵² Em verdade, certas vilas e cidades da província de São Paulo, tais como eram

150 Esse documento é o *Quadro 4º* do relatório do presidente da província correspondente ao ano de 1845 (*Relatório apresentado etc.*). Acrescentei a nomenclatura do *Relatório* dos nomes antigos de algumas cidades e vilas, e grafadas em letras itálicas, mas que foram criadas em 1811. As comarcas são indicadas apenas por números nos documentos oficiais. Colhi seus nomes vulgares em Milliet e Lopes de Moura.

151 Eschw., *Bras. die Neue Welt*, II, 49.

152 Spix e Martius, *Reise*, I, 194 – Aug. de Saint-Hilaire, *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco*, etc., I, 39.

na ocasião de minha viagem, em qualquer outra parte só teriam o nome de aldeolas ou de aldeias; e não contesto que a criação de uma ou outra cidade ou vila tenha tido por causa ou vaidades mal orientadas, ou interesses meramente particulares. É mister, entretanto, reconhecer que a afastada distância em que se encontram, uns dos outros, os centros de população, obrigou, muitas vezes, a administração pública a erigir em vilas insignificantes aldeias, porque o título de vila implica a presença de autoridades mais graduadas, que disponham de bastante energia e bastante poderes para manter a ordem pública.

Qualquer acréscimo que ocorra na população da maior parte da Europa não influi, ou influi de modo pouco sensível, no aumento do número das cidades e vilas. Em São Paulo, ao contrário, esse número cresceu, desde 1820, numa proporção que não é muito inferior à observada no crescimento da própria população. É quase desnecessário explicar a causa de tal diferença. Na Europa, não existem terras que não tenham proprietário; a população, quando se torna mais considerável, não pode espalhar-se, adensando-se mais. Em São Paulo e em outras regiões onde imensas porções do território estão desabitadas, o excesso da população se espalha pelas terras desertas, onde, em pouco, se formam novas aglomerações humanas.

VI – JUSTIÇA CRIMINAL

Em todos os países, depois de decorrido certo lapso de tempo entre o crime e o conseqüente castigo, o horror que o crime despertou se apaga, e o público, não vendo mais no criminoso senão um homem que sofre, acaba por ter do mesmo piedade e dedicar-lhe interesse. Pela época de minha viagem, a compaixão pelos criminosos era levada ao extremo pelos brasileiros, cujas impressões são mais vivas e passageiras do que entre nós, e cujos costumes, pelo menos na atualidade, são, geralmente, mais brandos. As execuções capitais, aliás muito raras no Rio de Janeiro, produzem ali, quando realizadas, espécies de sublevações, e ninguém, nas classes inferiores da sociedade, deixará de auxiliar, de boa vontade, os criminosos a se libertarem das mãos da justiça. É natural, num país onde semelhantes disposições imperam, que a instituição do júri deve proferir absolvições mais freqüentemente do que entre nós. Em 1830, foram cometidas atrocidades, em seguida a uma sedição, no território de Franca, vila da província de São Paulo. Os culpados compareceram

ao julgamento do júri; provas as mais evidentes de seus crimes foram estabelecidas, e, entretanto, foram unanimemente absolvidos. Por essa razão, o presidente da província, em 1840, dizia com amargura, que a sedição não podia deixar de criar raízes no seio de um povo que lhe reserva semelhante triunfo.¹⁵³ O temor de vinganças, tão fáceis no interior, onde a polícia quase não tem força, contribui para tornar os jurados mais indulgentes. A agir como agem, são eles levados pelo hábito bem antigo de ceder às solicitações (*empenhos*); e, ademais, até 1847, a própria lei brasileira favoreceu os jurados, com sua excessiva indulgência.¹⁵⁴

Tem-se pretendido estabelecer que os crimes contra as pessoas são os mais comuns nos países onde há mais ignorância, e que os contra a propriedade predominam nos em que a instrução é mais difundida. O que sucede no Brasil, onde, infelizmente, a ignorância é ainda muito grande, tem bastante força para confirmar esse conceito. O ministro da Justiça declarava, com efeito, à Assembléia Legislativa de 1846, que “os crimes contra as pessoas, tais como os homicídios e ferimentos, são os mais comuns”; e parece que, em São Paulo, particularmente os indivíduos acusados pelo crime de furto estavam, pelo menos há dez anos, relativamente aos acusados pelo crime de morte, numa proporção, aproximadamente, de 1 para 2.¹⁵⁵

Na época de minha viagem não se cometia grande número de crimes em Minas e Goiás, onde não eram conhecidos os roubos a mão armada; e, sobretudo longe das cabeças de comarcas, os proprietários raramente se queixavam de qualquer das espécies de furto ou roubo. Os homicídios eram, entretanto, assaz freqüentes na parte da província de São Paulo que forma o norte da sétima comarca atual, o que não deve admirar por que essa região, afastada dos grandes centros povoados, servia de asilo aos criminosos foragidos de Minas. Acredito, também, que a vizinhança da capital do Brasil tornava mais comuns os roubos e furtos nas regiões da província de São Paulo, limítrofe da do Rio de Janeiro, do que em qualquer outro ponto do país.

Parece que, atualmente, os crimes são mais numerosos, não somente em São Paulo, mas ainda em todo o Brasil, do que no período

153 Discurso pronunciado pelo presidente da província, Manuel Machado Nunes, no dia 7 de janeiro de 1840, p. 3.

154 Relatório do Ministro da Justiça, correspondente ao ano de 1847, *Anuário* segundo ano, 92.

155 É o que resulta do Quadro 7 do *Ensaio Estatístico*. Pode-se admitir, sem dúvida, que o exposto por esse Quadro não seja da rigorosa exactidão: mas não é licito rejeitá-lo em seu conjunto.

de 1816 a 1822. O ministro da Justiça aponta a causa desse aumento da criminalidade, em seu relatório à Assembléia Legislativa geral de 1846: – “Para serem explicados tantos atos de ferocidade contrários ao caráter essencialmente bondoso do povo brasileiro, basta pensar por um momento nas revoluções de que o nosso país tem sido teatro, nas desordens que nele têm ocorrido, nas discussões, nos ódios, nas vinganças, que deveriam ser, necessariamente, a resultante desse estado de agitação, na perda dos antigos hábitos de disciplina e de obediência, no grande número de estrangeiros, que, fugindo de seus países, chegaram ao nosso, no abandono em que se tem deixado a educação religiosa, na desmoralização dos escravos cujo número é extraordinariamente considerável, finalmente, na facilidade com que os criminosos podem furtar-se à ação da justiça, refugiando-se nos desertos”.¹⁵⁶

VII – FINANÇAS

Muitos impostos que, no regime da antiga administração, eram pagos em Goiás¹⁵⁷ eram igualmente exigidos dos paulistas; mas certos direitos havia que a diferença das localidades e das produções não permitiam ser arrecadados nas duas províncias. Assim, desde muito antes de 1820, já não mais eram exploradas as minas de São Paulo; conseqüentemente, nessa província não havia mais o imposto do quinto. De outro lado, os paulistas iam buscar no Rio Grande do Sul os muares que vendiam em várias províncias no norte do Brasil. Esses animais passavam, forçadamente, pelo território de São Paulo, onde cada um deles pagava direitos que não poderiam ser exigidos dos goianos.¹⁵⁸

156 Desejaria com par a es ta tís ti ca cri mi nal da Fran ça com a da pro vín cia de São Pa u lo; mas os pre si den tes des sa pro vín cia não ces sam de las ti mar-se con tra a orga ni za ção ju di ci á ria lo cal, que lhes não per mi te es ta be le cer tal es ta tís ti ca. Os da dos, cons tan tes de seus re la tó ri os, que te nho pre sen tes, não são bas tan te com ple tos para que eu pos sa va ler-me dos mes mos com pro ve í to.

157 *Vo ya ge aux Sour ces du Rio de S. Fran cis co*, I, 338.

158 Serão en con tra dos, no pri me i ro vo lu me de mi nha *Vo ya ge a Mi nas*, lon gos de ta lhes so bre o im pos to do quin to, e esta re la ção que ago ra pu bli co tam bém con têm de ta lhes não me nos ex ten sos so bre os di re i tos que se pa gam na pro vín cia de São Pa u lo sobre os ca va los, os mu a res e os bo vi nos vin dos do Sul do Bra sil (V. o ca pí tu lo in tí tu la do – *A ci da de de So ro ca ba etc.*, ou o ca pí tu lo sob o tí tu lo – *A vila de Cas tro. – Fim da Vi a gem dos Cam pos Gera is*).

Em 1813,¹⁵⁹ e provavelmente até a revolução que mudou a face do Brasil, a província de São Paulo tinha como renda o produto dos direitos e impostos de que passamos a nos ocupar, em detalhe.

Donativos de ofícios – os titulares de certos cargos (*ofícios*) não percebiam honorários propriamente ditos. Ao contrário, o governo recebia dos mesmos um terço das contribuições que lhes eram devidas pelas partes interessadas, em pagamento de seus serviços.¹⁶⁰

Novosdireitos.

Novos impostos – criados por dez anos, em 1755, cujo rendimento devia ser aplicado, unicamente, na reconstrução da alfândega de Lisboa. Cerca de um século já transcorreu, e este imposto perdura ainda.¹⁶¹

Direitos da Chancelaria.

*Peagem dos rios.*¹⁶²

Direitos sobre contratos e direitos sobre coisas doadas – direitos sobre os muares, os cavalos e o gado bovino entrados na província de São Paulo, vindos da do Rio Grande do Sul.¹⁶³

Dízimo sobre os produtos da terra – pago, aliás, em todo o Brasil, e que, como já foi dito e repetido, não era mais arrecadado para o clero, sim, para o fisco.

Cruzados do sal – imposto sobre o sal importado, à razão de 1 cruzado ou 400 réis (2 frs. 50 cs.) por *alqueire* (40 litros).

Subsídios literários – elevado imposto sobre o açúcar e o café, para o custeio das despesas com a educação da mocidade, mas ao qual, no dizer de Eschwege, era dado destino inteiramente diverso.

Direitos sobre as mercadorias entradas em Minas.

Direitos da alfândega do porto de Santos.

Dízimo sobre os bens de raiz e madeiras de construção.

159 V. um qua dro ofi ci al do ano de 1823, que o Con de de Bar ca, mi nis tro de Esta do, remeteu a Eschwe ge, que o pu bli cou com o acrés ci mo de al gu mas no tas ex pli ca ti vas (*Jorn. von Bras., II*).

160 Antes da che ga da do Rei de Por tu gal (D. João VI) ao Bra sil, es ses *ofícios* ren di am ao fi sco im por tã n ci as consi de rá ve is. D. João VI, ce den do às so li ci ta ções dos cor te são s in sa ci á ve is que o cer ca vam, aos mes mos con ce deu a ma i or par te des ses ofi ci os, com o que, a um tem po, des con ten tou os bra se i ro se di mi ni u as ren das que o im pos to ca na li za va para o fi sco. (V. mi nha *Voya ge dans la Pro vin ce de Mi nas.*)

161 V., so bre os *novos direitos e novos impostos*, a nota da pág. 107.

162 Num dos ca pí tu los do pre sen te vo lu me se rão en con tra dos de ta lhes so bre esse im pos to e so bre a gran de in con ven iê n ci a do mes mo.

163 V. a nota 162.

Cisa e meia cisa – a cisa, informa Eschwege, era paga sobre cada negro vindo da África; a meia cisa, sobre os negros crioulos.

Direitos do selo.

Carnes verdes – imposto ou taxa de 5 réis (3 cs.) sobre cada libra de carne fresca.

Desses impostos, os que mais rendiam eram o *Dízimo*, o sobre o *sal*, os *subsídios literários*, e, finalmente, os direitos de *entrada de muares*, cavalos e gado bovino, pois só eles produziam renda quase igual a um quarto da recolhida com os demais impostos. Depois da revolução de 1822, a natureza dos impostos continuou, pouco mais ou menos, a mesma dos tempos anteriores. Eis os impostos cobrados em 1838,¹⁶⁴ e, com pouca diferença, os provavelmente ainda cobrados hoje:¹⁶⁵

Novos e velhos direitos sobre as provisões, os diplomas e os atos.

Novos impostos, compreendendo: um imposto de 6\$400 (20 frs. ao câmbio de 320) sobre os estabelecimentos comerciais e tabernas da sede da comarca e das outras vilas do planalto; um sobre os muares, cavalos e bovinos que passam pela feira de Sorocaba, e, finalmente, alguns outros direitos de menor importância.¹⁶⁶

Subsídios literários – imposto cobrado sobre o gado abatido, destinado à venda por inteiro ou a retalho.

Carne verde – imposto que, ao invés de ser pago, como antigamente, sobre cada libra de carne fresca exposta ao consumo, passou a ser exigido à razão de 1\$600 (5 frs.), por cabeça de gado abatido.

Dízimo dos produtos da terra – arrecadados, atualmente, com modificações que, anteriormente, não existiam.

Dízimo ou décima das propriedades urbanas – exigido nas vilas de 100 ou mais casas.

Décima dos legados e heranças – imposto de 10% sobre os bens das pessoas falecidas sem herdeiros descendentes ou ascendentes.

164 D. P. Müller, *Ensaio Estatístico*, Quarta edição.

165 V. os relatórios dos prefeitos da província – anos de 1840, 1843, 1844, 1845 e 1847.

166 Em suas notas sobre o orçamento oficial de 1813, notas que reproduzi aqui, Eschwege informa que os *novos direitos e novos impostos* eram direitos sobre as mercadorias; parece, entretanto, que, assim afirmando, a bobagem, ao menos em parte, num equívoco, por quanto não seriam conservadas as antigas denominações, se a natureza dos referidos impostos passasse a ser outra, e Müller diz, positivamente, que os *novos impostos* constituem a mesma taxa criada sob o nome de *noção*, de pois do terremoto de Lisboa.

Direitos do Rio Negro – cobrados sobre os muares e cavalos entrados nas províncias, substituindo os outrora denominados *direitos sobre contratos e casas doadas*.

Direitos sobre a aguardente – 20% sobre a aguardente de qualquer procedência.

Meia cisa – direito de 5% pela venda de escravos já adestrados. (É claro que devia suprimir, como suprimido foi, o *direito da cisa*, cobrado anteriormente sobre os escravos africanos, pois agora só por contrabando entram no Brasil).

Direitos de expedições – percebidos pela secretaria da província.

Direitos sobre os papéis entregues a embarcações que saem dos portos.

Contribuição para Guarapuava – imposto sobre o gado bovino, os cavalos e muares, a fim de custear as despesas do estabelecimento de Guarapuava.¹⁶⁷ Relativamente a esse imposto, os animais criados entre a cidade meridional de Curitiba e a de Sorocaba pagam muito menos do que os provenientes do Sul, porquanto sobre estes últimos recaem três impostos diferentes, sem falar dos direitos de peagem.

Peagem dos rios.

Direito sobre as casas de leilões. O presidente da província no ano de 1844 observou que a renda deste imposto é inteiramente insignificante, por existirem casas destinadas especialmente aos leilões, e propôs substituir o imposto por um direito de 2% sobre as mercadorias postas em leilão.

Direitos de alfândega – cobrados sobre as mercadorias importadas e exportadas, e aos quais se adicionou grande quantidade de pequenos direitos.

Direitos de chancelaria.

Direitos do selo.

Taxa das cartas de correspondência.

Sendo o Brasil um estado federativo, claro é que cada província, tanto a de São Paulo como as demais, deve ter um orçamento especial, de seu exclusivo interesse, e que, além disso, todas elas devem, de acordo com a respectiva situação geográfica e com o estado de suas finanças, contribuir para as despesas gerais do Império; daí, duas espécies de

¹⁶⁷ Na minha *Via gem a San ta Ca ta ri na* serão en contra dos por me no res mu ito exten sos so bre a colô nia de Guarapuava.

rendas – as provinciais e as gerais. Estas últimas, quanto à província de São Paulo, provêm, unicamente, da arrecadação de quatro dos impostos acima relacionados, a saber – os direitos alfandegários, o da chancelaria, os do selo e a taxa sobre a correspondência (*taxa do correio*). Todos os demais direitos e impostos constituem renda provincial, destinada à satisfação das necessidades da província.

O orçamento provincial para o ano de 1813 apresentou as seguintes cifras:

RECEITA	182:754\$054, ao câmbio de 160	1.142.212 fran cos
DESPESA	178:130\$369, " " " "	1.113.314 "
<hr/>		
Exces so de Re ce ita	4:623\$685 " " " "	28.898 "

Des sas ci fras va mos apro xi mar as do ano fi nan ce i ro de 1838-1839:

RECEITA	248:215\$284, ao câmbio de 320	775.679 fran cos
DESPESA	211:812\$668, ao câmbio de 320	
Excesso de Receita	36:402\$616	

Se compararmos a quantidade de réis recebida em 1813 e a de réis despendida no mesmo ano, com a receita e a despesa de 1838-1839 igualmente em réis, veremos que estas últimas foram mais consideráveis do que a receita e a despesa de 1813; mas tal comparação seria de todo em todo errônea, porquanto, no intervalo dessas duas épocas, os valores representativos sofreram, no Brasil, grande depreciação. Reduzidas, então, a francos, as importâncias indicadas para 1813 e 1838, operando com a taxa cambial correspondente a cada um desses anos,¹⁶⁸ constatamos realmente que, em 1838, a província de São Paulo menos recebeu e menos despendeu do que em 1813, se bem que, nesse espaço de tempo, sua população tivesse aumentado de um terço, aproximadamente. Tal diferença é devida, segundo creio, ao fato de, em 1813, ter havido grandes dispêndios com a guerra do Sul, e, de outro lado, à circunstância de que as finanças são atualmente mais bem administradas do que ao tempo do governo absoluto.

¹⁶⁸ Hora ce Say, *Tableau Synoptique*, na *Histoire des Relations Commerciales*.

Não foi somente em 1839 que a receita excedeu à despesa; as verbas assinadas nos orçamentos destes últimos anos, orçamentos que temos à mão, apresentam resultados semelhantes. Eis como se expressa, sobre o assunto, o presidente da província, Manuel Felizardo de Sousa e Melo:

– “Enquanto várias províncias do Império vêem-se privadas de recursos, lutando com mil dificuldades para satisfazer urgentes despesas, sendo até forçadas a solicitar recursos da caixa geral do Império, a de São Paulo tem rendas suficientes não só para satisfazer suas múltiplas necessidades, mas, também, para pôr de reserva importantes somas. Devemos atribuir o estado de prosperidade de nossas finanças à prudência, à atividade de nossa administração provincial, ao zelo dos nossos recebedores, e, sobretudo, à docilidade do povo paulista, o qual, cheio de respeito pela lei e pelas autoridades, de ordinário paga os impostos sem nenhuma dificuldade, sendo extremamente raros os exemplos de fraude entre os contribuintes.”

Entre as causas a que o presidente M. Felizardo atribuiu a prosperidade das finanças da província de São Paulo, penso que deveriam figurar, em primeiro posto, a extensão do comércio e o progresso da agricultura.

.....

Índice Onomástico

A

Afonso, Domingos – 167
Aguiar, Rafael Tobias – 97
Albuquerque – 173
Almeida, João Rodrigues Pereira de – 48
Amaro, João – 166, 167
Anchieta (padre) – 144, 145, 146, 149,
150, 151
Andradas – 191
Antônio – 127, 128
Arzão, Rodrigues – 169
Azevedo, Marcos de – 169

B

Barros, Fernando Pais de – 179
Benavides, Correia de Sá – 162, 165, 166
Botelho, Luís Antônio de Sousa – 183,
184
Bueno, Amador da Ribeira – 163

C

Cabral, Pascoal Moreira – 183
Cahl, Manuel Aires de – 141
Candolle – 52
Caramuru – 146
Casal, Manuel Aires do – 161
Cascais, Marques de – 173
Cavendish, Thomas – 151, 152
Cereira, Bueno de – 169
Cícero – 189
Conde d'Eu – 10
Cristo – 105

D

D. Gloriana – 59, 71
D. João III – 129, 142, 145
D. João IV – 163
D. João V – 173, 179

D. João VI – 184, 189
D. Pedro I – 189, 190
Deus, Gaspar da Madre de – 161, 183
Diogo – 32
Dom Manuel – 45, 46, 51
Dreuzy, R. de – 9, 10

E

Eschwege – 192, 195, 217, 228

F

Felipe II – 151
Fernandes, Paulo – 25, 123
Ferreira, José (capitão) – 47
Firmiano – 10, 15, 26, 44, 70, 73, 78,
111, 112, 114, 121,
Florence, Fernando – 116
Floriano – 127
Francisco Alves – 103, 104

G

Gato, Manuel Borba – 169
Gir – 199
Gomes, Antônio Ildefonso – 12
Gonçalo, José – 18, 19
Grimaldi – 161
Guilherme – 89
Gusmão, Alexandre de – 183

H

Hercules Florence – 65, 94, 113
Hilaire, Auguste de Saint – 9, 10, 11
Horta, Antônio José da Franca e – 184

J

Jacinto, Manuel – 25
Jacob (almirante) – 13

Jorge, Domingos – 167
José – 35, 42, 43, 47, 57, 67, 70, 75, 78,
84, 85, 90, 92

L

Langsdorff – 12
La route – 10, 12, 35, 112
Leitão, Pedro – 177
Leme, João – 177
Leme, Lourenço – 177

M

Machado, João Batista – 48, 49
Mansilla – 157
Mariano, José – 15
Martius – 217
Mascarenhas, D. Francisco Martins de –
171
Mawe – 195
Meireles (capitão) – 59, 71
Melo, Francisco – 89, 97
Melo, Franco – 100
Melo, Manuel Felizardo de Sousa e – 236
Meneses, Antônio de – 171
Meneses, Rodrigo César de – 175, 177,
179
Miguel – 17
Mola – 157
Montoya, Ruiz de – 161, 162

N

Nóbrega, Manoel da (padre) – 145, 146,
147, 149, 150, 151

O

Oeynhausen, João Carlos Augusto de (ge-
neral) – 89, 95, 101, 102, 187
Ovide – 12

P

Pais, Artur – 179
Pais, Fernando Dias – 183
Pascoal – 175, 176
Pedro – 79
Pedro Alvares Cabral – 139

Pereira, Antônio – 34
Pereira, Miguel – 73, 75
Pimentel, Ana – 143
Pinheiro, José Feliciano Fernandes – 183

R

Ramalho, João – 141, 143, 147
Raposo, Antônio – 157, 167, 183
Ribeira, Amador Bueno da – 181
Rodrigues, João – 17, 18, 48

S

Sá, Estácio de – 151
Saldaña, Martins Lopes Lobo de – 184
Silva Andrade – 89, 100
Silva, José Bonifácio de Andrada e – 100,
102, 125, 187
Sousa, Martim Afonso de – 139, 140,
142, 145, 147, 152
Souza, Pero Lopes de – 142, 173
Spix – 217
Sútil, José – 176
Sútil, Miguel – 176, 177

T

Tano, Díaz – 161, 162
Tannay, Afonso de E. – 10
Telêmaco – 189
Teixeira, José – 25
Tibiriçá – 142
Tomé de Souza – 145

U

Urano VIII – 162

V

Vasconcelos, José Teixeira – 109
Velo – 51
Viana, Manuel Nunes – 171
Villegagnon, Nicolau de – 147

W

William Hopkins – 101
Woodford – 101

Segunda Viagem a São Paulo, de Auguste de Saint-Hilaire, foi composto em Garamond, corpo 12, e impresso em papel Vergê Areia 85g/m², nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial de Edição e Publicações), do Senado Federal, em Brasília. Acabou-se de imprimir em março de 2002, de acordo com o programa editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial do Senado Federal.